

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

ENTRE A LAMENTAÇÃO E A EXALTAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES DO PASSADO
E DO FUTURO NAS TRANSFORMAÇÕES DE WEMBLEY E MARACANÃ

Pedro Jorge Lo Duca Vasconcellos

Rio de Janeiro

2019

PEDRO JORGE LO DUCA VASCONCELLOS

ENTRE A LAMENTAÇÃO E A EXALTAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES DO PASSADO
E DO FUTURO NAS TRANSFORMAÇÕES DE WEMBLEY E MARACANÃ

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO – como requisito para a obtenção do grau de doutor em Memória Social.

Área de Concentração: Memória Social

Linha de Pesquisa: Memória e espaço

Orientadora: Prof^ª. Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira.

Rio de Janeiro

2019

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

V331	<p>Vasconcellos, Pedro Jorge Lo Duca</p> <p>Entre a lamentação e a exaltação: as representações do passado e do futuro nas transformações de Wembley e Maracanã / Pedro Jorge Lo Duca Vasconcellos. -- Rio de Janeiro, 2019.</p> <p>235</p> <p>Orientadora: Andréa Lopes da Costa Vieira. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2019.</p> <p>1. Wembley. 2. Maracanã. 3. Memória Social. 4. Nostalgia. 5. Progresso. I. Vieira, Andréa Lopes da Costa , orient. II. Título.</p>
------	---

PEDRO JORGE LO DUCA VASCONCELLOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO – como requisito para a obtenção do grau de doutor em Memória Social.

Área de Concentração: Memória Social

Linha de Pesquisa: Memória e espaço

Banca Examinadora

Professora Dra. Andréa Lopes da Costa Vieira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Professor Dr. Amir Geiger
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Professora Dra. Ludmila Maria Moreira Lima
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Professor Dr. José Jairo Vieira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Professor Dr. Ronaldo George Helal
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que,
assim como eu, respiraram o velho
Maracanã

AGRADECIMENTOS

Agradeço a você, Andréa, pela relação horizontal, de muito companheirismo, que construímos durante toda esta trajetória. Foram mais de seis anos de trabalho, risos, receios, e você sempre me incentivando com entusiasmo e conhecimento. Mais do que uma orientadora, você se tornou uma amiga.

Agradeço, com carinho, aos professores e suplentes da Banca Examinadora por terem aceitado participar deste processo. Sem as indicações, sugestões, críticas e elogios, a pesquisa não teria encontrado destino tão satisfatório.

A Mariane, que, com sua doçura e paciência, esteve ao meu lado nos melhores e piores momentos desse caminho. Uma parceira de vida e de trabalho.

Aos meus familiares, sempre me dando forças para que me tornasse o primeiro doutor da família.

Aos meus amigos, sobretudo aqueles com quem compartilhei a vida acadêmica, ajudando e sendo ajudado ao longo dos anos. Obrigado, Júlio, Jéssica, Leonardo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

A presente investigação tem como objetivo realizar uma análise interdisciplinar das narrativas produzidas na imprensa e mídia durante o período de transformações arquitetônicas dos estádios de Wembley (2000-2007) e Maracanã (2010-2013). Para isso, são entrecruzadas categorias que fundamentam a base teórica deste estudo, tais como memória, representação, nostalgia e progresso. Estes equipamentos, edificados ao longo do século XX, produziram mensagens simbólicas que atravessaram múltiplas esferas da realidade social, sendo apropriados tanto pelos representantes do poder quanto pela sociedade civil. Palcos dos mais importantes eventos esportivos e de outras manifestações, ambos passam a sofrer intervenções na virada do século XX para o XXI. O antigo Wembley tem sua última partida oficial em 2000, mas as obras de fato iniciam-se apenas em 2003 e sua reabertura acontece em 2007, após ser demolido e reconstruído um estádio inteiramente novo. O Maracanã, por sua vez, começou a sofrer intervenções gradativas a partir de 1999, para o Campeonato Mundial da Fifa de 2000, passando por uma segunda em vista dos jogos Pan-Americanos de 2007. No entanto, foi a última reforma a mais drástica, para a realização da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Nesse caso, embora não tenha sido demolido tal qual Wembley, o estádio carioca passou por intensas alterações em relação à construção original. Deste modo, pretende-se realizar um estudo sobre a atuação da memória nesses momentos marcantes para o futebol de Londres e Rio de Janeiro, identificando as formas de representação acionadas do passado e para o futuro a respeito dos estádios em seus contextos sociais, de modo a estabelecer os pontos em comum e as principais diferenças encontrados nos relatos.

Palavras-chave: 1. Wembley; 2. Maracanã; 3. Memória Social; 4. Nostalgia; 5. Progresso.

ABSTRACT

The present research aims to conduct an interdisciplinary analysis of the narratives produced in the press and media during the period of architectural transformations of the Wembley (2000-2007) and Maracanã (2010-2013) stages. For this, categories that underlie the theoretical basis of this study, such as memory, representation, nostalgia and progress, are intertwined. These equipment, built throughout the twentieth century, produced symbolic messages that crossed multiple spheres of social reality, being appropriated by both representatives of power and civil society. Stages of the most important sporting events and other events, both undergo interventions at the turn of the twentieth century for the XXI. The old Wembley has its last official match in 2000, but the actual works begin only in 2003 and its reopening takes place in 2007, after being demolished and rebuilt an entirely new stadium. The Maracanã, in turn, began to undergo gradual interventions from 1999, for the FIFA World Cup 2000, to a second in view of the Pan-American Games in 2007. However, it was the last most drastic reform, to hold the 2014 World Cup and the 2016 Olympics. In this case, although it was not demolished like Wembley, the Rio stadium underwent intense changes compared to the original construction. In this way, it is intended to carry out a study on the performance of memory in these striking moments for football in London and Rio de Janeiro, identifying the past and future forms of representation regarding the stages in their social contexts, so to establish the common points and the main differences found in the reports.

Keywords: 1. Wembley; 2. Maracanã; 3. Social Memory; 4. Nostalgia; 5. Progress.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Descrição	Página
1. Muralha amarela, 2012. Fonte: Gary Calton/ The Guardian	58
2. Memórias traumáticas da II Guerra Mundial, 2017. Fonte: EPA photo.	67
3. O surgimento de Wembley, 1925. Fonte: Guia oficial da exposição de 1925.	94
4. Construções imponentes, 1924. Fonte: Sheffield Daily Telegraph.	96
5. O complexo de Wembley Park, 1924. Fonte: The Illustrated London News.	98
6. Jogos Olímpicos da austeridade, 1948. Fonte: The Illustrated London News.	102
7. Vista aérea do estádio de Wembley no dia da partida final da Copa do Mundo, 1966. Fonte: Evening Standard.	104
8. Inauguração do Maracanã, 1950. Fonte: Jornal dos Sports.	116
9. Devolvam meu Maraca, 2013. Fonte: Site UOL.	197

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I. Explorando os conceitos-chave.....	12
1.1. A potência do futebol enquanto modelo explicativo.....	12
1.1.1. O futebol no Brasil.....	20
1.1.2. A mudança no cenário global.....	28
1.2. O estádios de futebol como equipamentos multidimensionais.....	34
1.2.1. Os estádios enquanto representações coletivas.....	36
1.2.2. Os estádios como equipamentos biopolíticos.....	46
1.3. A memória enquanto um campo de tensões (e representações) sociais.....	59
1.3.1. Maurice Halbwachs e a memória coletiva.....	59
1.3.2. A memória como elemento processual.....	62
1.3.3. Idealização e crítica do passado e do futuro.....	68
1.3.4. As representações do passado.....	74
Capítulo II. Os estádios como signo da identidade nacional.....	79
2.1. A construção da Identidade nacional.....	79
2.2. Wembley: um monumento consagrado ao imperialismo britânico.....	87
2.2.1. O Imperialismo britânico e as exposições universais.....	88
2.2.2. A Exposição do Império Britânico e o nascimento de Wembley.....	93
2.3. O Estádio Municipal como representação da unidade nacional.....	105
2.3.1. A centralização política ea miscigenação como ideal nacional.....	106
2.3.2. A Copa de 1938: uma interseção entre futebol e política.....	109
2.3.3. Um colosso de cimento e a nacionalidade brasileira.....	112
2.4. Aproximações e distanciamentos entre os estádios e suas construções.....	119
Capítulo III. As metamorfoses materiais e simbólicas de Wembley e Maracanã.....	122
3.1. Wembley: uma memória com vontade de futuro.....	125
3.1.1. O ato final do antigo Wembley.....	126
3.1.2. O início das obras e a demolição das Torres Gêmeas.....	142
3.1.3. A Reinauguração de Wembley.....	153
3.1.4. A crença no progresso do futebol inglês.....	163
3.2. Maracanã: a transição conflitiva entre passado e futuro.....	168
3.2.1. A dura despedida do velho Maracanã.....	169
3.2.2. A tombada marquise vai ao chão.....	176
3.2.3. A reinauguração do novo Maracanã.....	187
3.2.4. Um futuro incerto.....	200
Considerações finais.....	207
Referências.....	213
Anexo I.....	223

INTRODUÇÃO

TEMA

Este trabalho aborda as representações memoriais elaboradas no contexto de transformações materiais dos estádios Wembley e Maracanã, ocorridas nos primeiros anos do século XXI, de modo a estabelecer as semelhanças e diferenças nas perspectivas dos agentes envolvidos, a partir da leitura dos jornais de ambos os países no período das obras. Sabe-se que a memória não é fixa nem una, mas fragmentada, seletiva e, em muitas situações sociais, coloca em disputa conteúdos conflitantes sobre uma dada realidade, sobretudo nos momentos de fortes rupturas.

Não passa despercebido o modo pelo qual as idealizações do passado (nostalgia) e o êxtase do futuro (progresso) são constantemente acionados a fim de construir as narrativas memoriais das metamorfoses espaciais e, como consequência, simbólicas desses equipamentos culturais. Esses termos, ao contrário do que se poderia pensar, não são oposições excludentes, mas vinculados um ao outro pela sensação de perplexidade com a intensidade das mudanças no presente vivido, de que algo não está funcionando adequadamente e deve ter seus fundamentos revistos para que se reajuste.

Sendo assim, essa pesquisa procura examinar e compreender as narrativas elaboradas para lidar com a ruptura material e simbólica nos dois equipamentos icônicos do esporte e da sociedade inglesa e brasileira. Tomados em conjunto, percebe-se a produção de representações comuns e divergentes acerca desses acontecimentos, atestando os múltiplos significados das transformações dos estádios.

OBJETIVOS

O principal objetivo deste estudo consiste em selecionar, analisar e comparar, por meio de tipologias construídas, os discursos mnemônicos acionados por agentes sociais nos jornais de Rio de Janeiro e Londres diante do impacto das transformações sofridas pelos seus mais representativos estádios a partir da virada do século XX para o século XXI. Históricos equipamentos urbanos que fazem parte do imaginário local e global, Wembley e Maracanã foram (e continuam sendo) palcos de diversas manifestações que não se

restringem apenas ao universo do esporte. Para chegarmos até esse ponto, antes devemos compreender, por meio de uma minuciosa revisão bibliográfica, a importância e os significados depositados nesses estádios ao longo dos tempos, até suas radicais reformulações estruturais e simbólicas.

Nos anos 1920, em Londres, um estádio gigante seria construído para abrigar uma das edições da tão concorrida Exposição Universal que seria inaugurada na capital inglesa em 1924. Para apresentar a imponência imperial britânica, em 1923 era inaugurado o estádio de Wembley, com capacidade para aproximadamente 90.000 espectadores. Na terra natal do futebol em sua roupagem moderna, nada mais comum que o maior equipamento esportivo até então construído encontrasse ali seu lugar.

Anos mais tarde, visando a realização da Copa do Mundo de 1950, outro gigante de concreto seria erguido, desta vez na cidade do Rio de Janeiro (então capital federal), superando a capacidade de Wembley: o estádio municipal do Maracanã. Sua aparição está premida de propósitos que vão além da mera esportividade. A construção de um equipamento com esta escala de grandeza, na primeira Copa após a devastante II Guerra Mundial, foi a oportunidade para expressar a imagem de uma nação brasileira forte e pujante, capaz um empreendimento arquitetônico até então não encontrado na esfera do futebol. Dentro de campo, como se sabe, a história aplicou um duro golpe nas pretensões simbólicas dos idealizadores do projeto, mas o estádio tornou-se uma realidade concreta na experiência cotidiana e no imaginário social dos torcedores de todo o mundo.

Esses dois estádios históricos atravessaram o século XX recebendo eventos importantes – esportivos e de outra natureza – e se consolidaram como alguns dos principais equipamentos esportivos e socioculturais do planeta. No entanto, na virada do milênio, ambos passaram por transformações radicais em suas estruturas físicas e, em consequência, simbólicas. O antigo Wembley recebeu sua última partida em 2000, pelas eliminatórias da Copa do Mundo numa partida entre Inglaterra e Alemanha, com a vitória do último por 1-0, e em 2003 seria demolido, dando vida a um novo estádio em 2007.

No caso do Maracanã, por sua vez, não houve demolição no sentido literal, mas algumas intervenções estruturais que, de diferentes graus e sempre reduzindo a capacidade de espectadores, passaram a fazer parte da realidade do estádio na virada do século XX para o XXI. Visando modelar o estádio de acordo com as exigências do “padrão FIFA”¹

1 Expressão que ganhou conotação de crítica social aos mandos da Federação Internacional de Futebol.

para realização da Copa do Mundo de 2014, a última intervenção mostrou-se a mais radical, descaracterizando sua estrutura em proporções intangíveis até então. Hoje, a configuração do estádio encontra-se bastante modificada em relação ao período anterior às intervenções.

As mudanças materiais e imateriais aplicadas nestes equipamentos não passariam incólumes, despertando diferentes discursos e opiniões acerca desses acontecimentos, revelando-se como um campo de tensões e conflitos narrativos. A partir do entendimento de que a memória coletiva e as identidades sociais estão ligadas aos lugares, e que neles (e com eles) os grupos sociais formam relações de afetação (consensuais ou conflitantes) onde são construídas “geografias de interesses”² que resultam em variados modos de existência num determinado lugar e momento, os estádios Wembley e Maracanã devem ser encarados como equipamentos representativos no século XX, espaços sociais premidos de motivações e significados. No alvorecer do século XXI, seus movimentos de alterações estruturais exprimem não apenas uma nova configuração de padrões e exigências do futebol contemporâneo, algo que atinge as instâncias globais e locais simultaneamente, mas principalmente dialogam com as transformações sociais sofridas pelas cidades e sociedades em questão com o passar das décadas.

Por conseguinte, Wembley e Maracanã podem ser compreendidos como memória social territorializada no espaço urbano, cabendo elaborar uma seleção e organização dos registros sobre esses pontos de referência e suas conexões com as sociedades (e seus interesses) em que estão inseridos para melhor lançar luz sobre seus impactos físicos e simbólicos. Nessa sucessão de metamorfoses, reafirma-se uma tradição de rupturas que, sob diversos argumentos, encontrará narrativas e sentimentos díspares diante das transformações vivenciadas por esses estádios no século XXI.

Sendo assim, o propósito deste trabalho está em captar as diferentes versões narrativas das imagens apresentadas dos estádios durante as obras. Logo, haverá contradições, visões divergentes, fatos secundarizados, enquanto outros são destacados. Desse modo, os trabalhos de memória e suas representações – do passado e do futuro – não retratam uma verdade, mas pontos de vista sobre uma realidade, onde existem coisas que são lembradas e outras que são esquecidas, dependendo de quem fala, de onde fala e para

2 C.f. Nigel Thrift, *Eu simplesmente não sei o que há em mim: onde está o sujeito?* University of Warwick, UK. *Subjectivity*, 22, 2008, p. 82-89.

quem fala. A intenção é, portanto, analisar as narrativas jornalísticas para a compreensão dos mecanismos de construção de representações dos estádios de Wembley e Maracanã durante suas metamorfoses.

JUSTIFICATIVA

O esporte, em geral, e o futebol, em particular, desempenham uma função social de suma importância para o brasileiro. Por outro lado, no universo dos estudos acadêmicos essa relação mostrava-se diametralmente oposta. Após anos preterido por ser encarado como um campo menor, sem importância para o diálogo com questões amplas da sociedade, o esporte, com ênfase a partir da década de 1990, passou a atrair a atenção de pesquisadores de várias áreas de conhecimento científico e a contar com um número expressivo de trabalhos que vislumbraram neste objeto um profícuo caminho para investigações epistemológicas – como será mostrado no capítulo I deste trabalho.

Nesse sentido, um estudo concreto das formas de representação dos estádios de futebol a partir das narrativas jornalísticas aparece como uma possibilidade privilegiada para colocar em discussão o modo pelo qual estes equipamentos apareceram e consolidaram-se na sociedade moderna enquanto espaços de diferentes representações e interesses de atores sociais diversos que se modificam ao longo dos tempos, acompanhando e dialogando com as mudanças sociais.

Esse fenômeno fica evidenciado pelas suas formas de usos (e abusos) e a importância que assumem na vida cotidiana das pessoas, assim possibilitando a legibilidade de diferentes temporalidades através de uma análise contemporânea. Nessa direção, a história (e transformação) dos estádios não deve aprisionar-se exclusivamente em seus elementos funcionais – as partidas de futebol – que ali se desenvolveram, mas estabelecer conexões com processos mais amplos que atravessaram estes equipamentos com o desenrolar do tempo histórico.

Dessa maneira, é imprescindível realizar uma análise dos relatos que envolvem estes equipamentos de importância material e simbólica para indivíduos e coletividades, apropriando-se deles enquanto documentos de compreensão dos diferentes tempos históricos e dos investimentos e expectativas dos agentes sociais e seus interesses. Além disso, a mercantilização do futebol nos últimos anos causou impactos na cultura dos

estádios de futebol, como na mudança do perfil do torcedor que o frequenta e em seus códigos de torcer. Uma apreciação mais profunda desses efeitos transformadores em artefatos emblemáticos como Wembley e Maracanã se impõe como uma tentativa de diferenciar e compreender o modo pelo qual estes eventos impactaram nas expectativas, sensações e ideias dos agentes envolvidos no mundo do esporte e suas narrativas veiculadas na imprensa esportiva. Portanto, a cada tipo de sociedade corresponde um tipo de equipamento. No entanto, é preciso destacar que estes equipamentos não se explicam somente por si mesmos, como se seus acontecimentos fossem intrínsecos, mas somente por meio de uma análise rigorosa dos contextos sociais que os cercam.

FONTES

Os jornais se tornaram notáveis instrumentos de análise de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento que se dedicam às múltiplas temáticas relacionadas ao campo do esporte, incluindo o futebol. Com isso, convém ressaltar o papel dos materiais jornalísticos como fontes privilegiadas de registros históricos para a análise e compreensão de trabalhos acadêmicos no campo das ciências humanas e sociais³.

Para que os propósitos da pesquisa acadêmica sejam alcançados com solidez, é preciso levar em consideração que a notícia é uma significativa formadora de opinião não apenas pelo que diz ou pelo que não diz – a questão do dito e não-dito –, mas sobretudo pela maneira como diz, isto é, o vínculo do texto (do discurso) com os seus complexos contextos, revelando as expressões ideológicas por trás das narrativas discursivas contidas nos relatos jornalísticos⁴.

Nessa direção, cabe uma reflexão acerca do papel da imprensa esportiva como formadora de cultura e um meio que confirma e constrói discursos de identidade, representações e memórias.

Com isso, pretende-se realizar uma análise das narrativas da imprensa na cobertura do período em que os estádios de Wembley e Maracanã estiveram em processo de metamorfose. A partir destas leituras, o procedimento de análise das narrativas da imprensa

3 C.f. Ronaldo Helal; Graziella Cataldo, “A morte e o mito: as narrativas da imprensa na cobertura jornalística da morte de Ayrton Senna”. In: *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Ricardo Freitas e Rafael Nacif (orgs). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

4 C.f. Teun A. van Dijk, *Discurso e Contexto: Uma abordagem sociocognitiva*. SP: Editora Contexto, 2012

e da mídia divide-se em três momentos para cada contexto. No caso de Wembley, os materiais analisados se concentram em episódios compreendidos como importantes ao longo do fechamento do estádio: a última partida oficial, em outubro de 2000; o espaço de tempo entre o começo das obras e a derrubada das Torres Gêmeas, entre setembro de 2002 e fevereiro de 2003; a sua reinauguração, em 2007. Quanto ao Maracanã, as divisões de análise são semelhantes, com a intenção de trazer maior regularidade comparativa nos discursos e lembranças acionados: a última partida oficial, em setembro de 2010; o arco temporal entre o anúncio e a concretização da demolição das marquises, até então tombadas pelo IPHAN, ao longo de 2011; a sua reinauguração, em 2013.

O propósito deste estudo é o de identificar as operações mnemônicas acionadas pelos agentes sociais nos jornais e mídias nos períodos selecionados. Para isso, o material coletado e analisado encontra-se reunido em todos os tipos de materiais (impressos, digitalizados e virtuais) nos órgãos de imprensa. Os veículos ingleses mais explorados são o *The Guardian*, *The Independent* e *The Telegraph*, ao passo que os brasileiros são *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo*. Do mesmo modo foram consideradas outras fontes, quando imprescindíveis, que tiveram como pauta estes estádios e suas transformações. Assim, o procedimento de análise está cercado de fontes – bibliográficas e jornalísticas – que apresentam o componente memorial vinculado com as transformações arquitetônicas dos estádios. Estas fontes foram recolhidas na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional e diretamente nos sites de busca dos jornais.

Além disso, uma minuciosa revisão bibliográfica aparece como fator-chave para arquitetar os capítulos anteriores e assim embasar o tratamento que será dado aos objetos proposto, cruzando com maior desenvoltura os dados jornalísticos recolhidos e analisados dentro do período proposto com o que fora construído epistemologicamente até então. Contudo, deve-se ter em mente que apreender o significado dessas fontes implica compreender que elas não são neutras, fixas, imparciais, mas enquadram e omitem certos elementos de acordo com as demandas do presente e suas conjunturas sociais. Nesse sentido, o esforço desta pesquisa é o de estudar o futebol de maneira geral, com foco nas transformações dos estádios de Wembley e Maracanã e seus impactos físicos e, com especial atenção, simbólicos, de modo a colaborar para a consolidação do estudo dos esportes no campo das Ciências Sociais, acenando para o papel da mídia na formação da memória pública das sociedades contemporâneas.

HIPÓTESE

Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, sobretudo por um conjunto de registros impressos (jornais, revistas, documentos) das épocas estudadas, a hipótese que guiará este trabalho é a de que, nas transformações ocorridas nos estádios de Londres e Rio de Janeiro, mobilizam-se operações sociomnemônicas que estabelecem múltiplas representações dos acontecimentos presentes com o passado e o futuro destes equipamentos. Assim sendo, os estádios são territórios materiais (físico) e imateriais (simbólicos) marcados por devires que, ao longo dos períodos históricos, projetam diferentes significados políticos, econômicos, culturais sobre o meio social ao qual estão incorporados.

Não é o propósito aqui tomar a explicação por meio destes equipamentos de modo unívoco, homogeneizando todos as sucessões num único bloco de conceituação abstrata, como se uma nova etapa fosse necessariamente idêntica em grau e natureza àquela anterior, mas o de localizar suas singularidades e diferenças históricas, identificando a lógica de funcionamento que guia a construção de um novo suporte com suas narrativas identitárias e os mecanismos mnemônicos acionados, sejam eles nacionais ou de outro gênero discursivo. Os estádios, assim, estão em constante processo de devir, estão sempre sendo elaborados, nunca se encontram fechados, fazendo evocar sobre eles uma multiplicidade de narrativas, representações e expectativas entre o passado e o futuro.

METODOLOGIA

No campo das ciências sociais e humanas, as vantagens de realizar uma investigação a partir da abordagem comparativa são incontáveis. Tendo experimentado esse caminho metodológico em minha pesquisa de dissertação, quando empreendi uma comparação acerca das configurações territoriais do futebol nas cidades de Rio de Janeiro e Buenos Aires por meio das análises gráficas, este método de análise contribui para identificar e esclarecer questões que podem se encontrar distantes ou próximas no espaço e no tempo, podendo assim ser considerado como intrínseco ao processo de construção do conhecimento. A comparação significa efetivamente discutir dois ou mais fenômenos históricos de uma maneira sistemática com respeito a suas similaridades e diferenças,

descobrimo regularidades, percebendo transformações, construindo tipologias, com o intuito de alcançar certos objetivos. A utilização do método comparativo “permite estabelecer o estranhamento, a diversificação, a pluralização e a singularidade daquilo que parecia empiricamente diferente ou semelhante, posto pelo habitus e reproduzido pelo senso comum⁵

Ademais, auxilia na compreensão de como uma mesma problemática – no nosso caso as transformações dos estádios e suas repercussões na imprensa – pode atravessar duas realidades distintas, com suas estruturas espaciais, seus modelos políticos e econômicos, suas formações imaginárias, mentais e representacionais, suas práticas e códigos sociais. Nesse ponto, destaca-se a relevância dos estudos comparativos em abordagens transnacionais por impor um positivo distanciamento daquilo que é pretensamente melhor conhecido pelo pesquisador (a história de seu país, sua região), evitando contaminar as análises com certas naturalizações fixas, essencializações redutoras. Por conta disso, “a comparação pode ter um efeito de “desprovincialização”, uma liberação, um efeito de abrir os olhos, com consequências para a atmosfera e o estilo da profissão. Essa é uma contribuição da comparação que não deveria ser subestimada, mesmo hoje⁶

Nesse sentido, o esporte se apresenta como uma das manifestações culturais contemporâneas mais influentes em diversos países, sendo assim “uma das práticas sociais mais fortes no que se refere à transnacionalidade”⁷. Uma abordagem comparativa pode então se mostrar frutífera aos propósitos de investigação, um instrumento de enriquecimento das nossas pesquisas e análises, por ampliar o nosso conhecimento. A possibilidade de comparar sociedades distantes no tempo e no espaço ou com certa contiguidade temporal e espacial pode estabelecer uma comunicação possível entre várias histórias que até então poderiam imaginar-se deslocadas, mas que na verdade possuem laços de afinidade mais do que se poderia pensar. As reflexões iniciais de Marc Bloch (1993) atestam que a vantagem de comparar sociedades mais próximas no espaço e no tempo está no menor risco de se construir análises anacrônicas, assim como na possibilidade de compreender influências recíprocas, quando sociedades analisadas

5 THEML; BUSTAMANTE, 2003: 22.

6 KOCKA, 2014: 281.

7 MELO, 2007: 13.

apresentam alguma problemática comum que permite a possibilidade metodológica da comparação⁸. Assim,

“Comparar”, “elencar semelhanças e diferenças” e “estabelecer analogias” são naturalmente ações tão familiares ao historiador como contextualizar os acontecimentos ou dialogar com as suas fontes. Mas para falarmos em um “método comparativo” é preciso, tal como já pontuamos no início deste ensaio, ultrapassar aquele uso mais próximo da intuição e da utilização cotidiana da comparação para alcançar um nível de observação e análise mais profundo e sistematizado, para o qual “o que se pode comparar” e o “como se compara” tornam-se questões relevantes, fundadoras de um gesto metodológico⁹

Com isso, o método comparativo demanda um esforço do pesquisador, haja vista que não se trata de buscar uma relação causal de fatos que se sucedem numa ordem cronológica, mas o de elaborar um dado problema que seja vivenciado em mais de uma realidade, compreendendo e discutindo seus aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos através de fontes que encontram-se além de sua própria localidade. Há, com isso, um valor ético na atividade da construção comparativa. Estabelecer o comparatismo implica estabelecer uma condição de estranhamento e um olhar crítico com sua própria realidade, para desta forma

compreender diversas culturas da mesma forma que elas próprias se compreenderam, depois compreendê-las entre si; reconhecer as diferenças construídas, fazendo-as funcionar umas em relação às outras, é bom, é mesmo excelente para aprender a viver com os outros, todos os outros dos outros. Maneira de caminhar, como diz Tzvetan Todorov, para o necessário desapego de si mesmo e para o justo conhecimento dos fatos sociais. Uma finalidade prática, com toda certeza¹⁰

Para os nossos propósitos, exemplificando com o objeto de estudo que se pretende investigar, a abordagem comparativa se apresenta com grande valia ao colocar em contato artefatos culturais de dimensões significativas (os estádios de Wembley e Maracanã) que desenvolveram trajetórias e passaram por transições físicas e simbólicas em momentos coetâneos, apresentando suas semelhanças e diferenças nesse processo e como se posicionaram as reações nas narrativas memoriais na imprensa diante desse evento.

8 C.f. Marc Bloch, *Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do Poder Régio*. França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

9 BARROS, 2007: 12.

10 DETTIENNE, 2004: 67

Evitando generalizações, o nível central de análise sobre o qual se estrutura esse trabalho de comparação é o estudo aprofundado, em cada caso, para entender as representações memoriais acionadas no período das reformas nesses estádios, ocorrido nos primeiros anos do começo do século presente. Portanto, se por um lado esse método de análise permite entender as especificidades e singularidades, por outro permite entender certas regularidades.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O desenvolvimento desta tese encontra-se dividido em três capítulos.

No capítulo I é feita uma análise teórica dos principais temas que referenciam esta pesquisa: futebol, estádio e memória social. Começo pela abordagem do futebol enquanto objeto merecedor de atenção do universo acadêmico brasileiro e as análises empreendidas por autores das mais diversas áreas do saber, nacionais e internacionais, que desenvolveram reflexões com essa temática, destacando a forma como este esporte evoluiu e entender a razão pela qual tem tanto peso na nossa sociedade. A seguir, tendo como caso mais específico os estádios de futebol, procuro traçar um panorama histórico do desenvolvimento destes equipamentos, suas concepções e relações com as diversas dimensões do mundo social. Por fim, exploro o conceito de memória e suas múltiplas funções no cenário contemporâneo, tentando estabelecer tipologias que consigam dar conta da complexidade do objeto em questão: os discursos memoriais acionados diante da transição física e simbólica dos estádios estudados.

No capítulo II, o objetivo concentra-se na análise do aparecimento dos estádios Wembley e Maracanã no bojo de consolidação dos projetos políticos do Reino Unido e Brasil, enquanto equipamentos físicos e simbólicos capazes de responder às demandas não somente da ascensão do esporte moderno nos dois países, mas igualmente de estabelecer materialmente a grandeza de seus interesses por meios da construção destes espaços sociais. O caso de Wembley, fundado em 1923, insere-se no momento de efervescência política entre as nações no entreguerras e reafirmação do poderio imperialista britânico frente aos seus vizinhos europeus. O estádio é erguido, sob muita pompa, para receber a grande Exposição Universal de 1924-1925, evento marcado pela visibilidade material e simbólica da força das nações. Décadas mais tarde, num cenário de ampliação do caráter

popular em relação ao jogo, aliado ao acirramento das estratégias políticas de formação de um projeto nacional, a construção do Maracanã, em 1950, aparece como um espaço paroxístico do imaginário gestado desde os anos 1930. Esses equipamentos, portanto, serão palcos reveladores das pretensões das várias esferas da realidade social, com suas continuidades e descontinuidades, revelando sua complexidade de interesses e conflitos envolvendo diferentes grupos e suas formas de imaginar a sociedade.

No capítulo III, a análise volta-se para as transformações ocorridas no Maracanã e em Wembley no século XXI, quando estes espaços socioculturais historicamente polifônicos, formuladores e difusores de identidades individuais e coletivas, começam a passar por bruscas remodelações estruturais que culminariam, nos dias atuais, em equipamentos distante de seus propósitos inaugurais. Comungando com as mudanças conjunturais de uma economia transnacional em que as elites do Estado convertem-se à ideologia do mercado, os estádios apresentam-se na virada do século como equipamentos em evidência no mapa mundial dos grandes eventos esportivos internacionais – Mundial de Clubes da FIFA (2000), Pan-Americano (2007), Olimpíadas (2008), finais da Uefa Champions League (2011 e 2013), Copa do Mundo (2014) e Olimpíadas (2016) –, tendo como aspecto mais notável o esvaziamento de seus remotos significados e funções sociais vinculados aos interesses políticos de caráter nacionalista e imperialista.

CAPÍTULO I

EXPLORANDO OS CONCEITOS-CHAVE

1.1. A POTÊNCIA DO FUTEBOL ENQUANTO MODELO EXPLICATIVO

Assistimos com entusiasmo, nas últimas décadas, o modo pelo qual a temática do futebol tornou-se um objeto sistemático de estudos nas instituições acadêmicas, um fenômeno merecedor de reflexão e investigações transversais. Este processo contribuiu para a paulatina dissolução das persistentes fronteiras dicotômicas historicamente erigidas que colocavam esse fenômeno de forte impacto social no lado negativo – e portanto de pouca importância – dos problemas sociológicos que apenas davam relevo aos assuntos ditos “sérios” e “racionais”, como os mundos do trabalho, da política, da economia, da religião, das artes e de elementos considerados como o oposto daquilo que estaria associado ao prazer, à diversão, ao jogo, percebido como tendências voltadas para aspectos “irracionais” e “inconscientes” das manifestações sociais que teriam como objetivo desviar a atenção das massas e, assim, favorecer os projetos das classes dominantes. Segundo Dunning,

em termos da acentuada tendência ocidental para um pensamento reducionista e dualista, o esporte é catalogado como uma atividade trivial, recreativa, orientado para o prazer, que emprega o corpo mais do que a mente e que carece de valor econômico¹¹

No interior do pensamento clássico, nada fora abordado acerca do futebol moderno, oficialmente surgido na Inglaterra em 1863, período de intensas transformações promovidas sobretudo pelos processos de industrialização, no quadro socioeconômico, e da sedimentação das percepções de nação e nacionalismo, no campo político – temática que será aprofundada no capítulo II. Esse vácuo nos estudos do esporte, com ênfase para o futebol, perdurou até pelo menos a segunda metade do século XX, quando alguns trabalhos mais profundos, aqui e em outros países, jogaram luz sobre o campo do esporte em sua relação com a sociedade.

No Brasil, a despeito das consagradas colunas semanais de Nelson Rodrigues em diversos veículos jornalísticos que traziam uma dimensão mística ao futebol e do estudo

11 DUNNING, 1992: 26.

referencial de seu irmão Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro* (1947)¹², o trabalho pioneiro a elevar o futebol a objeto de interesse acadêmico foi o livro *Universo do Futebol*¹³, que reúne ensaios de pensadores da Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ acerca da contribuição do esporte mais popular e praticado no Brasil para sua formação cultural e como este esporte espelha as particularidades de nosso *ethos* social.

Por outro lado, nesse mesmo período, Roberto Ramos lançava seu livro “Futebol: ideologia do poder”, em 1984. Tributário da obra de Louis Althusser, dos anos 1960, acerca dos aparelhos ideológicos de Estado, o autor defende a tese de que o futebol seria um desses dispositivos abordados por Althusser, tendo como objetivo central a mistificação da realidade e, assim, legitimando o capitalismo. Na visão de Ramos, o futebol, assim, contribuiria “[...] para a perpetuação do regime, desestabilizando as ‘contradições do capitalismo’, impedindo a consciência crítica e ‘docilizando’ as massas. Assim, junto com os meios de comunicação, seria um desses aparelhos ideológicos mais eficazes do poder”¹⁴.

Crítico dessa abordagem, Hugo Lovisolo argumenta que, na formulação desse tipo de interpretação, o intérprete só pode se situar de forma distanciada em relação ao futebol,

12 Nesse ponto, é necessário discorrer mais prolongadamente acerca da controvérsia entre os pontos de vista de Antônio Jorge Soares com Ronaldo Helal e Gordon Cesar acerca da obra de Mario Filho e sua validade como documento histórico. O artigo de Antônio Jorge Soares se direciona a uma crítica contundente àqueles que utilizam a obra clássica *O negro no futebol brasileiro* (1947), de Mario Filho, de maneira acrítica, sem rigor científico, onde muitos estudiosos encarariam esse livro como um documento verdadeiro, objetivo e completo. A esses cientistas sociais que abraçam as narrativas (ou, como prefere empregar, “causos”) do jornalista esportivo Mario Filho no livro, divididas em três grandes momentos (segregação, resistência e democratização), Soares chama de “novos narradores”, propondo uma crítica a obras posteriores pela sua “reiteração obsessiva das narrativas míticas”, que para Soares, “confirma, valida e faz verdadeira a história contada” (1999: 120) Desse modo, as narrativas do livro não poderiam ser usadas indiscriminadamente por se aproximar mais do universo do romance do que do rigor científico. Como resposta, Ronaldo Helal e Gordon Jr (1999). lançam algumas reflexões para contrapor as conclusões de Soares. Para eles, Soares se recusa e, tratar o NFB como um estudo histórico ou sociológico, preferindo tratar como uma construção literária, por acreditar numa ideia de veracidade dos fatos que seria impossível, inclusive já superada no campo da história. Esse caráter purista de entender a história como a verdade dos fatos produziria uma obstrução de Soares para negociar com a obra de Mario Filho no acesso à história. Outro ponto de divergência estaria no fato de Soares negar da predominância de um idioma simbólico do racismo no decorrer da história do futebol brasileiro, preferindo dar relevo ao embate entre os *ethos* do amadorismo e do profissionalismo. Esse posicionamento, para os autores, não levaria em consideração os estudos sociológicos sobre as representações do negro e da mestiçagem no Brasil, além de não reconhecer um modelo velado, “à brasileira”, conforme aponta Roberto DaMatta, de racismo no país. Os autores argumentam que, ao negar o NFB como documento, Soares também dúvida da existência de um processo de relaxamento das tensões raciais no interior do universo do futebol. Parece óbvio que o argumento da *democracia racial* se coloca como uma armadilha para pensar uma pretensa harmonia racional no futebol brasileiro, mas é igualmente inegável que, sobretudo após a instauração do regime profissional, houve maior acesso das populações não-brancas a este universo simbólico que antes era mais restrito.

13 Roberto DaMatta e outros, *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

14 HELAL, 2011, p. 15.

uma vez que seria uma contradição amá-lo e, ao mesmo tempo, denunciar seu aspecto alienante. Não por acaso, os defensores da tese do “ópio do povo” defendem a imprescindibilidade de uma percepção e uma relação emocional com o futebol radicalmente distinta das dos seus admiradores¹⁵.

No livro *O que é a Sociologia do Esporte*, de 1990, Ronaldo Helal atestava seu incômodo com o descaso das Ciências Sociais com aquele que denominava “um fato social tão visível da nossa civilização”¹⁶. Até aquele momento, conforme aponta, as principais produções tratando do esporte em geral, e do futebol em particular, encontravam-se em manuais esportivos, muito pouco sendo escrito por uma perspectiva mais crítica, estabelecendo conexões entre esse fenômeno e a sociedade. Para Lovisolo (2001), esse vácuo de estudos das Ciências Sociais pode ser explicado por um pensamento social que tratava o futebol como algo distante das “preocupações verdadeiras”, como uma manifestação alienante das massas. A virada, para o autor, nesse cenário deu-se “sob o furacão do culturalismo e da importância concedida à identidade”¹⁷.

Nos anos seguintes, contudo, muitas publicações acadêmicas começaram a surgir numa progressão geométrica, estabelecendo o esporte, e em particular o futebol, como tema de investigação interdisciplinar sistemática e aprimoramento analítico, com destaque para a coletânea de artigos lançada de modo impresso pela revista *Estudos históricos* 23¹⁸ da Fundação Getúlio Vargas, em que autores, brasileiros e estrangeiros, de diversas áreas do saber expõem suas ideias e debatem de maneira global o fenômeno do esporte na sociedade moderna, bem como os trabalhos organizados pelo professor Maurício Murad¹⁹ no Núcleo de Estudos de Sociologia da UERJ, com foco para a temática da violência no futebol.

Na virada do século, inúmeros livros, trabalhos acadêmicos, seminários e grupos de trabalho têm privilegiado largamente o esporte, com predominância para o futebol, como um objeto a ser explorado por diversas áreas do saber, sobretudo aquelas afins com as

15 Ibidem, p. 12.

16 HELAL, 1990: 14.

17 LOVISOLO, 2001: 9.

18 C.f. *Revista Estudos Históricos (esporte e lazer)*, Rio de Janeiro, vol. 13, nº 23, 1999.

19 C.f. Maurício Murad, *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

Ciências Sociais, voltadas para as mais variadas relações possíveis a serem estabelecidas com esse objeto²⁰.

Saindo do Brasil, os estudos do futebol – e dos esportes em geral – possuem papel de destaque na produção acadêmica em várias partes do globo, destacando aqui os trabalhos argentinos de estudiosos como Eduardo Archetti²¹, Pablo Alabarces²² e Julio Frydenberg²³, três autores de áreas do conhecimento diversas mas que não deixam dialogar entre si. Quanto aos pensadores consagrados do pensamento moderno do século XX, diante de um deserto de esquecimento acerca dos temas esporte e lazer²⁴, podemos citar em especial dois autores: Pierre Bourdieu²⁵ e Norbert Elias²⁶, duas importantes referências nos estudos dos esportes em seu nexos com a modernidade. O primeiro, com sua sociologia reflexiva²⁷, elabora a idéia de que o esporte e suas representações, embora em estreita ligação com os diversos aspectos da vida social, possui seus próprios códigos, leis, regras, crises, disputas, tempo, agentes e capitais. Sendo assim, Bourdieu ajusta o objeto no interior de seu esquema teórico do *campo* – no caso, o campo do esporte. Assim como será largamente abordado por Elias, baseado em seu entendimento mais geral do conceito de campo, Bourdieu destaca a diferenciação entre a constituição dos esportes modernos, como um campo vinculado à modernidade, e os jogos tradicionais, acentuando que

20 Cabe destacar a formação de grupos de trabalho com a temática do esporte em eventos acadêmicos de relevância nacional como ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), desde 2002, e na SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia), a partir de 2003.

21 C.f. Eduardo Archetti, *Masculinidades: fútbol, tango y polo en La Argentina*. Buenos Aires: Antropogafía, 2003.

22 C.f. Pablo Alabarces, *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, 2002.

23 C.f. Julio Frydenberg, *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores, 2013.

24 Quanto aos estudos do lazer e do tempo livre, podemos mencionar os trabalhos pioneiros de Joffre Dumazedier, *Sociologia empírica do lazer* (2008), e Stanley Park, *Sociologia do Lazer* (1978). Ademais, é indispensável citar a concepção originária de jogo, enraizada na realidade humana, tal como contida no clássico estudo antropológico, de dimensão filosófica, *Homo ludens* (1999), de Johann Huizinga.

25 C.f. Pierre Bourdieu, Como é possível ser esportivo: In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p 136-153.

26 C.f. Norbert Elias, Eric Dunnig, *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992.

27 Bourdieu propõe a percepção da pesquisa como um ofício que é construído. Desta maneira, o cientista, enquanto produtor de conhecimento, deve atentar rigorosamente para o processo de desenvolvimento do objeto de pesquisa e da própria ciência. Ademais, salienta que este processo é resultado de uma relação entre o método utilizado, a teoria de análise e do contexto social no qual o objeto está inserido. Ao reconhecer o conhecimento científico como distinto do senso comum e obtido através da reflexividade e objetividade, o cientista aponta para a singularidade de seu objeto.

os exercícios corporais da “elite” foram separados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares permaneciam associados (festas agrárias, por exemplo) e desprovidos de funções sociais (e, *a fortiori*, religiosas) ainda ligadas a vários jogos tradicionais (como os jogos rituais praticados em muitas sociedades pré-capitalistas em certas passagens do ano agrícola²⁸

Norbert Elias – acompanhado por Eric Dunning como parceiro de pesquisas envolvendo os esportes – é aquele que merece maior destaque por suas extensas reflexões sobre o fenômeno do esporte em sua versão moderna como sintoma de um tipo de sociedade que surgia a partir do século XVIII, dentro daquilo que o autor considera como um dos elementos paralelos do *processo civilizador*; sua linha teórica basilar. Para os propósitos deste trabalho, vamos nos deter de modo mais aproximado ao pensamento elisiano, buscando uma compreensão da relação inevitável entre a sociogênese do esporte moderno e as sociedades em permanente transformação.

Em sua grande obra sobre a constituição dos esportes na sociedade moderna, Elias estabelece de modo sucinto a seguinte máxima: “Estávamos muito conscientes de que o conhecimento sobre o esporte era um conhecimento sobre a sociedade”²⁹. Mais adiante, o pensador alemão afirmaria que seus trabalhos com foco no esporte continham o objetivo de “demonstrar que os estudos do esporte que não são estudos da sociedade são estudos fora do contexto”³⁰.

Nesse ponto, com ênfase para o futebol, encontrará um meio para melhor elaborar seu conceito de *figuração*, assinalando a interdependência dos jogadores num misto de competição e cooperação, o equilíbrio multipolar das tensões em campo, as relações de força e dos constantes movimentos entre os participantes individuais e os grupos sociais. Ou seja, o jogo como explicação figuracional revelaria uma dinâmica de entrelaçamento permanente, nunca imóvel, de relações sociais concretas que são produto e promotor das mudanças nos códigos sentimentais e nas normas sociais de condutas individuais, notadamente como efeitos mais significativos o autocontrole das emoções e a moderação da violência.

Elias estava empenhado em tentar compreender a relação entre o desenvolvimento dos passatempos entendidos como esportes com o desenvolvimento da estrutura do poder,

28 BOURDIEU, 1983: 139.

29 ELIAS, 1992: 31.

30 Ibidem: 39.

evidenciando empiricamente, com destaque para a sociedade inglesa, um processo civilizador de longa duração que teria inferência no refinamento dos comportamentos e dos padrões sociais. Desse modo, sugere como o processo de “esportização” a partir do século XVI – isto é, das primeiras etapas da era moderna – caminhava em paralelo à curialização dos guerreiros onde as regras de etiqueta passavam a desempenhar um papel cada vez mais significativo na sociedade. Havia no bojo dessa relação a transformação dos jogos tradicionais e lúdicos – mais violentos em suas práticas e muitas vezes com regras pouco definidas, como no caso *calcio* florentino – em esporte moderno, permeado de regras e comportamentos que visavam reduzir ao máximo os contatos de violência radical, evidenciando o aumento da sensibilidade a partir das mudanças sociais presenciadas, em que será apontando que um complexo conjunto de fatos convergiu para esse fenômeno do autocontrole das emoções e das práticas menos exacerbadas de violência na sociedade inglesa, atingindo sua forma mais visível no século XIX. Elias, acerca dessas mudanças de sensibilidade, aponta que

se comparamos os jogos de bola populares em fins da Idade Média ou inclusive em princípios da Era Moderna com o futebol (moderno) e o rúgbi, as duas ramificações do futebol inglês nascidas no século XIX, advertimos um aumento da sensibilidade no que se refere à violência³¹

Para Elias, essas transformações operam de modo mais incisivo na sociedade inglesa (vitoriana) como reflexo do processo de “parlamentarização” da sociedade após as intensas guerras civis do século XVII, revelando um novo patamar de civilidade daquela sociedade. Para isso, seu parceiro Dunning oferece uma explicação para todo esse processo que se formou envolvendo o surgimento das práticas esportivas modernas em correlação com uma sociedade parlamentarizada:

No século XVII, quando todas as paixões geradas pela guerra civil começaram a se acalmar, os membros dessas classes [superiores e nobreza] desenvolveram gradualmente – o que chamamos hoje de partidos políticos – meios pacíficos de conduzir suas lutas políticas. Elias falava, a esse propósito, em “parlamentarização do conflito político” e afirmava, em primeiro lugar, que se tratava de um elemento central no processo de civilização inglês e, em segundo lugar, que aquilo que ele chamava a “esportização” das distrações sobreviera correlativamente a esse processo de parlamentarização, processo durante o qual o *habitus* mais civilizado desenvolvido pelos aristocratas e pelos *gentlemen* levou

31 Ibidem: 33.

esses últimos a desenvolver maneiras menos violentas, mais civilizadas em seu lazer³²

O esporte começa a ganhar forma paralelamente à emergência e consolidação dos Estados Modernos – com seu mecanismo de centralização política e controle dos meios da violência; à intensificação do processo de democratização nas cidades em expansão por meio do aprimoramento dos meios de transporte – com suas relações de interdependência mais acentuadas entre os indivíduos; e com o maior autocontrole sobre os comportamentos públicos. Se os jogos tradicionais, tidos como arcaicos e localistas, estavam associados aos estados fragmentados do feudalismo e seus particularismos, o esporte moderno aparece como um elemento social singular que revela o processo de disseminação de suas práticas em escalas universais e o controle dos impulsos primitivos dos jogos tradicionais, expressando ao mesmo tempo os processos de burocratização estatal e individualização, na medida em que é percebida a crescente consciência para autocontrole dos comportamentos num contexto de estilo de vida urbano voltado para aspectos mais íntimos, em contraponto à vida comunitária dos períodos anteriores.

Nesse contexto do florescimento de uma cultura urbano-industrial, os esportes modernos, todos de origem inglesa, apareceriam como oposição conceitual em relação ao que se entenderia pelos jogos tradicionais, vinculados a uma cultura comunitária pré-moderna. Essa dicotomia entre esporte e jogo seria alargada para as diferenciações entre o lúdico e o competitivo, amadorismo e profissionalismo, adjetivações fundamentais para a compreensão sociológica dos fenômenos esportivos surgidos no período industrial.

Com seu conjunto de regras disciplinadoras numa linguagem unificada e associações organizadas em clubes, o esporte consolida-se como um novo costume, uma atividade social “civilizada” praticada pela alta sociedade comportada e estudada, uma manifestação cultural da modernidade, na contramão dos jogos mais arcaicos que representam a rudeza e a animalidade. Consolida-se, assim, no decorrer do século XIX aquilo que se entende por *esporte moderno*, próximo do que conhecemos hoje, que vai modelando-se em formatos diversos num ritmo acelerado de intensas mudanças, reflexo dos tempos modernos, ainda que certos atributos de momentos anteriores permaneçam.

Como consequência desse processo civilizador, com suas normas de superação daquilo entendido como barbárie, a criação da *Football Association* em 1863, na Inglaterra,

32 DUNNING, 2010: 98.

com o estabelecimento de suas regras, pouco alteradas até os dias hoje, e a organização de campeonatos em âmbito nacional, evidenciam esse cenário no interior da Revolução Industrial. As atividades esportivas, diferentes das situações cotidianas, possibilitam o efeito catártico das explosões emotivas (excitação) sem que haja o perigo de uma ruptura na ordem social. O esporte se configura como um dos dispositivos mais destacados na formação de uma cultura nacional da modernidade, apresentando-se como evento organizado, de regras universais, disciplinado e promotor de tensões muitas vezes prazerosas, difundindo assim um *habitus*³³ moderno. Para Eric Hobsbawn, a profissionalização e consolidação do futebol na cultura de massa urbana no caso inglês se deu entre as décadas de 1870 e 1880, quando, conforme indica, “o futebol adquiriu todas as características institucionais e rituais com as quais estamos familiarizados”³⁴.

Atesta, ainda, a importância dos esportes para o desenvolvimento de uma cultura operária na Grã-Bretanha do século XIX, em que o futebol, em especial, já se tornaria, antes do alvorecer do século XX, a “religião leiga do proletariado”, desempenhando papel central na construção da identidade da classe trabalhadora britânica. A partir de então, esta modalidade difunde-se por diversas localidades em vários pontos do globo como símbolo de nacionalidade e produto cultural ligado à tradicionalidade (inventada). Acerca desse desenrolar histórico, Nicolau Sevcenko frisa que

um dos aspectos mais prodigiosos da história do futebol, desde suas origens, tem sido a rapidez extraordinária da expansão da sua popularidade dentre as massas populares, especialmente no contexto das cidades industriais. O fenômeno além de interessante é bastante revelador, tanto das características mais atrativas deste esporte, quanto do ambiente peculiar criado pelo crescimento acelerado das cidades em processo de industrialização³⁵

A expansão global desse modelo de esportização será umas das marcas da hegemonia inglesa na virada do século XIX para o XX, sendo absorvido em muitas

33 Esta categoria encontra sua aplicação tanto na obra de Elias (2006), que entende por *habitus* um processo de socialização, de aprendizagem interior, em que se assentam os sistemas institucionalizados que estruturam uma sociedade, tomando como ponto de partida as transformações nas condutas na Sociedade de Corte, como em Bourdieu (1990), tomando esta categoria em sua matriz mais material, em que as condições sociais do indivíduo tem papel fundamental na moldagem do seu *habitus*. A despeito das diferenças, ambas as análises lançam olhar para o fato da mudança constante da sociedade e encontram ponto de contato no modo pela qual consideram as influências que os indivíduos sofrem do meio social no contexto sócio-histórico em que estão inseridos.

34 HOBBSBAWN & RANGER, 2012: 357.

35 SEVCENKO, 1994: 35.

sociedades como um fenômeno essencial da modernidade e do avanço civilizacional, distanciando-se de práticas culturais consideradas então como sintoma de povos bárbaros. Elias afirma que “a ‘esportização’ dos passatempos, se me permite a palavra para designar com brevidade sua transformação em esportes na sociedade inglesa e a exportação de alguns deles para quase todo o mundo, são outros exemplos do esforço civilizador”³⁶.

1.1.1. O futebol no Brasil

O Brasil – com foco para a cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX, período efervescente em todas as esferas sociais na pós-Proclamação da República – seria um das sociedades que melhor receberia o fenômeno esportivo britânico, sobretudo por meio da prática do futebol como elemento de distinção social de refinamento de costumes das elites em clubes e escolas frequentados em sua maioria por estrangeiros. Esse processo estaria no cerne da construção narrativa de uma modernidade brasileira que se pretendia distanciar dos traços coloniais, tidos como atrasados e de pouco refinamento, mas que com o passar dos anos foi assumindo diferentes formas de se relacionar com a sociedade por meio das trocas entre os grupos sociais sensíveis a esta prática cultural tão mobilizadora³⁷.

Nesse sentido, percebido como manifestação social de inegável importância para a sociedade brasileira e a vida nacional, o futebol pode ser associado com as análises de Clifford Geertz acerca das brigas de galo em Bali como uma prática cultural que, para além do divertimento e do jogo, reúne um conjunto de aspectos metassociais que possibilitam compreender as vicissitudes da sociedade local. O significado disto, na prática, fica mais claro quando examinamos as etnografias de Geertz, especialmente sua muito citada

36 ELIAS, op.cit: 34.

37 Nesse sentido, recomenda-se a discussão proposta por Carlo Ginzburg (1987) acerca da *circularidade cultural*, remetendo às influências, ressignificações e novos sentidos que atravessam uma manifestação cultural associada a um determinado grupo social que, por sua circulação e apropriação por outros grupos, percorre trajetórias heterogêneas em relação à configuração originária. Desse modo, os significados e sentidos de uma forma cultural não estão inscritos em seu interior, mas as forças sociais em disputa no campo cultural que transformam seu *status* de acordo com os discursos e práticas incorporadas pelos grupos sociais que se alinham a esta forma cultural. As experiências das classes subalternas, assim, não devem ser compreendidas apenas como uma aquisição de comportamentos impostos pelas classes hegemônicas, mas como um processo incessante, ainda que assimétrico, de ressignificação, resistência e atribuição de novos sentidos que frutificam uma nova prática cultural (híbrida). No caso do futebol, campo fértil para entender essas lutas, seu valor cultural pertencente a uma classe numa determinada época pode ser transformado, associando-se a outro grupo, resultante das relações culturais que sustentam os processos de distinção e diferença.

interpretação das brigas de galo em Bali, em que trata o esporte como “drama filosófico”, uma chave para o entendimento da cultura balinesa. Amparado nas contribuições de Victor Turner e sua ideia de “drama social”, Geertz vincula as brigas de galo ao “mundo mais amplo da cultura balinesa”, mas não como um reflexo dessa cultura. Pelo contrário, trata as brigas como um texto, “uma leitura balinesa da experiência balinesa, uma história que eles se contam acerca de si mesmos”³⁸.

Da mesma maneira que Geertz entende que “Bali se revela numa rinha de galos. É apenas na aparência que os galos brigam ali – na verdade, são os homens que se defrontam”³⁹, olha-se aqui para os fenômenos sociais através do futebol e suas manifestações nos estádios de futebol, espaços simbolicamente organizados e coletivos em que revelam-se temas significativos da cultura nacional e suas metamorfoses em várias temporalidades. Por isso, conforme indica Roberto DaMatta “o futebol é um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira”⁴⁰. Portanto, tomando como premissa a ideia de que cada sociedade possui uma relação particular com o futebol, que a expressa, torna-se, por meio desta prática social e cultural, possível analisar e compreender melhor as diferentes culturas futebolísticas, com seus desejos, interesses, contradições e complexidades.

A introdução do futebol no Brasil – conservando a designação inglesa *foot-ball* das primeiras décadas –, na virada do século XIX para o XX, aconteceu por intermédio sobretudo de jovens atletas abastados, que estreitaram contato com os esportes modernos nas escolas no continente europeu, onde eram educados, e por profissionais europeus vinculados a empresas estrangeiras, sobretudo inglesas, que aqui praticavam o esporte da terra natal como modo de lazer e reafirmação do estilo de vida. Sua importação no país representava a adoção de um produto de luxo, com sua linguagem inglesa e seu vestuário britânico desconhecido.

A constituição do futebol como prática esportiva, tal como ocorrera na Europa décadas antes, esteve ligado ao processo de urbanização das cidades e de industrialização. Contudo, enquanto o esporte era pensado na Europa como modalidade esportiva de aproveitamento das horas livres do trabalhador das fábricas, sendo um dispositivo de expressão de identidade da classe operária, no Brasil sua inserção e absorção, no fim do

38 GEERTZ, 2013: 209.

39 Ibidem: 188.

40 DAMATTA, 1982: 21.

século XIX e primeiras décadas do XX, será guiada por uma lógica elitista, haja vista que sua prática estava restrita predominantemente a uma rede de jovens dos estratos sociais privilegiados, isto é, homens brancos e de famílias pertencentes à alta sociedade, haja vista que, embora a historiografia contemporânea questione tal primazia, as figuras principais tidas oficialmente como as introdutoras do futebol em sua versão moderna no país são Charles Miller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro. Ambos estiveram em contato direto com o esporte em suas estadas na Europa e, ao regressarem, voltaram com todos os equipamentos necessários para que esporte inglês pudesse ser praticado.

Admirado com entusiasmo nas grandes cidades, o futebol amador dos anos iniciais proporcionava um momento de ócio aristocrático de fruição do tempo e do lazer, tanto para os espectadores nos primeiros campos que surgiam quanto para os praticantes do esporte moderno, signo do progresso civilizacional. Assim, o futebol carregava atributos positivos, interessantes para a burguesia, tais como a competitividade, a igualdade entre seus membros, o cavalheirismo nas arquibancadas e entre os *sportsmen*, o aprimoramento físico e moral dos praticantes⁴¹. A prática do futebol em regime de amadorismo, ao menos em seus primeiros anos de existência em solo brasileiro, consolidar-se-ia como uma ideologia entre as camadas mais abastadas, na fase inicial, como uma maneira de preservar o *ethos* vinculado ao mundo civilizado europeu, ao espírito de educação dos envolvidos com o jogo, dificultando a inserção das camadas populares nos principais clubes e campeonatos, sobretudo nas grandes metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro⁴². Com efeito,

essa ética amadora configurou-se mais como processo de autodefesa de classe e distinção social perante a possibilidade de ascensão social dos segmentos populares que, efetivamente, viam no futebol um caminho,

41 Nesse ponto, Luiz Henrique Toledo aponta a maneira pela qual, nos primeiros anos após a introdução do futebol no país, os manuais e guias esportivos, ainda restritos à elite que dominava as práticas e os sentidos do futebol, tiveram importante contribuição na difusão do jogo para um público que se alargava com o passar do tempo, tanto espectadores quanto praticantes. Para Toledo, com o processo de profissionalização que caminhava ao lado da expansão dos meios de comunicação de massa (como o rádio e a imprensa esportiva), possibilitando maior amplitude ao fenômeno futebol e alcance entre pessoas por todas as regiões do país, estes manuais e guias impressos ficaram confinados aos especialistas e outros envolvidos com futebol por interesses profissionais. Ver mais em Luiz Henrique de Toledo, *No país do futebol*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

42 Conforme aponta Lucena (2001), o futebol não foi a única importação britânica. A partir de meados do século XIX, por conta de uma série de fatores que levariam a um rompimento com o estilo de vida português (colonial) e uma aproximação com os hábitos franceses e ingleses, tidos como mais civilizatórios, a sociedade brasileira, sobretudo aquela que vive nas cidades que se expandem, passa por uma mudança de alguns costumes, donde o futebol apareceria como um desses elementos associados a um modo de vida requintado.

restrito mas simbolicamente relevante, de ganho social na esfera das disputas esportivas⁴³

Os primeiros clubes que iam surgindo nesse momento inicial, quase sempre nas zonas mais abastadas da paisagem urbana, se apresentavam como espaço social, para além do esportivo, onde a nata da sociedade se reunia, sempre com a elegância de rapazes e moças, para participar dos eventos ali realizados: não somente nas tribunas e nascentes arquibancadas nas partidas de futebol, mas bailes, festas nos salões sociais e ao ar livre, os chás da tarde, entre outros eventos. Podemos citar, no caso dos clubes de São Paulo: São Paulo Athletic, Paulistano, Germânia, vinculado à comunidade alemã, e o Mackenzie, ligado aos ingleses; no Rio de Janeiro: o Payssandu, também vinculado a membros da comunidade britânica, o Fluminense, fundado por Oscar Cox, o Botafogo e América, todos frequentados exclusivamente pelos jovens da alta sociedade carioca.

Mas vale ressaltar que, desde o início, clubes associados às camadas populares, quase sempre nas franjas das regiões mais visíveis das metrópoles, apareciam para também praticar o futebol, ainda que em raros momentos fizessem parte das principais ligas e campeonatos ia surgindo⁴⁴. Nesse contexto, o caso do Bangu Athletic Club, no subúrbio carioca, vinculado à fábrica do ramo têxtil Companhia Progresso Industrial, aparece como uma feliz exceção nesse cenário, por desde os primórdios ser um clube menos elitizado a configurar nos campeonatos da cidade, disputando partidas com os clubes da Zona Sul. A exceção que consiste nesse fato confirma a regra que predominava na postura conservadora e elitista daqueles que detinham o controle sobre o esporte nesse período⁴⁵.

43 TOLEDO, 2000: 54.

44 Ainda na primeira década do século XX, fortemente ligado com as classes mais abastadas, o futebol já chamava atenção das camadas populares, e a criação, em 1907, da Liga Suburbana de Futebol atesta o fato de que este esporte já conquistava adeptos em outros segmentos sociais e em outras regiões da cidade, sobretudo depois que a capoeira fora catalogada como expressão proibida jurídico-normativamente após os transtornos da Revolta da Vacina, anos antes.

45 José Sérgio Leite Lopes (1994) não nega a importância do Bangu para o processo de popularização do futebol num meio confinado a valores elitistas e preconceituosos, mas entende que sua existência não era uma ameaça de fato à hegemonia dos clubes abastados da zona sul. O estremecimento dessa hegemonia, conforme apontado pelo autor, viria em 1923 com o título do Vasco da Gama, equipe formada por jogadores de vários estratos sociais e componentes raciais, financiada por ricos comerciantes portugueses, que teria um desempenho físico e técnico muito acima dos outros, consagrando-se campeão logo em sua primeira participação no campeonato carioca da primeira divisão. Esse evento desencadearia a revolta nos clubes rivais, que adotaram medidas para inibir a projeção do clube, tais como a exigência da assinatura dos jogadores e seu descompromisso com trabalhos manuais. Contudo, a partir desse fato histórico o futebol carioca não mais conseguiria sustentar os pilares do amadorismo tal qual em anos anteriores.

O amadorismo, com suas condutas restritivas, aparecia como um estratégico instrumento de inibição de acesso da prática do futebol nos grandes clubes para aqueles que não partilhavam das características dos segmentos elitizados da sociedade. A questão social e racial, conforme o futebol alcançava adeptos e admiradores fora do círculo da elite, ia provocando acalorados debates entre clubes e as entidades no período amador, provocando inúmeras desfiliações e rompimentos, como aconteceria por diversas ocasiões nas ligas de São Paulo e Rio de Janeiro⁴⁶.

Ademais, o futebol começava a se tornar assunto de interesse jornalístico, ganhando cada vez mais destaque nas páginas dos grandes jornais, segundo atesta José Sérgio Leite Lopes, ao apontar que, até os 1920, “o futebol só ocupava uma ou duas colunas de página”. A partir dessa década, sobretudo pelos esforços de Mario Filho, o jornalismo esportivo passa a se valorizar, a ganhar novos recursos. Exemplificando as transformações do modelo amador para o aspecto mais popular e profissional do futebol por meio dos usos da linguagem dos jornais, o autor afirma que “ao invés dos inúmeros termos ingleses que alimentam o esnobismo inconsciente dos jornalistas, os termos da linguagem corrente, o ponto de vista de um público mais vasto⁴⁷. Logo, a crise no modelo de futebol amador das elites estava instalada.

No entanto, não tardaria para que a popularização e apropriação da prática do futebol alcançassem todas as camadas populares, transformando-se numa paixão coletiva, superando esportes como remo e o turfe, que até então despertavam maior atenção da população. O contato entre equipes brasileiras e estrangeiras e a participação da seleção brasileira em campeonatos no exterior contribuíram de modo decisivo para que este esporte ganhasse uma dimensão simbólica que ultrapassasse a esfera da mera funcionalidade lúdica, tornando-se uma manifestação cultural que representaria os anseios dos discursos nacionais e articularia a vinculação entre futebol e identidade nacional. Como tão bem afirma Simoni Lahud Guedes:

O futebol tem sido, no Brasil, um veículo importante para a elaboração de representações coletivas sobre a nação e o seu “povo” [...]. Apenas algumas décadas após sua introdução no Brasil, ao final do século XIX,

46 Para mais detalhes acerca desta temática, Antônio Carlos Napoleão (2006) demonstra as inúmeras cisões, fundações e refundações de ligas e federações na primeira metade do século XX no Rio de Janeiro, enquanto que Tarcyane Cajueira Santos (2004) cita acontecimento semelhante em São Paulo nos anos 1910.

47 LOPES, 1994: 68.

esta específica prática esportiva assume um lugar privilegiado neste campo simbólico, atuando como um poderoso para uma série de representações, como significante que comporta os mais diversos significados⁴⁸

Esta manifestação esportiva logo se tornaria uma atração entre as camadas populares da cidade, sendo ressignificado em dinâmicas sociais diversas daquelas percebidas pelas elites. Estudos mais recentes procuram desconstruir a ideia até então vigente e compartilhada no imaginário comum de que o a popularização do futebol no Brasil teria sido possibilitada por uma espécie de concessão dos grandes clubes e do Estado, dando ênfase apenas ao aspecto da popularização como estratégia de controle social das elites e propaganda das classes políticas e econômicas, percebendo a irreversibilidade do processo de profissionalização e suas possibilidades de ganhos esportivos, simbólicos e comerciais com a aceitação das camadas mais baixas, eximindo assim o papel ativo das classes populares em sua luta pela apropriação da prática do jogo em patamares mais elevados de organização e visibilidade, atribuindo novos significados e sentidos ao esporte que ganhava contornos menos exclusivistas desde os anos 1910⁴⁹.

Sendo assim, o futebol imaginado pelas elites como elemento de distinção social de classes, símbolo civilizatório e manifestação do *ethos* europeizantes dos anos iniciais, aos poucos seria transformando em um dos símbolos mais emblemáticos no processo de constituição de identidade nacional e de outras formas de identificação (local, racial, étnica etc), principalmente a partir dos anos 1930.

Nesse período, o país passaria por profundas transformações socioeconômicas efetuadas pelo governo de Getúlio Vargas, rompendo com a República Velha, levando o meio intelectual a promover reflexões acerca da crise da ordem oligárquica e da emergência do Brasil urbano-industrial. Assim sendo, assiste-se a uma espécie de "redescoberta" do país promovida por diversos autores que representarão os pontos de partida para o estabelecimento de novos parâmetros no conhecimento do Brasil e de seu passado colonial. Esse cenário encontra-se em consonância com a imposição gradativa do Estado-nação, durante o século XIX, como novidade e um modelo societário predominante irradiado da Europa.

48 GUEDES, 2006: 73.

49 Ricardo Santos, *Entre "rivais": futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012; Leonardo Pereira, *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

A invenção do nacionalismo vai permitir, a partir da seleção de artefatos diversos sob uma ideologia oficial, legitimar uma *identidade nacional* como forma dominante de comunhão social, afirmando que a congruência da unidade política nacional deve partir da ideia de que as pessoas sintam-se membros pertencentes de uma nação. E os esportes, destacando-se nesse cenário de coletividade espiritual o futebol, consolidaram-se ao longo do século XX como um dos elementos mais emblemáticos para a projeção dessas formas de identidade. Como afirma Eric Hobsbawm acerca desse processo,

entre as duas guerras mundiais o esporte como espetáculo de massas se transformou em uma interminável sucessão de encontros de gladiadores protagonizados por pessoas e equipes que simbolizavam estados-nação, o qual forma hoje em dia parte da vida mundial⁵⁰

No plano internacional, por exemplo, a realização dos primeiros campeonatos internacionais entre seleções nacionais, como as Olimpíadas e sobretudo a Copa do Mundo, abrem uma rede de relações simbólicas de competição e conagração entre os países, exprimindo uma metáfora de tensionamentos e formação de um imaginário comum em torno da unidade nacional, ultrapassando o interesse até então mais concentrado entre as classes médias. Dessa maneira, Hobsbawm argumenta que “a comunidade imaginada de milhões de seres parece mais real sob a forma de uma equipe de onze pessoas cujos nomes conhecemos”⁵¹.

O caso brasileiro é emblemático desse contexto. Após as primeiras participações, ainda tímidas, nas copas de 1930 (Uruguai) e 1934 (Itália), contando com jogadores sob a vigência do amadorismo, o bom desempenho da seleção nacional na Copa do Mundo de 1938, realizada na França, sobretudo pela atuação de jogadores negros como Leônidas da Silva, alavanca o interesse do Estado Novo varguista para empreender esforços de controle e instrumentalização do futebol no país – assim como ocorrera com o samba –, pois percebera que este esporte seria um fio condutor para as aspirações nacionais de propagação da ideia de harmonia social. Com isso, ampliaria sua base de sustentadores do regime e isolaria de vez o imaginário oligarca, reforçando o ideal de uma “democracia racial” em sua busca pela definição de uma marca de *brasilidade*⁵².

50 HOBBSAWM, 1992: 152.

51 Ibidem: 153.

52 Nesse sentido, o trabalho de José Jairo Vieira (2017) contribui para a problematização da ideia de democracia racial no futebol, com ênfase no Rio de Janeiro, argumentando que as premissas consagradas

Abria-se, assim, caminho para o maior esforço na tentativa de interligar a identidade nacional e o futebol, com sua composição étnica diversificada e um estilo de jogo tido como mais lúdico, em contraponto àquele já conhecido dos europeus. A seleção brasileira, desde então, começava a representar a pátria, e o futebol como manifestação social tornava-se um vetor privilegiado para a expressão da cultura nacional.

Esse fator seria explorado por Gilberto Freyre (2003) no prefácio do livro de Mario Filho – *O negro no futebol brasileiro* –, cuja narrativa se centraliza na exclusão, integração e redenção do negro no futebol nacional, apresentando-se como um dos signos diferenciais de brasilidade do futebol em sua trajetória do amadorismo ao profissionalismo. Ressaltando o aspecto positivo da estética carnalizada de jogar do brasileiro, definida pelos movimentos corporais singulares dos indivíduos como produto da miscigenação – elemento central de integração nacional –, o futebol brasileiro estaria nas antípodas daquilo que Freyre define como estilo europeu, mais competitivo e disciplinado (apolíneo), com ênfase para o fundador inglês, sem aspectos de improvisação tão marcantes no caso brasileiro (dionisíaco). O futebol, para o autor, passava a ser considerado como a mais expressiva manifestação das vantagens da democracia racial.

Destaca-se, assim, a transfiguração representativa pela qual passa o futebol, passando de um elemento de distinção social para um símbolo central em que se projeta a identificação de nacionalidade experimentado por vários grupos sociais em suas práticas rituais e cotidianas. Dessa forma, o futebol apresenta-se ao longo dos tempos como uma das manifestações socioculturais que participa da construção da ideia de nação dentro de um sistema de representações culturais, destacando seu poder em gerar o sentimento do compartilhamento de uma identidade nacional, sobretudo nas Copas do Mundo, e fomentando discursos nacionalistas na busca da construção imaginária de uma comunidade simbólica. A realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil será um evento marcante desse processo histórico de apresentação do futebol como modalidade promotora de um sentimento nacional, em que as seleções aparecem como instâncias públicas de expressão de nacionalidade frente a outras nações.

O profissionalismo e a burocratização do futebol, desde a instauração institucional do profissionalismo em 1933, esteve como uma das pautas centrais do gerenciamento do

no senso comum de igualdade e mobilidade social no futebol, deslocadas da realidade circundante, se apresentariam como mitos sociais, pois, por meio de fatos dados, demonstra a reprodução da discriminação racial e a dificuldade de ascensão social dos negros neste esporte.

Estado na regulação deste (e outros) esportes com a criação da CND em 1943, processo este que foi acompanhado pelo interesse e modernização dos meios de comunicação de massa, como a difusão do rádio e a formação de uma cultura da imprensa jornalística, trazendo uma nova dimensão ao jogo no seu cotidiano. Estes são pontos decisivos para a massificação do futebol no país, cujo investimento político e cultural no futebol como símbolo de características nacionais por excelência tornaram esse esporte “uma verdadeira instituição brasileira”, como afirmaria Gilberto Freyre. Sobretudo entre 1958 e 1970, quando a seleção nacional conquistou três campeonatos mundiais, o fervor nacionalista projetado nas seleções e seus vitoriosos jogadores, que em sua totalidade estabeleciam suas carreiras nos clubes do país, reforçando o estreitamento afetivo com a massa de torcedores.

Assim percebemos que o futebol é um campo semântico que mobiliza um conjunto de questões referentes à política, tais como o sentimento de pertencimento a uma comunidade nacional por parte de indivíduos e grupos, a manutenção da ideia de nação e, cada vez mais em pauta, os conflitos culturais no interior de uma nação que revelam o modo pelo qual a intensidade da globalização ressignifica a dinâmica simbólica dos Estados nacionais e suas identidades nos mais variados contextos.

1.1.2. A mudança no cenário global

No entanto, esse cenário ganhará novos contornos, sofrendo seguidas transformações, a partir dos anos 1970 e chegando até os nossos dias. Embora seja problemático afirmar que a globalização seja um fenômeno exclusivo da sociedade contemporânea – Giddens afirma que “a modernidade é inerentemente globalizante”⁵³ –, não há como negar que, concordando com a afirmação de Stuart Hall, “tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações”⁵⁴.

A intensificação da globalização, atingindo o futebol, trará consequências irreversíveis, sobretudo para os países em desenvolvimento, que passam a ser exportadores de jogadores para os clubes mais ricos e organizados do futebol europeu – denominados como clube-empresa. Se por muito tempo jogar fora do território nacional era entendido

53 GIDDENS, 1990: 63.

54 HALL, 2014: 39-40.

como um valor negativo no que se refere à participação no selecionado nacional, visto até mesmo como uma espécie de traição à pátria, a despeito das qualidades técnicas do jogador⁵⁵, a partir dos anos 1980, com a gradativa abertura das fronteiras do futebol no continente europeu, percebe-se uma intensificação na circulação dos jogadores brasileiros para os clubes estrangeiros, na busca de salários elevados e visibilidade profissional no mundo cada vez mais globalizado. Esse fenômeno acirra-se nos 1990, quando o futebol insere-se, em sintonia com as ideias neoliberais, como um dos marcadores que melhor exprime o capitalismo global.

A financeirização da economia mundial é a marca da nossa época, atingindo o universo do futebol, que aparece como um dos fenômenos que melhor integra-se ao mundo globalizado dos fluxos econômicos e culturais, criando tensionamentos entre os mercados globais que geram lucros e benefícios materiais (econômicos) e simbólicos (visibilidade nas várias mídias) aos clubes mais ricos e a realidade local, nem sempre pomposa, dos clubes fora dos grandes centros globais do futebol, evidenciando o modo pelo qual o processo de globalização, embora abrangente a todos os pontos, revela suas “assimetrias de poder”⁵⁶, reforçando a tese da dialética entre o global e o local na ordem pós-moderna, pois os lugares permanecem fixo, é nestes que as pessoas e grupos mantêm seus laços mais próximos, mas esses lugares são cada vez mais atravessados por outros espaços num ritmo acelerado.

Nesse sentido, David Harvey argumenta que nos tempos pós-modernos, na era da globalização, o Estado-nação continua a desempenhar um papel predominante como centro de autoridade, ao contrário de apressadas análises sobre o desaparecimento das identidades nacionais, mas denuncia que sua atenção estaria mais concentrada na relação capital-trabalho, promovendo as condições propícias para os negócios e os investimentos. No entanto, admite que o Estado perdeu o poder de regulamentação na esfera nacional diante das pressões dos fluxos financeiros globais, sobretudo a partir das décadas de 1970 e 1980.

55 O caso de Evaristo de Macedo é emblemático. Aos 24 anos, atuando pelo Flamengo e seleção nacional, cotado como um dos escolhidos para integrar a seleção nacional na vitoriosa campanha de 1958, foi vendido para o Barcelona pouco antes da convocação final, ficando de fora da lista. Embora tenha construído uma carreira de sucesso no clube catalão e também no Real Madrid, feito tido como excepcional até os dias de hoje, Evaristo não foi mais convocado para a seleção. Hoje, como podemos atestar de modo muito veemente, uma das principais características que um jogador deve ter para ser convocado é sua atuação no futebol europeu, prova de competência e desafio no mais alto nível entre os grandes e ricos clubes.

56 Cf. Doreen Massey, “O sentido global do lugar”. In: ARANTES, Antonio (org). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

Em sua obra mais famosa, *A condição pós-moderna*, Harvey entende que o novo capitalismo faz surgir a ideia de que a ubiquidade do dinheiro e a flexibilidade do mercado de trabalho tornam-se temas centrais para a existência contemporânea, incidindo sobre os modos de vida, a experiência urbana e as percepções de tempo e espaço que ultrapassam as fronteiras nacionais da modernidade. Para o autor, o fenômeno latente desse processo é o tema da “compressão espaço-temporal”, em que a aceleração dos processos globais alteram profundamente as formas de experienciar o mundo, porque aparenta estar reduzido, com distância mais curtas, onde eventos aparentemente distantes atingem as pessoas e suas realidades locais. Nesse sentido, o autor acrescenta ainda que

a criação desse sistema neoliberal implicou obviamente muita destruição, não somente para as estruturas e poderes institucionais (como a suposta existência prévia de uma soberania estatal sobre os assuntos político-econômicos), mas também sobre as relações estruturais da força de trabalho, relações sociais, políticas de bem-estar social, arranjos tecnológicos, modos de vida, pertencimento à terra, hábitos afetivos, modos de pensar e outros mais⁵⁷

Nesse tocante, Richard Sennett assinala que a cultura do novo capitalismo faz como que as outrora consolidadas grandes burocracias corporativas e as hierarquias governamentais do Estado-nação passem por modificações que tornem as instituições sociais mais flexíveis e menos seguras, resvalando diretamente no mundo do trabalho, tornando-o mais instável e menos sociável. Segundo Sennett, esse processo no qual predomina uma economia fléxivel, apenas voltada para dados de crescimento quantitativo, impacta nas condições de uma democracia ideal e no local de trabalho contemporâneo. Sob o efeito desorientador das condições econômicas atuais, que promovem alterações institucionais no trabalho e nos locais de relações sociais, argumenta que

um dos modos pelos quais a economia pós-moderna desafia a democracia está relacionado com a destruição dessas sinalizações simbólicas, especialmente daquelas que indicam como as pessoas devem dar sentido às suas vidas em termos de local e tempo [...]. A economia flexível não apenas fragmentou a vida dos trabalhadores, mas fez também com que se tornasse muito difícil para eles compreender como o próprio objeto de sobrevivência tem uma história no tempo⁵⁸

57 HARVEY, 2007: 3.

58 SENNETT, 2004: 148.

As atuais condições materiais estão empobrecendo o valor do trabalho e, por conseguinte, reduzindo a experiência de pertencer a lugar de expressão de cidadania, haja vista que essa nova cultura da economia política desmantela a arquitetura institucional sólida de outros períodos e atinge diretamente a dimensão social dos trabalhadores. Nesse ponto, Sennett entende ser necessário recriar um tipo de vida cívica capaz de enfrentar a força desse modelo econômico.

Essa mudança de cenário que se dá a partir, nos anos 1970, com a reestruturação do processo produtivo, com a crise econômica e a reformulação no modelo conhecido por *welfare state*, deixou consequências marcantes nas relações sociais em escala mundial que serão percebidas no futebol, a começar pela Europa, e expandindo-se gradativamente pelas outras partes do globo. Consolidado como fenômeno de massa, o futebol paulatinamente recebe mais atenção dos meios de comunicação, como um produto da indústria cultural⁵⁹, e mais investimentos de patrocínios das empresas multinacionais atraídas pelo grande potencial de lucro, retirando, paulatinamente, o papel de protagonismo do Estado no seu gerenciamento.

O processo de reestruturação da esfera financeira que promove o desatamento dos mercados globais em relação aos Estados-nações e a crescente dependência dos sistemas produtivos nacionais em relação ao mercado mundial ficarão mais bem marcados a partir do final do século XX, momento em que o futebol apresenta-se em consonância com esse modelo estrutural globalizante, dando lugar a cifras astronômicas envolvendo clubes, jogadores, agentes, mídias e todos aqueles que fazem parte desse universo que faz do futebol um dos elementos mais bem-sucedidos nos negócios associados aos megaeventos, sobretudo de copas do mundo e campeonatos internacionais, como a UEFA Champions League.

A partir das últimas décadas do século XX, adentrando com força no século XXI, o futebol passa a ser percebido não mais somente como elemento primordial para a construção de identidades em vários níveis, representando um dos componentes fundamentais de investimento afetivo dos indivíduos e grupos, mas como um dos meios de entretenimento mais rentáveis voltados para o universo do consumo, fazendo desta

⁵⁹ Embora este termo esteja fortemente vinculado ao pensamento dos teóricos da Escola de Frankfurt, sobretudo nas formulações de Adorno e Horkheimer (1985), seu uso aqui para a compreensão do fenômeno massificado do futebol não compartilha de suas premissas, que relutam em perceber nos elemento de massa um potencial para a expressão de identidade social e autonomia individual, preferindo apontar nesse um processo de alienação perpetrado pela ideologia dos grupos dominantes.

manifestação uma das peças-chave para os profissionais orientados pela lógica empresarial do mundo globalizado, gestando uma nova modalidade de torcer, como o modelo de sócio-torcedor, sob a argumentação de que sua aquisição ajuda a sustentar a “marca” do clube.

Desse modo, patrocinadores transnacionais, corporações midiáticas, redes sociais, empresas de marketing, estádios remodelados e com novos espaços de consumo e entretenimento (museus, lojas dos clubes, serviços diversos) entram em cena de modo mais latente e investem pesadamente nesse universo, sobretudo nos países de primeiro mundo, alargando o abismo entre os clubes mais ricos e aqueles com menos recursos financeiros, ainda que localizados em países ricos no que se refere à história social do futebol, casos de Brasil, Argentina e Uruguai, por exemplo. Ainda que distante se comparado com a realidade multimilionária do futebol europeu, no Brasil o futebol vem passando por mudanças significativas no que tange o discurso de modernização de ideias e atitudes, possibilitado pelo crescimento da profissionalização, passando gradativamente de um modelo de administração patriarcal para aquele considerado como gerencial, que abre campo para a espetacularização do jogo.

Se até então os grandes jogadores dessas últimas localidades faziam carreira (ou boa parte dela) em seu próprio país, como no caso de Pelé, no futebol contemporâneo este acontecimento é quase impensável, dadas as grandes oportunidades financeiras e de visibilidade para os atletas. Portanto, o movimento de mescla de jogadores de diferentes nacionalidades num mesmo clube passa a ser um fenômeno comum nos grandes clubes do futebol (importadores), aos poucos também ganhando terreno nos países tidos como exportadores⁶⁰.

Esse é um evento que não se dá *ex-nihilo*, mas que acompanha os movimentos globalizantes e da maior autonomia dos mercados frente ao poder do Estado, colocando em situação problemática o estabelecido consenso em torno da ideia de Estado-nação e das identidades nacionais partilhadas pelos cidadãos no interior de um território bem

60 Cabe aqui uma apreciação acerca desse fenômeno de êxodo de jogadores de nacionalidades diversas. Embora seja muito mais latente nas últimas décadas, impulsionado por processos transnacionais de globalização que fazem circular ideias, objetos e pessoas, tal evento fora percebido nos 1930, quando o governo Mussolini, com vistas a promover o crescimento do futebol italiano como um dos símbolos de altivez da cultura do país para a Copa do Mundo de 1934, incentivou a contratação e naturalização de jogadores vindos da América do Sul, predominantemente aqueles com alguma ligação com a Itália vindos da Argentina, Uruguai e, em menor escala, Brasil. Ver mais em: José Sérgio Leite Lopes, A vitória do futebol que incorporou a pelada – A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. Revista USP, São Paulo, nº 22, jun-jul-ago, 1994.

demarcado fisicamente em termos fronteiriços. Ademais, para aqueles que têm sua vida social mediada pelas ofertas do mercado global de estilos, imagens, lugares, dos sistemas de comunicação, das tecnologias, possuem formas de percepção identitária mais desvinculadas do plano nacional, podendo flutuar livremente por outros tempos e espaços e, outrossim, afirmando sua dimensão localista⁶¹. No futebol, esse fenômeno torna-se mais claro pelo crescimento das pessoas que assumem suas preferências clubísticas por aqueles clubes que estão em países centrais no mercado consumidor do futebol.

Contudo, ao contrário da ameaça da “homogeneização cultural” desenhada pela intensificação do fenômeno da globalização no universo do futebol, sobretudo nos grandes centros, há um movimento reverso, o da valorização do local e das formas de valorização dos componentes ligados ao ainda que sejam sentidas mudanças profundas nos enquadramentos do jogo, tornando-o um espetáculo ascético e marcado pela mão do mercado e das mídias, é ainda possível experimentar nesta manifestação um diversificado leque de significados investidos pelos torcedores que o vivenciam. A esse respeito, Roberto DaMatta dirá que

embora seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados parâmetros capitalistas ou burgueses, ele não obstante, também orchestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares⁶²

Para além de um espetáculo somente integrante do universo do consumo, o futebol aparece como uma ferramenta social, administrado por uma linguagem compartilhada e dominada pela sociedade, que faz desse esporte um veículo privilegiado para as representações da vida cotidiana e das formas de identificação coletiva. Esta manifestação, portanto, revela-se como um fenômeno cultural multifacetado, de forte complexidade e polivocalidade, elemento-chave na formação dos discursos de identidades nacionais e outras formas de identificações sociais, além de se configurar como uma potência explicativa para as rupturas e continuidades da sociedade ao longo do tempo histórico.

61 C.f. HALL, op. cit.

62 DAMATTA, 2006: 145.

1.2. O ESTÁDIOS DE FUTEBOL COMO EQUIPAMENTOS MULTIDIMENSIONAIS

A categoria “estádio” é polissêmica, analisada por muitas definições e campos diversos. Embora sua genealogia remonte à Grécia Antiga e Império Romano, com suas arenas de espetáculos públicos, o ponto que aqui se alinha aos propósitos do trabalho é o seu aparecimento e disseminação desde meados do século XIX, no bojo da Revolução Industrial, e suas múltiplas formas de uso, os significados e sentidos que lhes são atribuídos pelas diversas experiências coletivas, suas metamorfoses espaciais percebidas ao longo do tempo, transformando-se em equipamentos socioculturais de visibilidade material e simbólica quando se trata da prática do futebol desde seu surgimento no modelo regulamentado pela *Football Association* e consagrado pela massa de torcedores⁶³. Também são relacionados muitas vezes com o aspecto do sagrado, por meio de seus comportamentos ritualizados entre torcedores e espectadores⁶⁴.

Ao final do século XIX estava consolidado o conceito moderno de lazer, produto da emergência do capitalismo industrial com suas claras divisões de tempos sociais (jornada diária de trabalho e de outras atividades) e o desenvolvimento da cultura massificada, embora não para todos, expressa pela indústria cultural, configurando assim um novo sistema. Se o futebol em sua versão moderna surge como uma prática esportiva que expressa uma nova etapa no processo civilizatório da sociedade moderna ocidental, tais manifestações culturais seriam acompanhadas pelo surgimento e consolidação na paisagem urbano-industrial, a começar pela Inglaterra, de equipamentos materiais e simbólicos onde se desenrolariam desde então eventos conectados com diversas esferas da realidade social, em pouco tempo disseminando-se por múltiplos cantos do mundo: os estádios de futebol. Nesse cenário, estes equipamentos destinam-se a integrar uma rede de atividades vinculadas ao mundo do trabalho e os trabalhadores, nesse período, já entendiam que o lazer era um direito a ser desfrutado no tempo livre. Hoje, estes objetos urbanos podem ser apreendidos como importantes elementos de investigação, interpretação e compreensão de diversas temporalidades e espacialidades.

Ademais, estes equipamentos se apresentam como um dos elementos que ligam indivíduos e grupos sociais entre si, um desses espaços modernos que, em grande parte,

63 C.f. BALE, op. cit.

64 C.f. Hans Ulrich Gumbrecht, “Perdido numa intensidade focada”: esportes e estratégias de reencantamento”. Aletria, Belo Horizonte, v.15, jan-jun. 2007.

tem suas memórias preservadas no tempo, que servem de ancoragem para que experiências e memórias sejam ritualisticamente vividas e lembradas pelos torcedores. Embora sofrendo mudanças na sua dinâmica do torcer e se comportar, os estádios ainda podem ser notados como um dos poucos espaços sociais na cidade contemporânea onde encontram-se manifestações de caráter massivo, cuja efervescência dos torcedores são derivadas do contato coletivo, dos cânticos, das festas e do forte sentimento de identificação que ali é constantemente atualizado. Portanto, são objetos materiais na paisagem urbana onde são estocadas lembranças que sintetizam o geral e o particular. Coexistem, em qualquer temporalidade, inúmeras formas de memória coletiva. Sedimentadas em registros permanentes, estas memórias ligadas a estes espaços não perdem seu caráter específico, sua ligação com os grupos que as produziram.

Com efeito, os estádio podem ser apreendidos como fragmentos das operações memoriais que os grupos sociais produziram num momento circunscrito, um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro⁶⁵. Podem igualmente ser interpretados como documentos geralmente ligados às estruturas de poder hegemônico de uma dada época com suas ideias e valores de sociedade e formas de governar.

As múltiplas dimensões (sociais, políticas, religiosas, econômicas e culturais) relacionadas nos possibilitam pensar nos estádios de futebol não apenas como uma arquitetura meramente funcional e mecânica, alicerçada em objetivos utilitários para a produção de jogos e outros eventos em seu interior, numa valorização de aspectos materiais, na técnica de construção e nos seus eventos como um lazer desprovido de qualquer nexos com o geral. Para além dos formalismos reducionistas, são equipamentos impregnados de atributos multiformes que se referem a um povo, um período, um espaço geográfico, jamais apresentando um sentido fixo ou essencial, mas mudando de acordo com o contexto e o tempo. São, portanto, elementos de organização de um tempo histórico da urbanidade, no momento em que se apresentam física e simbolicamente como elementos com conteúdos significativos socialmente construídos. É um produto da sociedade, seja dos estabelecidos ou dos outsiders, nos termos elisianos, e de sua busca pela expressão de um sentido, conservadores ou transgressores.

65 C.f. Milton Santos, *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006..

O estádio, dessa forma, é o lugar do coletivo, do compartilhamento intersubjetivo, das tensões que mobilizam as noções de identidade e diferença, um campo de disputas pela memória e pelas formas de representação depositadas nestes objetos percebidos, simultaneamente, como monumento e documentos. Em todo este processo, interessa-me investigar a maneira pela qual estes equipamentos socioculturais estabelecem nexos entre o desenrolar intramuros com a amplitude dos acontecimentos históricos, sociais, políticos, econômicos extramuros de uma sociedade que apresenta ao longo dos últimos 150 anos. São portanto elementos estreitamente conectados com os projeto de modernidade.

1.2.1. Os estádios enquanto representações coletivas

Os estádios de futebol emergem como monumentos sócio-históricos de uma sociedade imaginada e suas lutas; são documentos que não se apresentam como matéria-prima objetiva e imparcial, mas expressam o poder da sociedade num dado momento sobre a formas de lembrar (memória) no futuro. Nesta conflituosa arena simbólica de práticas e produção de sentidos discursivos na busca por uma representação coletiva, os estádios apresentam-se como materialidades nessa relação de forças que se encontram em permanente devir.

Esse não é um processo de via única entre sociedade e sua cultural material, pois a materialidade é entendida, simultaneamente, como produto e vetor das relações sociais, ou seja, é produto na medida em que resulta da ação humana por meio de processos de interações sociais que criam e transformam o meio físico, mas também é vetor porque se constitui como suporte e condutor concreto para efetivação das relações entre os indivíduos e grupos.

Em seu sentido mais original, por monumento entende-se uma obra criada pela mão do homem e elaborada, a partir de uma seleção, com o objetivo de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas e/ou acontecimentos merecedores de sua conservação à imortalidade. O monumento, por essa perspectiva, é encarado como o testemunho material de uma época histórica, um artefato que possui uma dimensão documental que deveria preservar no presente os aspectos originais do passado, reafirmando seu valor de culto⁶⁶. Diante disso, houve um tempo em que os monumentos,

66 C.f. Alois Riegl, *O culto moderno dos monumentos*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ao lado de instituições como os museus e igrejas, procuravam exaltar uma memória histórica congelada no tempo em forma de construções gigantes na paisagem urbana que retratavam os grandes acontecimentos e personagens, carregando diversos estilos artísticos e temporalidades que deveriam exprimir a tradição do passado no tempo presente. No entanto, de acordo com Néstor Canclini,

enquanto nos museus os objetos históricos são subtraídos à história, e seu sentido intrínseco é congelado em uma eternidade em que nunca mais acontecerá nada, os monumentos abertos à dinâmica urbana facilitam que a memória interaja com a mudança, que os heróis nacionais se revitalizem graças à propaganda ou ao trânsito⁶⁷

Nesse sentido, as descontinuidades históricas e problematizações identitárias, características do mundo contemporâneo, redefinem as funções simbólicas e materiais dos monumentos na vida cotidiana, deixando de carregar um componente moral e cívico do poder estatal e ganhando novos sentidos e significados para outros grupos sociais que não sentem-se identificados com as obras urbanas. Canclini vai demonstrar como muitos monumentos passam a operar como suporte para grafites e cartazes publicitários, sendo assim incorporado de outra maneira pela sociedade em que está inserido, dissolvendo sua função pedagógica de transmissão de uma memória histórica pretensamente comum.

As transformações simbólicas do objeto, suas novas funções e percepções, possibilitam que estes monumentos sejam explorados como documentos que explicam não apenas seu significado histórico inicial, mas sobretudo o modo pelo qual foi passando por processos de ressignificação e novas apropriações pelos grupos sociais no contexto urbano.

Diante disso, o propósito é abordar o estádio como um material da memória, um monumento – uma herança material do passado em nosso presente em movimento – que ao mesmo tempo pode apresentar-se como um documento, isto é, um elemento escolhido por aquele que pesquisa. Portanto, adotar uma perspectiva que não tome esse equipamento como uma categoria monolítica envolta por uma abstração universalista e totalizante, mas sempre como uma arena revestida de ideais, valores, princípios que se articulam produzindo formas de identidades inacabadas, sempre em negociação, estabelecendo o cenário social de sua produção (temporalidade e espacialidade) e as motivações dos atores (Estado, grupos sociais, organizações coletivas). Desse modo, os estádios enquanto

67 CANCLINI, 2013: 301.

monumentos não se reduzem meramente ao que são, mas sim ao que fazem, com as suas funções. Eles não possuem um sentido claro em si próprios, mas são veículos que carregam sentido, pois funcionam com símbolos que conferem sentido às ideias que se deseja transmitir.

Os estádios podem também ser evocados enquanto espaços consagrados à exibição do poder e reforço do futebol como elemento metonímico da cultura nacional, com o fim de imbuir os indivíduos dos sentimentos de identificação mútua em culturas nacionais que lhes permitissem experimentar o nacionalismo e a cidadania política moderna pelo viés das chamadas “comunidades políticas imaginadas”⁶⁸. Os emblemáticos exemplares que são os estádios olímpicos de Roma e de Berlim, edificados como monumentos que teriam a função de exaltar os regimes políticos nazifascistas dos anos 1920 e 1930, com o momento marcante para a história do esporte quando Jessy Owens, atleta negro norte-americano, vence a prova dos 100 metros diante de Hitler. Estas construções, portanto, colocam em evidência a vontade de seus líderes em criar equipamentos de proporções monumentais que pudessem expressar uma nova concepção de homem que se pretendia, isto é, a formação de sujeitos vigorosos, fortes, atléticos, de modo a simbolizar, por meio de seus moldes físicos, o vigor dos regimes totalitários⁶⁹.

No entanto, enquanto campos de tensões, lutas e negociações pela luta identitária dos grupos diante das estratégias oficiais de regimes políticos autocráticos, os estádios florescem igualmente como pontos de representação de uma resistência em que os indivíduos sentem-se agentes ativos, portadores de transgressões autênticas, dentro de um universo complexo e dinâmico que são os estádios e seus acontecimentos. Alguns casos aparecem de modo emblemático na vinculação entre futebol e política. O estádio San Mames, do Athletic Bilbao, localizado na região do país Basco, e o Camp Nou, pertencente ao Barcelona, na Catalunha, são reconhecidos espaços onde seus torcedores, durante o regime totalitário de Franco na Espanha, encontravam eco para manifestar suas reivindicações e falar abertamente suas línguas locais⁷⁰.

68 C.f. ANDERSON, op.cit.

69 C.f. GIULIANOTTI, Richard Giulianotti, *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010; Pierre Lafranchi, “Estadio y Política”. In. FRYDENBERG, Julio; DASKAL, Rodrigo (orgs). *Fútbol, historia y política*. Buenos Aires: Aurelia Rivera Libros, 2010. p. 13-22.

70 C.f. Franklin Foer, *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

Nessa direção, na contramão de uma perspectiva que o tome como um equipamento descolado de seu contexto social, político, cultural, econômico, o objetivo central desta seção é dimensioná-lo enquanto um documento histórico e sociocultural, invariavelmente atravessado por uma teia de formações ideológicas e discursivas que determinam sua apropriação e os valores depositados em torno de si num dada temporalidade e espacialidade. Nessa linha de abordagem, cabe uma reflexão sobre o papel da memória e da história para definirmos nosso objeto como documento/monumento.

Pensando no objeto de estudo proposto e seguindo as formulações elaboradas por Jacques Le Goff, torna-se imprescindível uma abordagem dos estádios de futebol como documentos que, bem recortados, possuem infinitas possibilidades para levantar questionamentos mais amplos acerca das formações sociais de cada época e suas tentativas de construção de um imaginário nacional, tendo nestes objetos um de seus símbolos privilegiados. Apreendidos como documentos, cabe àquele que se propõe a selecionar os estádios como objeto de pesquisa o compromisso não de realizar uma análise das características mais gerais e superficiais, mas o de explorar caso a caso, levantando as especificidades destes equipamentos socioculturais como um produto no interior de um dado contexto social capaz de emoldurar as pretensões das mais variadas formas de representação da sociedade ao longo da história.

Segundo o autor, se a memória se apresenta de modo parcial, cambiável, flexível a todas as formas de usos e abusos de acordo com diversas motivações e interesses, tornando-se um campo minado de omissões, erros e confusões temporais, a história, por meio do suporte dos registros documentais, procura ao máximo se aproximar da objetivação, uma espécie de “forma científica” da memória, ainda que sem nunca conseguir de modo completo e plenamente imparcial, pois é imprescindível enfatizar a ilusão de neutralidade da História e sua vinculação com o poder. De acordo com o autor,

o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo suas relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa⁷¹

71 LE GOFF, 1990: 545.

Mas, ainda que Le Goff alerte para o fato de que os documentos também possam como uma de suas finalidades a comemoração do passado histórico, materializada explicitamente nos monumentos, o sentido desta pesquisa é o de abordar os estádios sob o estatuto de documentos como forma de explicitar suas condições de produção e, ao mesmo tempo, o papel dos discursos de poder, oficial e marginalizado, em diferentes temporalidades e suas transformações na percepção ao longo dos tempos. Como bem constatou, a análise minuciosa e criativa dos documentos contribui para a desmistificação de verdades consolidadas em sua aparência e entender mais profundamente o “esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”⁷². É sob esta ótica então que a memória social, como esforço organizado de uma imagem de si (e ao mesmo tempo do outro), deve ser pensada em seus contextos sócio-históricos através do cabedal de registros arquivísticos que ajudem a descamar o complexo revestimento de discursos, conflitos que recobrem cada equipamento e suas formas de representações sociais instituídos em cada espaço e tempo.

Nesse sentido, os estudos de representações coletivas associam-se ao nome pioneiro de Emile Durkheim, que desenvolveu este conceito sobretudo em sua obra *As formas elementares de vida religiosa*, que caracteriza-se por abordar o conceito de representações coletivas como conceito-chave da análise sociológica, valorizando o simbolismo coletivo como princípio fundante da realidade social. A ênfase dada está nas ideias cristalizadas da sociedade, um produto das determinações estruturantes.

A fundamentação social dos conceitos como representações coletivas, em contraponto às sensações identificadas com a representação individual, voltada para o campo da psicologia, ergue-se a partir da dualidade da natureza humana – corpo biológico (indivíduo) e alma (sociedade) – e tem por objetivo uma ontologia do social. Assim, as representações coletivas, por serem fruto dos acontecimentos sociais, se constituem em fato social e, como tal, é resultado de uma consciência coletiva e não de uma consciência individual. Por essa razão, não podemos, segundo Durkheim, tratar as representações coletivas numa perspectiva individual, pois, conforme acredita, “é à sociedade que tomamos emprestado os fatos para em seguida projetá-los na nossa representação do mundo. É a sociedade que fornece o plano sobre o qual o pensamento lógico trabalha”⁷³.

72 Ibidem: 548.

73 DURKHEIM, 2010: 165.

Esse modelo de pensamento fica clarividente em sua explicação de como a passagem da horda primitiva, simples justaposição de indivíduos e suas ideias abstratas, para o clã totêmico supõe uma síntese dessas consciências individuais cujo produto é sedimentado no elemento natural simbólico que serve de totem. Para que seja realizada a constituição da primeira sociedade é necessário que a força dos membros do grupo associado se transfira idealmente a essa primeira representação coletiva para que adquira estabilidade. A concepção durkheimiana de totemismo oferece então a explicação da constituição social, demonstrando como a produção e sacralização de um símbolo coletivo só é possível pela força de associação dos homens.

A discussão inicial de Durkheim sobre representações coletivas foi retomada, criticado e ampliada por Serge Moscovici, no campo da psicologia social, retoma este tópico e realiza uma crítica ao caráter estático da representação coletiva proposta por Durkheim, enfatizando o seu caráter relacional e preocupando-se com o processo de transformação que culmina na produção de uma representação num dado período histórico, evitando a separação entre o universo externo e interno do sujeito⁷⁴. Contudo, nosso interesse está circunscrito às considerações de outro autor.

Os estudos renovados nessa área por Stuart Hall, filiado aos estudos culturais e com ênfase para as análises empíricas das representações imagéticas, procura problematizar a noção metafísica de “representação”, oferecendo uma abordagem marcadamente social construtivista, isto é, em permanente processo de produção de significados e sentidos para além de sua mera materialidade aparente, embora não negue sua existência nesse processo. Na busca de clareza para a complexidade do assunto, argumenta que

a visão convencional era de que os “objetos” existem na realidade natural e material; de que seus traços palpáveis e naturais os determinam ou os constituem; e que eles possuem um sentido absolutamente claro fora do escopo em que são representados [...]. Desde a “virada cultural” nas ciências humanas e sociais, contudo, o sentido é visto como algo a ser produzido – construído – em vez de simplesmente “encontrado”⁷⁵

Sob esta ótica, portanto, ressalta que os elementos culturais não devem ser reduzidos apenas àquilo que são em sua objetividade, mas necessitam ser apreendidos

74 C.f. Serge Moscovici, *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

75 HALL, 2016: 25.

como símbolos que representam ideias e carregam sentidos no interior de uma determinada realidade geográfica e temporal. A representação, a partir deste esforço construtivista, não depende apenas da qualidade material do signo (documento), mas sobretudo da sua função simbólica, sua potência como artefato cultural de um tempo e uma territorialidade específicos.

Depositando ênfase na ligação intrínseca entre as formações discursivas válidas num certo contexto e o poder, Hall afirma que esta aliança acaba por construir identidade e definir o modo pelo qual um objeto será representado (lembrado) em sua especificidade histórica, fornecendo uma dialética da recordação e do esquecimento sobre o “sistema de representação” a ter sua imagem referenciada em cada momento. No entanto, ao pensar a esfera social como em constante mudança, as representações são aqui entendidas como o referente mais ou menos estático do que se encontra em movimento, isto é, algo que se institui num dado momento nos grandes quadros sociais, mas que não deixa de se transformar na arena de disputas e tensões entre forças sociais.

Trabalhando os estádios como representações sociais constituídas de produção de identidades, construção de memórias, valores, pensamentos, interesses, condutas, símbolos, busca-se uma abordagem dos sistemas de representações e formações discursivas esposada com aquela sintetizada e contextualizada por Hall, pois sua abordagem construtivista acerca das representações sociais contribui para melhor definir os estádios de futebol na cidade do Rio de Janeiro como espaços de representações que devem ser lidos para além de sua realidade concreta e simbólica, identificando como estes equipamentos socioculturais se relacionam com discursos hegemônicos e subalternos e, desse modo, simbolizam tensionamentos discursivos, com seus interesses e motivações estratégicas, para a representação de diferentes identidades sociais em locais históricos específicos, no interior de formações discursivas específicas, em temporalidades específicas.

No que tange aos estádios como equipamentos de forte representação semântica para seus torcedores, a utilização das categorias espaços topofílicos e topofóbicos – “topofilia”⁷⁶ criada por Tuan e sistematizada e ampliada por John Bale para abordar a

76 C.f. Yi Fu Tuan, *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

temática do futebol e seus estádios – favorecem uma melhor compreensão dessa abordagem⁷⁷.

No caso de espaços de topofilia, os estádios aparecem como espaços capazes de experiências únicas, recebendo um sentido de lar, casa, um território próximo ao nosso cotidiano, em contraste com o espaço rival, com o qual o grupo rival sente-se um intruso, um forasteiro, uma visita indesejada, estabelecendo assim a relação de identidade e da diferença entre grupos. Como espaços topofóbicos, os estádios e seu entorno são preenchidos de atributos que visam torná-lo hostil aos rivais. Essa disposição binária de lutas e conflitos simbólicos envolvendo estádios é um fenômeno comum em vários cantos do globo, mas sua concentração se dá de modo mais presente nas cidades de Buenos Aires e Londres, duas grandes capitais de forte história social no futebol onde se acumulam desde o século XIX estádios em todos os seus quadrantes, estreitando vínculos sociais com a comunidade de torcedores em sua localidade. Essa característica acaba por formar, numa única cidade, uma rede de rivalidades territoriais que se defrontam quase todas as semanas entre mandantes e visitantes, onde os donos da casa sentem-se integrados ao espaço e seus rivais, o avesso disso. Giulianotti traz em seu livro o depoimento de um torcedor do clube londrino Millwall acerca da importância do estádio para sua vida e seu vínculo afetivo:

O Millwall era nossa casa. Você não deixaria alguém entrar nela pela porta da frente sem perguntar, deixaria? Você ia querer saber o que a pessoa estava fazendo lá. O Den [estádio do clube] é a mesma coisa [...]. Nosso campo é um pequeno campo de pônei, mas nós o amamos. Tijolo por tijolo, pedra por pedra, morro por ele⁷⁸

Desse modo, o espaço público que gravita em torno destes equipamentos são apropriados pelos torcedores que ali estabelecem formas de participação regular, estabelecendo “um código de reconhecimento e comunicação entre eles”⁷⁹. Forma-se uma comunidade de sentimento, definindo seu território e, ao mesmo tempo, reforçando sua identidade social em relação ao outro. Nesse caso, os estádios se relacionam com sentimentos, emoções, senso de pertencimento, bem como conceitos e ideias. Portanto, integrado no cotidiano das pessoas, estes espaços são representados de modo a estabelecer significados afetivos e carregar um sentido de pertencimento nos planos individual e

77 C.f. John Bale, *Sports geography*. London: Routledge, 2003.

78 GIULIANOTTI apud LIGHTBOWN, 2010: 98

79 MAGNANI, 2002: 17.

coletivo. Os estádios são representados pelas palavras que são usadas a seu respeito pelos torcedores, pelas histórias ali desenroladas que são narradas de modo racional ou épico, pelas imagens que são construídas no imaginário social na sucessão do tempo histórico, através das emoções que os indivíduos e grupos associam a este espaço vivido, ou seja, por todos os valores e significados que nele são depositados por meio de sua apropriação, valorização e formação de redes de sociabilidade e pertencimento. O estádio como a casa, o lar.

Território de acolhimento (para o mesmo) e hostilidade (para o outro), os estádios aparecem na paisagem urbana como espaço de culto profano de seus aficionados e de produção de identidade e diferença em níveis diversos, sobretudo nos âmbitos nacional e local, por meio de uma linguagem comum compartilhada pelos torcedores que se tornam visíveis nos estádios em dias de jogos. Nesse processo de produção de uma identidade coletiva se percebe a maneira pela qual certas ideias, significados e sentidos são evidenciados, ao passo que outros passam por um processo de ocultamento, são silenciados, manipulados. Nos acontecimentos desenrolados nos estádios entram em cena as práticas simbólicas que constituem uma leitura das diferentes projeções e formas de representação sobre a nação ou um grupo local, num processo que não se limita apenas à esfera da esportividade, como o uso de certos símbolos, cores, canções, bandeiras, faixas. São construídos e comunicados, desse modo, significados compartilhados, formando uma comunidade de pertencimento com seus códigos culturais particulares, sem necessariamente estar associados primordialmente à ideia de nação como pilar central.

As recentes transformações pelas quais passam diversos estádios ao redor do planeta inserem-se nessa lógica mercadológica que o toma como fonte de recursos alinhado com o universo do entretenimento e dos serviços, distante das funções sociais vinculadas ao símbolo de nacionalidade de outrora, mais bem exemplificado com o aparecimento de locais que visem a trazer maior interatividade e bons lucros aos gestores destes novos espaços não somente em dias de jogos, mas inseridos numa rede de pontos turísticos a serem visitados: pontos de compra de produtos licenciados, centros de exposição e serviços diversos (como restaurantes, lanchonetes, áreas exclusivas de conforto). Por outro lado, para os torcedores menos abastados, gradativamente afastados dos estádios por sua nova configuração espacial, recodificada e alinhavada aos interesses

do mercado de consumo de serviços, resta adaptar-se ao novo cenário que se apresenta, buscando formas de rearticular suas maneiras de aproximação afetiva aos clubes.

Um outro fenômeno associado a estas transformações mais recentes está na construção ou reforma de estádios (ou, de acordo com as mais recentes denominações para os modernos estádios, arenas) por grandes marcas transnacionais que, em troca, emprestam seus nomes ao novo espaço, substituindo seus tradicionais e populares nomes, e, em muitos casos, participam da sua gestão em parceria com os clubes ou até mesmo detendo a maior parte do seu controle administrativo. Estes espaços remodelados são índices da mentalidade neoliberal de prevalência individualista e da redefinição do lugar do trabalho assalariado na sociedade pós-industrial, passando de um espaço de expressão de cidadania dos trabalhadores a um no qual prevalece a oferta de serviços que abriguem consumidores dispostos a desembolsarem altos soldos para assistir aos jogos e adquirir produtos que sustentem a “marca” do clube – termo que passou a figurar com frequência no vocabulário do futebol.

Ermínia Maricato salienta para a fórmula hegemônica de um pensamento urbanístico que se espalha pelo mundo desenvolvido nos anos 1990 e atinge seu paroxismo nas cidades do capitalismo periférico no século presente, por meio da construção de obras simbólicas, numa parceria público-privado, que visam absorver o fluxo de capitais financeiros internacionais e apresentar a cidade como vitrine de alcance planetário. De acordo com a autora, sob o argumento conceitual da “revitalização”, “reabilitação”, “revalorização”. “requalificação”, “reforma” do espaço urbano degradado, com o intuito de adaptar a cidade ao modelo exigido para os megaeventos, esse processo de renovações de equipamentos culturais e seu entorno é definido pela expressão “urbanismo do espetáculo”, cujas “operações urbanas definem os espaços que merecem tratamento diferenciado – o entorno do estádio, por exemplo”⁸⁰.

A começar pela Inglaterra sob a égide da ideologia neoliberal posta em prática por Margareth Thatcher, os estádios passam por intensas transformações após o acontecimento trágico de Hillsborough, matando quase 100 torcedores esmagados. Com o esvaziamento do modelo econômico industrial, há uma promoção de mudanças fundamentais nos estádios de futebol em diversos conteúdos, sobretudo arquitetônica e socialmente. Se os estádios eram símbolo da cultura operária, sobretudo na Inglaterra e em países com estreito

80 MARICATO, 2014:17-22,

vínculo social e histórico com o futebol, sua nova configuração – conforme argumentado por alguns autores – atendem a outros propósitos, agregando elementos do mercado consumidor que fazem desses espaços novas paisagens espetacularizadas da nova ordem capitalista⁸¹. São reformulados em sua anatomia para abrigar um novo perfil de torcedor, menos diversificado socialmente, disposto a pagar pelas altas quantias do espetáculo. As categorias segurança (o controle em novas bases), conforto e entretenimento da multidão tornam-se os pilares dessas mudanças arquitetônicas e sociais nos estádios de futebol desde os anos 1990⁸².

O estudo do monumento enquanto documento da cultural material e suas formas de representação faculta a indagação sobre as formas de organização material da sociedade, sobre o processo de apropriação do universo material pelo grupo humano, sobre as relações sociais aplicadas pela interação entre homem e meio, as estruturas e os objetos físicos, ou ainda sobre as representações coletivas que acompanham as práticas materiais. Por isso, constitui-se num relevante documento a ser mobilizado no estudo e ensino dos fenômenos sociais.

1.2.2. Os estádios como equipamentos biopolíticos

O aparecimento dos estádios na paisagem urbano-industrial coaduna-se com um momento histórico em que as segmentações sociais hierarquizadas cediam lugar ao projeto de cidadãos das sociedades nacionais. Como já vimos anteriormente pela perspectiva de Norbert Elias, esse novo movimento traz simultaneamente uma mudança em termos de estrutura de personalidade, por meio do controle das condutas sociais, a produção de cidadãos racionais, responsáveis, individualizados. Nesse ponto, como escopo a dimensão

81 C.f. John Bale, op cit; Richard Giulianotti, op cit.

82 Bem como argumentou John Bale (2000), a nova face dos estádios deve representar os três S: *safer* (mais seguros), *smaller* (menores) e *sophisticated* (sofisticados). Antes localizados em áreas densamente povoadas, criando um vínculo de pertencimento com a comunidade de torcedores, muitos os estádios têm migrado para regiões mais distantes das regiões de maior aglomeração, seguindo um modelo no estilo norte-americano. Em Londres, o recente caso do clube West Ham chama atenção para as mudanças na organização material e simbólica do espaço que circunda os estádio. Jogando no estádio Upton Park, na região de Newham, desde 1904, os dirigentes do clube decidiram mudar-se para o Estádio Olímpico, inaugurado em 2012. A partida do clube é o resultado paroxístico desse novo modelo espreado pela sociedade britânica em geral e no futebol inglês em particular, a partir do final dos anos 1980, momento a partir do qual os clubes do país mergulharam de cabeça na era da mercantilização do jogo. Ver mais em: John Bale, “The changing face of football: stadiums and communities”, in: *Soccer & Society*, v.1, 1, p.91-101.

das estratégias biopolíticas, do poder disciplinar, nos termos de Michel Foucault, vinculado ao projeto moderno, os estádios aparecem na cultura ocidental como um dos dispositivos de confinamento e controle dos corpos surgidos ao longo do século XIX, sobretudo nos locais cujos processos de estruturação das fábricas, com a circulação de mercadorias e pessoas, intensificavam o movimento expansionista das cidades.

Segundo Foucault, o contexto biopolítico não se refere mais à lógica do fazer morrer, mas sobretudo fazer viver, isto é, cuidar da população, da espécie, otimizar a vida. Gerir a vida em todas as suas dimensões, mais do que exigir a morte. Desse modo, se no regime de soberania, o poder consistia num mecanismo de supressão da vida, no regime subsequente de biopoder ele passa a funcionar na base da incitação, do reforço, da vigilância, visando a otimização das forças vitais que ele submete. Ao invés então de fazer morrer e deixar viver, trata-se de fazer viver e deixar morrer.

A consolidação desse regime biopolítico está em consonância com o desenvolvimento da sociedade capitalista industrial, que reorganiza os tempos sociais, através da artificialização da jornada de trabalho e do tempo livre, delineando assim um modelo que faz surgir espaços enquanto elementos disciplinador para aqueles grupos que cada vez mais alocavam-se nas cidades e trabalhavam nas fábricas, associando a prática de assistir aos jogos de futebol, até o final do século XIX, com uma expressão de identidade operária, com destaque para o caso inglês. Dentre esses novos espaços, os estádios modernos.

Nesse sentido, é na sociedade disciplinar diagnosticada Foucault em *Vigiar e Punir* que melhor se desenha o modo pelo qual uma nova economia do poder se espraia por todo espaço social a partir do século XVIII e que teria ressonância até meados do século XX, criando uma rede de estratégias de poder que capturem os corpos a ponto de torná-los docilizados, seja no plano individual ou no corpo inteiro da população. Foucault entende que esse período de grande acumulação do capitalismo assistiu à instauração e disseminação de uma rede de instituições de confinamento cujos mecanismos estruturam a sociedade e normatizam comportamentos de modo a tornar dóceis os indivíduos e a sancionar códigos tidos como desviantes.

Para exemplificar, Foucault evoca o *panoptismo* como a técnica moderna de dominação para definir o esquema geral da imposição de normas nos múltiplos campos da sociedade: militar, prisões, centros de reedução, escolas, hospitais, fábricas. É nessa rede

de espaços disciplinares onde as pessoas movimentam-se, em maior ou menor frequência e duração, de um lado para o outro, sendo assim instaurado um poder mais fino e constante sobre os corpos. O poder, assim, é onipresente, ele vem de toda a parte, é aquilo que se dá numa situação estratégica complexa numa dada sociedade. Para Foucault,

o momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe⁸³

Tais estratégias de poder apresentariam mecanismos que atuavam sobre os corpos, de modo a reorganizá-los, distribuí-los, hierarquizá-los em diversas funções, capturando seus cotidianos, suas disposições espaço-temporais, administrando seus ritmos de produção e de desejo, produzindo, confeccionando historicamente o cidadão disciplinado característico das sociedades no capitalismo industrial, sob o primado das relações políticas de vigilância, controle de atividades, regulação de gestos, anulação de revoltas e formulação de registros. No entanto, na contramão do que se acredita, dessas práticas objetivas de poder emergem aquilo que Foucault entende por processos de subjetivação. Nesse ponto, capilarizado de modo a cobrir o corpo social, nenhum ponto deve ser negligenciado pelo poder que visa captar o homem e discipliná-lo.

Essa época histórica, portanto, inventa novos modelos de esquadriamento social e vigilância dos corpos dos indivíduos, não tolerando mais formas tidas como brutais e sangrentas tais como os espetáculos públicos de punição. Desse modo, num cenário de novas exigências econômicas com a Revolução Industrial e da emergência de uma moral da era vitoriana na vida cotidiana, há um deslocamento nos aparatos de punição e controle dos indivíduos na sociedade capitalista, aparecendo assim os dispositivos disciplinares como respostas a estas demandas urgentes. Não por acaso, associado sobretudo ao universo racional e técnico das fábricas, os estádios surgem como uma espécie de contraparte aos esforços de energia da produção econômica, um espaço para o lazer em que seria garantida mais um espaço de controle sobre as condutas cotidianas dos trabalhadores, de modo a

83 FOUCAULT, 1999: 164.

garantir que estes não cometeriam excessos nos seus tempos de folga. Nesse sentido, os espaços do labor e do lazer caminham unidos para permitir que os trabalhadores se ocupassem com programas pouco danosos para o ritmo acelerado da produção laboral.

Roberto DaMatta, ao sugerir que os esportes, em geral, e o futebol, em particular, compartilham estreita ligação com os valores básicos do capitalismo – como o individualismo e o igualitarismo –, valores esses evidenciados de modo mais pedagógico a partir da construção dos estádios modernos, argumenta que

O esporte de massa ajudou a disciplinar o trabalhador e o trabalho. Ajudou a discernir melhor o tempo, pois no futebol joga-se também contra o tempo... Fez com que entendesse que vencer e perder eram as duas faces de uma mesma moeda. Com isso, internaliza-se normas individualistas de conduta, normas que garantiam que o mundo era dos que acreditavam que os homens tinham uma igualdade perante a lei;⁸⁴

Conforme afirmado anteriormente, se até então os estádios eram espaços privilegiados das manifestações da classe trabalhadora (masculinizada) em sua expressão de identidade e cidadania, sobretudo na Inglaterra, formando uma estreita ligação com suas comunidades locais e sedimentando uma estrutura de sentimento cujos laços sociais estiveram fortemente vinculados ao mundo do trabalho assalariado, desde os anos 1980, sob o impacto das sucessivas crises econômicas e o conseqüente arrefecimento das políticas de proteção social, incidindo nas relações sociais e no modelo de produção – os estádios, em sintonia com essas metamorfoses sociais, passam por alterações em fisionomia arquitetônica e função social, afetando no perfil dos torcedores (mais fragmentado em termos de categorias sociais) e nas suas formas de torcer e relacionar-se com os clubes⁸⁵.

A partir desse período, estes equipamentos passam a ser representados por uma ótica diversa daquela tradicionalmente associada aos lugares de produção, isto é, como caixas de ressonância da expressão de cidadania, da construção de identidades sociais de uma sociedade prevalentemente industrial, a partir destas metamorfoses nas mais variadas

84 DAMATTA, 1995: 9.

85 Nessa nova etapa sócio-histórica, o próprio modo de produção e as condições do saber, para alguns autores, teriam se alterado, e como consequência viveríamos um tipo inédito de sociedade dita pós-industrial, que determinaria novas formas de produzir e reproduzir a vida (c.f. BELL, 1977). O projeto da modernidade estaria, assim, concluído e os intelectuais competiam por uma maneira definitiva de descrever essa etapa como pós-moderna.

esferas da existência nota-se a emergência de uma lógica de estádio guiada pela oferta de serviços que aloquem consumidores.

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias; ou antes, sua dissolução no mar de mercadorias em que, para citar aquela que talvez seja a mais citada entre as muitas sugestões citáveis de Georg Simmel, os diferentes significados das coisas, “e portanto as próprias coisas, são vivenciados como imateriais”, aparecendo “num tom uniformemente monótono e cinzento” – enquanto tudo “flutua com igual gravidade específica na corrente constante do dinheiro”. A tarefa dos consumidores, e o principal motivo que os estimula a se engajar numa incessante atividade de consumo, é sair dessa invisibilidade e imaterialidade cinza e monótona, destacando-se da massa de objetos indistinguíveis “que flutuam com igual gravidade específica” e assim captar o olhar dos consumidores (blasé!)...⁸⁶

Então alinhados com a lógica de produção das fábricas e classe trabalhadoras, os estádios são atravessados pelas mudanças conjunturais do modelo socioeconômico, produzindo novos regimes de controle e atingindo sua arquitetura e perfil de público⁸⁷.

Esses espaços responderam a demandas de afirmação do poder dos Estados-nação e das estruturas produtivas de acumulação na modernidade. Contudo, na sociedade contemporânea (ou pós-moderna) assiste-se ao declínio desses mecanismo de poder. Nesse tocante, Giuseppe Cocco atesta que “não se trata mais de organizar a sociedade no

86 BAUMAN, 2008, p.20-21.

87 Cabe aqui uma observação à análise de Gaffney e Mascarenhas (2004) que, a despeito de evidenciarem as transformações na anatomia arquitetônica e nas técnicas de vigilância, fazem uma leitura dos estádios contemporâneos (ou pós-modernos, nos termos de Giulianotti) por uma chave integralmente foucaultiana dos espaços biopolíticos disciplinares, quando autores significativos da contemporaneidade, como Deleuze (2010), Agamben (2006) e Virilio (2008), já apontaram para as metamorfoses nas estratégias de controle dos indivíduos e multidões no mundo contemporâneo que problematizam a concepção vinculada ao confinamento da sociedade disciplinar de Foucault, em declínio a partir da segunda metade do século XX, acompanhada pela mutação no universo do trabalho, sua desvalorização e a consequente perda da centralidade do proletariado. Portanto, a sociedade pós-industrial presencia o esvaziamento do modelo econômico industrial – com a ascensão e consolidação da era tecnológica – e da problematização das instituições sociais da era burguesa desde o século XIX – família, igreja, hospitais, prisões.

dispositivo total da heteronomia da fábrica. Ao contrário, trata-se de ‘segurar’ a autonomia dos agenciamentos produtivos que existem dentro das redes sociais”⁸⁸.

É o aparecimento da “sociedade de controle”, de que fala Gilles Deleuze, que caracteriza os tempos contemporâneos, sucedendo a rede dos enclausuramentos disciplinares, que vigoraram ao longo do século XX, analisados por Foucault. Assegura Deleuze que “é certo que entramos na sociedade de ‘controle’, que já não são exatamente disciplinares [...]. Estamos entrando na sociedade de controle, que funciona não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea”⁸⁹. O espaço das antigas disciplinas que atuavam na duração de um sistema fechado são assim gradativamente substituídos por novas estratégias de controle, como aquele ao ar livre, contínuo e de rápida rotação, que demandam mutações na anatomia arquitetural dos espaços e na maneira de experienciá-los. É a empresa como nova forma de controle – um controle que exige uma “formação permanente” dos indivíduos – em sintonia com as mutações do capitalismo – passando do industrial ao financeiro, exigindo novas formas de agenciamento coletivo.

Por um caminho mais cético em relação àquele deleuziano, Giorgio Agamben desenvolve a ideia de que as sociedades contemporâneas, na atual fase do capitalismo, promovem incessantes processos de dessubjetivação, na contramão da formulação foucaultiana de que os dispositivos disciplinares, no limite, fabricavam processos de subjetivação em sua rede de espaços formadores de identidades concretas (homem, trabalhador, religioso, torcedor). Para Agamben, os dispositivos não mais se referem àqueles espaços entendidos por Foucault nas sociedades disciplinares, mas a qualquer coisa capaz de “capturar, orientar, determinar, interceptar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”⁹⁰. Desse modo,

as sociedades contemporâneas se apresentam assim como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não faz correspondência alguma com uma subjetivação real. Daí o eclipse da política, que pressupunha sujeitos e identidades reais (o movimento operário, a burguesia etc), e o triunfo da *oikonomia*, isto é, de uma pura atividade de governo que não mira nada mais do que a própria reprodução⁹¹

88 COCCO, 2009: 130

89 DELEUZE, 2010: 219-20

90 AGAMBEN, 2006: 21-22

91 Ibidem.

Ainda que apresente uma situação catastrófica dos dispositivos contemporâneos, em que haveria uma radical destruição da experiência, o filósofo italiano adverte para as consideráveis mudanças pelas quais as sociedades globalizadas atravessam, interferindo na dimensão prática da vida cotidiana, desacreditando na possibilidade de processos de ressubjetivação nos tempos atuais.

Já Paul Virilio se destaca como um dos autores referências que não param de analisar as transformações experimentadas pelo mundo globalizado por meio da emergência da sociedade tecnologizada, caracterizada pela imediatividade dos meios de comunicação, que produz interferências no papel da arquitetura e nas ideias de espaço e democracia, cada vez mais em sintonia com a produção e difusão das imagens e informações, colocando em xeque o espaço público nos moldes clássicos de modo a redefinir uma nova realidade coletiva: é a proliferação das telas que assume uma forma de imagem pública asséptica, desmaterializando o espaço em detrimento da existência do tempo. Nessa cidade-mundo dependente das teletecnologias é que Virilio irá se interrogar sobre as consequências da drástica redução das escalas tradicionais de escala-tempo: o esvaziamento de cidades operárias, na medida em que vive-se os efeitos de uma economia multinacional, reorganizando assim a morfologia urbana. Dessa maneira, argumenta que

atualmente, a abolição das distâncias de tempo operada pelos diversos meios de comunicação e telecomunicação resultou em uma confusão cujos efeitos (diretos e indiretos) são sofridos pela imagem da cidade, efeitos de torção e distorção iconológicas cujas referências mais fundamentais desaparecem uma após as outras: referências simbólicas e históricas, com o declínio da centralidade, da axialidade urbanas; referências arquitetônicas, com a perda de significado dos equipamentos industriais, dos monumentos, mas, sobretudo, referências geométricas, com a desvalorização do antigo recorte, da antiga repartição das dimensões físicas⁹²

Nesse contexto de crise generalizada das outrora sólidas instituições modernas, pode-se depreender que os estádios de futebol igualmente seguiriam tais mutações em sua forma de existência e funções sociais. Nos dias atuais, estes equipamentos não estão mais necessariamente identificados ao mundo do trabalho e sua tarefa de disciplinar os corpos utilitários de acordo com os preceitos racionalizantes de uma economia industrial, mas

92 VIRILIO, 2008: 22

sobretudo ao universo do entretenimento e do capital financeiro. Com efeito, estes espaços passam paralelamente por transformações que seguem esta tendência do declínio no universo do trabalho. Suas formas arquiteturais e funções sociais devem cumprir a tarefa de atender a um novo tipo de público: no lugar dos torcedores vinculados ao mundo do proletariado que reforçam suas identidades sociais e expressam suas formas de cidadania, um espaço de rigidez do tempo controlado das atividades dos trabalhadores, a nova dinâmica dos estádios insere-se no mercado global do turismo e das empresas multinacionais, supracitada pela imagem do turista de Bauman que não se fixa territorialmente, servindo como espaço de entretenimento a um público que, a partir da metade do século XX, vivencia um aumento considerável do tempo livre.

Assiste-se, assim, a um extraordinário crescimento dos métodos de controle e vigilância máxima – reflexo da militarização do espaço contemporâneo conforme Virilio – realizada por dispositivos tecnológicos capazes de captar os movimentos mínimos dos indivíduos dispostos como moléculas fragmentadas em seus assentos. As demandas pela vigilância dos indivíduos ganham novos contornos: os dispositivos de vigilância, mais avançados em termos de tecnologia, desempenham de modo mais meticuloso o controle dos corpos, especialmente através de câmeras de vigilância. Assim, ganha vida uma arquitetura mais frágil, sem o peso material durável dos monumentos do passado e os traços singulares de seus idealizadores, privilegiando-se mais uma estética voltada para o consumo do que para sua durabilidade funcional.

Essa nova anatomia dos estádios em tempos de ideário neoliberal entram no circuito de empreendimentos turísticos da cidade pós-moderna, cujo objetivo está em permitir que torcedores e turistas possam não apenas vivenciar a experiência das partidas, mas sobretudo consumir serviços e outras atrações no interior de uma arquitetura renovada em suas ideias, agora sob a lógica de uma estética antenada com os avanços tecnológicos e do lucro com seus diversos serviços. Esse movimento é também abordado por Andreas Huyssen, um dos pesquisadores que procuram analisar esse fenômeno da arquitetura como espaço de consumo na cultura da cidade global:

O discurso atual da cidade como imagem é o dos “pais da cidade”, empreendedores e políticos que tentam aumentar a receita com turismo de massa, convenções e aluguel de espaços comerciais. O que é central para esse novo tipo de política urbana são os espaços estéticos para

consumo cultural, megastores e megaeventos musicos, festivais e espetáculos de todo tipo, todos tentando atrair novos tipos de turista⁹³

Ainda que esse modelo de estádio apresente sua manifestação ubíqua, alcançando locais com realidades socioculturais diversas e reforçando a busca por um padrão distante daquele que motivou os ideais e valores de estádio no século anterior, é igualmente relevante salientar que todo processo estruturante traz como corolário o seu avesso. Nesse ponto, a partir das impressões e posturas existenciais transgressoras de Pasolini, para quem os valores da Itália estavam ainda erguidos sobre as ruínas do fascismo que promoviam um “genocídio cultural”, Didi-Huberman defende a sobrevivência da experiência por meio da imagem metafórica dos vaga-lumes, que representariam as diversas formas de resistência da cultura, do pensamento e do corpo diante das luzes ofuscantes do poder da política, da mídia e da mercadoria no espaço da superexposição da sociedade do espetáculo.

O olhar apocalíptico de Agamben, segundo a qual “o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência”, que “o dia a dia do homem contemporâneo não contém quase nada que seja ainda traduzível em experiência”⁹⁴, constitui um dos eixos da discussão estabelecida por Didi-Huberman, para quem ainda é possível pensar na multiplicidade de experiências no mundo contemporâneo. Com isso, o autor contrapõe a tese da destruição total e da perda experiência no tempo presente com uma espécie de “política da sobrevivência”, cujos termos se colocam não através de uma resposta redentora, mas no plano reflexão antropológica das potências das sobrevivências, com seus efeitos histórico e político:

As sobrevivências não prometem nenhuma ressurreição (haveria algum sentido em esperar de um fantasma que ele ressuscite?). Elas são apenas lampejos passeando nas trevas, em nenhum caso o acontecimento de uma grande “luz de toda luz”. Porque elas nos ensinam que a destruição nunca é absoluta – mesmo que fosse ela contínua –, as sobrevivências nos dispensam justamente da crença de que uma “última” revelação ou uma salvação “final” sejam necessárias à nossa liberdade⁹⁵

Com efeito, a ampliação da leitura foucaultiana que Agamben realiza dos dispositivos não dá margem para o aparecimento das resistências, como não se não houvesse escapatório ao poder. Por mais que Foucault tenha sido taxativo em sua

93 HUYSSSEN, 2004: 91

94 AGAMBEN, 2014: 21-22

95 DIDI-HUBERMAN, 2011: 84

afirmação de que o poder é onipresente, a resistência não é descartada. Ele vai argumentar que “lá onde há poder há resistência” e ela aparece como uma força opositora dos mecanismos de assujeitamentos dos dispositivos de confinamento, uma saída para novas configurações das relações de poder. No entanto, Foucault argumenta que a resistência não aparece em termos de grandes binarismos fixos, mas por meio da disseminação no tempo e no espaço de múltiplos pontos de resistências que “representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder”⁹⁶.

Antonio Negri, por seu turno, demonstra a maneira como Deleuze ampliou as discussões de Foucault acerca dos dispositivos, argumentando que, para o primeiro, “o dispositivo é uma operação não epistemológica, mas também ontológica, que reconstrói o real a partir de baixo, em situação, segundo uma pragmática orientada”⁹⁷. Já em *Império*, escrito ao lado de Hardt, a percepção é de que resistência é sempre uma prévia do poder, que reage aos impulsos vitais de resistência da multidão para então criar novas estratégias de controle.

Cuando interviene el gobierno imperial, selecciona a los impulsos liberadores de la multitud a fin de destruirlos, y en respuesta es empujado hacia delante por la resistencia. Las investiduras reales del Imperio y todas sus iniciativas políticas son construidas de acuerdo con el ritmo de los actos de resistencia que constituyen el ser de la multitud. En otras palabras, la efectividad de los procedimientos regulatorios y represivos del Imperio debe ser seguida hacia atrás hasta la acción constitutiva, virtual, de la multitud. En el preciso momento en que se alza, cae. Cada acción imperial es un rebote de la resistencia de la multitud, que coloca un nuevo obstáculo que la multitud debe superar⁹⁸

Desse modo, na medida em que o poder parece tomar de assalto todos os elementos da vida social, surgem paradoxos que, em vez de meras padronizações unificadoras, consagram a pluralidade e as singularizações não domesticáveis da existência. Na esteira desse pensamento que reforça a ideia de uma vitalidade multitudinária, Peter Pal Pelbart retoma a linhagem das contra-narrativas do poder elaboradas por Negri e Hardt para afirmar que

96 FOUCAULT, 1977: 91

97 NEGRI, 2016: 101

98 NEGRI & HARDT, 2000: 318

a lógica imperial do pós-moderno, com seu espaço liso e desterritorializante, removeu os últimos obstáculos para a subsunção real e total da sociedade ao capital. Foram varridos com isso os Estados-nação, a separação público/privado, a sociedade civil, instituições com função de mediação, e como nunca o bios social foi sequestrado. Mas, com isto, ao mesmo tempo, essa lógica pôs a nu as sinergias de vida, os poderes virtuais da multidão, o poder ontológico da atividade de seus corpos e mentes, a força coletiva de seu desejo, e por conseguinte a possibilidade real de ela apropriar-se dessa sua potência⁹⁹.

Para Pelbart, assim, o poder sobre a vida e as potências da vida são como o avesso um do outro, em pontos equidistantes. Diante deste cenário, Pelbart argumenta que, quando parece estar “tudo dominado”, a vida revela sua “positividade indomável”. Ou seja, se o poder é exercido sobre a vida (biopoder), também recebe como resposta a biopotência (a potência da vida). Ambas as instâncias coexistem. Nesse sentido, a potência é imanente às condições do poder. O autor observa que as modalidades de resistências inventam-se nos mais diversos domínios do social, mobilizando o corpo e o pensamento, produzindo novas subjetividades. Com efeito, no solo onde se erguem as redes de dominação – o estádio – é o mesmo onde floresce o movimento de revitalização promovida pelos enfrentamentos e resistências torcedoras.

Desse modo, entendemos que os estádios de futebol são esferas que possibilitam a produção (e ao mesmo tempo são produtos) de inter-relações e a circulação de outros modos de existência. Exemplificando o que fora exposto até então, pode-se afirmar que existe de fato uma ação dos agentes competentes pelo enquadramento comportamental dos torcedores intramuros; no entanto, tais alterações nos códigos comportamentais dos torcedores e a transformação dos estádios em espaços ascéticos não implicariam numa posição integralmente passiva aos olhos dos torcedores mais tradicionais em sua busca pelas vivências sociais relativas ao modo de ser e estar nos estádios de futebol.

O caso mais emblemático de insatisfação dos torcedores com o componente excludente desse modelo aconteceu com antigos torcedores do Manchester United que, indignados com a perda da experiência rotineira de assistir in loco aos jogos do clube em Old Trafford, resolveram formar um novo clube: o United of Manchester. Fundado em 2005, o clube atualmente possui seu estádio e cada vez mais atrai novos torcedores, que

99 PELBART, 2003, p. 85

podem torcer de uma forma diversa daquela imposta pelo modelo após as reformulações pagando preços mais acessíveis.

No Brasil, podemos apontar um fenômeno que alvorece nesse século: o das torcidas únicas nos estádios públicos repaginados e outros construídos pelos clubes, sobretudo em São Paulo e Minas Gerais¹⁰⁰. Quando o poder público cria mecanismos de controle total para as manifestações coletivas, em nome da segurança e do bem comum, as torcidas abrem suas fendas para reafirmar sua vitalidade e potência, como podemos perceber nas recentes manifestações das torcidas em suas novas dinâmicas de práticas coletivas, como na ocupação de aeroportos para receber jogadores e equipes, nos corredores humanos que abraçam os ônibus dos clubes nas cercanias dos estádios, nos incentivos às equipes nos estádios na véspera de grandes jogos, quando então portam todos os materiais proibidos e realizam uma festa cada vez mais restrita em jogos oficiais, seja pela panaceia da segurança, seja pelo aumento no valor dos ingressos. São formas assumidas de uma postura política contra o assujeitamento nos estádios direcionado pelos preceitos mercadológicos.

Historicamente, portanto, não cansamos de assistir aos modos como as torcidas inventam e reinventam suas práticas e modos de torcer nos estádios de futebol, desafiando os mecanismos de controle que almejam a padronização de uma pedagogia torcedora. Desde os torcedores menos abastados que, do lado de fora dos estádios (nos morros, casas, árvores) assistiam aos jogos cujos espectadores intramuros eram formados pelos mais abastados, passando pelas formações organizadas que, a despeito do controle dos órgãos estatais, criaram suas linhas de fuga para promover modelos de torcer mais potentes, festivos, espetaculares (com fogos, bandeiras, instrumentos musicais, fantasias), sobretudo a partir dos efervescentes anos 1960 da contracultura, até os desafios contemporâneos de se reinventar num espaço premido pela lógica empresarial, do entretenimento, que visa atrair um perfil de consumidor.

100 A final do Campeonato Paulista de 2018, disputada entre Palmeiras e Corinthians, foi a primeira em toda a história a contar com torcida única (do mandante) em cada partida. A medida foi implementada, em conjunto, pelo Ministério Público, a Secretaria de Segurança Pública e a Federação Paulista de Futebol, em abril de 2016. Mais em: *Folha de São Paulo*, 30 mar. 2018, Esportes. Disponível em: <https://www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/03/30/> Acesso em 12 ago.2018.



Figura 1. Muralha amarela, 2012. A famosa muralha amarela, parte do estádio formada por torcedores do Borussia Dortmund, que nos jogos do campeonato alemão torcem de uma maneira menos controlada e asséptica, podendo assistir às partidas de pé e com bandeiras e bebidas. Foto: Gary Calton/ The Guardian.

A torcida nos estádios, enquanto um corpo coletivo premido de potência, reage aos processos de adestramento civilizatório que não cessam de se abater sobre ela, aquilo que Norbert Elias descreveu, em nome da civilização, como um progressivo silenciamento do corpo, dos seus ruídos, impulsos, movimentos. Assim como também busca novas alternativas à docilização do tecido biopolítico imposta pelo confinamento disciplinar da máquina panóptica, como demonstrou Foucault, e das tecnologias de controle indicadas por Deleuze como sintoma da sociedade contemporânea e seu reino mercantil. Esses mecanismos biopolíticos não deixam se fazer seus estragos nos corpos e espíritos de cada um, afetando a dimensão da experiência a partir de uma fratura radical, como pensa Agamben.

Contudo, tal como um aglomerado de vaga-lumes em sua luta pela sobrevivência contra a redução das diferenças, os grupos de torcedores incessantemente lançam-se na instituição de um poder constituinte na realidade que se impõe nos estádios de todo o mundo, forjando novos modos vivenciais. Suas ações criativas de luta demonstram o modo pelo qual, conforme argumentam Negri & Hardt, a resistência da multidão hoje ganha

contornos múltiplos, voluntários, maleáveis, distantes daquelas formas organizacionais mais institucionalizadas, que escapam incessantemente da expansão da racionalidade esquematizada de gestão dos corpos em ato.

1.3. A MEMÓRIA ENQUANTO UM CAMPO DE TENSÕES (E REPRESENTAÇÕES) SOCIAIS

Nos últimos anos, a memória tem sido objeto de debates nos meios acadêmicos, nas instituições sociais e uma preocupação dos grupos voltados para políticas públicas. Entre as ciências sociais, a primeira formulação sistemática de um conceito de memória coletiva remonta à obra de Maurice Halbwachs. Suas formulações, que se encontram na encruzilhada com o pensamento bergsoniano, são tributárias da concepção durkheimiana de sociedade, que permitiu ao primeiro estabelecer a memória como o próprio nexo da coesão social, exemplificado na imagem da orquestra sinfônica o aspecto integrado e normativo da memória. Hoje, a memória se encontra num campo de tensionamentos que coloca em cena uma pluralidade de visões de mundo.

1.3.1. Maurice Halbwachs e a memória coletiva

Acerca das distinções das formas de memórias, podemos identificar a memória individual, aquela que convencionalmente refere-se a categorias psicologizantes que dizem respeito ao armazenamento e conservação de conteúdos informacionais e lembranças, bem como gravar conteúdos de percepção que se transformam em ação, tal como fora abordado nos trabalhos de Henri Bergson (1999). Todavia, contrapondo-se à tese de Bergson da existência de uma “memória-pura”, Halbwachs distancia-se do pano de fundo psicológico que constitui a memória individual, pois compreende que esse tipo de memória só seria possível através da tecitura promovida pelas várias memórias que compõem a realidade social do indivíduo. Nesse ponto, designa a memória como um elemento social fundamental da identidade de um lugar e dos grupos, ou seja, focaliza sua dimensão social e histórica, cuja função primordial é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo com base num passado coletivo comum.

As contribuições iniciais Halbwachs ainda ressoam com grande atualidade, sobretudo sua premissa de que os grupos sociais desenvolvem uma memória do seu

próprio passado coletivo e que este processo é o elemento primordial para a manutenção de um sentimento de identidade que permite identificar o grupo e distingui-lo dos demais (diferença). A memória social se refere à ordem do vivido, quando se mantém algo do passado na consciência do grupo no presente; assim, a memória social constitui-se através das experiências de participação e aciona seu compartilhamento pelos grupos sociais em busca de um passado comum. Contra a ideia de um atomismo social extremo, Halbwachs parece responder com um organicismo totalizante, mantendo a sociedade como uma unidade. No entanto, a forma pela qual organiza seu conceito de memória coletiva nos leva a conceber que tanto a memória como a identidade seriam apreensíveis como sistemas estáticos e coerentes de valores que permitem manter e solidificar os laços afetivos existentes entre os membros de um grupo, material e mentalmente identificado no espaço e no tempo.

Quando a memória social não consegue mais se sustentar por si só na consciência dos grupos – resultando em seu esvaziamento em detrimento de uma outra forma de memória compartilhada em novas formações grupais – esta transmuta-se em memória histórica, agora expressa e sedimentada em registros textuais, com o documento como suporte, celebrando a continuidade das transformações consagradas para as gerações futuras. Em suas palavras,

quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhe são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem¹⁰¹.

A partir de sua perspectiva, podemos afirmar que a memória histórica é aquela que tem compromisso com a veracidade dos fatos lembrados através dos registros, ao contrário da memória coletiva, que se baseia nas recordações múltiplas e vivas, comunicadas predominantemente pela oralidade. A distinção elaborada por Halbwachs, segundo os dizeres de Jean Duvignaud no prefácio de *A memória coletiva*, afirma que a memória histórica “supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e

101 HALBWACHS, 2003: 80-81

projetada no passado reinventado” enquanto que a memória coletiva é “aquela que recompõe magicamente o passado”¹⁰².

É este arcabouço arquivístico formado após o esvaimento de um determinado tipo de memória social que cede espaço a outras formas de memória compartilhada e vivida que a memória histórica entra em cena para preservar a memória dos lugares e dos grupos sociais. Houve, por parte dos estados nacionais e seus ideólogos (escritores, intelectuais, artistas), um explícito objetivo de forjar uma memória nacional, mediante a seleção daquilo o que deve ser recordado e ser esquecido.

O crescimento da importância social (e política) das representações sobre o passado foi acompanhado por estas duas consequências simultâneas: a produção de conhecimentos comprováveis (a história como saber) e a sua difusão com a finalidade de se fundar e, sobretudo, refundar a memória histórica¹⁰³

Nesse sentido, segundo Pierre Nora e suas preocupações históricas com o tema da memória a partir dos anos 1970, as aceleradas transformações sociais, culturais, políticas, econômicas na modernidade, sobretudo a partir do século XIX, impeliram indivíduos, grupos e estados a procurarem no passado sua legitimação. Sua abordagem, às vezes nostálgica das vidas tradicionais comunitárias, é a de que, nas sociedades pós-guerra, a memória dos grupos surge apenas como um momento transitório na dinâmica das mudanças sociais, que fez desaparecer a memória no interior da aceleração da história. Vive-se, portanto, uma hipertrofia da memória.

Com a perda de referências grandiloquentes, Nora lamenta o fato de que “tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história”¹⁰⁴. Nesse contexto de aceleração contemporânea, Nora entende que vive-se um momento, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, de assegurar que traços e vestígios como meio de combater a devastação desintegradora da velocidade dos tempos pós-modernos. Na sociedade da globalização, da massificação, da midiaticização, o efeito da aceleração promove uma ruptura com o passado e com o campo da experiência, fazendo desaparecer as “sociedades-memórias”.

102 DUVIGNAUD, op. cit: 13

103 CATROGA, 2015:74

104 NORA, 1993: 14

Dessa maneira, na era das sociedades nacionais democráticas, o Estado aplicaria estratégias para ocupar o vácuo das memórias espontâneas dos grupos, preenchendo com os “lugares de memórias”, uma forma deliberada e de memória oficial triunfante, impondo uma nova relação dos indivíduos com a memória. Esse movimento de aceleração do tempo e as mudanças nos ambientes sociais revelam duas coisas: uma clara separação entre os tempos sociais (passado, presente e futuro) e a implicação evidente de que a memória sempre tem a ver com escolhas e interesses do presente.

1.3.2. A memória como elemento processual

Após os apontamentos de Halbwachs, foi somente décadas depois que as ciências sociais voltaram suas atenções para a memória enquanto objeto de estudo. Nos dias de hoje, a ideia de sociedade é a de fragmentação, do conflito, e não aquela da relativa harmonização social. A despeito de ser correta a ideia proposta por Halbwachs de que a memória é constituída dentro do grupo, autores contemporâneos ressaltam a dimensão de negociação e de conflito inerente a todo o processo de análise da construção mnemônica, substituindo uma ênfase analítica da memória como elemento de coesão dos grupos por outra baseada nos antagonismos e no carácter relacional da memória e do esquecimento.

Nesse cenário, cabe destacar que o presentismo aparece como novo regime de historicidade e de tempo social que indicaria a crise no futuro na contemporaneidade. As transformações sociais e a contestação do historicismo questionam as categorias que até então norteavam a ideia de modernidade (evolução, progresso, acumulação, previsibilidade) passam por problematizações e desconstrução a partir de eventos históricos como o maio de 1968, a crise do petróleo de 1973, a queda do Muro do Berlim, o fim da União Soviética. Chega-se mesmo a afirmar vive-se numa sociedade pós-moderna, em que se instala um mal-estar provocado pela produção massiva de passados artificiais e um sentimento de descontinuidade, pluralidade e perda de sentido em relação ao tempo histórico linear e vazio da modernidade. Os movimentos turísticos do presente, com sua reprodução incessante do efêmero no eterno presente, são expressões das novas relações entre tempo e memória, no qual cada momento é também o esquecimento do instante que o precedeu.

Por outro lado, Henry Rousso assevera que a ideia de memória é configura-se como um antídoto ao presentismo, isto é, da ideia de uma história imediata, haja vista que um dos elementos-chave da memória é duração. Rousso destaca que a desconstrução de uma leitura linear da história e a valorização das idas e vindas, da presença do passado no presente e do presente no passado exige o trabalho em duas frentes: “a da história e a da memória, a de um presente que não quer passar, a de um passado que volta para assombrar o presente, sendo a distinção entre as duas por vezes indisfarçável”¹⁰⁵. Assim, entende-se que pensamento contemporâneo não mais concebe a memória como um depósito que acumula fatos do passado, mas como uma pluralidade de funções inter-relacionadas, uma rede de relações de atividades que se entrecruzam, cujo passado nunca se encontra tal como foi, mas sendo permanentemente selecionado, filtrado, reestruturado de acordo com os interesses e questionamentos do presente.

Efetivamente, assim como toda a dinâmica processual decorrente das disputas conflitantes, as lutas pela dominação político-ideológica, os interesses antagônicos subjacentes à construção social do passado ocorridas no campo de forças pela hegemonia das representações da memória encontra-se ausente das análises de Halbwachs, enquanto que a visão de Nora parece demonstrar alguma amargura pela sensação de desenraizamento pós-moderno. Contudo, uma nova visão apareceria nos estudos de memória social, momento caracterizado, conforme expressão de Andreas Huyssen (2004), por um *boom da memória*, onde as narrativas que se acreditava viverem no horizonte do esquecimento assumiram, para seus produtores, um poder de sedução e uma capacidade integrativa que as colocavam acima e além da história científica e das estratégias arbitrárias do Estado.

Por essa ótica, a dimensão modulável e conflitiva da memória, seja ela individual ou coletiva, será aprofundada por décadas mais tarde por Michael Pollak ao apontar, a partir de uma chave de leitura construtivista do campo social como espaço de disputas, para o fato da construção mnemônica estar sujeita à seletividade de elementos, isto é, apenas nos lembramos daquilo que desejamos lembrar, num permanente jogo de memória

105 ROUSSO, 2016: 302. Embora sejam categorias que dialoguem estreitamente nos dias atuais, ainda assim história e memória apresentam suas autonomias epistemológicas, sem com isso colocar uma sobre a outra. Para Roger Chartier, a memória é um regime de crença “conduzida pelas exigências existenciais das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial da construção de seu ser coletivo”. Por outro lado, a operação historiográfica é regida por uma epistemologia da verdade que “se inscreve numa ordem de um saber universalmente científico” (CHARTIER, 2010: 24)

e esquecimento, de acordo com os interesses presentes acerca da imagem do passado que se busca compartilhar. Para o autor, seriam três os elementos constituintes da memória individual e coletiva: os *acontecimentos*, os *personagens*, os *lugares*. O primeiro refere-se àquele acontecimento que se desenrolou de tal forma no imaginário social que faz com que indivíduos e grupos sintam-se pertencentes a ele, podendo ser vívido pessoalmente ou “por tabela”, isto é, vividos por meio de relatos transmitidos geracionalmente que passam a conformar a identidade da pessoa e do grupo. O segundo elemento trata daquelas pessoas representativas que desempenham papel de destaque nos planos individual e coletivo, podendo igualmente ter vivido ou não no espaço-tempo daqueles que o reverenciam. Os lugares dizem respeito aos espaços – próximos ou distantes, pessoais ou públicos – carregados de dimensão simbólica.

A memória nacional, segundo Pollak, seria a forma mais acabada desse processo de estruturação da memória pela dimensão espaço-temporal. Por meio do trabalho deliberado do Estado, há uma uniformização das lembranças em padrões coletivos que visam a uma memória pública homogênea, secundarizando aquelas mais particulares de pessoas e grupos sociais, isto é, aos ideólogos do poder caberia a tarefa de organizar e sustentar, por meio da seletividade, a coesão e coerência da identidade nacional. Escolher, nesse ponto, é também uma outra palavra para esquecer, julgando o que merece ser visibilizado para a posteridade. O que constitui propriamente uma memória coletiva “não é tanto o caráter comum dos seus conteúdos, mas o fato de que estes sejam o produto de uma interação social, de uma comunicação que tenha a capacidade de escolher o que é importante e significativo no passado, em relação aos interesses e à identidade dos membros de um grupo¹⁰⁶.

Contudo, ressaltando o caráter dialógico entre vários agentes sociais apontado por Pollak, essa formalização da memória é problematizada no período contemporâneo pelo surgimento das memórias paralelas, com suas demandas particulares e busca por outros caminhos de identificação. Desse modo, há uma tentativa de rompimento com os discursos históricos hegemônicos que constituem a memória oficial, possibilitando que a historiografia seja preenchida pelas lembranças e reivindicações identitárias dos marginalizados e silenciados, denominadas de *memórias subterrâneas*, promovendo assim uma arena de forças antagônicas com diversas versões do passado e suas formas de

106 JEDLOWSKI, 2003: 225-226.

representação. Esse fenômeno mais contemporâneo ressalta a constante transformação da memória social por meio das relações conflituosas em vários âmbitos (local, regional, nacional, global). Neste tocante,

qualquer estudo sobre memória social em contextos contemporâneos deve debruçar-se sobre a forma como as memórias de grupos subalternos se relacionam com a representação dominante/oficial do passado, quer essa relação seja de contraste absoluto, quer seja de forte similitude¹⁰⁷

A multiplicação dos relatos de violência (física e simbólica) e a emergência de narrativas memoriais que se colocam nas antípodas da oficialidade, particularmente durante a sucessão de gerações, assumiam liberdades estranhas à historiografia acadêmica, ao passo em que as memórias “vivas por tabela” submetiam o passado a um processo de ruído criativo, aberto a uma cultura do presente em que, muitas vezes, a memória tornava-se ação política de reparação e reconhecimento das injustiças de gerações passadas¹⁰⁸.

Estas verdadeiras batalhas pela memória, com suas disputas narrativas no espaço público, atestam para a mudança paradigmática do regime memorial nas sociedades contemporâneas. No caso da Argentina, por exemplo, novas formas de memória política emergem com maior evidência após o fim da ditadura militar no país, em meados da década de 1980, como no caso da organização de grupos, exemplificado pelas Madres de la Plaza de Mayo. Nesse contexto,

surgieron nuevos actores, organismos de derechos humanos, comisiones de verdad y de justicia, testigos, testimonios, agrupamientos de familiares de víctimas, sobrevivientes y también nuevas formas de expresión de la memoria política, en la escena cultural, el sector editorial, los medios de comunicación, el cine, los centros de memoria, los homenajes. La memoria política se tornaba un tema de debate y de confrontación, especialmente en las transiciones en el Cono Sur. Estimamos que por esta razón, los estudios sobre memoria política se concentraron principalmente en la institucionalización que iban adquiriendo estas memorias subterráneas, en términos de la constitución de nuevos actores y de nuevos soportes de memorias¹⁰⁹

A emergência destas memórias subterráneas indicadas por Pollak ficam sob a responsabilidade daqueles que Elizabeth Jelin (2002) denominou de “agentes da memória”,

107 PERALTA, 2007: 14

108 POLLAK, 1992: 202

109 LIFSCHITZ & GRISALES, 2012

aquelas personagens (individuais e coletivas) que desempenham um papel decisivo no aspecto de organização e construção de estratégias políticas e discursivas sobre a memória em questão diante do Estado e de diversos atores sociais (sociedade civil, ONG's, outros coletivos etc). O sentimento de injustiça coletivamente sofrida, no presente ou no passado, provoca nos membros dos grupos atingidos um forte sentimento de solidariedade.

Em suma, a memória social não deve ser encarada apenas como sendo determinada, manipulada e coercitivamente imposta por representações de poderes que narram uma versão monolítica do passado. Uma vez que ela não funciona somente com informações objetivas e imparciais, mas trabalha com atributos (sensações, sons, imagens, etc.) que carregam significados individuais e coletivos, torna-se problemática a tese de sua homogeneização. Desse modo, considera-se que a construção social do passado e do futuro se estabelece por relações de poder e de dominação, levando em conta a pluralidade de atores com suas narrativas e de forças sociais que contribuem para a formulação de discursos que desafiam a oficialidade. Nesse cenário, a condição da pós-modernidade evidencia que os indivíduos podem pertencer a uma multiplicidade de grupos e de identidades (ou identificações) e que, portanto, as suas memórias são trabalhadas de forma dinâmica, conflitual, seletiva e dialógica, não se limitando à modelação verticalizante de um grupo exclusivo.



Figura 2. Memórias traumáticas da II Guerra Mundial. Torcedores do clube polonês Legia Varsovia, em partida pelas eliminatórias da Uefa Champions League da temporada 2017/2018, exibem um mosaico em homenagem ao acontecimento histórico conhecido como “Levante de Varsóvia”, em 1944, ilustrando as cicatrizes na memória coletiva dos poloneses com a impactante frase: “durante o Levante de Varsóvia, alemães assassinaram 160 mil pessoas, sendo que milhares delas eram crianças”, mosaico acompanhado por uma representação de um nazista apontando uma arma para a cabeça de uma criança. Foto: EPA Photo, 2017.

Por esse ângulo, pensando na incumbência do historiador décadas antes da emergência do fenômeno da explosão de memórias na cena pública, Walter Benjamin (1993) acredita que escrever a história dos vencidos, uma história feita a *contrapelo*, deve se impor como uma tarefa ética e política sobre a história oficial triunfante. Para realizar esse exercício de redenção dos oprimidos, caberia ao trabalho de memória “despertar no passado as centelhas da esperança”, em vez de articular o passado “como ele de fato foi”¹¹⁰. Isto é, fazer emergir as esperanças, inscrevendo no presente o apelo por um futuro diferente daquele que não tem cessado de vencer em suas atualizações: o da cultura dominante.

A definição dos conteúdos da memória social, na sociedade do tempo presente, se coloca como uma arena de conflitos na qual as visões plurais de mundo lutam pela elaboração de suas narrativas. No entanto, ainda que vislumbremos o caráter fragmentário

110 BENJAMIN, 1993: 224.

das memórias, duas atitudes filosóficas, políticas, sociais, culturais – iminentemente modernas e em escalas variadas ao longo do tempo – parecem presentes em vários cenários, ainda que de modo não totalizante: a esperança no progresso e o lamento nostálgico.

1.3.3. Idealização e crítica do passado (nostalgia) e do futuro (progresso)

Svetlana Boym afirmou certa vez que “a nostalgia e o progresso são como Jekyll e Hyde: alter egos”¹¹¹. Estas duas categorias sociais, que para Boym duplicam e espelham imagens um do outro, apareceram com maior força social a partir do século XVIII, ou seja, junto à construção da ideia de modernidade. No âmbito cultural, o livro de Joan DeJean aborda a querela que se deu na França no século XVIII entre os partidários de dois grupos: os Antigos e Modernos. Esta talvez tenha sido primeira batalha declarada entre as duas facções, que ocorreu nas duas últimas décadas do século XVII e as iniciais do XVIII na França e baseou-se, principalmente, em disputas no campo literário. A autora associa esse momento ao aparecimento da esfera pública, e defende que “a república das letras abriu-se ao debate popular pela primeira vez na França como resultado de um ímpeto de *fin de siècle*”¹¹². Desta forma, a cultura pública já tivera lugar antes do Iluminismo e foi na sua origem, tanto na esfera literária quanto na política, um fenômeno francês.

Quanto à ascensão do conceito de progresso, no campo historiográfico, podemos realizar sua genealogia vinculada a uma mudança de perspectiva da experiência temporal. Se o conceito antigo de história dirigia-se ao passado, circunscrevendo um limite das experiências possíveis, ensinando aos homens do presente como agir, com o conceito moderno de história é o futuro que passa a orientar as ações do presente. A busca pelo progresso, tão característica das sociedades modernas, fundamenta-se nessa compreensão da história como um processo cuja realização plena dá-se somente em um futuro redentor, no qual a humanidade enfim se realizaria completamente. O presente, nessa concepção, é entendido como uma contínua transição para um futuro melhor. Daí as diversas ideologias políticas dos séculos XIX e XX que apelavam a esse futuro redentor como justificativa para suas ações, por mais bárbaras que parecessem.

111 BOYM, 2001: 16.

112 DEJEAN, 2005: 71.

Para enfrentar essas questões, as categorias “espaço de experiência” e “horizonte de expectativas” foram sugeridas por Reinhart Koselleck como metaconceitos capazes de ajudar na compreensão de algumas transformações significativas ocorridas no período entre 1750 e 1850. O argumento central de Koselleck é o de que as mudanças na relação entre experiência e expectativa estão na base das importantes transformações conceituais da modernidade, ao entrelaçarem passado e futuro e assim serem capazes de explicar as mudanças ocorridas nos aspectos da realidade na modernidade, com a mudança no sentido da história do passado para o futuro. A experiência do tempo só é possível por meio da articulação entre experiência vivida – o presente dos fatos passados, compreendido como o espaço da memória – e expectativa – o presente dos fatos futuros, compreendido como horizonte. Diz Koselleck que “experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro”¹¹³.

Koselleck argumenta que teria ocorrido no mundo ocidental, especialmente com a filosofia iluminista em meados do século XVIII, uma mudança nos modos de articular experiência e expectativa, uma vez que o conceito de progresso passa a contemplar todas as esferas da vida humana e ser entendido como uma categoria crucial para a compreensão da realidade humana, por implicar um sentido linear e ascendente do processo histórico. Para o autor,

a sociedade burguesa que se desenvolveu no século XVIII entendia-se como um mundo novo: reclamava intelectualmente o mundo inteiro e negava o mundo antigo. Cresceu a partir do espaço político europeu e, na medida em que se desligava dele, desenvolveu uma filosofia do progresso que correspondia a esse processo. O sujeito desta filosofia era a humanidade inteira que, unificada e pacificada pelo centro europeu, deveria ser conduzida em direção a um futuro melhor¹¹⁴

Na era moderna, conforme explica o autor, haveria um alargamento entre experiência vivida (o presente dos fatos passados) e expectativa (o presente dos fatos futuros). Essa transformação teria implicado, com efeito, na forma de experimentar o tempo e de um novo modo de conceber a natureza humana (não mais percebíveis como imutáveis). Koselleck atesta que “a diferença entre experiência e expectativa aumenta progressivamente, ou melhor, só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a

113 KOSELLECK, 2006: 308.

114 KOSELLECK, 1999: 10.

partir do momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então”¹¹⁵. Com isso, a ideia de progresso se generaliza, exprimindo a nova condição do homem como produtor do seu próprio futuro e, assim, caminhando na direção da perfeição futura.

Enquanto a experiência do tempo era condicionada pelos ciclos naturais e pela ideia de natureza humana estável, o futuro era percebido como a repetição de um passado que serviria de modelo para uma boa conduta. O passado percebido como exemplaridade. Com o processo de historicização da ideia de tempo, vinculada com a filosofia iluminista, fez com que o tempo passasse a ser percebido como um processo contínuo e linear. O progresso, nesse sentido, se torna um conceito-chave, a condição primordial para que passado e futuro jamais coincidam.

Se há ainda uma lição da história, ela vem do futuro e não mais do passado. Ela está em um futuro que se deve fazer surgir como ruptura com o passado, pelo menos como algo diferente dele, enquanto a *historia magistra* repousava na ideia de que o futuro, se não repetia exatamente o passado, pelo menos não o excedia nunca¹¹⁶

Com o regime moderno, o futuro se abre como espaço do novo, do inaudito, e o horizonte de expectativas deixa de ser compreendido como repetição de padrões do passado. A produção de uma crescente assimetria entre essas categorias fez com que as expectativas em relação ao futuro se desvinculassem de tudo quanto as experiências do passado tinham sido capazes de oferecer aos homens. O conceito moderno de História vai dar forma, assim, a uma experiência moderna do tempo, que será entendido então como uma contínua transição rumo a um futuro diferente do presente e melhor que esse presente. O progresso designa um melhoramento contínuo da humanidade no tempo.

Numa chave filosófica, Paolo Rossi nos demonstrou que a ideia de progresso esteve ligada à esperança de que os novos séculos, sobretudo a partir do período renascentista, trariam novidades extraordinárias, potencializando a evolução das civilizações por meio do acúmulo de conhecimento. Desse modo, a ideia de um crescimento e de um desenvolvimento do gênero humano com o acréscimo de saber foi transformando-se no final do século XVIII, com a racionalidade iluminista (progresso foi um termo cunhado por Immanuel Kant), numa verdadeira teoria na qual entrava em jogo sobretudo a noção de

115 KOSELLECK, op.cit: 304.

116 HARTOG, 2014: 138.

perfectibilidade do homem, resultando na passagem evolucionista de um estado de “barbárie” para a de “civilização”.

Para a formação da ideia de progresso, Rossi acredita que a imagem moderna da ciência desempenhou papel preponderante para a consolidação da concepção de um inexorável aprimoramento das esferas da vida, asseverando que “certamente contribuíram muito as amplas e seculares discussões sobre a origem e a formação da Terra, sobre as conexões entre história da natureza e história do homem, sobre a cronologia, sobre a origem da civilização como emersão de uma primitiva barbárie”¹¹⁷. Na sequência de seu raciocínio, o autor indica que essa ideia de um crescimento e avanço no saber “afirmou-se vigorosamente sobretudo na segunda metade do século XIX”¹¹⁸. O domínio da racionalidade científica e técnica conduziria o homem à liberdade e ao bem-estar social.

Por outro lado, o pensador italiano nos apresenta um cenário ambivalente, uma consequência incorporada a esse processo de pretenso otimismo: a angústia de que catástrofes iminentes, catalisadas pelo avanço paroxístico das ciências, poderiam destruir qualquer sonho de progresso das futuras civilizações. Portanto, o que antes estava permeado pela euforia, “entrou numa crise profunda nos anos compreendidos entre as duas guerras mundiais”¹¹⁹.

Nesse ponto, Boym foi feliz ao apontar que, se o século XX começou com uma utopia futurista, esperançosa pelo porvir, terminou sob o signo da nostalgia, desiludida pelas catástrofes promovidas em nome do progresso. E ao longo do século XXI percebe-se a exponencial escalada desse sentimento. Diante das guerras, catástrofes sociais e o acelerado processo de globalização, a sedução com o discurso do progresso afrouxou-se, abrindo caminho para sentimentos de apegos espaciais (retorno ao paraíso perdido) e temporais (retorno à época de ouro). Boym diagnostica que a contemporaneidade assiste a “uma epidemia global de nostalgia, uma angústia sentimental a fazer parte de uma comunidade em um mundo fragmentado”. Uma epidemia que Boym interpreta como “mecanismo de defesa em um período marcado por ritmos de vida acelerados e por reviravoltas históricas”¹²⁰. Ou seja, a nostalgia aparece como um sintoma da nossa época.

117 ROSSI, 2000: 93.

118 Ibidem: 94.

119 Ibidem: 94.

120 BOYM, op cit: xiii.

A nostalgia, uma marca da modernidade, seria uma nova compreensão do tempo e do espaço que tornou possível a divisão em "local" e "universal". A autora aponta que a nostalgia seria um anseio por um lugar, mas na verdade seria um anseio por um tempo diferente – o tempo de nossa infância, os ritmos mais lentos de nossos sonhos.

Num sentido mais amplo, a nostalgia é uma rebelião contra a ideia moderna de tempo, o tempo da história e do progresso. O nostálgico deseja obliterar a história e transformá-la em mitologia privada ou coletiva, para revisitar o tempo como espaço, recusando-se a se entregar à irreversibilidade do tempo que assola a condição humana. Daí que o “passado da nostalgia”, parafraseando Faulkner, não seja “nem mesmo o passado”. Poderia ser apenas outro tempo, ou um tempo mais lento. Tempo fora do tempo, não sobrecarregado pelos livros de compromissos¹²¹

Ademais, Boym realiza uma diferenciação entre o que seria melancolia e nostalgia, muitas vezes confundidas como similares. Ao contrário da melancolia, que se confina aos planos da consciência individual, a nostalgia circunscreve-se na relação entre a biografia individual e a biografia de grupos e/ou nações, isto é, entre memória pessoal e coletiva. Nesse sentido, associa as utopias futuristas, hoje em decadência, com a nostalgia, pois ambas possuem uma dimensão utópica, sendo a primeira direcionada para o futuro e a segunda, para o passado. O perigo da nostalgia, segundo a autora, é que ela tende a confundir realidade a um imaginário idealizado. Em casos extremos, esse sentimento pode criar situações extremas de risco social.

Se anteriormente mostrou-se que a utopia com o progresso surgiu com a filosofia iluminista, pode-se dizer o mesmo do seu avesso, afirmando ser esse sentimento também uma condição da modernidade. Boym assevera que a nostalgia muitas vezes segue as revoluções:

a Revolução Francesa de 1789, a Revolução Russa e as recentes revoluções de "veludo" na Europa Oriental foram acompanhadas de manifestações políticas e culturais de saudade. Na França, não é apenas o antigo regime que produziu a revolução, mas, em alguns aspectos, a revolução produziu o ancien régime, dando-lhe uma forma, uma sensação de fechamento e uma aura dourada. Da mesma forma, a época revolucionária da perestroika e o fim da União Soviética produziram uma imagem das últimas décadas soviéticas como o tempo da estagnação ou, alternativamente, como uma era de ouro soviética de estabilidade, força nacional e "normalidade". que eu exploro aqui não é sempre para o

121 BOYM, 2017: 154

regime antigo, a superpotência estável ou o império caído, mas também para os sonhos não realizados do passado e as visões do futuro que se tornaram obsoletas. A história da nostalgia pode nos permitir olhar para a história moderna como uma busca não apenas pela novidade e pelo progresso tecnológico, mas também por possibilidades não realizadas, mudanças imprevisíveis e encruzilhadas¹²²

A valer, a nostalgia também é uma característica da cultura global, mas exige pensar diferente. Boym oferece uma tentativa de caracterizar a nostalgia a partir de duas tipologias principais: a restaurativa e a reflexiva. A nostalgia restaurativa não se considera nostalgia, mas sim verdade e tradição. A nostalgia reflexiva insiste nas ambivalências do desejo e do pertencimento humano e não se esquivava das contradições da modernidade. A nostalgia restaurativa protege a verdade absoluta, enquanto a nostalgia reflexiva a coloca em dúvida.

A nostalgia restaurativa lamenta a mudança e prega o retorno às origens. A nostalgia reflexiva não segue um único enredo, mas explora maneiras de habitar muitos lugares ao mesmo tempo e imaginar diferentes fusos horários. Se a nostalgia restaurativa acaba por reconstruir emblemas e rituais de lar e pátria na tentativa de conquistar e especializar o tempo, a nostalgia reflexiva preenche fragmentos de memória destruídos e desmoraliza o espaço. A nostalgia restaurativa leva a sério a morte. A nostalgia reflexiva, por outro lado, pode ser irônica e humorística. Revela que o anseio e o pensamento crítico não são opostos um ao outro, assim como as memórias afetivas não o absolvem da compaixão, do julgamento ou da reflexão crítica.

A crença otimista no futuro tornou-se problemática, enquanto a nostalgia, para o bem ou para o mal, nunca saiu de moda, permanecendo estranhamente contemporânea. A nostalgia pode ser uma criação poética, um mecanismo individual de sobrevivência, uma prática contracultural, isto é, “um veneno e uma cura”. Assim,

enquanto a nostalgia restaurativa retorna e reconstrói a pátria com determinação paranoica, os medos reflexivos da nostalgia retornam com a mesma paixão. O lar, afinal de contas, não é uma comunidade fechada. O paraíso na terra pode vir a ser outra aldeia Potemkin sem saída. O imperativo de um nostálgico contemporâneo: sentir saudade de casa e estar cansado de estar em casa – ocasionalmente ao mesmo tempo¹²³

122 BOYM, op cit: 17

123 BOYM, op cit: 164.

As doutrinas ocidentais de progresso humano, cujo ápice perfaz o período entre a segunda metade do século XVIII e o final do século XIX, estão ancoradas nas ideias de crescimento e de necessidade, conforme argumenta Robert Nisbet (1985). O autor nos alerta para o fato de que esta ideologia – aquela de que os seres humanos avançaram no passado, estão avançando hoje e continuarão avançando no futuro – corre o risco de desaparecer da consciência ocidental, fazendo mesmo com que o passado domine o presente. Contudo, embora os momentos contemporâneos sejam inquietantes, a crença no futuro não desapareceu, estando ainda presente nos diversos meios de comunicação o debate entre os "progressistas" e os "declinistas"¹²⁴. Sua convivência, com efeito, é feita de tensões.

No alvorecer do século XXI, sabe-se da capacidade crescente em produzir mais e melhor, assumido pelo discurso hegemônico das elites globais como sinônimo de progresso, mas que igualmente traz consigo problemas de naturezas diversas – sociais, econômicas, políticas, ambientais –, impactando na questão dos direitos humanos básicos, o que leva à constituição de discursos antagônicos, aqueles nostálgicos de um tempo e espaço perdidos. Existe, no presente, uma inquietação ambivalente entre a lamentação pelo passado perdido e a euforia pelo futuro almejado.

1.3.4. As representações do passado

O futurismo deteriorou-se sob o horizonte e o presentismo o substituiu. O presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato¹²⁵

No campo da memória, a perspectiva adotada é a de que esta categoria deve ser analisada como uma prática narrativa que assume multiformidades e multidimensionalidades, cujo passado de cada indivíduo e dos grupos é constantemente renegociado diante das realidades que se colocam no tempo presente. Desse modo, a memória social não se configura como uma mera reprodução das experiências passadas, sejam elas individuais e/ou coletivas, mas sim enquanto uma construção elaborada a partir

124 NISBET, 1994: x

125 HARTOG, 2014: 148.

destas experiências em função de uma realidade presente que se impõe, para isso ancorando-se em elementos proporcionados pela sociedade e pela cultura.

Nesse sentido, a memória fornece referentes de significação constituídos por visões partilhadas do passado que são geradas pelo presente e orientadas para o futuro. Essa construção da problemática do tempo histórico fica mais evidente em Walter Benjamin, ao colocar a memória como uma dialética constante entre passado, o presente e o futuro. Essa perspectiva hermenêutica nos faz entender que a memória se apresenta como um “sistema de representação”, assim definido por Stuart Hall (2014), que permite criar uma “imagem” do passado que corresponde a quadros de significação do presente.

São estes quadros de referência que nos dizem o que, em cada momento, deve ser lembrado e o que deve ser eliminado, fornecendo uma “ética” feita de recordação e esquecimento. O paradoxo da condição da memória está nesse dilema entre o que reter e o que ignorar, donde o processo de memorização é indissociável do processo de amnésia. Segundo Jedlowski, “o passado estrutura o presente através de seus legados, mas é o presente que seleciona estes legados, retendo alguns e abandonando outros ao esquecimento, e que reformula, de modo constante, a imagem do próprio passado, contando sempre sua história novamente”¹²⁶. Nesse sentido, não é possível entender a memória sem levar em consideração ser ela um permanente mecanismo de seleção – seja ela programada, repressiva ou inconsciente – do passado.

A memória deve então ser compreendida como reconstrução do passado com base nas questões e indagações forjadas no presente, a partir de visões de mundo e experiência vividas. Além disso, a memória deve ser avaliada em sua dinâmica processual de relações de força, nas quais lembrar e esquecer estão em constante disputa. Portanto, cabe a indagação: o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido? Como lembrar? Por que lembrar algumas coisas e esquecer tantas outras? Que uso fazer do passado no presente? Essas elaborações nos levam a crer que o passado é, ao mesmo tempo, permanente e mutável. Permanente porque não há como alterar o que realmente ocorreu; mutável porque adequamos o que realmente aconteceu conforme as exigências do presente.

É por esta razão que existem limites à instrumentalização do passado. O passado, conforme representado por cada presente, não pode ser totalmente uma invenção *ex-nihilo* nem o produto exclusivo de uma

126 JEDLOWSKI, op.cit: 232.

manipulação política-ideológica pois, em última análise, tem de haver alguma correspondência entre a forma como um determinado colectivo humano se auto-percepciona e a representação que dele é feita para que a mesma se torne minimamente verosímil. Além disso, não obstante a selectividade da memória, as escolhas que são feitas têm de ter por base quer o conjunto de categorias disponíveis em cada momento, quer por referência os sistemas de significação que, em cada período, configuram a percepção da própria cultura¹²⁷

Nessa direcção, depositando ênfase nas construções sociais do passado em vista dos acontecimentos do presente, percebe-se, observando as transformações pelas quais passaram os monumentos aqui estudados, a emergência simultânea de formas narrativas que se dirigem às explicações desses eventos recorrendo sobretudo a duas estratégias representacionais do passado em sua relação com o futuro: sua idealização ou condenação.

No primeiro caso, nutre-se um sentimento de perda que insistentemente recorre a um passado grandioso das idades de ouro, de um tempo perdido, buscando um retorno às origens. São considerados como incuráveis românticos que, ao confundirem realidade e imaginário, elaboram representações que denotam uma espécie de luto do deslocamento e/ou da mudança espacial e procuram retomar a irreversibilidade temporal. São posturas de lamentação que se encontram no cerne da condição moderna e do tempo presente. Esse fenómeno, no entanto, não se reduz necessariamente a um passadismo compensatório – como atenta Andreas Huyssen em sua crítica da produção mercantil da nostalgia como um indício de certo aprisionamento em um presente carregado de passados e carente de futuro. Na verdade, é indicativo do crescimento da importância social e política das representações construídas sobre o passado, a fim de reelaborar uma memória daquilo que parece se esvaír diante dos olhos.

No segundo caso, há um direccionamento dos discursos memoriais na construção de uma imagem ideal de futuro glorioso. Isto é, prevalece ainda a ideia de que o mais recente, o mais contemporâneo, carrega a característica de ser o melhor. Pode-se falar até mesmo numa idealização utópica, um culto ao novo tão caro à modernidade, de um cenário inevitavelmente melhor que o passado, com este último elemento sendo acionado pelo viés da negatividade dos elementos de uma época anterior (ideia de tradição, costumes, normas) que apenas cancelaria as benesses do porvir. O passado evocado ganha contornos de

127 PERALTA, 2007: 17.

degradação pelo tempo que naturalmente deve ser superado pela inexorável modernização e suas melhorias.

Portanto, na contemporaneidade, momento de intensos fluxos e transformações, os elementos do imaginário social indicam forte bipolarização entre as narrativas da modernização – que se imaginam portadoras do futuro, da racionalidade, do pragmatismo, das melhorias materiais e sociais – e as narrativas nostálgicas – aquelas voltadas para a raiz, a origem, o passado, o sentimento. Essas posturas são indicativas do modo pelo qual, na globalização contemporânea, verifica-se como esses polos assumem posições que se hostilizam e se entrecondenam. Nesse cenário,

os apologistas pregam (mais do que analisam) um mundo de uma só face e onde as pessoas, os povos, devem optar por uma ou outra solução para seus problemas. Maneira de pensar normativa e estreita que parece prisioneira de uma belicosa hiperideologização que imagina ter que “defender” dogmas, ainda que pretenda que estes sejam apenas a razão ou o sentimento¹²⁸

Diante dessas perspectivas, os estádios enquanto monumentos, tal como dito anteriormente, surgem como documentos cujo significado mais radical só será apreendido se as suas conotações forem confrontadas com o que elas também omitem e ocultam nas narrativas dos agentes envolvidos. São aqui entendidos como significantes que colocam em debate de tensões, lutas e negociações pela luta identitária dos grupos diante das estratégias oficiais do Estado e do mercado. Os estádio são pontos de referência onde os indivíduos, mergulhados na coletividade, sentem-se agentes ativos, portadores de transgressões autênticas, dentro de um universo complexo e dinâmico.

Com isso, é indispensável falar sobre memória e cultura moderna, sobretudo na sociedade contemporânea, sem considerar o papel dos meios de comunicação, uma vez que Jedlowski nos lembra que

assim como a esfera pública, no curso da modernidade, mudou dos seus lugares físicos de germinação (os bares, as salas de estar, os círculos urbanos) para o mundo da mídia, a constituição da memória pública transferiu-se, hoje, da interação face a face à comunidade midiática¹²⁹

128 BAETA NEVES, 2003: 27.

129 JEDLOWSKI, op.cit: 231.

Dessa maneira, o trabalho que aqui pretende-se desenvolver explora o modo pelo qual as renovações materiais de Wembley e Maracanã, equipamentos socioculturais de relevância para suas sociedades, vicejaram distintas modalidades de discursos memoriais: o direcionamento de representações para o passado ou para o futuro, de acordo com as posições de cada agente em relação aos interesses do presente.

Antes de tudo, é imprescindível examinar como a construção de cada estádio respondeu a demandas sociais mais ampla, percorrendo os caminhos que sedimentaram o simbolismo que ainda revestem estes equipamentos.

CAPÍTULO II

O ESTÁDIO COMO SIGNO DA IDENTIDADE NACIONAL

Os símbolos nacionais relevaram-se necessários na estratégia de constituição política dos Estados nacionais, que inicia-se em fins do século XVIII, alcança seu paroxismo ao longo do século XIX e adentra o século XX, perdendo gradativamente sua potência política após a II Guerra Mundial. Os usos dos elementos nacionais foram importantes na potencialização de um sentimento de pertencimento coletivo.

Nesse sentido, o presente capítulo procura apresentar o nexos conjuntivo das motivações e interesses da construção dos estádios de Wembley e Maracanã, paisagens arquitetônicas que expressam ideais de nacionalidade, com o seu contexto social. Estes equipamentos foram erguidos enquanto dispositivos com os quais se formularam narrativas de identidades nacionais e sua aproximação direta com as massas. Wembley fora construído em 1923 para reafirmar a grandeza do Império Britânico, com suas duas torres representando a imponência imperial pelo globo, uma expressão da identidade inglesa por excelência. Décadas mais tarde, no Rio de Janeiro, um gigante de concreto é erguido para abrigar pessoas de todas as classes sociais como esperança de afirmar ao mundo, durante a realização da Copa de 1950, a força do estado brasileiro no pós-II Guerra Mundial. Esse processo revela o modo como os estádios, enquanto patrimônio coletivo, aparecem como uma dimensão da memória e da identidade nacional e que, portanto, são “menos um conteúdo que uma prática da memória obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma”¹³⁰

2.1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Consolidado na Europa Ocidental no século XX, o Estado-nação pode ser entendido como uma empresa política de caráter institucional que reivindica não somente o monopólio da violência legítima, tal como denominado por Max Weber, mas também o da construção de conteúdos políticos capazes de elaborar uma identidade nacional.

Reconhecendo a dimensão do estado na promoção daquilo que se entende por caráter nacional, o nacionalismo e a formação dos Estados nacionais representam um

130 CANDAU, 2014: 163.

marco da história contemporânea. No século XIX, “nacionalismo” torna-se a palavra de ordem da luta política europeia, envolvendo elites, massas e intelectuais. Mudam as fontes de legitimação do poder: não mais a religião, nem sequer a dinastia, mas sim a nação, a pátria. Na esteira do exemplo da Revolução Francesa, o século XIX torna-se a grande usina de construção deste novo padrão de entidade territorial. Embora as instâncias de reivindicação nacional sejam levadas adiante por uma elite, o envolvimento das massas nesta empreitada nacionalista se torna elemento central.

A constituição do Estado realizou-se paralelamente à consolidação das nações. Assim, a nação é compreendida como a sociedade politicamente organizada, que se reconhece no Estado. Naquele momento, este pensamento aparece como “uma ideia nova e subversiva, que provoca a contestação da sociedade de ordens e de um poder monárquico que se vale do direito divino ou do direito de conquista”¹³¹.

Para executar de maneira profícua o empreendimento de uma história oficial, a despeito do aspecto conflitante entre as visões de mundo e suas relações internas ao campo intelectual, é bem verdade que os ideólogos do Estados-Nação deveriam produzir discursos e criar infraestruturas culturais e simbólicas capazes de ir interiorizando o ideal de pátria, do culto aos grandes homens, grandes acontecimentos, grandes lugares legados pela tradição e que passam por constantes ritualizações cujos símbolos são atualizados e celebrados pela sociedade. Os aparatos fabricados pelo estado desempenharam papel primordial para o sentimento de pertencimento de uma dada comunidade política. E os anos 1980 foram férteis em estudos que demonstravam o papel desempenhado pelo Estado na formação de um sentimento de nacionalidade entre seus cidadãos.

Ernest Gellner parte da premissa de que, vinculado ao industrialismo europeu, o nacionalismo não se origina das nações, como muito pensavam, mas que é ele a fazê-las. Ao contrário da maioria dos seres humanos, que pensa ser natural o fato de pertencer a uma nação, tal como ocorre com a família, Gellner descarta essa visão romântica de que o nacionalismo seria um fenômeno natural promovido pelas emoções humanas, mas que seria construída a partir dos interesses de diversos agentes sociais.

Segundo seu modelo proposto, a identidade nacional se inscreve como um fenômeno moderno ligado a uma cultura erudita e massificada. Se na sociedade primitiva o tecido social é mantido inflexível pela própria estrutura social, mantendo sua coesão num

131 THIESSE, 2002: 8.

espaço social regido pelo parentesco e a atribuição de papéis que asseguram uma comunicação efetiva e uma identidade sem questionamentos (identidade atribuída), no mundo social moderno, por outro lado, os papéis não são mais percebidos como parte de um conjunto estável, fazendo dos meios de comunicação um fator fundamental para a ligação entre os indivíduos que não se relacionam mais pelos laços de proximidade e parentesco.

O nacionalismo é basicamente um movimento que concebe o natural objeto da lealdade humana como sendo uma unidade muito ampla, definida pela compartilhada linguagem ou cultura. É “anônimo, no sentido que seus membros não têm elos positivos entre si, e que as subdivisões, dentro da nação, não tem importância comparável à das mais amplas unidades¹³²

Nesse cenário, os indivíduos devem agora elaborar suas identidades diante de um cenário de aceleração dos ritmos da vida social, em que a cultura serve sobretudo para indicar o estatuto dos indivíduos e dos grupos na estrutura geral. Com o declínio da estrutura social nas sociedades tradicionais, a cultura assume papel central na construção do sentimento de comunidade e pertencimento. A legitimidade social numa sociedade industrial moderna é uma legitimidade cultural.

De acordo com Gellner, as nações não devem ser analisadas como algo natural, uma essencialidade substancialista, mas uma criação histórica arbitrária:

La visión de las naciones como una forma natural, dada por Dios, de clasificar a los hombres, como un destino político inherente aunque largamente aplazado, es un mito; para bien o para mal, el nacionalismo, ese nacionalismo que en ocasiones toma culturas preexistentes y las convierte en naciones, que en otras las inventa, y que a menudo las elimina, es la realidad, y por lo general una realidad ineludible. Los agentes históricos de esta realidad desconocen completamente el papel que desempeñan, pero eso es otro cantar¹³³

Segundo esta perspectiva, a formação dos Estados-nação, então, não remontaria a alguma comunidade preexistente, mas, pelo contrário, a criaria depois para justificar a construção do Estado com base nacional.

Com efeito, a nação se apresenta pelo estatuto do contrato político, cujos participantes não se identificam uns com os outros apenas por solidariedades étnicas,

132 GELLNER, 1981: 53.

133 GELLNER, 2001: 70.

linguísticas ou religiosas, mas por compartilharem um contrato histórico, que demorou séculos para ser estabelecido. Desse modo, a formação do Estado nacional enquadrou os povos em uma realidade ideológica expressa na categoria de “pátria”, que implica a adesão a um conjunto social amplo, que ultrapassa o círculo das relações locais da época pré-moderna e que se define pela soberania política do Estado. O século XIX é o século da consolidação do Estado nacional e, portanto, das “pátrias”, expressão paroxística do contrato político entre as pessoas que partilham um mesmo território delimitado por fronteiras e que se imaginam como concidadãos de uma nação que possui uma longa trajetória histórica.

Os estados modernos administram o destino de sua comunidade nacional por meio de elementos simbólicos (ritos, celebrações) e materiais (monumentos) que enfeixam as histórias diversas e fragmentárias que constroem a ideia de nação – a História –, apropriando-se de memórias e identidades para forjar uma unidade de pertencimento. Portanto, a formação das identidades nacionais encontrava seu paradoxo: para que houvesse integração da sociedade no espaço geográfico delimitado por fronteiras, as múltiplas memórias existentes e as representações da ordem anterior deveriam ser abolidas. Assim, moldava-se uma pretensa homogeneidade da nação, buscando amenizar as tensões e desequilíbrios regionais e locais das identidades preexistentes.

A historiografia desempenha um papel de produtora e legitimadora de memórias e tradições, chegando a ponto mesmo de fornecer credibilidade científica a novos mitos de (re)fundação de grupos e da própria nação. As profundas transformações sociais, políticas e econômicas no contexto da modernidade acentuaram estas características. Os novos poderes sociais e políticos, com o intuito de atacarem a aristocracia tradicional, reescreveram a história, em particular a partir do século XIX, o que levou ao desenvolvimento da historiografia e ao aumento do prestígio social dos historiadores.

Isso direciona a abordagem para as ações intencionais dos sujeitos históricos na constituição das tradições atravessadas pelo sentimento de pertencimento a uma coletividade nacional. Nesse sentido, o enfoque direciona-se para os usos políticos do passado, em especial no que concerne os setores mais institucionalizados, próximos ao poder, cujos interesses em escamotear as raízes recentes de tradições tidas por imemoriais parecem mais evidentes.

Essa visão se aproximaria daquela de Eric Hobsbawm e Terence Ranger em seu livro *A invenção das tradições* (2002 [1984]). Os autores abordam as formas pelas quais foram produzidas tradições nacionais nas décadas que atravessam o século XIX para o XX e como estas tradições, intencional e estrategicamente inventadas, são difundidas pela esfera política com o intuito de cristalizar uma memória oficial, para isso recorrendo à construção discursiva de elementos que plasmassem um sentimento de pertencimento comum. Embora não subestimando a importância da etnia, da língua e da religião, considera-os elementos “protonacionais”, e por isso insuficientes a construir uma ideia de nação, visto como um “artefato político”, entendendo-se com isto algo construído pela classe dirigente com vistas à obediência do povo.

Todavia, esta abordagem contém algumas premissas problemáticas, na medida em que coloca a construção social do passado em termos antagônicos, isto é, os poderes instituídos impondo indiscriminadamente uma manta de tradições inventadas sobre uma ordem social portadora de costumes autênticos. Nesse sentido,

la «tradición inventada» implica un grupo de prácticas, normalmente gobernadas por reglas aceptadas abierta o tácitamente y de naturaleza simbólica o ritual, que buscan inculcar determinados valores o normas de comportamiento por medio de su repetición, lo cual implica automática' mente continuidad con el pasado. De hecho, cuando es posible, normalmente intentan conectarse con un pasado histórico que les sea adecuado¹³⁴

Ademais, esta perspectiva não deposita ênfase sobre o horizonte de que, na elaboração de símbolos nacionais, aqueles sujeitos históricos que mobilizam as tradições que devem permear o imaginário social da nação também partilham da crença naquilo que conformam. Desse modo, acabar por excluir o processo de negociação da memória social entre os agentes sociais e também as metamorfoses vivenciadas pela categoria tradição, dando a ideia de que está é essencialmente estanque, como se houvesse uma raiz verdadeira em sua forma de existência que seria corroída com o caminhar da modernidade.

Numa outra chave de leitura teórica, o trabalho de Benedict Anderson avança mais, ao colocar como ponto central o fato de que a nação seria concebida como uma “comunidade política imaginada”, e não necessariamente imposta, inventada, de acordo com o modelo marxista de Hobsbawm. Para isso, o autor realiza um estudo em várias

134 HOBBSAWN, 2002: 8.

partes do mundo, com ênfase no Sudoeste Asiático, e aponta como alguns componentes selecionados (mapas, censos e museus) potencializam a formação de um imaginário comum compartilhado entre indivíduos que jamais se encontrarão pessoalmente, formando “a imagem viva da comunhão entre eles”¹³⁵. Sua interpretação é de que a emergência da imprensa em larga escala (meio de comunicação de massa) e com linguagem vernacular, a partir da virada do século XVIII para o XIX, promoveu um sentimento de lealdade social entre os indivíduos em torno da questão do nacionalismo.

Esta abordagem parece mais interessante, por não excluir a maneira pela qual as memórias dos grupos, apesar das proporções diversas, caminham em paralelo às memórias oficiais, isto é, problematiza e questiona a ideia de uma imposição verticalizada de elementos dos mandatários para seus subordinados, sugerindo a existência do componente voluntarista para a formação de identidades nacionais. Nesse caso, os símbolos nacionais se afirmam no interior de uma lógica comunitária afetiva de sentidos e, quando isso ocorre, se mostram pouco questionáveis pelos indivíduos e agrupamentos que formam a nação – uma comunidade de semelhantes a partir de uma legitimidade emocional e que fazem da nação uma “camaradagem horizontal” sem precedentes¹³⁶.

Deste ponto de vista, as nacionalidades enquanto comunidades imaginada (e também limitadas e soberanas) são o produto do declínio das antigas comunidades – pautadas na religião, na cosmologia e no princípio dinástico – e da modernização capitalista (editorial), a qual, através de novas tecnologias, consegue criar o conceito de nação no imaginário coletivo. Para Anderson, “qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada. As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas”¹³⁷. Nessas perspectivas, portanto, percebe-se que uma grande parte da população dos recém-fundados Estados nacionais tornam-se alvo de um processo de pedagogia nacional que busca promover a nacionalização das massas num dado território, em que o povo passa a ser entendido como totalidade dos que participam da vida da nação.

Estes autores, cada um à sua maneira, chegaram à conclusão de que a nação e a identidade nacional, longe de ser algo que existe *a priori*, ou seja, como dado natural, é o resultado de uma construção cultural levada adiante pelas elites dos vários países, através

135 ANDERSON, op. cit: 32.

136 Ibidem: 34.

137 Ibidem: 33.

da incessante invenção de símbolos, memórias, tradições. Para todos estes autores, existe um esforço das classes dirigentes para realizar o processo de elaboração de uma convicção nacional nas pessoas, isto é, fazê-las se acreditarem como parte de uma coletividade homogênea, mesmo que elas jamais se conheçam pessoalmente. Para isso, este trabalho de formação de uma comunidade de destino baseia-se numa carga idealista, mística, do conceito de pátria, algo que evoca uma união “natural” e, por isto mesmo, inquestionável.

Cabe destacar a relação de reciprocidade entre os Estados nacionais que se consolidavam e a sociedade civil, perspectiva analítica que caminha na contramão de uma ideia muito difundida da existência de uma relação predominantemente unilateral entre as instituições que moldam e as sociedades que observam e internalizam passivamente os elementos impostos pelos ideólogos do poder. Nesse sentido, pensando a partir das propostas da história cultural, deve-se levar em consideração que em todo processo de construção identitária, as representações simbólicas são constantemente apropriadas e ressignificadas pelos indivíduos e grupos a partir de suas práticas culturais¹³⁸. O passado e o presente tornam-se acessíveis não apenas por procedimentos críticos de cognição, como no uso erudito das fontes, mas também segundo uma relação emotiva de pertencimento.

Para isso, foi preciso estabelecer uma lista de elementos que deveria ser representar a nação. Anne-Marie Thiesse elenca alguns atributos fundamentais para a construção de uma comunidade de nascimento, tais como os “ancestrais fundadores, uma história que estabeleça a continuidade da nação através das vicissitudes da história, uma galeria de heróis, uma língua, monumentos culturais e históricos, lugares de memória, uma paisagem típica, um folclore, tudo isso sem contar algumas identificações pitorescas: modo de vestir, gastronomia, animal emblemático”¹³⁹.

Os registros coletivos selecionados e trabalhados pelos ideólogos dos estados nacionais ajudaram a formar a ideia de uma identidade nacional, na medida em que os indivíduos passam a identificar-se, em escalas diversas, os componentes que acionam o sentimento de pertencimento nacional. Nesse cenário, cria-se um poderoso imaginário comum que narra a história da pátria sob a forma de biografia, linear e evitando lacunas, oculta outras historicidades e memórias em detrimento do cenário grandioso dos

138 Roger Chartier chega a afirmar que "as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio" (1990: 17).

139 THIESSE, op. cit: 8-9.

acontecimentos, dos personagens e dos lugares que devem ser cultuados pelo corpo coletivo. Desse modo, a ideia de nação deveria vir acompanhada de suas representações (na formulação de Thisse, “ficções criadoras”), materiais e simbólicas, dotando-as de um valor específico para a história nacional.

Em se tratando do século XIX, a questão sobre a identidade parece ocupar lugar de destaque entre os países europeus, haja vista que precisam delinear as linhas mestras da formação de suas comunidades nacionais. Com isso, são demarcadas suas fronteiras territoriais e estabelecida sua unificação política e de definição cultural dos valores comuns que legitimam e conduzem à unidade espiritual do que se entende por nação. Para que o processo de construção da identidade, reforçando a lógica binarista de um “nós” e um “outro”, certos elementos são eleitos e veiculados para que se tornam símbolos da nação, sejam eles simbólicos ou materiais.

Enquanto o aspecto simbólico refere-se a componentes como hinos, bandeiras, mapas, personagens, no que tange mais detidamente aos atributos materiais, tais como monumentos e edifícios arquitetônicos, esse período de transformações na vida social e política vivencia de modo mais intenso a invenção dos patrimônios nacionais como uma estratégia de chancela da “nação”, por operarem na integração simbólica das sociedades nacionais que iam sendo forjadas. José Reginaldo Gonçalves entende que certos monumentos eleitos devem expressar certos atributos que coadunem-se com a ideia de uma autêntica de identidade nacional, caracterizada pela condição de “totalidade, integridade e continuidade”. A nação se constitui, portanto, na transmissão, com o passar das gerações, de uma herança coletiva, promovendo o inventário de uma coleção de patrimônios comuns que assegurem as identidades nacionais. Assim, esses patrimônios culturais devem ser objetificados e apropriados pelas narrativas nacionalistas¹⁴⁰.

Na era dos nacionalismos modernos, a arquitetura ganha importância no fazer político, uma vez que deveria conter características monumentais e produzir conteúdos simbólicos a serem consumidos pelo imaginário coletivo. Nesse sentido, os equipamentos arquitetônicos deveriam espelhar os regimes que os ergueram, como uma forma de legitimar o poder. Por isso sua monumentalidade na construção, para apresentar compatibilidade com a importância do governo, símbolo do progresso e do desenvolvimento.

140 GONÇALVES, 1995: 235-36.

Com efeito, essas representações procuram estabelecer uma cultura nacional que permita unificar todos os indivíduos e significações a certos objetos e práticas no interior de um território definido. Nessa tentativa pela unidade cultural, é necessária a superação de particularidades locais para que o espaço seja vivenciado de maneira direta e, para isso, os estados nacionais devem criar estratégias que possibilitem aos habitantes de sua porção territorial sentirem-se identificados naquele espaço premido de significados totalizantes.

O esporte moderno em geral – e o futebol em particular – assume uma narrativa privilegiada de exposição dos nacionalismos e ênfase da grandeza dos estados nacionais, enquanto os estádios surgem na paisagem urbana como equipamentos referenciais de lazer das massas e também, em casos notáveis, de expressão de um dado poder político num contexto social específico, função estratégica de articulação dos objetivos dos Estados-nação em sua pedagogia coletiva. Desse modo, o aparecimento de estádios monumentais em várias localidades respondia, em muitos casos, a um modelo de ideologia nacional que cada Estado-nação procurava promover a partir deste símbolo cultural. Mas esse fenômeno deve ser evitado aos olhos de uma aplicação política imposta de cima pra baixo. São significantes que contribuíram para a formação de uma noção de nacionalidade, encontraram em diversas sociedades um campo fértil para que fossem legitimados como elementos culturais de importância na vida cotidiana.

2.2. WEMBLEY: UM MONUMENTO CONSAGRADO AO IMPERIALISMO BRITÂNICO

Desde sua construção, em 1923, o estádio de Wembley apresenta-se como uma parte fundamental da cultura do futebol na Inglaterra, país que fundou a era moderna deste esporte. Sua inauguração fez parte de um projeto grandioso promovido pela Exposição do Império Britânico, um evento internacional que se estabelecia nos moldes das exposições universais que aconteciam nas cidades que se encontravam no centro do poder político e econômico. Londres já havia inclusive sediado este evento em 1851, e este de 1924-1925 contaria com a participação com aqueles países que estavam subjulgados à Coroa Britânica. A exposição estendeu sua duração até 1925 e, após seu encerramento, muitas construções foram desfeitas, mas o estádio de Wembley continuaria a exercer sua função de casa espiritual do futebol inglês, recebendo eventos como as Olimpíadas de 1948 e a final da Copa do Mundo de 1966.

2.2.1. O Imperialismo britânico e as exposições universais

No bojo da formação dos estados nacionais, o período que compreende as últimas décadas do século XIX até a eclosão da Primeira Guerra Mundial é considerado como o apogeu da modernidade europeia, coincidindo com a época da expansão e formação dos novos impérios coloniais. Hannah Arendt chega mesmo a afirmar que o período do Imperialismo (1884-1914) é o “da quietude estagnante na Europa e dos acontecimentos empolgantes na África e na Ásia”, entendendo que este movimento seria preparatório para as grandes catástrofes humanas do século XX¹⁴¹. Já Hobsbawm (2015), em linha semelhante, entende que a “Era dos Impérios” (1875-1914) conheceu uma das mais estáveis da história da humanidade.

Para Arendt, sem negar que esse fenômeno iniciou-se a partir de alterações econômicas (crescimento da produção industrial) em fins do século XIX, o imperialismo deve ser considerado o primeiro estágio do domínio político da burguesia, e não o último estágio do capitalismo, como preconizada pela corrente marxista capitaneada por Lenin ainda nos anos 1910. Crítica igualmente percebida em Hobsbawm, ao argumentar que a categoria “imperialismo” compreendida exclusivamente pelo viés econômico, como o fez Lenin, ou então negando qualquer relação entre o modelo imperialista desse período e o capitalismo em geral, postura adotada pelos opositores do marxismo, não seria capaz de dar conta das complexidades do processo.

Este período delimitado entre fins do século XIX e os primeiros anos do XX, mais especificamente até a I Grande Guerra, fez nascer um tipo de império – o colonial –, que define-se pela supremacia econômica e militar das potências capitalistas e sua sistemática estratégia de conquista, anexação e administração entre o final do século XVIII e o último quartel do XIX, sob a justificativa inicial de levar a prosperidade civilizatória a regiões mapeadas pela inferioridade na escala de valores. Segundo Hobsbawm, “isto se deu entre 1880 e 1914, e a maior parte do mundo, à exceção da Europa e das Américas, foi formalmente dividida em territórios sob governo direto ou sob dominação política indireta de um ou outro Estado de um pequeno grupo”¹⁴².

141 ARENDT, 1976: 15.

142 HOBSBAWM, Op. cit: 88.

Os Estados europeus construíram sua unidade nacional num momento em que as burguesias nacionais – classe mais dinâmica e próspera – haviam concentrado em suas mãos a maior parte das riquezas, monopolizando os setores financeiro, comercial e científico. A ascensão da burguesia ao poder permitiu que fossem engendradas operações decisivas: industrialização, desenvolvimento de tecnologias de comunicação, e, ampliando seu perímetro de atuação, a busca de mercados ultramarinos que pudessem alimentar suas demandas industriais. Nesse cenário, a Grã-Bretanha, ao lado de outras potências econômicas, voltou-se para o projeto expansionista a fim de empregar esse capital abundante, ocupando novos e vastos territórios, com ênfase nas ações mais devastadoras do imperialismo no continente africano. Com efeito, Fanon alegará que, ainda que as potências metropolitanas estivessem em competição pela conquista de novos territórios, “na verdade, nenhuma nação, pelos caracteres de seu desenvolvimento e de sua evolução, *ultrajava* as outras”¹⁴³.

Desde 1884, o Império Britânico concebeu-se como uma grande federação reunida de nações, denominada *Commonwealth*, com livre comércio entre suas colônias, algumas inclusive gozando de autonomia, como o caso da Austrália. Na corrida das grandes potências europeias em busca de novas matérias-primas e novos mercados consumidores, o Reino Unido aumentou sua expansão territorial no final do século XIX, quando empreendeu um projeto sobre grande parte da África (meridional, ocidental e oriental) e estendeu sua dominação no sudeste asiático. Em poucos anos, em plena competição com outras nações europeias pela ampliação do perímetro de atuação, o Império Britânico adquiriu aproximadamente 12 milhões de quilômetros quadrados e 66 milhões de almas subalternizadas, convertendo-se como o maior império do século XIX, no bojo de um pensamento eurocêntrico construtor da ideia de uma Europa superiora, avançada e com os melhores propósitos para fazer progredir o mundo.

O imperialismo se apresentou como um enclave ao poder político dos estados nacionais, na medida em que exige um crescimento ilimitado para obter seus ganhos, ao passo que o Estado-nação só garante sua coerência existencial quando garante a coesão de um grupo nacional limitado a um território. Nesse ponto, o sistema imperialista europeu surgiu no momento em que a classe detentora da produção capitalista rejeitou as fronteiras nacionais como barreira à expansão econômica. A partir desse momento, a burguesia

143 FANON, 1968: 76.

ingressou na política por necessidade econômica. Para Arendt, “como não desejava abandonar o sistema capitalista, cuja lei básica é o constante crescimento econômico, a burguesia tinha que impor esta lei aos governos, para que a expansão se tornasse o objetivo final da política externa”¹⁴⁴.

É importante estabelecer um parêntese a título de diferenciar as políticas coloniais empreendidas pelas nações. Nesse ponto, um autor como Appiah demonstra o modo pelo qual os modelos imperialistas britânicos e franceses apresentaram divergências em sua forma de administração das colônias, apontando que ao modelo britânico (indireto) interessou menos a formação de anglo-saxões negros do que aquele empreendido pelos franceses (direto), que adotaram uma política de assimilação, isto é, “transformar os africanos ‘selvagens’ em negros e negras franceses ‘evoluídos’”¹⁴⁵. Desse modo, os britânicos exerceram um tipo de domínio colonial através de mandatos, tanto nas regiões que dispunham de autonomia política como em seus protetorados, e procuraram, assim, “criar o império abandonando os povos conquistados aos mecanismos de sua própria cultura, religião e lei”¹⁴⁶. Em linhas gerais, o que o Reino Unido fazia com sua comunidade ampliada de nações era apenas salvaguardar os interesses econômicos das companhias britânicas diretamente envolvidas, enquanto relegava às autoridades locais a função de governar sua própria população, conservando as leis e a cultura. De qualquer forma, a despeito das especificidades de administração colonial, a prática demonstrou o interesse pela dominação sobre outros povos e culturas.

Para além dessas questões, é necessário apontar que outras motivações e interesses, estimuladas por doutrinas racistas como o “darwinismo social” de Herbert Spencer, trouxeram argumentos pretensamente científicos para esse empreendimento. Foi notória a visão de que a colonização se configurava como uma missão civilizadora de uma raça superior, a branca, que deveria levar a evolução para as sociedades em estágio inferior.

Se a luta pela existência resultava na sobrevivência e predomínio dos animais e plantas mais capazes, como afirmara Darwin, uma luta semelhante se produzia entre as raças humanas e as nações com idênticos resultados. Esta dura concorrência em âmbito internacional, que

144 ARENDT, op.cit: 19.

145 APPIAH, 2007: 20.

146 ARENDT, op.cit, p. 160.

justificava a conquista e destruição de sociedades inferiores, era feita em nome do progresso¹⁴⁷

A soberania imperial pretendia integrar os outros à sua ordem e, assim, organizar essas diferenças num dado sistema de controle de cunho racista. Desse modo, a Grã-Bretanha foi o centro do maior império dos tempos modernos, que governou uma variedade de culturas. De acordo com Stuart Hall, “essa experiência imperial moldou profundamente a identidade nacional britânica, seus ideais de grandeza e definiu seu lugar no mundo”. Assim, a “relação mais ou menos contínua com a ‘diferença’, situada no âmago da colonização, projetou o *Outro* como elemento constitutivo da identidade britânica”. As relações históricas de dependência e subordinação marcaram os rumos seguidos pelos imigrantes em solo britânico, resultando que “a maioria do povo britânico olhava para esses ‘filhos do Império’ como se não pudessem sequer imaginar de onde ‘eles’ vinham, por que ou que outra relação eles poderiam ter com a Grã-Bretanha”¹⁴⁸.

Sendo assim, pode-se afirmar que o imperialismo foi um fenômeno multidimensional que afetou todas as esferas da vida social e que, invariavelmente, produziu profundos impactos, em níveis e durações diversas, tanto nas colônias quanto nas metrópoles. E umas das formas mais visíveis de expressar essa teia de relações que exibe o poderio das metrópoles imperiais, articulando de modo mais concreto as hierarquizações culturais e distinções entre os povos civilizados e aqueles que não estavam estágio, foram as Exposições Universais, eventos de grande escala que apresentavam com entusiasmos as conquistas e avanços do Império, reforçando a superioridade do centro do poder e, concomitantemente, exibindo os seus subordinados como o “outro”, quase sempre amparado em um discurso racional que chancelaria as distinções. Para Barbuy, as Exposições Universais se projetam

como modelos de mundo materialmente construídos e visualmente apreensíveis. Trata-se de um veículo para instruir (ou industrializar) as massas sobre os novos padrões da sociedade industrial (um dever-ser de ordem social). (...) [Mas] ao se realizarem, as Exposições ultrapassam seus próprios objetivos e constituem-se, para muito além do projeto pedagógico de seus organizadores, em representações sociais cuja dinâmica pressupõe um processo interativo de produção, consumo e reciclagem¹⁴⁹

147 BRUIT, 1986:9.

148 HALL, 2009: 60-61.

149 BARBUY, 1996: 212.

As exposições também eram a vitrine de um mundo industrial em desenvolvimento, cujo objetivo era vender seus produtos manufaturados. Da mesma forma, os países não industriais, como o caso do Brasil no século XIX, eram convidados a expor, para fazer as trocas comerciais entre o fornecedor de matéria-prima e o fornecedor de bens manufaturados. O foco das exposições universais, conforma atestado por Barbuy, é o setor industrial.

Com o desenvolvimento da Revolução Industrial no século XIX, ocorreram mudanças sociais, tecnológicas e científicas em todo o mundo. Essa grande onda de mudança fez nascer, em 1851, em Londres, Inglaterra, a primeira Exposição Universal. O intuito de criar esta exposição foi de mostrar avanços tecnológicos que a industrialização conseguiu realizar, além de propiciar amostras também de pesquisas, matérias-primas e produtos.

A respeito da grandiosa Exposição Universal de Paris que comemorava a virada do século XIX para o XX, em 1900, Schwarcz aponta que a “exibição era inteiramente organizada a partir da perspectiva que previa um futuro onírico e idealizado: um tempo de abundância e sem revolução, de alegria e de ilusão”¹⁵⁰. O próprio fato de se fazer este tipo de representação correspondia a que, num cenário conjuntural de expansão capitalista entre as potências europeias, o mundo estava conectado em redes de interdependência econômica, fazendo das exposições uma representação de um mundo idealmente imaginado a partir de suas construções arquitetônicas. Nestes espaços, conforme argumenta Barbuy, “a linguagem expositiva que adotavam estava associada a práticas mais amplas, especialmente a dos museus, com sua representação visual e seus sistemas de objetos, uma museografia”¹⁵¹.

Isto é, as exposições continham conteúdos comerciais (apresentar o desenvolvimento da indústria e das ciências, promovendo as riquezas das burguesias nacionais) e ideológicos (reforçar para o mundo a grandiosidade dos centros de poder no coração da Europa e sua superioridade racial e cultural). Nesse sentido, o estádio de Wembley, carro-chefe das estruturas arquitetônicas da exposição realizada em Londres em 1924 e 1925, seria concebido no seio dessas estratégias de exercício de poder e ganhos

150 SCHWARCZ, 2000: 16.

151 BARBUY, op.cit: 211-212.

financeiros do Reino Unido no período pós-Primeira Guerra Mundial. A Exposição do Império Britânico, como seria chamada, seria mais um capítulo na competição internacional entre Londres e Paris, capitais das duas maiores nações colonizadoras naquele momento.

2.2.2. A Exposição do Império Britânico e o nascimento de Wembley

Inspirado no modelo de exposições universais anteriores, como aquela ocorrida em Londres mesmo (1851) e badalada de Paris (1889), o objetivo da exposição de 1924-1925, mais uma vez, era tornar o Império acessível a todos, sendo à época a maior exposição já realizada em todo o mundo, atraindo cerca de 18 milhões de visitantes¹⁵². A ideia de uma grande exposição era exibir os avanços na área industrial e os recursos naturais do Império Britânico, reforçando sua posição central para o progresso civilizacional da modernidade, justificando suas formas de intervenção em diversas localidades espalhadas pelo globo terrestre. Cada colônia do Império, nesse grande acontecimento, deveria ser representada por seu próprio edifício, ressaltando as especificidades locais. Nesse caso, o Império Britânico, por meio dessa exposição, pretendia demarcar e diferenciar-se da alteridade, estabelecendo sua posição hegemônica com os povos subalternizados e subordinados à Coroa.

Para isso, um lugar apropriado deveria ser encontrado para a montagem de toda a estrutura física exigida em um evento tão eloquente. Após sondagens e pesquisas, a região de Wembley, localizada nas franjas da metrópole e que já era uma área utilizada pelos londrinos como ponto de lazer e até de uma inconclusa e demolida torre inspirada na de Paris, foi escolhida para realizar o evento, pois apresentava fácil acesso pelas estradas ao centro de Londres e um bom serviço ferroviário¹⁵³.

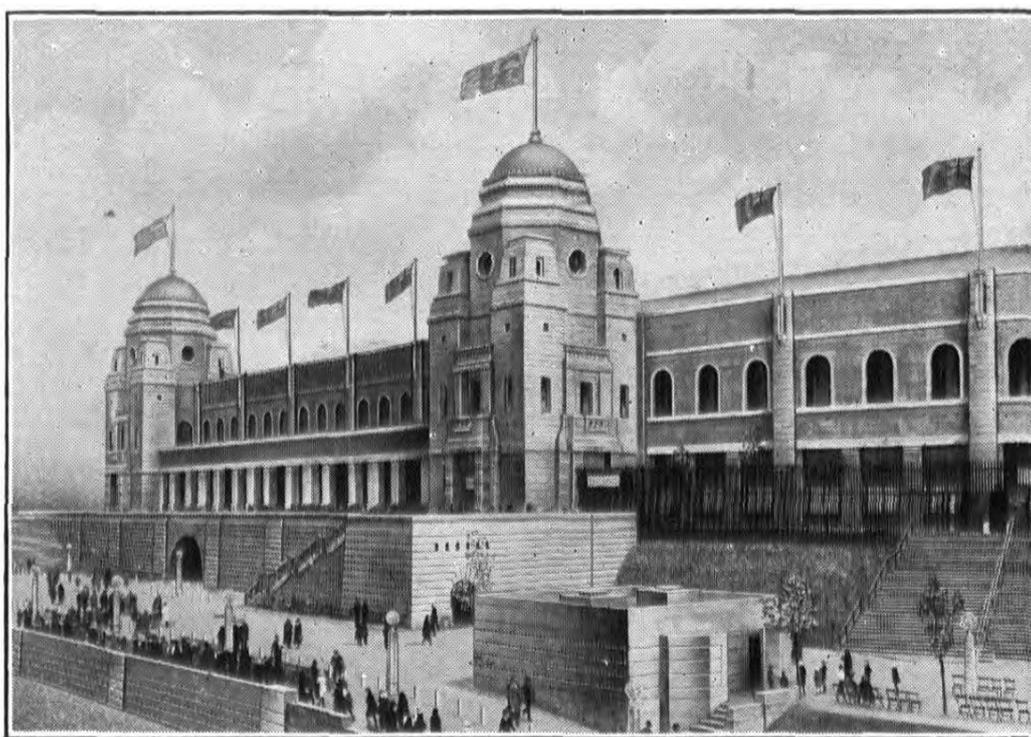
O projeto, feito para promover a propaganda do império britânico, parecia à Football Association, órgão gestor do futebol no país, um meio altamente apropriado através do qual realizar o objetivo de um lugar nacional para um esporte que já era há muito tempo nacional, vinculado sobretudo à classe trabalhadora. Com o megaevento que foi Exposição do Império Britânico de 1924 a 1925, havia o acontecimento ideal para a

152 C.f. Kenneth Powell, *Wembley: myth or monument?* München, ICOMOS Germany, 2002. p.66-68, 2002.

153 C.f. Jeff Hill; Francesco Varrasi. *Creating Wembley: The Construction of a National Monument*. The Sports Historian, 17(2), 1997.

construção de um grande estádio, com suas proeminentes torres gêmeas brancas. As obras, assim, começariam em 1922.

Nesse período, a construção de estádios esportivos nos regimes europeus se apresentava como uma manifestação simbólica do poder das nações, sejam eles democráticos ou autoritários. Wembley, pela sua grandiosidade, era uma atitude mais ambiciosa do que a seus concorrentes nacionais e internacionais do período, casos do estádio de Colombes (1907), em Paris; Ibrox (1899), em Glasgow e do Stamford Bridge (inaugurado em 1877 e adquirido pelo Chelsea em 1905), estádio londrino que por diversas ocasiões foi o palco da final da FA Cup. Mesmo os estádios erguidos pelos regimes autoritários de Mussolini e Hitler, nos anos seguintes, não possuíam a monumentalidade do Estádio do Império.



THE STADIUM

Figura 3: O surgimento de Wembley. O Guia Oficial da exposição de 1925 traz a imagem da imponência do estádio com suas torres gêmeas imperiais, signos da autoridade real.

No caso da Inglaterra, era importante demonstrar publicamente a significância simbólica e material do seu vasto Império por meio uma arquitetura monumental que expressasse seu poderio nesse período, sendo o epicentro da reunião de todos aqueles

países e povos que eram dominados pela Coroa Real Britânica. Erguido com a utilização de materiais que inovaram a arquitetura e a engenharia do período – o uso do ferro e concreto armado –, Wembley trazia como elementos marcantes de sua iconicidade britânica as torres imperiais na fachada, fornecendo ainda mais um caráter litúrgico ao equipamento.

O que tornou a exibição de Wembley diferente de todas as anteriores foi exatamente seu direcionamento para os países subordinados ao governo britânico e sua associação com um evento popular: a final da FA Cup, torneio da associação de futebol inglesa. Nesse momento, o futebol já era há muito um esporte de grande apelo popular na Inglaterra, cujos clubes e seus estádios já eram uma realidade consolidada desde a segunda metade do século XIX. Ademais, o regime de profissionalização do futebol já estava estabelecido desde 1888 e os campeonatos nacionais vinham sendo disputados anualmente desde o ano seguinte à instauração do profissionalismo.

Dito isto, sem pertencer individualmente a nenhum clube, o imenso estádio de concreto foi concluído em abril de 1923, a tempo de realizar, no dia 28, a partida decisiva disputada entre as equipes de West Ham e Bolton Wanderes, com a presença do rei George V e de outras autoridades. Embora o West Ham fosse um clube de Londres, a vitória ficou nas mãos do Bolton por 2 a 0. Contudo, esse jogo ficou conhecido por um outro evento: o “*The White Horse*”.

Com a superlotação do estádio para esse grande acontecimento, houve uma invasão de campo por uma multidão de torcedores que se aglomerava nas arquibancadas de Wembley. No entanto, ao contrário do que pensava, não houve uma confusão que poderia redundar em tragédia. Conforme a narrativa quase mítica do evento, o policial Constable George Scorey, sozinho em seu cavalo branco “Billie”, conseguiu reorganizar a massa de pessoas sem lançar mão de atos truculentos e a partida pode ser jogada normalmente. Essa partida tornou o estádio mundialmente conhecido antes da abertura da inauguração da Exposição do Império Britânico, já transformando-se num marco nacional da identidade inglesa.

O estádio Imperial, como era chamado oficialmente, já era uma realidade e sua monumentalidade atraía as atenções. O Guia Oficial de 1924, por exemplo, expressa o modo pelo qual o equipamento dominava a paisagem física que abrigava a exposição e afirma que sua dimensão seria “uma vez e meia o tamanho do coliseu romano”,

consagrando-se então como “a maior arena esportiva do mundo” (p: 33. tradução livre). Como era geralmente considerada a maior estrutura desse tipo até então, os observadores costumavam ligar o estádio a outros monumentos históricos de origens clássicas, apelando ao orgulho patriótico com essa grande construção.

Já o jornal Sheffield Daily Telegraph de 06 de abril de 1924, poucos dias antes da inauguração, assim descreve o estádio de Wembley e os acontecimentos que ali serão encenados:

E então há o estádio do Império, que domina a paisagem ao longo de quilômetros, e é a maior e mais completa arena de esportes no mundo. Pode abrigar 125.000 espectadores, e é uma das maiores maravilhas de concreto dos tempos modernos. Aqui, durante julho e agosto será encenado um magnífico Desfile do Império, no qual, por uma série de episódios históricos, o desenvolvimento do Império desde tempos remotos será ilustrado (tradução livre).



Figura 4. Construções imponentes. O jornal Sheffield Daily Telegraph destaca a presença de alguns países e os edifícios presentes na Exposição do Império Britânico. Fonte: Sheffield Daily Telegraph, 06 abr. 1924.

No ato inaugural, o príncipe de Gales, presidente da exposição, afirmou “tendes diante de vós, completa e vivida, a representação de todo o nosso império”¹⁵⁴, enquanto o rei George V assim dava as boas vindas ao acontecimento no parlamento britânico: “saúdo a oportunidade que será oferecida pela Exposição do Império Britânico para aumentar o conhecimento dos recursos variados do meu Império e estimular o comércio Inter-Imperial”¹⁵⁵. Estas palavras destacam a relevância das dimensões comerciais e simbólicas que a exposição trazia para a Inglaterra. Operando como uma estratégia de propagandear a grandeza do Império, a realeza britânica desejava enfatizar seus feitos até aquele momento, além de transmitir a todos que ali estivessem não apenas uma ideia mais ampla e definida das conquistas do passado, mas um conhecimento mais claro do progresso técnico ao futuro. Assim, este megaevento apresentava concretizaria os valores materiais e políticos do Império, num momento em que a nação lutava para se recuperar do impacto econômico da Primeira Grande Guerra.

Um ano após a famosa final da FA Cup, o rei George V, neto da rainha Vitória, abriu a exposição no dia de São Jorge, 23 de abril de 1924, diante de uma multidão de aproximadamente 100.000 pessoas no novo Empire Stadium. Em seu discurso de abertura, pela primeira vez transmitido pelas ondas radiofônicas, o rei descreveu o império britânico como uma “família de Estados” e pedia a Deus que conservasse a “unidade e a prosperidade de todos os povos e a paz e o bem-estar do mundo inteiro”¹⁵⁶. Essa família incluía domínios “brancos” como a Austrália e o Canadá; colônias dependentes, exemplos de Quênia e Uganda na África Oriental; protetorados, casos de Palestina e Malta; e a Índia, cujo autogoverno parcial sob o Ato do Governo da Índia de 1919 confirmou o status político ambíguo do subcontinente dentro do Império como se estivesse numa posição entre um domínio e uma colônia.

154 O Paiz, 25 abr. 1924, p.2.

155 British Empire Exhibition, 1924. Tradução livre.

156 Jornal do Brasil, 24 abr. 1924, p.8.



Figura 5. O complexo de Wembley Park. Vista do grande complexo de Wembley Park com seu conjunto de edificios e, ao fundo, o monumental estádio dominando a paisagem arquitetônica. Fonte: The Illustrated London News, 24 mai. 1924.

A exposição contou com enormes pavilhões, com ênfase para os principais palácios: da indústria, engenharia, artes e o edifício da família real, além de várias construções que apresentam os territórios vinculados ao Império Britânico. Muitos dos pavilhões nacionais foram projetados nos estilos arquitetônicos dos países que representavam e também réplicas de edificações históricas e conhecidas, como na construção de uma réplica do Taj Mahal feita pela governo da Índia e do Túmulo de Tutancâmon do Egito. Os shows performáticos ocorridos no estádio, como o Desfile dos Escoteiros e uma ponte que conectava os vários países ao som de “The Song of the Brigde”, continham um alto conteúdo simbólico, uma vez que visavam propagar de modo mais tangível a imagem desejada do Império.

Contudo, Hill e Varrasi apontam diferenças importantes a serem levadas em conta entre os espetáculos performáticos nos estádios de regimes ditatoriais da Europa continental, notadamente na Itália fascista e na Alemanha nazista, e num país de cunho democrático liberal como a Inglaterra. Para os autores,

desfiles militares e exibições de ginástica em estádios esportivos alemães e italianos sob os regimes nazista e fascista envolviam uma participação imposta ao público pelo regime. O aparente consenso representado pelo espetáculo ocultava um uso sempre presente da violência, não apenas de forma direta, física, mas como uma ameaça constante, institucionalizada em procedimentos administrativos e policiais. Não participar desses eventos significaria ser oficialmente identificado como não-partidário do

regime e, portanto, ter seu nome inserido nos registros da polícia e dos aparatos de milícia¹⁵⁷.

Por outro lado, argumentam que esse tipo de consenso forçado, comum em regimes de exceção, não fora presenciado em Wembley. Portanto, todos aqueles que participaram dos eventos transcorridos no estádio durante a exposição o fizeram de maneira livre.

Devido à influência dos valores e costumes britânicos não redor do mundo – lembrando que a essa altura o futebol, produto inglês, já se tornara um esporte popular entre os brasileiros –, a repercussão do evento não deixaria de reverberar no Brasil, sendo retratada pela imprensa por todo seu esplendor, conferindo destaque à construção de um aparato gigante e moderno como o estádio de Wembley.

A Exposição Imperial de Wembley, Londres, oferece à admiração dos milhões de pessoas que constantemente a visitam, verdadeiras maravilhas, em objetos de artes, maquinismos, reproduções dos maiores monumentos arquitetônicos das diversas unidades do Império Britânico, e entre elas se destaca o colossal *Stadium*, que é o maior até agora construído no mundo. Sendo a Inglaterra um dos países onde o *sport* está mais adiantado, era de esperar que os organizadores da Exposição se preocupassem com a construção de uma grande campo para a realização dos diversos torneios atléticos a efetuar-se durante o certame imperial. Com efeito, o Stadium de Wembley é a última palavra do gênero¹⁵⁸

A Exposição do Império Britânico alcançou tamanha popularidade e visibilidade a ponto de ser reaberta em 1925 com novas atrações, mas a mesma ideia de congregar os domínios e as colônias em torno do centro do poder, algo bem explicitado no guia da segunda edição ao afirmar que “Wembley serve como um foco do poder, a realização e o progresso do maior Império que a história conheceu, e é para cada cidadão que se orgulha de sua cidadania manter e encorajar a nova fase de um vasto empreendimento”¹⁵⁹.

Neste guia oficial, a despeito de reforçar sua supremacia arquitetônica fazendo uma comparação com um marco histórico como o Coliseu, é apresentada uma alteração informacional no que tange à capacidade total do estádio: uma redução de aproximadamente 110.000, como fora apresentado no guia do ano anterior, para 100.000 espectadores. No segundo ano da exposição, o estádio recebia alguns eventos como

157 HILL & VARRASI, op cit: 39. Tradução livre.

158 Jornal do Brasil, 15 jun. 1924, p.7.

159 British Empire Exhibition 1925: 25. Tradução livre.

espetáculos das forças militares reais, feiras, exposições com fogos de artifícios e a presença do rei no dia do Império, 24 de maio, para um evento de ação de graças.

Ao todo, outros 10 milhões de visitantes vieram a Wembley para a exposição entre maio e outubro daquele ano. Além do valor comercial e pedagógico, a Exposição do Império Britânico foi uma grande atração turística. A maioria dos visitantes saía com muitos panfletos e comprava cartões postais para enviar ou lembranças de sua visita.

No entanto, a exposição também serviu para propósitos que não estavam exatamente programados pelos seus organizadores, mas que expressam o deslocamento dos discursos dos organizadores com o contexto social, econômico e político da época, uma vez que "nos anos 1920 e após a Grande Guerra, a retórica da cooperação entre os impérios dentro de uma 'Família de Nações' não foi confirmada de maneira significativa pelo governo britânico e pelo Departamento Colonial"¹⁶⁰.

A despeito de ter reunido com sucesso as nações membros do império para desenvolver conexões comerciais imperiais e cultivar laços políticos mais estreitos entre a Grã-Bretanha e seus territórios no período que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, a exposição possibilitou que os participantes subordinados à realeza marcassem suas construções identitárias de nacionalidade diversas daquela imaginada pela metrópole, bem como ser um espaço de discursos críticos em relação à discriminação racial dentro do Império. Desse modo,

nunca antes o tema imperial tinha sido tão central e dominante em uma exposição europeia de tal escala, e – como publicações oficiais e semioficiais que nunca se cansaram de repetir – nunca antes uma área tão grande foi dada aos domínios, colônias e “dependências” para se apresentarem na metrópole. No entanto, nem a linguagem prevalecente da exposição nem seus modos específicos de representação eram tão inéditos e únicos quanto seus promotores afirmavam. De fato, pode-se diagnosticar uma "ressaca" representacional e discursiva¹⁶¹

Outro componente desse ruído, e que merece ser ressaltado, está no aspecto econômico. No momento em que o megaevento é colocado em ação, havia um relativo declínio da Grã-Bretanha como potência industrial, após ter dominado a economia mundial até o início da Primeira Guerra, o que tornou ainda mais problemática a retórica da união entre as regiões metropolitanas e coloniais e semicoloniais. A crise britânica ao longo do

160 CLENDINNING, 2012: 3.

161 GEPPERT, 2010: 141.

século XX, redundando em sua perda como líder das relações comerciais internacionais, acompanhou a problematização da categoria “imperialismo”. Hobsbawm afirma que este termo surgiu no vocabulário britânico nos anos 1870 e popularizou-se nos anos 1890, auge de sua prática expansionista, mas, na medida em que ia adquirindo um caráter pejorativo ao longo do século XX, deixou de ser usada por políticos que “orgulhavam-se de se denominarem imperialistas”¹⁶². Desse modo, a ideia que impulsionou a exposição no plano discursivo – a da congregação afinada de uma grande família de nações, tal como proclamada pelo rei em sua inauguração – encontrou seus obstáculos na prática.

Após a exposição bienal, em um leilão privado, muitos pavilhões adquiridos foram demolidos e/ou transferidos para outros locais, mas o estádio – junto dos principais palácios – permaneceu em seu lugar de origem, expressando a ideia de que “grandeza e gravidade, em vez de durabilidade ou sustentabilidade, foram os principais critérios no momento de sua construção”¹⁶³.

O estádio então foi adquirido por August Elvin, que tornou-se diretor administrativo do Wembley Stadium e da Greyhound Racecourse Co., que logo estava participando de reuniões lucrativas para que o estádio fosse utilizado em diversas atividades esportivas: além das finais da FA Cup, que já estavam consolidadas em Wembley desde sua inauguração, havia agora corridas de galgos, as finais dos campeonatos nacionais de rugby e até mesmo torneios de motocicletas, trazendo renda e visibilidade para o estádio. Nos anos seguintes, já nos anos 1930, o estádio passou por algumas reformas nas suas arquibancadas, vendo sua capacidade reduzida agora para pouco menos de 100.000 espectadores, dos quais 45.000 com assentos.

Em 1947 Sir Arthur Elvin foi presidente do Wembley Stadium Ltd e tornou possível os Jogos Olímpicos de Londres de 1948, emprestando o Estádio para a comissão organizadora do evento, que recebeu em sua abertura, no dia 29 de julho, cerca de 80.000 pessoas. Esses foram os primeiros Jogos Olímpicos realizados após a Segunda Guerra Mundial, sendo chamados de “Jogos da Austeridade”, devido à crise econômica que se abateu com os vultosos gastos de guerra. Mais uma vez o estádio foi a peça central desse grande evento, abrindo as cerimônias de abertura e encerramento, além de receber várias atividades esportivas.

162 HOBSBAWM, 2015: 93

163 GEPPERT, op cit: 137

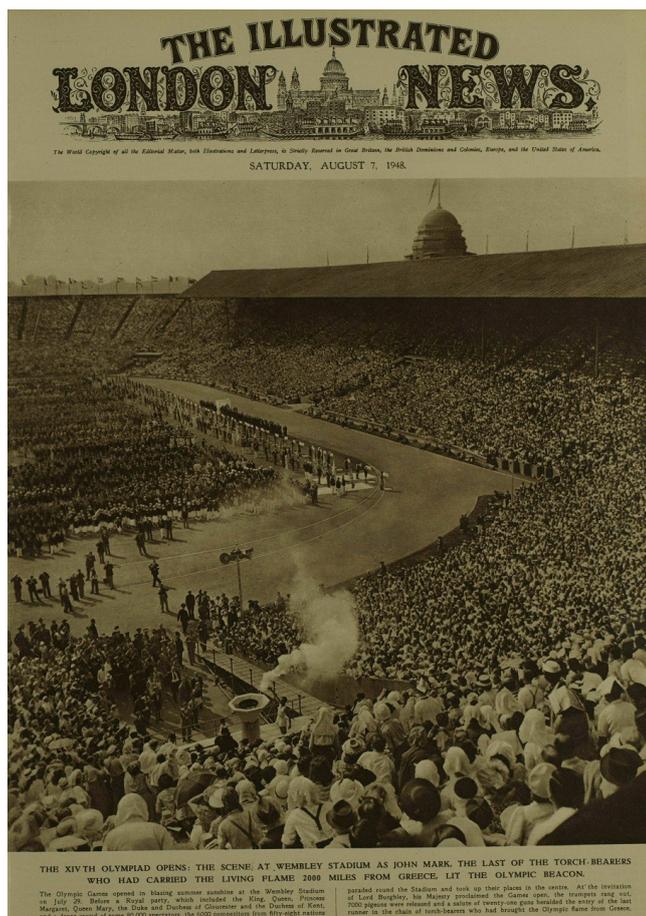


Figura 6: Jogos Olímpicos da austeridade. Panorama do estádio de Wembley na abertura dos Jogos Olímpicos de 1948, com público de aproximadamente 80 mil pessoas. Ao fundo, avista-se parte de uma das tradicionais torres imperiais, um dos signos que tornaram esse equipamento icônico das narrativas de inglesidade. Fonte: The Illustrated London News, 07 ago. 1948.

Contudo, já nesse período havia vozes que pediam pela modernização dos estádios, de modo que estes estivessem antenados com as exigências da sociedade de consumo das massas. A revista mensal britânica *World Soccer*, em outubro de 1960, traz uma matéria cujo título sugere um deslocamento na posição intocável de Wembley: “A Grã-Bretanha precisa de um super estádio”. A matéria afirma que a Inglaterra precisa estar conectada com as exigências dos espectadores que acessam os estádios de futebol, e que por isso deveria seguir alguns exemplos de estádios pela Europa, mais especificamente dos estádios espanhóis que haviam sido construídos naquele período, dos austeros estádios pertencentes aos países da “Cortina de Ferro” e do Maracanã, para a revista um “super estádio” capaz de acomodar mais que o dobro da torcida que Wembley.

Diante disso, este equipamento esportivo já ultrapassava os trinta anos de existência e “embora fosse uma maravilha em sua época, agora é pequeno, e embora pouquíssimas

peças possam obter um assento, muitas são submetidas aos caprichos de nosso clima”. Chega-se mesmo a sugerir algum grande evento para que fosse impulsionada a construção de um novo estádio que pudesse atualizar o poderio britânico na arena esportiva, sendo sugerida uma comemoração do centenário da criação Associação de Futebol, uma espécie de marco zero do futebol em sua face moderna.

Nestes dias de crescente competição entre as várias formas de dedicação, é mais do que aparente que, se a Associação de Futebol [FA] pretende recuperar sua influência em queda no espírito esportivo das massas, então alguma coisa deve ser feita para tornar sua posição nas arquibancadas mais sustentável¹⁶⁴

Portanto, um novo estádio deveria aliar porte físico capaz de reunir uma massa de pessoas – que para a revista deveria girar em torno de 150.000 a 200.000 mil pessoas – e mais conforto e melhores pontos de visibilidade para seus espectadores. De fato, um grande acontecimento para o país viria poucos anos depois. Em 1966, a Copa do Mundo fora realizada no país, mas não houve a construção de um novo estádio. Ao contrário do que comumente ocorre nesse tipo de evento, quando megaprojetos originam novos equipamentos que expressam as demandas do período, no caso da Inglaterra optou-se por desenvolver os estádios já existentes, dentre eles Wembley, que, após passar por algumas melhorias, receberia o maior número de jogos (nove), inclusive a final.

O plano de reformas e melhorias previa que, além de questões envolvendo serviços e segurança, os estádios deveriam focar-se na quantidade de assentos cobertos e acomodações disponíveis, incluindo algumas melhorias nos assentos em Wembley, haja vista que, por ser descoberto, estava sujeito às instabilidades do clima inglês. Com efeito, assentos temporários foram adicionados a quatro locais, enquanto Wembley recebeu um novo pavilhão.

164 World Soccer, out. 1960, p. 9. Tradução livre.

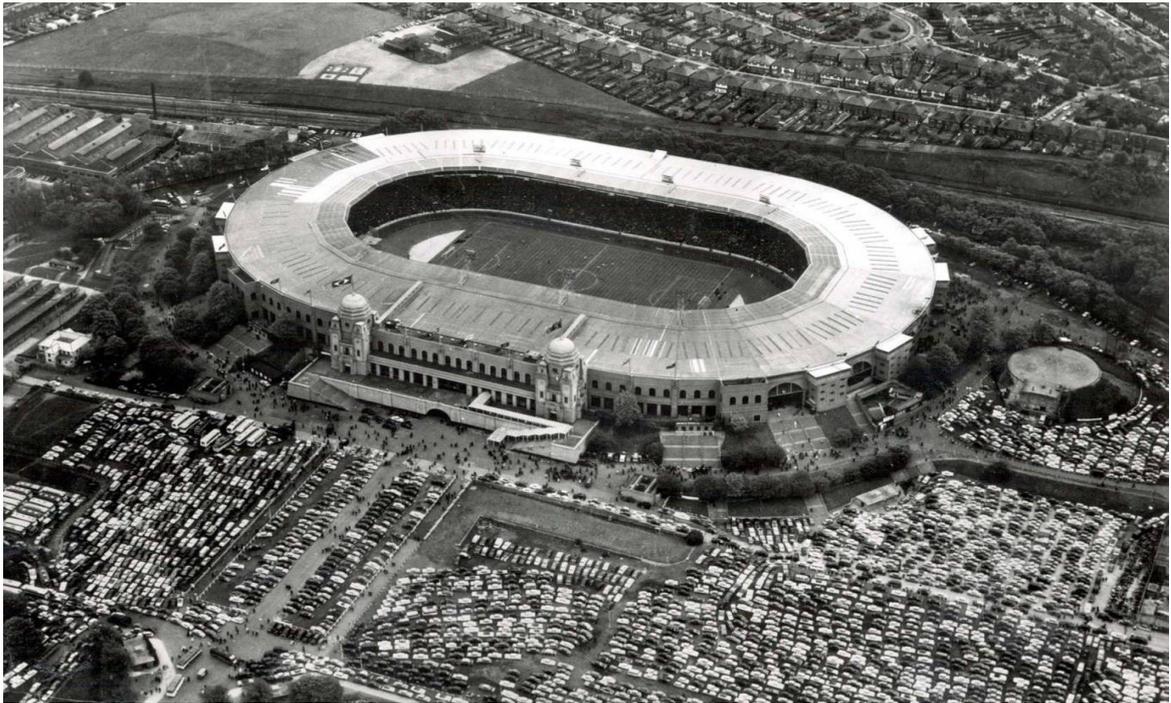


Figura 7. Vista aérea do estádio de Wembley no dia da partida final da Copa do Mundo de 1966. Algumas alterações foram colocadas em prática, com maior evidência para a cobertura das arquibancadas, protegendo o público das intempéries climáticas. Fonte: Evening Standard, 30 jul. 2016. Disponível em: <https://www.standard.co.uk/sport/football/the-best-pictures-from-englands-1966-world-cup-wembley-win-in-london-a3308006.html> Acesso em 05 ago 2018

Nesse sentido, Gilltett & Tennent (2017) argumentam que a Copa do Mundo da FIFA de 1966 não envolveu um projeto de construção global e seu legado tangível é menos visível do que fora percebido nas Copas do Mundo subsequentes, mas, por outro lado, seu legado intangível e simbólico é significativo. Esse campeonato assumiu um significado simbólico, sendo a única vez que o torneio foi recebido e vencido pela Inglaterra, num gol ainda hoje controverso contra a Alemanha, e essa vitória, a única da seleção em copas, aconteceu no cenário do icônico Estádio de Wembley.

O estádio ainda foi cenário para numerosos shows e festivais de música, como o Live Aid em 1985, bem como do Campeonato Europeu de Futebol de 1996, quando dessa vez a seleção inglesa foi eliminada pela Alemanha nas semifinais do torneio. As finais da FA Cup, desde sua inauguração, seriam jogadas no estádio, fazendo desses episódios anuais uma tradição esportiva nacional.

Em razão disso, todos estes acontecimentos que se desenrolaram no estádio o transformaram num ícone da identidade inglesa, ao mesmo tempo em que ocupou por vários momentos uma posição particular nos eventos globais. Essa estrutura de concreto

nasceu como o dispositivo central dos interesses da Exposição do Império Britânico, tornando-se irremediavelmente seu legado físico e conceitual mais importante, tal como havia ocorrido com o Palácio de Cristal na Exposição Universal de Londres de 1851.

Mesmo os edifícios que sobreviveram à demolição na década de 1920 desapareceram gradualmente, sendo o Wembley a construção de grande escala que mais bem manteve-se desde sua origem. No entanto, com o passar das décadas e a evolução técnica dos estádios em várias partes do mundo, o antigo Estádio do Império começou a parecer um equipamento problemático para muitos analistas, parecendo cada vez menos um local apropriado para a realização de grandes eventos e suas novas demandas de entretenimento, pois suas instalações não atendiam às expectativas de espectadores e organizadores.

No final da década de 1990, o estádio foi comprado pela Associação de Futebol da Inglaterra, também uma entidade privada, para realizar sua demolição para então construir um equipamento arquitetônico inteiramente diferente, como tentativa de incentivar a candidatura do país para a Copa do Mundo de 2006, que acabou sendo realizada na Alemanha.

Com isso, sua última aparição enquanto antigo Wembley, ostentando suas tradicionais torres imperiais, deu-se em outubro de 2000, numa partida pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2002 entre Inglaterra e Alemanha, com o destino sendo ainda mais doloroso com os ingleses – a partida terminou 1-0 para os alemães, gol do atacante Oliver Bierhoff. Sua demolição completa se iniciaria em 2002, desaparecendo dessa maneira o último foco de resistência arquitetônica da Exposição do Império Britânico. Um estádio que, a despeito de nascer sob o signo da união entre as famílias nacionais, reafirmava a supremacia imperial britânica, e estabelecia as diferenças de constructos civilizacionais e as hierarquizações culturais e raciais.

2.3. O ESTÁDIO MUNICIPAL COMO REPRESENTAÇÃO DA UNIDADE NACIONAL

A construção do Estádio Municipal do Maracanã sintetizou uma época de sedimentação de um imaginário nacionalista gestado a partir dos anos 1930 e sacramentou a dimensão popular que alcançava na capital federal. O estádio, com sua monumentalidade em ferro e concreto, foi o produto material de um ideário germinado na reformulação do

pensamento social acerca dos elementos formadores da brasilidade, inspirado na obra de Gilberto Freyre, e da implementação de uma política nacional empreendida no período varguista de forte centralização administrativa e desenvolvimento industrial como projeto de modernização, expandindo os horizontes da urbanidade e da cidadania social. Nesse sentido, clamado como “Colosso do Maracanã”, o surgimento do então maior estádio do mundo para receber a IV Copa do Mundo, em 1950, representaria as expectativas do Brasil como nação integrada ao cenário internacional de grandes civilizações do pós-II Guerra Mundial.

2.3.1. A centralização política e a miscigenação como ideal nacional

Na virada dos anos 1920 para os 1930, a jovem República brasileira passava por intensas transformações em várias esferas da vida social, resultando na tentativa de vários segmentos em interpretar e superar as formas políticas, culturais, sociais e econômicas vigentes até então, uma vez que as promessas do novo modelo político estavam longe de serem cumpridas. Com o cenário internacional passando por uma crise financeira e internamente o jogo político entrar em descompasso no carrossel entre mineiros e paulistas, a Revolução de 1930 foi certamente um ponto de inflexão na sociedade brasileira, instaurando uma nova ordem política sobre uma sociedade marcada pela autonomia dos regionalismos. Seu efeito disruptivo ficaria evidente logo no início do novo governo. Em contraposição ao modelo descentralizador e federalista da Primeira República, com a ascensão política de Vargas e seu grupo foi introduzido um modelo centralizador e intervencionista. O apoio popular permitia ao governo ousar em suas iniciativas contrárias aos interesses políticos das oligarquias derrotadas.

Vargas se preocupava em garantir a unidade nacional e, para que isso ocorresse, afirmava que a construção Estado Nacional deveria estar intimamente ligada à obtenção da justiça social e que esta somente seria alcançada por meio do desenvolvimento autônomo do país. Seu discurso está permeado pela concepção de que só o desenvolvimento autônomo da economia levaria o país à sua plena soberania e à emancipação do povo brasileiro, almejando assim o sentido de coesão nacional. Durante sua primeira passagem como líder nacional (1930-1945), embora recorrendo a uma fase de padrões políticos autoritários a partir de 1937, Vargas fora reconhecido positivamente pela sua forma de

conciliar e mediar antagonismos políticos, ao contrário do que ocorrera em sua segunda passagem (1951-1954), bastante tensionada pela polarização entre aqueles que defendiam maior intervenção do estado na economia e aqueles que acreditavam na participação estrangeira para o desenvolvimento do país, reflexos da Guerra Fria.

O Brasil anterior a 1930 caracterizava-se pela ausência de unidade devido a políticas regionalistas marcadas por conflitos particularistas entre oligarquias em busca de poder. Reforçando o Governo central e diminuindo a autonomia política de industrialização e de modernização do aparelho administrativo e econômico. Através de medidas sociais e paternalistas, ele integrará os setores populares à vida nacional¹⁶⁵

A mestiçagem passa a vigorar como elemento cultural positivo na interpretação oficial do imaginário identitário brasileiro, sobretudo a partir da abordagem produzida por Gilberto Freyre em sua obra *Casa Grande & Senzala* (1933), a despeito de merecer destaque o fato de que, antes, esse movimento já vinha sendo gestado pelos questionamentos do estrangeirismo e a busca da valorização dos traços nacionais do modernismo pensado na Semana de Arte de 1922. Na obra de Freyre, coloca-se a argumentação de que a formação cultural e racial do brasileiro é o produto da mistura entre o indígena despreparado para resistir, o português propenso a uma plasticidade para o contato com outros povos e o negro escravizado.

Com esse acontecimento renovador e mais tarde com a mudança de paradigma influenciada por Freyre, desencadeou-se uma consciência histórica até então velada na sociedade brasileira, calcada na fragmentação de culturais locais e ideias acriticamente importadas dos países hegemônicos. Desse modo, parte das elites intelectuais brasileiras se coloca na contramão de uma imagem que buscava-se afirmar até então: a negação da miscigenação e a valorização do embranquecimento da população. Esse posicionamento foi bastante explícito nos escritos de pensadores como Oliveira Viana, Nina Rodrigues e outros visavam, a partir de teorias raciais, desenvolver uma nação moderna e civilizada sob os trópicos, mas percebiam na mestiçagem um obstáculo a essa evolução social.

Essa avaliação otimista que Freyre faz da miscigenação representou um alívio para as elites brasileiras. Ele lhes devolveu a autoconfiança que as teorias racistas do final do século XIX lhes tinham tirado. Essa nova representação mudou a atitude do Brasil em relação ao mundo exterior.

165 MEDEIROS, 2008: 88.

Desde 1822, as elites brasileiras esforçavam-se por esconder dos estrangeiros e de si mesmas a “impureza” da história nacional. Até 1930, pensou-se que a miscigenação tinha comprometido definitivamente o futuro do Brasil. Freyre trouxe uma nova interpretação da miscigenação que se tornará até uma referência para o mundo pós-1945, que vivera uma guerra com motivações raciais declaradas¹⁶⁶

Com a obra de Gilberto Freyre, o ideal de mestiçagem passa a ser exaltado, questionando a visão europeizante e permitindo ao Brasil se afirmar com suas especificidades na esfera cultural e racial diante do mundo. Sendo assim, como produto da fusão das três raças ao longo de séculos de trocas culturais, a mestiçagem é alçada ao patamar de um mito nacional, uma expressão maior de nossa identidade que nos coloca no rumo da civilização, e não da barbárie, como fora apontado pela elite intelectual de gerações precedentes¹⁶⁷.

Nesse momento de renovação política e epistemológica acerca das visões de brasilidade, o governo Vargas toma a miscigenação harmônica e tolerante como elemento-chave da construção da identidade nacional. Com isso, um leque de componentes passa a vigorar no discurso oficial como representativos símbolos nacionais. Por um lado, há o samba, a capoeira, a feijoada, esses elementos pertencentes às classes subalternas (população negra) e que passaram pelo sincretismo da miscigenação. Por outro lado, o futebol, já nesse período um esporte popular, passou por processo semelhante, mas miscigenando-se a partir do ponto diametralmente inverso: das classes dominantes. Ou seja, todos esses componentes culturais tangenciaram-se nas narrativas nacionalistas da autoridade política de uma brasilidade mestiça.

Enquanto distrito federal, o Rio de Janeiro, sobretudo no Estado Novo varguista (1937-1945), projetava-se como uma cidade largamente centralizada em termos políticos e administrativos, fazendo dela um símbolo territorial de onde deveria emanar a força do regime autoritário que vigorava nesse período. O Estado colocou em ação a construção de edifícios e vias pujantes que correspondessem às suas pretensões nacionais, tais como a

166 REIS, 2001: 69.

167 Essa visão vantajosa da mistura de raças e culturas, contudo, trazia como seu problemático corolário uma postura benevolente em termos gerais com a conduta do colonizador português. Essa avaliação, a despeito de sua cristalização no imaginário brasileiro, logo encontrou resistência entre seus contemporâneos, caso de Sérgio Buarque de Holanda em sua obra *Raízes do Brasil* (1936), cuja visão da participação do colonizador português na sociedade brasileira é diferente daquela proposta por Freyre, ao argumentar que os aventureiros portugueses que aqui fincaram raízes arruinaram a terra em busca da riqueza fácil.

abertura da Avenida Presidente Vargas, larga artéria de ligação com o centro da cidade, a edificação dos prédios monumentais e modernos como os Ministérios da Educação e Saúde, do Trabalho e da Fazenda. Nesse sentido, na construção material empreendida pelo estado havia uma “clara intenção de que conteúdos nacionais recheassem as formas ditadas pelos padrões universais da arquitetura moderna”¹⁶⁸.

Ademais, realizou eventos cívicos que transmitissem a mensagem da nacionalidade cívica e de cidadania social do governo ao povo, como as cerimônias ocorridas no estádio de São Januário, do Vasco da Gama, construído em 1927, no momento em que o futebol, assim como parte da intelectualidade que formulava o pensamento social, questionava a elitização de inspiração europeia para ditar os códigos e participações no universo oficial do esporte.

O Estado Novo desenvolveu a ideia de que somente sua intervenção, controlando para isso todos os poderes, poderia promover a coesão nacional, fazendo assim com que o mosaico de diferenças regionais e grupais se transformassem, ao menos no plano discursivo, numa coletividade homogênea.

Nesse sentido, ficava mais evidente que o projeto varguista direcionou-se para a intervenção em diversas esferas da vida social, percebendo no esporte, com foco no futebol, um elemento-chave para realizar suas formas de controle da população, moldando novos cidadãos, e para amplificar a propaganda oficial com as massas, estreitando a comunicação entre esfera privada e poder público¹⁶⁹. O futebol não escaparia a esse movimento de tutela do Estado que visava a unificação de valores, práticas, rituais, símbolos, manifestações em torno daquilo que se idealizava como nação brasileira, sobretudo após a participação do selecionado nacional na Copa do Mundo de 1938.

2.3.2. A Copa do Mundo de 1938: uma interseção entre futebol e política

Após o fracasso da seleção nacional na Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália fascista, o presidente Getúlio Vargas e seus ideólogos, inspirados no esforço de Benito

168 MOTTA, 2004: 39

169 O trabalho de Maurício Drummond (2010) apresenta um panorama comparativo da relação que os regimes autoritários varguista (Brasil) e peronista (Argentina) estabeleceram com o esporte, extraindo de sua análise o aspecto monoesportivo do caso brasileiro, com a atenção hegemônica que o futebol despertou no poder e nas massas, ao contrário da diversidade de práticas esportivas que estiveram no radar do governo peronista, casos do boxe, do basquete, entre outros, ainda que, com efeito, o futebol desde então despontasse como o esporte mais popular entre os argentinos.

Mussolini em fazer da equipe italiana uma representação do poderio estatal daquele país, perceberam no futebol um meio sociopolítico de representação da ideia nacionalista. A essa altura, o futebol já caminhava para se tornar um esporte de massa como o conhecemos hoje e, por isso, o poder federal vislumbrava a necessidade de estabelecer uma estrutura centralizada de gestão com o intuito de colocar o futebol nacional no cenário internacional. Após a confirmação do profissionalismo no futebol brasileiro nas mãos da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), em 1937, a organização do futebol passaria pelo crivo recém-instaurado Estado Novo e seu sentimento popular voltado para o esporte.

A Copa do Mundo de 1938, realizada na França, consolidaria o futebol como esporte nacional, merecendo atenção especial do poder político. Até esse momento, jamais havia tido um incentivo maciço do Estado para a promoção de um selecionado nacional. A boa participação dos jogadores brasileiros na competição, chegando à semifinal e perdendo para a futura campeão (Itália), despertou de vez nos brasileiros e no poder público a importância do futebol como um dos elementos indispensáveis na construção de uma unidade nacional, algo revelador de nossa especificidade.

A repercussão do torneio alcançou tal dimensão que faria do futebol um privilegiado microcosmo aglutinador de raças e expressaria as vantagens da mestiçagem, característica potencializadora de um estilo de jogo bailarino, fator de diferenciação em relação ao modelo apolíneo e rígido dos europeus. Gilberto Freyre, expoente desse pensamento, chega a afirmar em seu artigo “Football Mulato”, no Diário de Pernambuco, que

o nosso estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política¹⁷⁰

O futebol apareceria, desse modo, como a realização metonímica de uma estética da democracia racial, assim decantado por Mario Filho, o primeiro grande ideólogo do futebol brasileiro – recebendo inclusive a nomenclatura de “ministro do esporte sem pasta”¹⁷¹ – e influenciado fortemente pelas ideias de Gilberto Freyre. O futebol operaria

170 Diário de Pernambuco, 17 jun.1938.

171 CASTRO, 2008: 222

então como um espaço simbólico de ressonância dos processos de conflitos e acomodações entre as camadas sociais e políticas vivenciadas em diversas esferas da realidade brasileira e suas transformações ao longo das décadas. De um esporte de elite que deveria expressar uma imagem nacional “embranquecida”, com o passar dos anos o futebol se consolidaria como um signo da inserção, embora desigual, de diferentes camadas sociais e raciais no papel de protagonismo nas tentativas de forjar uma identidade nacional miscigenada, expressão da habilidade do brasileiro em detrimento do estilo de jogo mecanicista europeu.

Esse período de grande entusiasmo com o futebol, após a participação brasileira na Copa de 1938, e o fervor nacionalista do Estado Novo varguista fez surgir uma das crenças mais perenes no imaginário da sociedade brasileira: a de que o Brasil seria o “país do futebol”. Nesse sentido, Helal argumenta que este lema foi uma construção social realizada sobretudo por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação daquilo que entendemos por “estado-nação”, a partir dos anos 1930, acompanhada por formulações acadêmicas sobre a sociedade. Nesse momento, novos elementos culturais ganhavam relevo na tentativa de construir uma ideia de nação brasileira e um destes artefatos culturais seria representado pelo futebol, espaço privilegiado dos atributos positivos da miscigenação racial decantada por Gilberto Freyre e apropriada por Mario Filho para explicar a particularidade do nosso futebol. Neste sentido, segundo o autor, “o ‘país do futebol’ não é uma realidade natural, mas sim uma construção realizada por agentes – da imprensa, do meio acadêmico e da política – em um determinado momento histórico”¹⁷².

O trabalho de Mario Filho está fortemente ancorado no pensamento social de Gilberto Freyre, estabelecendo a ideia de que o drible teria aparecido como uma estratégia de negros e mestiços para escaparem dos lances mais ríspidos dos brancos, já que poucas vezes eram marcadas faltas destes sobre aqueles. Isso, segundo o jornalista Mario Filho, explicaria as idiossincrasias do futebol brasileiro, com ênfase no drible como um dos produtos nacionais mais importantes, em contraponto a racionalidade e mecanicismo do futebol praticado pelos europeus. Portanto, essa forma de jogar – *o futebol-arte* – estaria vinculada intimamente àqueles que tiveram de enfrentar os obstáculos da vida.

Essa explicação, ainda que apresente essencializações e escassas evidências empíricas, não deixa de se contrapor a uma ordem instituída que privilegiava o regime amadorista e chancelador de distinções classistas e raciais que vigoraram de modo

172 HELAL, op.cit: 2.

hierarquizante desde os primórdios do esporte na capital federal. A partir dos anos 1930, assim como ocorrera com outros símbolos (samba, capoeira, feijoada são alguns exemplos), o futebol – imensamente popular e constantemente ressignificado pela população que admirava o esporte – seria apropriado pela visão oficial como um fenômeno metonímico do encontro formador da civilização mestiça brasileira e portanto merecedor do reconhecimento nacional. E a construção de um imponente equipamento esportivo para a realização da IV Copa do Mundo, em 1950, seria a materialização desse projeto nacionalista tecido nos anos anteriores, com a tenaz participação de Mario Filho.

2.3.3. Um colosso de cimento como a expressão da nacionalidade brasileira

A construção de uma praça de esportes de proporções gigantescas era uma ambição que vinha desde o Estado Novo, pois o regime percebia nesses espaços não apenas um foco de disputas esportivas, mas um caixa de ressonância dos componentes cívicos e das mensagens ideológicas do governo vigente.

Em 1938, no calor da participação da seleção nacional na Copa do Mundo daquele ano e do desejo de realizar a edição seguinte (1942), os dirigentes brasileiros, na figura de Celso de Barros, apresentaram oficialmente a candidatura para que a próxima Copa do Mundo, no ano de 1942, fosse realizada no Brasil. No entanto, junto tanto o projeto do estádio quanto o torneio mundial foram interrompidos pela II Guerra Mundial.

Com o fim do trágico evento, a Federação Internacional de Futebol (FIFA), em 1946, organizou uma assembleia de dirigentes e decidiu, por unanimidade, que a próxima Copa do Mundo teria sede no Brasil. Inicialmente, ficou decidido que o campeonato mundial de futebol seria disputado no ano de 1949, mas foi adiado para o ano seguinte. A única exigência da FIFA era a de que o país-sede tivesse um equipamento apropriado para realizar a abertura e o encerramento do evento. Contudo, a decisão sobre a localização e construção de um estádio monumental não encontraria a unanimidade esperada.

Com a exceção de São Januário, à época com capacidade para cerca de 40 mil torcedores e, ao lado do Pacaembu (SP), um dos maiores estádios do Brasil, a capital federal não possuía equipamentos esportivos de grande porte para um megaevento como a Copa do Mundo. O estádio das Laranjeiras, ampliado para abrigar o Campeonato Sul-americano de 1919, já havia deixado de ser referência para o futebol carioca após a

construção de São Januário, em 1927. Desse modo, os estádios na cidade tinham dimensões quase familiares. Diante desse cenário, inicialmente pensou-se em destinar investimentos para que fosse colocada em prática a ampliação do estádio do Vasco da Gama para a realização da IV Copa do Mundo, mas essa ideia foi duramente combatida por políticos, casos dos vereadores da UDN que não desejavam vultosos gastos em um estádio particular, com especial atenção para a figura do jornalista e político Carlos Lacerda, feroz opositor do varguismo.

Mesmo com o descarte da proposta de ampliação de São Januário e a definição de que um estádio novo deveria ser construído, as discussões não cessaram, ganhando as páginas dos jornais e os púlpitos da câmara dos vereadores. Esses embates discursivos em torno do estádio ficaram conhecidas como “A Batalha do Estádio”.

Coutinho (2011) e Moura (1998) demonstram como esse empreendimento arquitetônico não foi concretizado sem antagonismos ideológicos e políticos que colocaram em posições opostas na imprensa carioca as figuras de Carlos Lacerda e Mario Filho. Enquanto o primeiro discorria no jornal Tribuna de Imprensa seu posicionamento crítico à construção do estádio na região do antigo Derby Club (Maracanã), preferindo Jacarepaguá, e da intervenção estatal nesse empreendimento, o segundo se colocava como contumaz defensor nas páginas do Jornal dos Sports da construção de um estádio público capaz de abrigar multidões, pois via no futebol um importante elemento da cultura nacional¹⁷³.

Mario Filho valoriza o projeto nacionalista do esporte iniciado na Era Vargas, destacando a centralidade do estado “como o organizador desse espírito cívico” que está vinculado com a tradição trabalhista¹⁷⁴. Para o jornalista do Jornal dos Sports, o gigantesco estádio de ferro e concreto seria a realização do compromisso de aliança do Estado com o povo, um avanço não apenas em termos esportivos, mas civilizacionais, uma força transcendental da capacidade de superação do brasileiro, por isso confia nas páginas do jornal sua abnegação quase solitária em “fazer do estádio uma campanha minha”, uma

173 Neste tocante, nem todos os políticos filiados à UDN pactuavam da mesma opinião acerca da localização do novo estádio a ser construído. O locutor esportivo Ari Barroso, membro da UDN, mostrava-se contrário ao projeto do Estádio Municipal em Jacarepaguá, preferindo o Derby Club. Ademais, havia no interior do partido posições mais radicais, como a de Tito Lívio de Santana, que simplesmente rejeitavam a possibilidade da construção de um estádio num sociedade com tantos problemas estruturais.

174 COUTINHO, 2011: 66-67.

vez que entendia ser o monumental equipamento “uma conquista dos clubes, uma conquista do esporte”¹⁷⁵.

Por outro lado, Carlos Lacerda e seus colaboradores consideravam a obra de menor importância, preferindo destacar as mazelas da cidade, como o questionamento acerca da construção de hospitais e outros equipamentos públicos em vez de um imenso estádio. No fim das contas, o objetivo da construção do Maracanã era, para os representantes da Tribuna de Imprensa, “enaltecer as figuras do prefeito e do presidente da República”¹⁷⁶. A batalha pelo estádio mobilizou até mesmo a atenção (e as palavras) de José Lins Rego, famoso escritor e cronista esportivo pelo *Jornal dos Sports*, que assim apresentou seu posicionamento acerca deste episódio na edição de 14 de agosto de 1947:

Lamento que o meu amigo Carlos Lacerda, homem que sei cheio das melhores intenções, esteja com a loucura do estádio em Jacarepaguá. Essa ideia do jovem amigo do povo parece mais de pirraça de amiga da onça. Se, de fato, os senhores vereadores estão mesmo, como devem estar, a serviço da cidade que os elegeu, não têm outro caminho que o de apoiar a iniciativa do Sr. Prefeito¹⁷⁷

Foi nesse clima de tensão política entre dirigentes da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e jornalistas com visões diversas que, a partir de agosto de 1948, no bairro do Maracanã, começaria a ser construído o que viria a ser o maior estádio do mundo na época e símbolo maior da projeção da brasilidade para o mundo e que reforçaria as pretensões de grandiosidade do país no cenário internacional: o Estádio Municipal do Maracanã. Ressalte-se que o projeto deixava de estar sob a responsabilidade do poder federal, como havia sido pensado nos anos anteriores, e passava para o nível municipal, sob o governo do aclamado general Ângelo Mendes de Moraes, ainda que houvesse apoio do governo federal, na figura de Eurico Gaspar Dutra, a este empreendimento.

Assim que Mendes de Moraes assumiu a Prefeitura, o projeto começou a sair do estado de quimera. Pelo menos o local da obra estava decidido, em pleno centro geométrico da cidade. Mas logo ficou verificado que os terrenos do Derby Club – uma área declarada de 186 mil e 638 metros – não pertenciam à Municipalidade, como sempre se imaginou, mas ao Jockey Club. Foi acertada, todavia, a posterior permuta da área por outras, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. Sem problemas. Era só

175 *Jornal dos Sports*, 06 fev.1949: 7.

176 MOURA, 1998: 47.

177 REGO, 2002: 135.

sentar pra conversar melhor, acertar uns detalhes, aparar umas arestas, essas coisas¹⁷⁸

A construção do Maracanã respondia não apenas ao plano esportivo, mas igualmente a uma tentativa de apresentar-se ao cenário internacional como uma nação capaz de grandes empreitadas e feitos, consolidando, ao mesmo tempo, um discurso identitário próprio e seu status diante dos olhos do outro, inclusive colocando-se como um novo cartão-postal da cidade, ao lado do Corcovado e Pão de Açúcar, pontos já consagrados no turismo da cidade. Da mesma forma que o estilo de jogo brasileiro apresentava sua singularidade no imaginário nacional, o surgimento de um equipamento tão imponente deveria cumprir a tarefa de demonstrar a pujança nacional aos olhares do outro (dos estrangeiros). Uma matéria do *Jornal dos Sports* de 08 de abril de 1949, assinado pelo correspondente internacional Albert Laurence, faz um apanhado dos grandes estádios europeus, com destaque para Wembley, e, ao estabelecer uma comparação com o projeto do Estádio Municipal, chega à conclusão de que “acho que visitei pessoalmente quase todos os estádio mais importantes do outro lado do Atlântico. Estádios que um dia pareceram também gigantescos. Hoje, todos pequenos demais”¹⁷⁹.

Nesse período, o maior estádio do continente era o Centenário de Montevideú, erguido por ocasião da realização da primeira Copa do Mundo (1930) no Uruguai. A esse respeito, as palavras de Mario Polo, presidente da CBD, tentam exprimir o sentimento que provocava em sua pessoa e na coletividade nacional as etapas de consolidação do equipamento:

Orgulha-nos à alma de brasileiros testemunhar um acontecimento que, se presenciássemos em terra estrangeira, provocaria exclamações como esta: “Só mesmo os americanos do norte seriam capazes de realizar uma obra desta envergadura! Tudo é imenso no estádio”¹⁸⁰.

No dia 16 de junho de 1950, após pouco mais de 2 anos desde a pedra fundamental, o Estádio Municipal era inaugurado. A Copa do Mundo significava, naquele momento, a aspiração de uma coletividade em ver o país num patamar superior na prateleira dos países mais avançados e modernos. Contudo, a diferença de tons que cada jornal dava ao evento

178 SÉRGIO, 2000: 58.

179 *Jornal dos Sports*, 08 abr.1949, p.5.

180 *Jornal dos Sports*, 01 abr.1949, p.5.

denotava que as disputas discursivas que giravam em torno do estádio não tinham cessado. Enquanto a Tribuna de Imprensa destacava a inauguração em tom sóbrio, ainda que sem deixar de expressar a importância do feito, o Jornal dos Sports e O Globo Esportivo explicitavam suas efusividades.



Figura 8. Inauguração do Maracanã. A capa do Jornal dos Sports de 17 de junho de 1950 demonstra seu entusiasmo com a inauguração do estádio, destacando a presença maciça da população.

A capa do Jornal dos Sports do dia seguinte à inauguração oficial do estádio deixa explicitado o componente da união nacional que deveria estar alinhado com o novo equipamento, apontando que “gente de todas as classes afluiu à maior praça de esportes do mundo”¹⁸¹. Na mesma edição, o jornal descrevia os eventos do dia:

Cerca de 12 horas, eram franqueados os portões do maior Estádio do Mundo ao povo que, representado por imensa massa de pessoas, já aguardava cheia da mais justa ansiedade, o momento sonhado de penetrar

181 Jornal dos Sports, 17 jun.1950, p.1

no colossal recinto do Estádio, que veio concretizar, em tempo incrivelmente curto, um velho sonho do Rio de Janeiro e do Brasil¹⁸²

Nesse sentido, o gigantismo do Estádio Municipal do Maracanã estava inserido num discurso de modernidade que deveria representar os elementos definidores da identidade nacional espelhada no futebol, pois seria capaz de acolher todas as matrizes estruturantes da sociedade brasileira, a despeito de sua hierarquização arquitetônica que reproduz as distinções de classe, isto é, o estádio poderia ser frequentado por todas as classes sociais, mas não de forma igualitária, uma vez que sua divisão espacial reproduzia em boa medida as posições de cada um na sociedade: os menos abastados na geral, a classe média nas cadeiras azuis e arquibancadas e os mais ricos nas cadeiras cativas e tribunas, no topo do estádio, com a melhor visão panorâmica do campo.

Sua construção dava assim expressão a uma cultura nacional e um projeto de modernização que vinham sendo germinados desde os anos 1930, integrando a positividade da mestiçagem, formadora de uma democracia racial, com a unidade social de cariz popular e a capacidade do trabalhador brasileiro para realizar grandes feitos, como a construção da maior praça esportiva do mundo.

A grande praça de esportes do Maracanã será um marco a determinar o progresso e o futuro promissor do *football* brasileiro. Essa obra gigantesca marcará na história do *football* brasileiro, em traços fortes, a passagem de um prefeito desportista que honrou a confiança dos seus munícipes e deu ao Brasil um monumento à altura dos nossos créditos no concerto mundial das nações mais adiantadas em esporte¹⁸³

Além disso, um ponto a ser destacado é a valorização do papel desempenhado pelos trabalhadores para a concretização desse ideal, em consonância com o imaginário ideológico do período varguista e sua expressão de nacionalidade, ocupou as palavras iniciais do saudado prefeito Ângelo Mendes de Moraes por ocasião da inauguração do estádio. Segundo afirmou o então prefeito, “não há dinheiro que pague a dedicação desses operários”¹⁸⁴. Isto é, sem a mobilização e o espírito abnegado dos trabalhadores, o Estádio Municipal não passaria do plano das ideias irrealizáveis.

182 Jornal dos Sports, 17 jun.1950, p.5.

183 Ibidem.

184 Jornal dos Sports, 18 jun.1950, p.5.

A essa altura, o esporte já era percebido como um dos elementos fundamentais para forjar a grandeza simbólica de um Estado-nação nas competições internacionais, tais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. E para estar inserido nesse universo dos países mais avançados, tornava-se condição indispensável demonstrar a capacidade de materializar realizações portentosas e acreditar no salto para o futuro. Com efeito, o Maracanã era um componente central nesse amplo conjunto de mudanças modernizadoras que vinham sendo trabalhadas desde as fases do período varguista, a despeito do retrocesso democrático do Estado Novo.

Se a primeira etapa da ambição dos dirigentes brasileiros havia sido cumprida, com a finalização do estádio em tempo recorde para o torneio, iniciado em 24 de junho de 1950, sua confirmação por meio da conquista não ocorreria. A derrota para o Uruguai na final da Copa do Mundo, pelo placar de 2 a 1, repercutiu na mesma proporção das dimensões colossais do estádio, uma vez que atingiu os sentimentos nacionalistas potencializados pela construção do Maracanã. Em alguma medida, a oposição operada por Gilberto Freyre e chancelada por Mario Filho havia se revelado do modo mais cruel: o futebol-arte, do talento e floreio do jogador brasileiro, não fora competitivo o suficiente para derrotar a garra uruguaia. Ainda que seja ressignificada de tempos em tempos, após cinco conquistas mundiais e na narrativa reparatória após a derrota de 7 a 1 contra os alemães em 2014, esse acontecimento jamais deixou de estar presente na sucessão geracional. A perda da primeira conquista de uma copa em solo nacional deixou marcas indeléveis no imaginário coletivo.

Contudo, após o trauma da derrota na final Copa do Mundo, o estádio não deixaria de se tornar um ícone nacional. Palco de acontecimentos em escalas diversas, seu uso constante promoveria sua integração cultural e esportiva à vida cotidiana da maior parte da população carioca, haja vista que não tardou para que os principais clubes da cidade passassem a realizar suas partidas no Maracanã, encontrando maior resistência por parte do Vasco da Gama, clube que possuía São Januário, mas que não deixou de realizar no estádio suas grandes partidas e clássicos locais.

O estádio, desse modo, expressou de modo inapelável as práticas políticas e representações culturais arregimentadas desde o período Vargas, com a aproximação entre esporte, mais especificamente o futebol, e o poder público, entre arquitetura monumental e política, entre controle das massas sob o rótulo de cidadania social e tentativa de legitimação de poder do estado nacional no imaginário popular. O “maior monumento da

nossa história esportiva”, como sentenciara o *Jornal dos Sports*, foi assim um dos produtos simbolicamente mais reconhecidos dos momentos de crises e mudanças que intensificaram os debates acerca da formação da identidade nacional e do papel do Estado na vida brasileira.

2.4. APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE OS ESTÁDIOS E SUAS CONSTRUÇÕES

Como tentou-se mostrar até aqui, Wembley e Maracanã se colocam como espaços historicamente ricos ao longo do século XX. Pode-se citar, por exemplo, que ambos foram os mais destacados palcos dos dois primeiros grandes acontecimentos esportivos após o trauma da II Guerra Mundial: as Olimpíadas de 1948 (em Wembley) e a Copa do Mundo de 1950 (com a maioria dos jogos no Maracanã, incluindo abertura e encerramento). Contudo, sua riqueza não se encontra apenas no plano dos eventos esportivos e de outra natureza que ali se desenrolaram, mas sobretudo pelos contextos sócio-históricos em que foram erguidos e os discursos de modernidade e integração depositados sobre cada um destes equipamentos, cujos aspectos de monumentalidade atuam na dimensão do simbólico, representando e valorizando em formatos materiais as ideias, ações e concepções de um tempo e espaço específicos.

No caso de Wembley, sua construção respondeu a uma expectativa imperialista de estreitar as relações entre a Metrópole Britânica e suas colônias, sob o argumento da grande família de nações, e, ao mesmo tempo, promover hierarquizações sociais e culturais, evidenciando a legitimidade da Coroa como administradora moral do Império, como se somente a partir de sua liderança o mundo pudesse avançar. A Exposição do Império Britânico, tal como havia ocorrida com as exposições anteriores, devia expor e celebrar as novidades em diversos campos (sobretudo científico e técnico) que marcavam o espírito da época em termos de progresso civilizacional. Contudo, no momento em que ocorre essa exposição, o mundo já atravessava um desconforto em termos morais e políticos que problematizavam o papel chancelador das metrópoles em direção às colônias, resultando, mais tarde, em processo de independência.

Anos mais tarde, numa região periférica do mundo, era erguido a então maior praça esportiva que se tinha conhecimento, para a realização da IV Copa do Mundo de futebol: o Estádio Municipal do Maracanã. Esse gigante de concreto foi um dos produtos

arquitetônicos mais eloquentes da expressão da modernidade brasileira gestada e amplificada desde os anos 1930 por políticos e intelectuais, com o intuito de construir uma ideia de cultura nacional operada sobre uma miríade de manifestações regionalistas. A ideia de um convívio harmônico das três matrizes raciais (africana, indígena e portuguesa) formadora do Brasil – resultando numa espécie de democracia racial – e da valorização do trabalhador como o motor central para a edificação da modernidade foram os principais pilares que forjaram a identidade nacional desse período, acentuada no período varguista, e que estiveram – senão durante o Estado Novo, em detrimento da II Guerra Mundial – chapados nos discursos que motivaram a existência do estádio, com destaque para a militância de Mario Filho, seguidor de Gilberto Freyre. Sobre este último, seu modelo argumentativo para o país não é mais apenas a Europa, mas também o próprio Brasil e suas potencialidades em um sentido profundo.

Todavia, esses princípios discursivos também encontravam suas contradições na prática real, como no caso da hierarquização dos códigos socioeconômicos do Maracanã, onde o lugar mais barato estaria na base (a geral) e os pontos mais caros (tribunas, cadeiras cativas) estariam no topo. O Maracanã configurou-se, com efeito, em um ponto de acesso de diversas camadas sociais e matizes raciais; por outro lado, assim como acontece em termos estruturais na sociedade em que o estádio se insere, com distinções marcadas para esse acesso, demonstrando os limites da mestiçagem harmônica.

Nesse sentido, embora de modos e em contextos diferentes, os estádios apresentam discursos que não necessariamente encontram correspondência integral na realidade. Esse é um ponto de contato que cerca a construção destes equipamentos em sociedades e tempos diversos.

No que se pode colocar como pontos de divergentes, o uso dos estádios é um ponto que merece atenção. Embora sejam espaços de representação simbólica de dimensões especiais, hospedando grandes eventos nacionais e internacionais em sua trajetória, Wembley e Maracanã apresentam diferenciações em termos de uso pelos clubes locais, uma vez que o primeiro não foi utilizado com a mesma frequência do Maracanã pelos clubes locais, todos com seus estádios próprios. Se em Wembley, no âmbito esportivo, foram hospedados apenas os eventos envolvendo a seleção nacional e as finais da FA Cup, o estádio do Maracanã, desde sua fundação, recebeu a uma profusão de jogos e torneios em

diferentes níveis (local, regional, nacional) e até mesmo de clubes de fora da cidade (como alguns jogos do Santos de Pelé)¹⁸⁵.

Outra questão que marca diferenciações entre os dois equipamentos está na natureza de suas administrações. Enquanto o Maracanã, até sua radical transformação iniciada em 2010, foi gerido pelo poder público (primeiro em nível municipal e depois pelo Estado do Rio de Janeiro), Wembley, desde sua construção, esteve vinculado a entidades e personalidades privadas, ainda que tenha recebido incentivos e apoios de governantes ao longo de sua história e que sua existência afine-se com os interesses da nacionalidade inglesa.

No entanto, a construção desse imaginário esportivo não deve apenas compreendido como uma imposição a fórceps dos poderes hegemônicos (estatal ou privado) em direção à sociedade civil, mas como uma relação de mão dupla, de diálogo entre os polos, pois o esporte em geral, com destaque para o futebol, se colocava com um componente central na vida de ingleses e brasileiros, sendo permanentemente absorvido e ressignificado de acordo com as exigências do tempo histórico. Portanto, é importante ressaltar que o manto aurático que elevou os estádios de Wembley e Maracanã ao olimpo de monumentos míticos foi tecido por um leque de agentes desempenhadores de papéis estratégicos ao longo do século XX.

Contudo, no presente século estes dois equipamentos vivenciaram importantes transformações em sua arquitetura que impactaram proporcionalmente nas suas formas de uso pelo público e na reformulação e produção de novas narrativas que colocaram, em muitos casos, agentes sociais em posições antagônicas. O objetivo do próximo capítulo é o de analisar e comparar de que modo as metamorfoses materiais dos estádios de Wembley e Maracanã foram discursivamente interpretadas nas imprensas de cada localidade, e como isso promoveu, na lógica de suas especificidades, a ressignificação de seus simbolismos edificados ao longo de décadas.

185 A esse respeito, antes mesmo da obra finalizada e percebendo a baixa presença de vascaínos entre aqueles que compravam as cadeiras cativas como uma das formas de financiamento do estádio, Mario Filho acentuava que o “monstro de ferro e cimento” deveria se tornar o endereço fixo dos clubes cariocas, inclusive do Vasco da Gama, que possuía São Januário. Para Mario Filho, o Sul-americano de 1949, que teve jogos realizados no estádio do Vasco, encerraria uma época do futebol brasileiro, “anunciando a Era do Estádio Municipal do Campeonato do Mundo” (Jornal dos Sports, 27 mar.1949: 7)

CAPÍTULO III

AS METAMORFOSES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS DE WEMBLEY E MARACANÃ

No capítulo anterior, tentou-se demonstrar a maneira pela qual os conteúdos nacionalista e imperialista enredaram as construções dos estádios de Maracanã e Wembley, monumentos de concreto que simbolizaram pensamentos sociais e práticas políticas que buscaram, em contextos particulares de cada sociedade, a consolidação de uma identidade nacional por meio destes equipamentos de ampla ressonância coletiva, passando portanto pela afetividade, pela noção de memória. São patrimônios culturais que motivam a elaboração de narrativas históricas e memoriais, assim como a busca pela afirmação de identidades e diferenças.

Nesse sentido, patrimônio é hoje uma ideia forte que adentrou a vida cotidiana de diferentes sociedades e que tem servido a diferentes grupos como força motriz em suas reivindicações pelo direito e dever de conviver com o passado e de interpretá-lo. Com efeito, a palavra “monumento” vem do latim *monere* – recordar – e portanto interpela a memória. Françoise Choay, em seu “Alegoria do Patrimônio”, diz que “a especificidade do monumento prende-se (...) com seu modo de ação sobre a memória. Não só ele a trabalha, como também a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma a recordar o passado, fazendo-o vibrar à maneira do presente”¹⁸⁶. Este passado é invocado de maneira seletiva, segundo o fruidor e sua experiência pessoal – seja ele indivíduo ou coletividade. Choay se estende ainda sobre esse tópico ao argumentar que

tanto para os que o edificam, como para aqueles que dele recebem as advertências, o monumento é uma defesa contra o trauma da existência, um dispositivo de segurança. O monumento assegura, sossega, tranquiliza, ao conjurar o ser do tempo. É garantia das origens e acalma a inquietude que gera a incerteza dos princípios. Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, o monumento procura apaziguar a angústia da morte e da aniquilação¹⁸⁷.

Laurajane Smith (2006), nesse ponto, argumenta que patrimônio deve ser desconstruído em sua valorização exclusiva na materialidade, no objeto em si, alegando que, enquanto processo cultural e social, o patrimônio é igualmente uma performance que

186 CHOAY, 2010, p.17.

187 Ibidem, p.18

possui múltiplas camadas, que incorpora ações de comemoração e lembrança enquanto construção e negociação de um senso de lugar, compreensão e formas de envolvimento com o presente. Assim, partindo da premissa de que todo patrimônio carrega aspectos de intangibilidade, aponta que “no entanto, não estou descartando o tangível ou pré-discursivo, mas simplesmente desprivilegiando e desnaturalizando-o como forma e essência autoevidentes do patrimônio”¹⁸⁸.

Para ela, ainda que grandioso em sua dimensão material, um equipamento percebido enquanto patrimônio de uma nação só pode fazer sentido para uma sociedade em sua intangibilidade, isto é, no cruzamento de discursos e práticas que lhe são atribuídos, num campo de disputas, valores, afetos e significados particulares. Smith argumenta que o patrimônio também é um discurso, que é usado no trabalho de dar forma a uma prática social. O discurso não só concebe a maneira como entendemos patrimônio, mas regula a maneira como nós agimos e o modo como o conhecimento é construído e reproduzido. Embora o “discurso autorizado sobre patrimônio” possua variações ao longo do tempo e seja produzido a partir de diferentes contextos, a autora destaca que há uma ênfase na dimensão material da noção de patrimônio. Por outro lado, ao tocar na dimensão de intangibilidade do patrimônio, a autora não pretende descartar sua materialidade, mas simplesmente desnaturalizar essa noção que permanece como uma essência do termo.

Na literatura e na prática do patrimônio, os elementos monumentais e singulares, casos de Maracanã e Wembley, foram frequentemente identificados como sendo materialidades essencialmente representativas da identidade nacional, mas seus significados sociais ganham relevo pelos processos culturais e sociais que se desenrolaram nesses equipamentos. Contudo, na virada do século XX para o século XXI esses lugares icônicos na vida dos torcedores passaram por bruscas transformações arquitetônicas, sob argumentos conceituais que não mais correspondiam às demandas e expectativas que sedimentaram suas construções originais.

Nesse sentido, a memória enquanto uma construção do passado movida pelas emoções e vivências, respondendo às necessidades do presente, desempenha papel preponderante na compreensão dos modos pelos quais os diferentes indivíduos e grupos sociais mobilizam uma ideia de patrimônio para reivindicar direitos à cultura e à memória. Sendo assim, é igualmente importante estar atento às disputas e conflitos em torno do

188 SMITH, 2006, p. 3.

patrimônio e de suas interpretações, mesmo em situações em que o patrimônio está sujeito à recusas e rejeições. O patrimônio, desse modo, está assentado em camadas de processos culturais que identificam coisas e lugares, com seus valores e significados sociais, que refletem os debates e aspirações contemporâneos.

Desse modo, este capítulo explora as possibilidades de articulação teórico-conceitual entre a noção de memória social e as representações sociais elaboradas pela imprensa e mídia no Rio de Janeiro e em Londres acerca dos acontecimentos que levaram às transformações dos estádios representativos do esporte nacional. Os processos comunicacionais têm sido apreendidos como um dos mais relevantes instrumentos pelos quais os indivíduos e grupos formulam uma memória coletiva.

Esta pesquisa focalizou em alguns meios de comunicação de grandes circulação e visualização nas cidades de Rio de Janeiro e Londres. No primeiro caso, os jornais mais trabalhados foram *O Globo* e *Jornal do Brasil*, principais representantes da cidade daquilo que se convencionou a chamar de grande mídia. No que se refere aos diários londrinos, a recolha dos dados foi concentrada feita dos diários *The Guardian*, *The Independent* e *Telegraph*, sem abrir mão de importantes dados colhidos de outras fontes que ajudam a formar um panorama mais completo.

A coleta sistemática foi segmentada em três momentos cruciais de cada processo de transformação dos estádios: 1) o encerramento oficial dos antigos equipamentos; 2) o início das obras e a demolição dos elementos mais representativos (a marquise do Maracanã e as Torres Gêmeas de Wembley); 3) os relatos que envolveram a reinauguração dos estádios reformulados.

Com relação a Wembley, o procedimento de seleção ocorreu nos períodos de setembro e outubro de 2000 (o encerramento oficial aconteceu no dia 07 de outubro); setembro de 2002 a fevereiro de 2003 (início das obras à derrubada das Torres Gêmeas); por fim, de março a junho de 2007 (período que compreende reinauguração oficial do estádio e o primeiro jogo da seleção inglesa, contra a seleção brasileira).

No caso do Maracanã, a seleção ficou distribuída nos seguintes eventos: o encerramento oficial (em 06 de setembro de 2010), no arco temporal entre o anúncio inicial (março de 2011) e o fim (outubro de 2011) da polêmica demolição da marquise original do antigo estádio, até então tombada pelo IPHAN, e por último, a reinauguração

do estádio, desde seu primeiro evento-teste até a primeira partida dos clubes locais (entre abril e julho de 2013).

Em resumo, o material coletado direciona-se a uma análise das recordações (passado) e projeções (futuro) acionadas pelos sujeitos na imprensa em torno dos estádios e suas transformações ao longo dos anos, configurando-se num “trabalho de memória” que desempenha determinadas funções para indivíduos, grupos e coletivos e que põe em circulação contínua as representações sociais que possuem perspectivas diferentes e complexas na cultura¹⁸⁹.

3.1. WEMBLEY: UMA MEMÓRIA COM VONTADE DE FUTURO

A década de 1990 foi um ponto de inflexão para o futebol inglês. Após as tragédias assistidas nos estádios do país em anos anteriores, os responsáveis pela gestão deste esporte decidiram implementar um novo modelo, com a injeção de capital estrangeiro e a obrigatória reformulação da configuração espacial dos estádios dos clubes locais, por meio do relatório Taylor.

Nesse cenário, Wembley, que vinha sendo criticado há anos pela sua condição material, distante do ponto de referência que fora por décadas no futebol inglês, deveria passar por reformas, sendo vendido, no primeiro semestre de 1998, ao English National Stadium Trust por 103 milhões de libras. Contudo, as discussões e controvérsia sobre o novo estádio de Wembley ficaram mais acirradas em novembro de 1998, quando aventou-se a ideia de que as torres gêmeas seriam demolidas, e a English Heritage lançou imediatamente uma campanha para salvá-las, logo depois fazendo a retirada de suas objeções.

À época, o então ministro do esporte do governo Tony Banks descrevera as torres gêmeas como "apenas blocos de concreto" e acrescentava que elas eram elementos não funcionais, pouco úteis, e atestava que “sou um grande crente na tradição do futebol, mas o passado não pode nos deter”¹⁹⁰. Naquele ano, a França recebera a Copa do Mundo e o Stade de France era uma referência a ser perseguida pelos ideólogos do novo Wembley.

189 C.f. Elizabeth Jelin, *Los Trabajo de la memoria*. Madri: Siglo XXI de España editores, 2002.

190 BBC, 11 nov. 1998. **Sport: Football Twin towers facing demolition**. Trecho original: “I’m a great believer in football tradition, but the past can’t hold us back”. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/sport/football/209766.stm> Acesso em 30 de maio de 2018.

Por outro lado, David Mellor, presidente da Força-Tarefa de Futebol, disse que seria lamentável se as torres fossem derrubadas. Em suas palavras, “as torres gêmeas fazem parte da tradição do futebol, não apenas na Inglaterra, mas em todo o mundo. Para destruir a parte mais reconhecida de Wembley é lamentável. As torres gêmeas têm glamour, por favor, deixe o glamour não se perder”¹⁹¹.

Na mesma reportagem, Bobby Charlton, numa atitude sintética do sentimento sobre o destino de Wembley naquele período, afirmou que as torres "são um marco no jogo de futebol e onde quer que você vá ao redor do mundo as pessoas estão sempre dispostas a falar sobre elas". No entanto, entendia que, caso não fosse possível mantê-las no novo projeto, essa seria uma decisão a ser aceita, haja vista que “Precisamos de um novo estádio. Wembley está um pouco cansado e estamos um pouco atrás de outros países”¹⁹².

Em julho de 1999, o projeto do arquiteto Norman Foster para o novo estádio é revelado, apresentando o estádio como uma arena futurista, de ferro e vidro, coroada por quatro mastros de arranha-céus. Porém, no mesmo ano a marca registrada do novo estádio é substituída: saem os mastros e entra um gigantesco arco triunfante.

Com a incerteza pairando sobre o destino das Torres Gêmeas, uma questão se apresentava concretamente. Em setembro de 2000, a construtora australiana Multiplex assinou um contrato para construir o novo estádio de 90.000 lugares. O preço original da proposta para o custo de construção era de £ 326,5 milhões. No mês seguinte, as seleções inglesa e alemã se enfrentavam na última partida oficial do velho Wembley.

3.1.1. O ato final do antigo Wembley

No dia 07 de outubro de 2000, o icônico estádio de Wembley chegava a seu evento derradeiro, depois de atravessar o século XX como um dos monumentos mais representativos da identidade inglesa, não apenas no plano esportivo, como tentou-se

191 The Independent, 09 nov. 1998. **Wembley may lose the twin towers**. Trecho original: "The twin towers are part of the tradition of football, not just in England but all around the world. To destroy the most recognised part of Wembley is unfortunate. The twin towers have glamour, please let the glamour not be lost". Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/wembley-may-lose-the-twin-towers-1183755.html> Acesso em 30 de maio de 2018.

192 Ibidem. Trecho original: “They are a landmark in the game of football and wherever you go around the world people are always keen to talk about them [...]. We need to have a new stadium. Wembley is a little tired and we are lagging a bit behind other countries”. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/wembley-may-lose-the-twin-towers-1183755.html> Acesso em 30 de maio de 2018.

demonstrar no capítulo anterior. O ato final seria uma partida pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2002 entre Inglaterra e Alemanha. As duas nações compartilharam o dia mais memorável de Wembley em 1966, quando a Inglaterra foi coroada campeã mundial pela única vez. O resultado, ao contrário daquela final (4-2 para os ingleses), foi um amargo 1 a 0 para os alemães.

Cabe destacar que os estádios no país, desde o começo dos anos 1990, já vinham passando por importantes transformações em sua fisionomia arquitetural, distanciando-se dos propósitos que forjaram suas construções enquanto produtos materiais e simbólicos das transformações socioeconômicas promovidas pela Revolução Industrial e da expansão cultural da vida urbana na segunda metade do século XIX, lugares privilegiados das manifestações da classe trabalhadora em sua expressão de identidade e cidadania, cujos laços sociais construíram uma forte estrutura de sentimento com seu local, clube e jogadores, em muitos casos percebidos como heróis dos trabalhadores¹⁹³.

Eventualmente, Wembley e a FA se curvaram ao inevitável. O estádio deveria acompanhar a tendência global e passar por uma metamorfose. Os dias que antecederam a partida final trouxeram reportagens com lembranças do antigo estádio e projeções para o novo. A matéria do Guardian de 24 de setembro de 2000, sob o título “They think it’s all over...”, elenca lembranças daqueles que vivenciaram e produziram dentro de campo acontecimentos marcantes que contribuíram para o mito em torno do estádio, nas variadas modalidades esportivas. Dentre tantas recordações, uma chama atenção, a do ex-goleiro do Sunderland Jim Montgomery, famoso por uma defesa histórica na final da FA CUP de 1973 contra o forte time do Leeds United. Para ele, “é a multidão que torna Wembley diferente de estádios como Old Trafford e Anfield... Quando você sai do túnel, o barulho é fenomenal, como um cobertor. Então, quando você sai em campo, você está tão distante

193 Nesse Tocante, Charles Critcher (1979) estuda os fenômenos da mercantilização do futebol nas décadas de 1960-1970, apontando suas transformações na década de 1980, de modo a impactar no status de todos pilares que sustentam o futebol. Os jogadores tornam-se personalidades famosas e milionárias, os torcedores são cada vez mais consumidores, os estádios tornam-se espaços de entretenimento, cria-se um alargamento financeiro entre os clubes mais ricos e mais pobres, formando uma elite de clubes que se revezam nos campeonatos. Taylor (1971) retoma esse debate para discutir a mudança de perfis dos estádios ingleses na era da “sociedade de consumo”, precisando transformar o ambiente num espaço de entretenimento para atrair torcedores que possam consumir.

dos fãs, você não pode ouvi-los. É incrível”¹⁹⁴. Contudo, mostra-se insatisfeito com as condições atuais do estádio, a despeito das boas lembranças:

Do ponto de vista de um fã, as instalações são péssimas. Mas Wembley foi especial e vou sentir falta dessas torres. Além da minha defesa, o que mais me impressiona no dia da final da Copa foi subir o Wembley Way através de um mar vermelho e branco e ver aquelas fantásticas torres. É vergonhoso que elas não tenham sido incorporados ao novo terreno¹⁹⁵

Em meados da década de 1990, parecia claro para muitos envolvidos no futebol inglês que Wembley estava aquém dos seus melhores dias. Demandas de segurança e instalações de assentos levaram à redução da capacidade, de 126.000 para 86.000 torcedores. As instalações eram qualificadas como inadequadas e a visão do campo, para a maioria dos que frequentavam o estádio, era ruim. Oficiais e fãs que tiveram a chance de visitar novos estádios ao redor do mundo se tornaram cada vez mais ávidos em suas reclamações acerca das deficiências do equipamento icônico. Com o novo estádio, contudo,

as outras desvantagens inimigas de Wembley também devem se tornar histórias antigas. O novo estádio terá 1985 banheiros, em vez dos 361 existentes. Essas filas irritantes do intervalo dos jogos serão muito mais curtas, então a necessidade de aliviar-se por trás de um dos Portakabins deve tornar-se muito menos urgente. Haverá 478 estabelecimentos de refeições em comparação com os 152 atuais. E quanto aos assentos, outra das desvantagens do antigo estádio decrépito? Haverá 90.000 – 12.000 de mais do que no presente – e os fãs receberão 30 por cento mais de "espaço pessoal" em seu assento. Isso deve significar que você pode esticar suas pernas, e não tem que dobrá-las debaixo da parte traseira. Na teoria, não há mais câibras nas pernas¹⁹⁶.

194 The Guardian, 24.set.2000. **They think it's all over...** Trecho original: *'It's the crowd that makes Wembley different from the Old Traffords and Anfields,' he said. 'As you come up out of the tunnel the noise is phenomenal, like a blanket. Then when you get out on the pitch, you're so remote from the fans, you can't hear them. It's amazing.* Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/sep/24/newsstory.sport6> Acesso em 30 de maio de 2018.

195 Ibidem. Trecho original: *'From a fan's point of view, the facilities are abysmal. But Wembley was special and I'll miss those towers. Apart from my save, the thing that sticks in my mind most about Cup Final day was driving up Wembley Way through a sea of red and white and seeing those fantastic towers. It's shameful that they have not been incorporated into the new ground.'* Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/sep/24/newsstory.sport6> Acesso em 30 de maio de 2018.

196 The Guardian, 24.set.2000. **Faulty Towers are off.** Trecho original: *Wembley's other fan-unfriendly drawbacks should also become ancient history. The new stadium will have 1,985 toilets instead of the existing 361. Those annoying half-time queues will be much shorter, so the need to relieve yourself behind one of the Portakabins should become much less urgent. There will be 478 catering outlets compared to the current 152. What about seats, another of the decrepit old stadium's disadvantages? There will be 90,000 – 12,000 more than at present – and fans are promised 30 per cent more 'personal*

Em outra matéria do Guardian, esta assinada por Tom Watt, traz como teor central uma interrogação: o novo estádio pode igualar-se em fama ao antigo? O jornalista admite que substituir as lendárias Torres Gêmeas é uma tarefa assustadora para aquilo que vem na sequência, como se fosse uma sombra pairando sobre o novo. Se o Estádio Imperial - comparado em sua época de construção com o Coliseu de Roma - foi considerado o melhor do mundo, esse é um desafio que cabe ao seu substituto. No entanto, acredita que

o tempo está se esgotando há anos no antigo estádio. O Relatório Taylor, que seguiu o desastre de Hillsborough em 1989, foi crucial para o destino de Wembley. Uma vez que Wembley foi transformado com a colocação de assentos, tornou-se óbvio que o local foi projetado pensando nos terraços. E, quando as pessoas sentam para assistir a um evento esportivo, elas não se sentem tão intimamente envolvidas com o que está acontecendo. Então o que eles fazem? Eles olham ao redor... e quando começaram a olhar ao redor de Wembley, ficou óbvio que o lugar estava ultrapassado¹⁹⁷.

Nos anos 1980, uma sequência de eventos trágicos afetou a vida dos torcedores ingleses: as constantes brigas entre *hooligans* nas arquibancadas, como na famosa batalha campal entre torcedores dos clubes Millwall, rival londrino do West Ham, e Luton, de Bedfordshire; o incêndio no estádio do clube Bradford, com a morte de mais de 50 pessoas; por fim, esses desastres encontrariam seu ápice em 1989, no estádio de Hillsborough, quando 96 torcedores do Liverpool morreram esmagados nos muros de contenção, por conta da superlotação permitida pelos responsáveis pela partida, sobretudo a polícia.

Após estes acontecimentos, as autoridades britânicas encomendaram um relatório visando empreender uma análise estrutural dos estádios ingleses e apresentar modelos a serem implementados. O observador Peter Taylor apresentou algumas propostas emergenciais para que o futebol no país não passasse por mais tragédias como aquela de

space' in their seat. That should mean you can stretch your legs out in front of you and not have to tuck them under your backside. In theory, no more leg cramp. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/sep/24/newsstory.sport7> Acesso em 30 de maio de 2018.

197 The Guardian, 24.set.2000. **Will it be famous?** Trecho original: *But time has been running out for the old stadium for years. The Taylor Report which followed the Hillsborough disaster in 1989, was crucial to Wembley's fate. Once Wembley was turned all-seat it became all too obvious that the place was designed with terracing in mind. And, when people sit to watch a sporting event, they don't feel so intimately involved with what's happening. So what do they do? They look around... and when they started looking around at Wembley, it became obvious that the place was tatty.* Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/sep/24/newsstory.sport8> Acesso em 30 de maio de 2018.

Hillsborough. Dentre as exigências elencadas, havia uma que seria decisiva para os rumos dos estádios, com suas imediatas consequências globais: a obrigatoriedade das cadeiras individuais em todos os pontos dos estádios, de modo a evitar que o público assistente não mais se posicionasse de pé para acompanhar aos jogos. Para Taylor, “permanecer sentado durante a totalidade da partida é mais confortável. Também é mais seguro. Quando um espectador está sentado ele possui sua pequena porção de território em cujos limites pode sentir-se relativamente seguro”¹⁹⁸.

Tais intervenções foram rapidamente acompanhadas pela injeção de capital no torneio nacional, pela introdução dos carnês para toda a temporada do campeonato e pelo maior interesse das emissoras de televisão em transmitir as partidas, dando maior visibilidade ao novo torneio que surgia na onda das transformações: a Premier League, em 1992. Esses acontecimentos, respondendo aos interesses mercadológicos, serviram estrategicamente como forma de recalçamento da imagem das décadas anteriores, associadas à violência, para aquela de um evento asséptico e espetacularizado, proporcionando que as grandes marcas multinacionais investissem pesadamente no torneio.

O futebol inglês na era da mercantilização pós-Thatcher criou uma nova mentalidade nos clubes, que buscaram alavancar seus lucros encarando o esporte como uma indústria do entretenimento. Nesse cenário de discursos modernizantes e maximização das marcas, alguns fenômenos incomuns, tais como o fato de a maior parte dos proprietários dos clubes de elite do futebol inglês ser estrangeira, sem nenhuma relação afetiva com o futebol.

Nesse sentido, Wembley deveria acompanhar esse movimento de renovação dos estádios, ainda que com incertezas acerca de seu futuro. A Wembley National Stadium Ltd (WNSL), a subsidiária da FA [Football Association] que administra Wembley, disse que o novo estádio nacional teria se livrado de uma das muitas frustrações do lugar existente: a sombra que cobre um pedaço considerável do campo durante a final da Copa – uma grande irritação, especialmente para os telespectadores. Quando Wembley reabrir, apenas uma pequena área ao redor das bandeiras do escanteio deverá estar na sombra. Além disso, a empresa negou que o novo Wembley seria mais para os clientes corporativos do que os fãs comuns, mas admitiu que apenas 76.400 dos 90.000 lugares estarão disponíveis para este último. Os outros seriam divididos entre assentos corporativos (4.000), assentos para

198 TAYLOR, 1990, p. 12.

clubes (6.000, vendidos como bilhetes de temporada e provavelmente muito caros), caixas (1.800), patrocinadores (1.000), VIPs (400) e mídia (400). O Guardian traz uma coluna com alguns questionamentos e previsões que pendulam entre dúvidas e otimismo com o novo estádio:

O que vai acontecer? Quem sabe, mas duvido muito que o novo Wembley durará cerca de 80 anos. Se conseguirem capturar o espírito e o ethos do antigo local, pode ter uma chance. Não é um bom caminho pensar agora sobre o antigo Wembley como o maior terreno do mundo. O que se tornou, e permanece, é o estádio mais famoso do mundo. Isso é o que o novo Wembley, em todo o seu brilho e modernidade de alta tecnologia, tem que aspirar¹⁹⁹

O estádio de 80.000 lugares encerraria suas atividades em poucos dias, a caminho de ser integralmente demolido e substituído por um novo equipamento de caráter nacional, no mesmo local, projetado pelo arquiteto Norman Foster, reconhecido por ser um dos arquitetos high-tech mais representativos desse estilo. Em sua extensa obra, por seu valor simbólico e urbano, destaca-se pela intervenção nas ruínas do Reichstag nos anos 1990, com sua cúpula de vidro, pensada para ventilação natural e artificial. Foster tem construídos diversos arranha-céus icônicos em Londres, como edifício Saint Mary Axe, conhecido popularmente como “pepino” e anteriormente como edifício Swiss Re.

Os jornais discorriam sobre grandiloquência do elemento arquitetônico elaborado por Foster, um arco gigantesco de mais de 130 metros que seria percebido de vários pontos da cidade e a quilômetros de distância, especialmente quando estiver iluminado, como no caso dos jogos noturnos. O Guardian entende que, com o fim das obras,

os fãs ficarão impressionados com a escala do novo estádio. Será duas vezes mais alto que o Empire Stadium e muito mais amplo. Ele também terá um arco - seu novo motivo e resposta para as torres - que, a 135 metros de altura, é quase 100 metros mais alto que as bandeiras no topo dessas torres. Será tão grande que a enorme roda London Eye na margem sul poderia passar por ela²⁰⁰.

199 Ibidem. Trecho original: *What will happen? Who knows, but I very much doubt if the new Wembley will last close to 80 years. If they manage to capture the spirit and ethos of the old place it may have a chance. It's misguided to think now of the old Wembley as the world's greatest ground. What it became, and remains, is the most famous stadium in the world. That's what the new Wembley, in all its hi-tech gloss and modernity, has to aspire to.* Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/sep/24/newsstory.sport8> Acesso em 30 de maio de 2018.

200 Ibidem. Trecho original: *When it is finished, fans will be staggered by the scale of it. It will be twice as high as the Empire Stadium, and much wider. It will also boast an arch – its new motif and answer to the towers – which, at 135 metres tall, is almost 100m higher than the flags on top of those towers. It will be*

Entrando na semana do jogo oficial de despedida do antigo Wembley, a partida pelas eliminatórias da Copa do Mundo de sábado entre Inglaterra e Alemanha, o jornal Telegraph fez uma reportagem sobre a preparação dos guias oficiais do estádio nos seus momentos finais de funcionalidade esportiva. O jornalista Russell Newmark destaca o componente nostálgico daqueles que participam do tour pelo estádio, e afirma que “os verdadeiros nostálgicos que percorrem o estádio em uma peregrinação de despedida podem sentir-se fazendo uma passagem sombria por um lugar que irradia uma sensação inimitável de história construída ao longo de quase 80 anos”²⁰¹.

Os guias estão claramente equilibrando a excitação sobre o novo estádio contra o orgulho pelas cenas fabricadas no tecido do edifício existente. Os fantasmas parecem permanecer na estrutura fria e impetuosa, e qualquer viagem organizada ao redor do novo Wembley obviamente perderá essa sensação de história. Mas o tempo vai ver isso²⁰².

Dias antes da partida final, a edição do Guardian de 05 de outubro traz uma matéria com as memórias ex-jogador da seleção e ídolo do Liverpool Kevin Keegan, técnico da seleção à época. No antigo Wembley, uma das características era a saída do túnel atrás do gol. Para ele, que saía na frente por ser capitão, “acho que é uma das coisas que os capitães sentirão falta, porque no novo Wembley eles sairão no meio. Essa longa caminhada é muito especial. Isso é o que a torna bastante única. Você tem muito tempo para saborear uma camisa da Inglaterra”²⁰³. No mesmo dia, o Independent publicou um histórico com todos os eventos históricos que atravessaram a existência do estádio, desde sua inauguração,

so huge that the enormous London Eye wheel on the South Bank could fit through it. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/sep/24/newsstory.sport7> Acesso em 30 de maio de 2018.

201 The Telegraph, 02.out.2000. **Farewell pilgrimage for last look around Wembley.** Trecho original: *True nostalgics burrowing their way around the stadium on a farewell pilgrimage might feel themselves making a fairly sombre passage through a place that radiates an inimitable sense of history built up over nearly 80 years.* Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/4772796/Farewell-pilgrimage-for-last-look-around-Wembley.html> Acesso em 31 de maio de 2018.

202 Ibidem. Trecho original: *The guides are clearly balancing excitement over the new stadium against pride at the scenes woven into the fabric of the existing edifice. Ghosts seem to linger in the cold, draughty structure, and any organised trips around the new Wembley will obviously lack that sense of history. But time will see to that.* Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/4772796/Farewell-pilgrimage-for-last-look-around-Wembley.html> Acesso em 31 de maio de 2018.

203 The Guardian, 05.out.2000. **Kevin Keegan's Wembley memories.** Trecho original: *"I think that's one of the things the captains will miss because at the new Wembley they will come out in the middle. That long walk is very special. That's what makes it pretty unique. You have a lot of time to savour walking out with an England shirt on."* Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/oct/05/newsstory.sport2> Acesso em 31 de maio de 2018.

passando pelas Olimpíadas e Copa do Mundo, até os festivais de música, demonstrando a importância de Arthur Alvin para sua sobrevivência por quase 70 anos, uma vez que “o futebol, no entanto, e a Exposição de dois anos – que incluiu o primeiro rodeio britânico – não foram suficientes para garantir o futuro de Wembley”²⁰⁴.

Chegando ao dia da partida final, 07 de outubro de 2000, os principais jornais fizeram matérias sobre a despedida oficial do antigo estádio. O Telegraph, por exemplo, coloca no título que chega-se ao “Ato final na igreja do futebol”. Vale dizer que a expressão “igreja do futebol” fora cunhada por Pelé, que contudo nunca jogou no estádio. No decorrer da matéria, Henry Winter faz a adaptação de um cântico popular entre os torcedores ingleses para afirmar que

Está vindo a baixo, está vindo, está vindo... Wembley está vindo a baixo. Um lugar de lendas para muitos, uma privada de concreto para os outros, o famoso mas desbotado Empire Stadium hoje encena seu último evento, o jogo qualificatório da Inglaterra na Copa do Mundo com a Alemanha. Como o homem do Mirror uma vez escreveu: "As escavadeiras estão pairando"²⁰⁵

Na sequência, o jornalista reforça a ideia corrente de que o antigo Wembley apenas encontrava seu sentido simbólico se associado com as antigas torres, e acredita que o novo estádio trará maior satisfação aos torcedores:

Remova as Torres Gêmeas, e Wembley é uma construção comum, desprovida de um interesse arquitetônico genuíno... As memórias são feitas de carne e osso, não de tijolos e argamassa. Uma arena antiga pode ser destruída; as memórias nunca serão... Daqui a três anos, quando os fãs se instalarem no novo Wembley, com linhas de visão melhoradas e banheiros que não se assemelham a quedas de centavos, as pessoas vão cantarolar de prazer. Nunca mais um visitante declarará, como se fez em 1991, que "se Wembley estivesse perto de Sellafield, a British Nuclear Fuels se queixaria da poluição"²⁰⁶

204 The Independent, 05.out.2000. **Magnificent monument to vision of one man.** Trecho original: *The football, however, and the two-year Exhibition – which included Britain's first rodeo – was not sufficient to guarantee Wembley's future.* Disponível em: <http://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/magnificent-monument-to-vision-of-one-man-637502.html> Acesso em 31 de maio de 2018.

205 The Telegraph, 07.out.2000. **Final service at the church of football.** Trecho original: *It's coming down, it's coming down, it's coming... Wembley's coming down. A Venue of Legends to many, a concrete khazi to others, the famous but faded Empire Stadium today stages its final event, England's World Cup qualifier with Germany. As the man from the Mirror once wrote: 'The bulldozers are hovering'.* Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/4773182/Final-service-at-the-church-of-football.html> Acesso em 31 de maio de 2018.

206 Ibidem. Trecho original: *Remove the twin towers and Wembley is an ordinary building, devoid of genuine architectural interest... Memories are made by flesh and blood, not bricks and mortar. An*

Desse modo, ao acreditar que o poder da memória está nos eventos, nos acontecimentos, nos personagens que ali se apresentam para fazer história, e não na materialidade do edifício, Winter finaliza seus escritos num tom pragmático, focando-se na partida em si e esperando uma vitória dos ingleses contra os alemães, e menos na retórica nostálgica acionada nesses momentos:

Quando toda campanha publicitária e a história forem arrancadas como trepadeiras de um edifício em ruínas, a visão não romântica mas realista de Völler deverá definir os pensamentos e movimentos de todos os profissionais no trabalho esta tarde. Para a Inglaterra construir um futuro tão impressionante quanto a sua morada planejada, a equipe de Keegan deve prevalecer... Wembley está vindo a baixo. A despedida mais adequada será com os três leões conquistando os três pontos²⁰⁷.

Na mesma edição, o jornal apresenta outra matéria – *Impressões do esporte* – na qual Alistair MacGowan simula preparar as notas do programa de Kevin Keegan para o jogo final contra a Alemanha.

Bem-vindo a Wembley para o último jogo sob as Torres Gêmeas. É um dia triste quando você pensa em tudo que aconteceu aqui; é realmente incrível. Parte do folclore do futebol, famoso em todo o mundo, e uma parte da vida de muitas pessoas. Mas tenho certeza que quando o novo estádio estiver construído, todos ficaremos encantados com isso e não daremos a este lugar um segundo pensamento²⁰⁸

ancient arena may be destroyed; the memories never will be. In three years' time, as fans settle into the new Wembley, with improved sight-lines and loos that do not resemble a penny falls, people will coo with pleasure. Never again will a visitor declare, as one did in 1991, that "if Wembley was near Sellafield, British Nuclear Fuels would complain about the pollution". Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/4773182/Final-service-at-the-church-of-football.html> Acesso em 31 de maio de 2018.

207 Ibidem. Trecho original: *When all the hype and history are stripped away like ivy from a crumbling edifice, Völler's unromantic but realistic view should define the thoughts and movements of all the professionals at work this afternoon. For England to build a future as impressive as their planned abode, Keegan's team must prevail... Wembley's coming down. The most fitting farewell will be for the Three Lions to take three points.* Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/4773182/Final-service-at-the-church-of-football.html> Acesso em 31 de maio de 2018.

208 The Telegraph, 07.out.2000. **Impressions of sport.** Trecho original: *Welcome to Wembley for the last game to be played beneath the Twin Towers. It's a sad day when you think of all that's 'appened 'ere; it's incredible really. Part of football folklore, famous the world over, and a 'uge part of so many people's lives. But I'm sure when the new stadium is built, we'll all be raving about that and won't give this place a second thought.* Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/4773167/Impressions-of-sport.html> Acesso em 31 de maio de 2018.

A despeito de algumas narrativas de lamentação com o fim do antigo Wembley, percebe-se uma expectativa positiva com sua versão repaginada. Ainda no Telegraph, Giles Smith argumenta que a situação de Wembley, comparada a outros estádios, é tão precária que torna-se difícil criar um mar de nostalgia entre as pessoas, sendo melhor aceitar a ideia de que “quanto mais cedo alguém destruir o lugar com uma bola de demolição, melhor”²⁰⁹. Uma tônica que aparece constantemente é a comparação com outros estádios,

É "O Maior Estádio do Mundo", de acordo com seu próprio site, mas na verdade Wembley é um entulho miserável. Peça-me para escolher entre um ingresso para o jogo desta tarde e um desvio para cima do Nilo às custas do capitão, eu sei o que eu tomaria pra mim. Quem já esteve no San Siro ou no Stade de France ou em qualquer um dos locais do Euro 2000 [...] irá apreciar as deficiências de Wembley²¹⁰.

Após críticas à infraestrutura, Smith conclui, em tom irônico, que “o que você pode dizer sobre o encanamento em um edifício onde leva quatro horas para ir ao banheiro?”²¹¹, e conclui apontando outros problemas que não deixaria saudades com o antigo estádio:

Parece-me que o problema mais grave com Wembley não é que seja um dos piores lugares do mundo para comer e urinar, mas que é um dos piores lugares do mundo para assistir ao futebol. Não há muitos assentos que ofereçam uma visão desobstruída do campo, que é, em qualquer caso, a vários quilômetros de distância²¹².

209 The Telegraph, 07.out.2000. **Wembley ready for final curtain**. Trecho original: *...sooner someone clobbers the place with a wrecking ball, the better*. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/4773180/Wembley-ready-for-final-curtain.html>. Acesso em 31 de maio de 2018.

210 Ibidem. Trecho original: *It's "The Greatest Stadium in the World" according to its own website, but actually Wembley is a miserable dump. Asked to choose between a ticket for this afternoon's game and a shunt up the Nile at the captain's expense, I know what I would take. Anyone who has been to the San Siro or the Stade de France or to any one of the Euro 2000 venues [...] will appreciate Wembley's shortcomings. Actually, anyone who has been to Layer Road, Colchester, since they put the seats in at the clock end will know how far short Wembley falls, too*. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/4773180/Wembley-ready-for-final-curtain.html>. Acesso em 31 maio de 2018.

211 Ibidem. Trecho original: *What can you say about the plumbing in a building where it takes four hours to run a bath?* Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/4773180/Wembley-ready-for-final-curtain.html>. Acesso em 31 de maio de 2018.

212 Ibidem. Trecho original: *It seems to me the more grievous problem with Wembley is not that it is one of the worst places in the world to eat and urinate, but that it is one of the worst places in the world to watch football. There aren't many seats that offer an unobstructed view of the pitch which is, in any case, several miles away*. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/4773180/Wembley-ready-for-final-curtain.html>. Acesso em 31 de maio de 2018.

Nesse mesmo dia, em outra reportagem, escrita por David Lacey, o Guardian caminha em diapasão semelhante, na qual fica explicitada já no título sua intenção: “Eu vim para enterrar Wembley, não para elogiá-lo”. No decorrer da matéria, Lacey também deixa a entender que o foco para o futuro está nos personagens e histórias, e não necessariamente na manutenção do estádio em si, que para ele já deveria ter passado pelas transformações muito antes desse período:

Sem dúvida, o próximo estádio será uma maravilha tecnológica de metal, vidro e das vantagens e desvantagens fáceis de usar; tão diferente do lugar antigo com seus tributos frios de concreto em honra ao Império e o Raj [Índia Britânica]. O Wembley do século 21 criará suas próprias lendas, seus próprios ecos, seus próprios heróis, mas o Estádio do Império estava lá primeiro e nada vai substituir o sentimento de aperto na garganta causado pelo sentido histórico que as pessoas experimentaram ao ver a famosa silhueta da cidade pela primeira vez e, para muitos hoje, será a última... Em termos práticos, Wembley deveria ter sido demolido muito antes disso. Quando foi construído no início dos anos 20, estava à frente de seu tempo, mas seus tempos eram os 30, 40 e 50. Na década de 60, apesar de oferecer cobertura completa às multidões, estava desatualizado. A final da Copa do Mundo de 1966 foi a melhor hora do estádio. Também deveria ter sido a última²¹³.

E para chancelar sua posição quanto à completa reformulação, faz uma comparação com os estádios construídos e/ou reformados naquele período: “enquanto o cenário de Wembley pode parecer perfeito visto a partir dos assentos caros, do espaço real ou da tribuna de imprensa, ele está claramente décadas atrás do tipo de estádios que foram construídos em Paris, Amsterdã, Barcelona, Nova Jersey e, não menos importante, Sydney”²¹⁴.

213 The Guardian, 07.out.2000. **I come to bury Wembley, not to praise it.** Trecho original: *Doubtless the next stadium will be a technological marvel of metal, glass and user-friendly odds and ends; so unlike the old place with its cold concrete tributes to Empire and the Raj. The Wembley of the 21st century will create its own legends, its own echoes, its own heroes, but the Empire stadium was there first and nothing is going to replace that throat-tightening sense of history people have experienced on seeing the famous silhouette for the first time and, for many today, the last. In practical terms Wembley should have been demolished long before now. When it was built in the early 1920s it was ahead of its time, but its times were the 30s, 40s and 50s. By the 60s, despite offering the crowds complete cover, it was out of date. The 1966 World Cup final was the stadium's finest hour. It should also have been its last.*

Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/oct/07/sport.comment1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

214 Ibidem. Trecho original: *But that was then. Now, while the Wembley scene might appear perfect viewed from the expensive seats, the royal box or the press tribune, it is plainly decades behind the sort of stadiums which have been built in Paris, Amsterdam, Barcelona, New Jersey and, not least, Sydney.*

Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/oct/07/sport.comment1>. Acesso em 05 de junho de 2018.

No cenário das cidades globais, as fábricas se dispersam para as zonas periféricas em detrimento de uma economia capitalista de serviços e sistemas comunicacionais no centro, sendo Londres uma das principais capitais desse projeto. Para parte dos analistas, Wembley tinha sido ultrapassado por imponentes e confortáveis estádios com instalações fantásticas e linhas de visão perfeitas, como o Stade de France e o Estádio Olímpico de Sydney.

Apesar do otimismo com o estádio por vir, encerra o artigo na mesma do anterior, ao apontar que “é difícil imaginar o novo Wembley sendo capaz de igualar essas experiências. O estádio original, torres gêmeas e tudo, foi amado mais por suas memórias do que por si mesmo. Pode descansar em pedaços²¹⁵. Nesse tocante, uma vez mais, atesta a importância do antigo Wembley por conter as Torres Gêmeas enquanto signo de nacionalidade no monumento, bem como de que as memórias não estão no concretude do equipamento, mas na bagagem de acontecimentos e personagens que ali foram experienciadas, sendo possível a construção de novas memórias no novo estádio.

Após o jogo e a derrota da seleção inglesa pra a alemã, a imprensa voltou mais os debates em torno dos possíveis atrasos e elevação dos custos com a obra, algo que já havia ocorrido pouco tempo antes com o Millenium Dome, um espaço de entretenimento que vivenciou esses problemas ao longo de sua construção. Todavia, o assessor de imprensa do estádio, Chris Palmer, rejeitou veementemente os avisos de um fiasco como o do Dome, ao mesmo tempo em que aproveita para estabelecer uma vez mais uma comparação com os estádios recentemente edificadas na Austrália e França: "Estamos construindo o melhor estádio do mundo, com muito menos dinheiro público do que o Stadium Australia ou o Stade de France, e acho que todos devemos nos orgulhar disso. Este é um projeto do setor privado com algum apoio do governo"²¹⁶

215 Ibidem. Trecho original: *Somehow it is hard to imagine the new Wembley being able to match such experiences. The original stadium, twin towers and all, has been loved more for its memories than itself. May it rest in pieces* (No final do texto, o autor faz um trocadilho com a expressão “rest in peace”).

Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/oct/07/sport.comment1> Acesso em 05 de junho de 2018.

216 The Independent, 07.out.2000. **New Wembley stadium ‘could be the next Dome’**. Trecho original: *"We are building the best stadium in the world, with substantially less public money than either the Stadium Australia or Stade de France, and I think we should all be proud of that. This is a private sector project with some Government support."* Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/new-wembley-stadium-could-be-the-next-dome-634528.html> Acesso em 05 de junho de 2018.

O Stade de France merece um parêntese, por aparecer em muitas análises em nível comparativo com as expectativas em torno do futuro de Wembley. O estádio francês levou quase 5 anos para ser construído e foi entregue para a Copa do Mundo de 1998, realizada no país. Vizinho e rival dentro e fora de campo, o empreendimento francês tornou-se um ponto de referência para o novo Wembley.

Os dizeres que parecem mais destoar das análises acima, ainda que moderadamente, são de Bryan Butler, no Telegraph, que apresenta uma visão pendular entre lamentação pela perda da tradição do antigo estádio e a resignação com o advento do novo. Num primeiro momento de sua matéria, cujo título é “Novo Wembley: uma nova história apenas esperando”, sua visão parece lamentar a tradição perdida com a derrubada do antigo estádio:

A única coisa que faltará quando este grande templo abrir para negócios será uma ou duas páginas de história. Ele terá pouco musgo e memórias – coisas que apenas o tempo pode comprar. Não haverá os “bons dias antigos” crescendo como trepadeiras sobre o aço e o vidro, nenhuma alma e familiaridade para amolecer seus contornos elevados, nenhum passado para dividir seu presente. Tradição não pode ser construída do dia para noite²¹⁷.

No entanto, logo abaixo o jornalista retoma a narrativa corrente entre seus pares de imprensa acerca da edificação de memórias para as futuras gerações no novo estádio, tal como ocorrera com casas passadas do futebol inglês:

Vinte e cinco anos mais ou menos, tudo será diferente. Não haverá outra final do White Horse, outro Stanley Matthews ou mesmo outro Geoff Hurst; mas, desde o primeiro dia, New Wembley irá compilar seu próprio livro de recortes de heróis e vilões. Foi o mesmo com as primeiras três grandes casas de futebol inglês de Londres: um campo de críquete, uma clareira ao lado da maior estufa do mundo e, é claro, a fortaleza de concreto que em breve será reduzida a minúsculas partículas de recordações²¹⁸.

217 The Telegraph, 07.out.2000. **Wembley stadium: A new history just waiting**. Trecho original: *The only thing missing on the day this high temple opens for business will be a page or two of history. It will be short of moss and memories – things only time can buy. There will be no "good old days" creeping like ivy over its steel and glass, no soul or familiarity to soften its soaring contours, no past to share its present. Tradition can't be slapped on like a coat of paint.* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sport/football/4773177/Wembley-Stadium-A-new-history-just-waiting.html> Acesso em 05 de junho de 2018.

218 Ibidem. Trecho original: *Twenty five years or so down the line it will all be different. There won't be another White Horse final, another Stanley Matthews or even another Geoff Hurst; but, from day one, New Wembley will compile its own scrapbook of heroes and villains. It was the same with the first three great London homes of English football: a cricket ground, a sylvan glade beside the biggest glasshouse*

Com a derrota na partida de encerramento, o técnico Kevin Keegan foi demitido e esse assunto, carregado de críticas à atuação da seleção, ficou em primeiro plano nas matérias dos dias seguintes na cobertura da imprensa. Poucas falas foram acionadas no que se refere à despedida definitiva de Wembley. É estranho, pois os apaixonados por futebol costumavam classificar o Estádio de Wembley como "a casa do futebol", elemento fundamental da insularidade do pensamento inglês sobre futebol e a vida social, mas o tom de despedida não encontrou inflexão na nostalgia imobilizante pelo lugar perdido. Pelo contrário, nessa etapa da despedida oficial do antigo equipamento em homenagem ao extinto Império Britânico, recorreu-se a um conjunto de representações que faziam do estádio um lugar hostil, de poucas qualidades antenadas com as demandas do presente, muito atrasado em relação a outros estádios de cidades globais e que, por isso, não caberia um mar de lamentações pela sua demolição, uma vez que as projeções para seu futuro eram as melhores possíveis. Desse modo, conforme atesta Richard Williams no Guardian de 09 de outubro de 2000,

Quanto ao velho Wembley, recebeu a despedida que merecia nas mentes daqueles para quem o calor da nostalgia há muito tempo foi subjugado por uma profunda aversão ao lugar e à atmosfera nociva que cria. No sábado, estava em seu pior momento, fora do campo, assim como o chuvisco incessante e a tentativa patética de uma exibição de fogos de artifício depois da partida, enfatizando o clima de depressão²¹⁹

James Lawton, no jornal Independent da mesma data, percorre caminho semelhante e tece uma comparação entre o fiasco na performance da seleção inglesa na derrota diante da seleção alemã no fechamento oficial do estádio e a situação caótica em que este se encontrava, diante dos entraves para sua reconstrução.

in the world and, of course, the concrete fortress which will soon be reduced to tiny particles of memorabilia. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sport/football/4773177/Wembley-Stadium-A-new-history-just-waiting.html> Acesso em 05 de junho de 2018.

219 The Guardian, 09.out.2000. **England must rebuild to mark end of Wembley era.** Trecho original: *As for the old Wembley, it got the send-off it deserved in the minds of those for whom the warmth of nostalgia has long since been overwhelmed by a thorough dislike of the place and the noxious atmosphere it creates. On Saturday it was at its absolute worst, off the pitch as well as on it, the incessant drizzle and the pathetic attempt at an after-match firework display emphasising the mood of depression.* Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/oct/09/newsstory.sport> Acesso em 06 de junho de 2018.

Quando acenderam alguns fogos de artifício no final de um dos dias mais tristes da vida esportiva do país, era quase patético demais para suportar. Os australianos assinaram com o F-111 e uma noite cheia de estrelas cadentes. Wembley se despediu com um diamante e uma história de traição sem escrúpulos. Lágrimas não eram tão apropriadas. O que era necessário era raiva, raiva rara e refinada [...] O que aconteceu no último final de semana foi mais do que um golpe para o sujo futebol inglês, e seu significado foi além da necessidade de um técnico, inglês ou estrangeiro, que pudesse sobreviver e prosperar no sofisticado campo de batalha do futebol mundial. Foi um julgamento sobre todos esses anos de negligência. Não, uma lágrima de arrependimento não era o ingresso. Apenas um grunhido de raiva faria²²⁰.

O jornalista entendia que Sydney havia se apresentado de maneira mais dinâmica para lidar com o esporte nacional, ao construir seu estádio de em ritmo acelerado e sem entraves políticos, financeiros e administrativos, ao passo que o roteiro que circundava a renovação de Wembley era relevador da incapacidade dos dirigentes para enfrentar os problemas, atingindo assim o orgulho do esporte nacional.

Tanta coisa pareceu chegar ao fim nesta última inefável tarde de sábado: a lentidão em substituir Wembley, o planejamento caótico do novo estádio nacional, o fato de que os campos da Premiership [campeonato local] não mais se assemelham a favelas dos tempos vitorianos, principalmente por causa de terríveis tragédias em Hillsborough e Bradford, toda a tendência descendente do nosso antigo status de pioneiros do jogo que o mundo joga. Teria sido necessário um interruptor para cortar a angústia em Wembley²²¹.

Desde então, o estádio ficou vazio e estagnado no decorrer de alguns anos, uma cena melancólica para o epicentro do futebol, ponto onde floresceu sua versão moderna. O

220 The Independent, 09.out.2000. **From Sidney glory to Wembley misery.** Trecho original: When they lit a few fireworks at the end of one of the most dismal days in the nation's sporting life it was almost too pathetic to bear. The Aussies signed off with F-111's and a night filled with shooting stars. Wembley said goodbye with a sparkler and a story of gutlessbetrayal. *Tears were not so appropriate. What was needed was anger, rare, refined anger [...]* What happened last weekend was more than another blow for bedraggled English football, and its meaning went beyond the need for a coach, English or foreign, who could survive and prosper in the sophisticated battleground of the world game. It was a judgement on all those years of neglect. No, a tear of regret wasn't the ticket. Only a snarl of anger would do. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/from-sydney-glory-to-wembley-misery-637521.html>. Acesso em 06 de junho de 2018.

221 Ibidem. Trecho original: *So much seemed to come to a head on this last ineffably dreary Saturday afternoon: the sluggishness in replacing Wembley, the chaotic planning of the new national stadium, the fact that Premiership grounds no longer resemble Victorian slums mainly because of appalling tragedies at Hillsborough and Bradford, the whole downward drift of our old status as pioneers of the game the world plays. It would have taken a switch blade to cut through the angst at Wembley.* Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/from-sydney-glory-to-wembley-misery-637521.html>. Acesso em 06 de junho de 2018.

trabalho de demolição foi sendo adiado indefinidamente, uma vez que os banqueiros do Chase Manhattan tiveram extrema dificuldade em levantar os 410 milhões de libras necessários para concluir o trabalho. A situação ficou tão preocupante que lugares alternativos, antes preteridos, como Birmingham e Coventry foram oferecidos, e a FA foi informada pela secretária de cultura, Tessa Jowell, para considerar suas propostas pela construção de um estádio nacional.

As torres gêmeas, nesse período inicial, encontravam-se numa encruzilhada. Chris Palmer, diretor de comunicações de Wembley, entendia que a permanência das torres configurava-se como um obstáculo para o desenvolvimento das obras, e aponta que

Nós sempre dissemos que se alguém estivesse falando sério sobre dar uma boa casa às Torres Gêmeas, e que pudesse encontrar uma maneira de contornar as enormes dificuldades logísticas envolvidas em movê-las, nós as entregariamos... Se esse acordo acontecer, venderemos as Torres por 1 libra cada²²²

Por outro lado, Tom Watt coloca-se reticente com a ideia de não anexar esses símbolos icônicos ao novo projeto, uma vez que a representatividade do estádio estava indissociável de sua existência. Para o jornalista,

Quando comecei a escrever o livro de Wembley, ainda se pensava que as torres seriam mantidas de alguma forma, para dar ao novo estádio um portal ou algum elo com o antigo solo. Não agora – foi decidido que era impossível manter as torres. Essa é uma decisão importante porque Wembley, de muitas maneiras, é as torres gêmeas. Pode ser que as pessoas que estão agora correndo, projetando e construindo o novo Wembley não pensem que é importante que um senso de tradição do estádio mais famoso do mundo seja levado adiante para o novo desenvolvimento. Eles podem não pensar que o prestígio associado às torres seja crucial. Se não, justo – mas certamente manter as torres de alguma forma teria sido a maneira perfeita de ligar o passado com o futuro²²³.

222 The Guardian, Idem. Trecho original: *'We always said that if anybody was serious about giving the Twin Towers a good home, and could find a way round the huge logistical difficulties involved in moving them, we would give them to them... If this deal happens, we will sell the Towers for £1 each.'* Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/sep/24/newsstory.sport7> Acesso em 06 de junho de 2018.

223 The Guardian, Idem. Trecho original: *It may be the people who are now running, designing and building the new Wembley do not think it is important that a sense of tradition from the world's most famous stadium is carried forward into the new development. They may not think that the cachet associated with the towers is crucial. If not, fair enough – but surely retaining the towers in some way would have been the perfect way to link the past with the future.* Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/sep/24/newsstory.sport8> Acesso em 06 de junho de 2018.

Originalmente construído para representar o passado glorioso e o futuro radiante do Império Britânico, o estádio de Wembley encontrava-se indissociável de um elemento que não aparecia apenas como uma pitada de adorno, mas sim, o significante mais icônico de todos os significados depositados no equipamento: as Torres Gêmeas. Ao longo do século XX, as torres de concreto do estádio de Wembley representaram um símbolo arquitetônico de maior relevância do futebol no país. Havia uma esperança de que fossem salvas, como destacou o Guardian:

Eles disseram que isso não poderia ser feito, que os símbolos de Wembley se desmoronariam se fossem movidos, que salvá-los era a missão impossível do esporte. Agora parece que as Torres Gêmeas podem ser preservadas, depois de tudo – mas pela Rugby League em Cheshire, não pelo futebol no noroeste de Londres²²⁴.

Várias ideias foram aventadas para solucionar o entrave logístico envolvendo as Torres Gêmeas. No entanto, nem deslocamento para outro lugar e nem seu reaproveitamento no novo projeto: a decisão final foi a sua completa demolição.

3.1.2. O início das obras e a demolição das Torres Gêmeas

Uma enorme controvérsia tomou conta dos noticiários acerca da destinação das Torres Gêmeas, elemento simbólico do antigo Wembley. Entre atrasos e negociações, com dúvidas sobre o começo das obras ou se até mesmo haveria um novo estádio na região de Wembley²²⁵, as obras iniciaram-se somente em setembro de 2002, quase dois anos após a partida oficial de encerramento, e terminaram em fevereiro de 2003, tendo como ato final a demolição das Torres Gêmeas, a despeito de a Associação de Futebol ter recebido várias ofertas de museus de futebol e entusiastas ricos para comprá-las. No entanto, uma vez que foi avaliado que seu deslocamento para outros locais que poderia custar até 20 milhões de

224 The Guardian, Idem. Trecho original: “*They said it couldn't be done, that the symbols of Wembley would fall apart if they were moved, that saving them was sport's mission impossible. Now it seems the Twin Towers may well be preserved after all – but by Rugby League in Cheshire, not football in north-west London*”. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2000/sep/24/newsstory.sport7> Acesso em 06 de junho de 2018.

225 O Telegraph de 27 de setembro de 2002 relatou que o deputado trabalhista Peter Bradley, defensor da proposta do estádio em Birmingham, chegou a declarar que “é o estádio errado no lugar errado, pelo preço errado”. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/uknews/1408420/Go-ahead-for-new-Wembley-stadium.html> Acesso em 08 de junho de 2018.

libras, os debates foram cessados. Em seu lugar, um arco de 133 metros de altura projetado por Norman Foster, que esperava se tornar um marco em Londres para rivalizar em termos simbólicos com as antigas torres. Nesse hiato de tempo, os jornais não acolheram bem esses problemas, depositando ênfase na elevação do custo do estádio, saltando de 200 milhões em 1996 para 750 milhões de libras em 2002, e na indecisão quanto ao destino final de um ícone do esporte nacional como as torres.

Em maio de 2002, a FA assinou um contrato de empréstimo de 426 milhões de libras com o banco alemão West Deutsche Landesbank, permitindo que o trabalho no novo estádio pudesse começar em poucos meses, mais especificamente em 30 de setembro daquele ano. Esse dinheiro do empréstimo, somado com os 150 milhões de libras da FA, os 120 milhões da loteria, mais 40 milhões de libras do governo local e central para infraestrutura, além de 14 milhões de libras do Wembley National Stadium, tornam necessários os 750 milhões de libras. Dias antes, os jornais deram muitos destaques a esse fato e, na maioria dos casos, com ar de indignação com os dirigentes britânicos responsáveis por esse empreendimento.

Nesse sentido, James Lawton assina no título de uma matéria da edição do Independent de 25 de setembro de 2002 que “o estádio será um monumento superfaturado para uma falha de coragem, organização e orgulho”²²⁶ e condena o fato de que a maior parte do financiamento – 426 milhões de libras – é proveniente de um banco alemão, em vez de inglês, e de que os outros 120 milhões de libras do surpreendente custo total de 750 milhões de libras serão fornecidos pelos apostadores da loteria esportiva. Num primeiro ponto, a despeito de considerar que o antigo estádio possuía uma “aura única”, o jornalista entende que a decisão de refazer Wembley é correta, pois “durante a maior parte de sua vida, o antigo estádio de Wembley era uma favela”²²⁷.

Outro ponto que aparece como elemento de destaque nesse artigo é a questão nacional, posto que Wembley é um monumento que historicamente concentrou e transmitiu significados importantes do orgulho inglês. Nesse sentido, para além do incômodo com a

226 The Independent, 25.set.2002. James Lawton: *Stadium will be an overpriced monument to a failure of nerve, organisation and pride*. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/general/james-lawton-stadium-will-be-an-overpriced-monument-to-a-failure-of-nerve-organisation-and-pride-178161.html>. Acesso em 08 de junho de 2018.

227 Ibidem. Trecho original: *For most of its life, the old Wembley stadium was a slum*. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/general/james-lawton-stadium-will-be-an-overpriced-monument-to-a-failure-of-nerve-organisation-and-pride-178161.html>. Acesso em 08 de junho de 2018.

intervenção do banco alemão no empréstimo de financiamento do novo Wembley, o jornalista estende sua argumentação para realizar comparações com outras realidades, com destaque, mais uma vez, para recém-inaugurado Stade de France.

Quando o belo Stade de France foi construído pouco menos de um ano antes do início da Copa do Mundo de 1998, em grande parte por causa do impulso do governo francês, havia zombarias inglesas sobre a rápida conversão do antigo local de lixo tóxico. Essa reação pareceu particularmente risível quando, no ano passado, a Secretária de Cultura e Esportes, Tessa Jowell, especulou publicamente se havia realmente uma necessidade de um estádio nacional. Isso foi seis anos desde o lançamento do projeto. Adam Crozier, chefe-executivo da Associação de Futebol – um escocês, aliás – disse que havia realmente uma necessidade a menos que a Inglaterra quisesse se juntar a algumas repúblicas de banana e a Itália, que tem estádios gloriosos na maioria de suas grandes cidades, tendo uma seleção sem lugar para chamar de lar²²⁸

E encerrou o artigo em tom irônico, bem ao estilo ácido dos britânicos: “tudo o que provamos é que, finalmente, estamos prontos para construir um estádio próprio. Apenas nos dê 11 anos e uma carga de dinheiro alemão. Talvez a champanhe deva permanecer na geladeira²²⁹”.

O Guardian traz a fala de Tessa Jowell, secretária de cultura, que enfatiza que "Wembley deve agora avançar para ganhar a confiança do público. Temos que construir o estádio dentro do prazo e do orçamento. Devemos transformar o sonho de um estádio de classe mundial em tijolo e cimento"²³⁰. Em seguida, a matéria argumenta que o novo projeto será bem diferente do estádio antigo, em 1923, e isso ganha forma pela qual “as

228 Ibidem. Trecho original: *When the beautiful Stade de France was built in scarcely a year before the start of the 1998 World Cup, largely because of the thrust of the French government, there were English sneers about the hasty conversion of the former site of toxic waste. That reaction seemed particularly risible when this time last year the Culture and Sport Secretary, Tessa Jowell, publicly speculated on whether there was really a need for a national stadium. That was six years into the project. Adam Crozier, the chief executive of the Football Association – a Scotsman, incidentally – said there was indeed a need unless England wanted to join a few banana republics and Italy, which has glorious stadiums in most of its major cities, in having a national team with no place to call home.* Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/general/james-lawton-stadium-will-be-an-overpriced-monument-to-a-failure-of-nerve-organisation-and-pride-178161.html> Acesso em 11 de junho de 2018.

229 Ibidem. Trecho original: *All we have proved is that, finally, we are up to building one stadium of our own. Just give us 11 years and a load of German money. Perhaps the champagne should stay in the fridge.* Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/general/james-lawton-stadium-will-be-an-overpriced-monument-to-a-failure-of-nerve-organisation-and-pride-178161.html> Acesso em 11 de junho de 2018

230 The Guardian, 26. set. 2002. **FA finally confirms Wembley deal.** Trecho original: *"Wembley must now move on to gain the confidence of the public. We have to build the stadium on time and within a budget. We must turn the dream of a world class stadium into bricks and mortar."* Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2002/sep/26/wembleystadium.arts> Acesso em 11 de junho de 2018

torres gêmeas, que passaram a simbolizar o futebol inglês, serão demolidas e substituídas por um "arco triunfal"²³¹. Com a elevação dos valores, Wembley torna-se o estádio mais caro do mundo. O Telegraph assim discrimina o uso dos valores: “Além do custo de construção do estádio, o financiamento inclui 120 milhões de libras para comprar terras, 50 milhões para melhorar a infraestrutura, 23 milhões para a demolição, 40 milhões para os custos de desenvolvimento e 80 milhões para os custos de financiamento”²³².

O alto valor do estádio estava amparado sob a justificativa de que o “melhor estádio do mundo” fará com que os fãs sejam tratados como a realeza no novo Wembley, de acordo com a promessa de Adam Crozier, dirigente da Associação de Futebol. A matéria de Ian Gordon descrevia, seguindo as palavras de Crozier, que “o espaço para as pernas, uma das muitas fontes de descontentamento no antigo terreno, será maior em todos os 90 mil lugares do que no antigo Royal Box [espaço da realeza]”²³³. Esse discurso entra em consonância com as demandas de conforto tão propaladas no que se refere às representações do novo Wembley, em oposição à construção insistente da imagem negativa do antigo estádio nesse quesito. Portanto, a ideia de que os futuros espectadores terão mais espaço para as pernas do que os VIPs tinham na Royal Box do antigo Wembley significa valorizar o torcedor como um cliente merecedor de todas as regalias, o que já não era mais oferecido pela versão antiga do estádio.

Seguindo a linha da ausência de operacionalidade do antigo Wembley, dentro e fora do estádio, como na questão dos estacionamentos e acessos por transportes públicos, resultando em sua demolição e novo planejamento do entorno, o novo estádio nacional é percebido como uma peça central da estratégia de regeneração para a área de Wembley. Elaborando uma imagem representativa da metamorfose que atingiu Wembley, a reportagem faz uma breve descrição do arco que substituirá as tradicionais torres:

231 The Telegraph, 25. set. 2002. **Wembley deal finalised**. Trecho original: *The twin towers, which came to symbolise English football, will be demolished and replaced with a "triumphal arch"*. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/1408332/757m-Wembley-deal-finalised.html> Acesso em 11 de junho de 2018

232 Ibidem. Trecho original: *Apart from the cost of building the stadium, the funding includes £120 million to buy land, £50 million for improving infrastructure, £23 million for demolition, £40 million for development costs and £80 million in financing costs*. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/1408332/757m-Wembley-deal-finalised.html> Acesso em 11 de junho de 2018

233 The Independent, 26.set.2002. **Fans will be treated 'like royalty' at the new Wembley**. Trecho original: *Leg-room, one of many sources of discontent at the old ground, will be greater in every one of the 90,000 seats than in the old Royal Box*. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/fans-will-be-treated-like-royalty-at-the-new-wembley-178241.html> Acesso em 11 de junho de 2018

Muito antes de chegar ao estádio, os visitantes notarão o arco de aço, com 133 metros de altura e 315 metros de comprimento, que é a característica central do projeto de Norman Foster. Além de fornecer um marco para substituir as Torres, ele tem uma finalidade estrutural de apoiar o telhado norte, garantindo que não haja pilares dentro para obstruir a visão²³⁴.

Vale destacar que a pauta que versa sobre a visão ruim do campo em vários pontos do antigo Wembley foi bastante abordada pelos responsáveis da reconstrução do estádio. A crença é a de que a atmosfera e as linhas de visão ganharão melhoras com o novo espaço de 90 mil assentos, 10 mil a mais do que o antigo.

Outro tópico que repercutiu nesse período foi o fato de que, se o antigo Wembley recebeu os jogos olímpicos de 1948, o primeiro evento esportivo de grandes proporções do pós-guerra, sua versão repaginada não seria local de nenhum evento olímpico de atletismo ou cerimônia de abertura ou encerramento de futuros jogos olímpicos²³⁵.

No dia 30 de setembro, as obras de demolição iniciaram-se, com a chegada das escavadeiras. John Corcoran, diretor da Multiplex, empreiteira australiana responsável pela construção do estádio, afirmou que levaria algum tempo para que as memórias de Wembley desaparecessem, e retomou a ideia tão explorada por diversos atores sociais desse empreendimento: a de que a memória não está na materialidade, como forma de amenizar as lamentações pela perda da construção histórica e ícone do futebol do país. Para o empreiteiro, “o espírito de Wembley deve-se mais aos feitos inspiradores dos heróis esportivos de uma nação do que aos tijolos e à argamassa à sua frente. Infelizmente, enquanto as memórias podem resistir ao teste do tempo, tijolos e argamassa nem sempre podem fazer o mesmo.”²³⁶.

234 Ibidem. Trecho original: *Long before arriving at the stadium, visitors will notice the steel arch, 133 metres tall and 315 metres long, that is the central feature of Norman Foster's design. As well as providing a landmark to replace the Towers, it has a structural purpose in supporting the north roof, ensuring that there are no pillars inside to obstruct the view.* Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/fans-will-be-treated-like-royalty-at-the-new-wembley-178241.html> Acesso em 11 de junho de 2018

235 Nesse período, Londres ainda não havia lançado oficialmente sua candidatura, mas acabaria sendo a cidade-sede escolhida para os jogos de 2012, resultando na construção de um outro estádio na capital inglesa. Ver mais em: <https://www.independent.co.uk/sport/general/end-of-the-olympic-dream-for-new-wembley-178486.html> Acesso em 11 de junho de 2018

236 The Telegraph, 30. set. 2002. **Bulldozers move in on Wembley.** Trecho original: *the spirit of Wembley owes more to the inspiring feats of a nation's sporting heroes than it does to the bricks and mortar in front of you. Unfortunately, while memories may stand the test of time, bricks and mortar cannot always do the same.* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sport/3035401/Bulldozers-move-in-on-Wembley.html> Acesso em 15 de junho de 2018

Com base no retorno financeiro de aproximadamente 1 milhão de libras, ficou decidido pelo órgão regulador do futebol inglês, à época, esmagar os escombros e criar mini torres gêmeas a serem vendidas ao redor do mundo. O Guardian trouxe uma declaração do porta-voz da Multiplex a esse respeito: "A FA nos pediu para entregar os escombros das torres gêmeas quando começamos a demoli-los. É uma grande chance de dar uma lembrança do estádio"²³⁷. Por outro lado, o jornalista Giles Smith ressaltava a falta de imaginação para essa estratégia e apontou, com ironia crítica, que

A Associação de Futebol anunciou esta semana que planejava reter os destroços das Torres Gêmeas, transformá-los em pó e então transformá-los em lembranças – o seu próprio conjunto de torres gêmeas em miniatura, feito da genuína torre gêmea. Perfeito para sal e pimenta. Ou eles poderiam apenas vender o pó: Talco de Torre Gêmea. De qualquer forma, a FA está confiante de que pode levantar 1 milhão de libras por este empreendimento, o que é uma boa notícia: apenas mais 756 milhões de libras para custear o novo estádio. Vamos apenas esperar que a FA não esteja julgando mal o humor público novamente. Talvez, apenas para se cobrir, eles também pudessem derreter qualquer metal que o site produzisse e executar modelos de réplicas de Goliath, o trator de esteira de 35 toneladas. Eu compraria um, mesmo que apenas em memória do que poderia ter sido²³⁸.

Com o passar dos dias, no entanto, ficou decidido que a maior parte da alvenaria remanescente seria usada para preencher as fundações do novo estádio, ao passo que apenas uma menor fatia seria transformada em réplicas de miniaturas do antigo local. A demolição do estádio, com suas enormes abóbadas de concreto semicirculares como um anfiteatro romano e suas famosas torres gêmeas claramente modeladas nos edifícios

237 The Guardian, 30. set. 2002. **FA carves a niche profit out of old towers**. Trecho original: "*The FA has asked us to deliver the rubble from the twin towers when we start demolishing them. It's a great chance to give a reminder of the stadium.*" Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2002/sep/30/wembleystadium.sport> Acesso em 15 de junho de 2018

238 The Telegraph, 05. out. 2002. **Wembley demolition lacks imagination**. Trecho original: "*The Football Association announced this week that they planned to retain the rubble from the Twin Towers, grind it into powder and then re-form it into souvenirs - your very own miniature Twin Towers set, made from genuine twin tower. Perfect for salt and pepper. Or they could just sell the powder: Twin Tower Talc. Either way, the FA are confident they can raise £1 million by this venture, which is good news: only another £756 million to go, and the cost of the new stadium is completely spoken for Let's only hope the FA aren't misjudging the public mood again, though. Maybe, just to cover themselves, they could also melt down any metal the site yields and run up replica models of Goliath the 35-ton bulldozer. I'd buy one, if only in memory of what might have been.*" Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/3035607/Wembley-demolition-lacks-imagination.html> Acesso em 15 de junho de 2018

imperiais de Lutyens e Baker na Índia, afetaria o senso de identificação do inglês, haja vista a homogeneidade arquitetônica do novo estádio em relação a outros.

O novo design de "carrinho de compras" de Norman Foster parece bom o suficiente e, claro, será muito mais flexível do que a estrutura antiga, se eles conseguirem construí-lo. Mas poderia ser em qualquer lugar de Taipei para a Tanzânia [...]. Mas quando a nossa arena esportiva nacional é tão moderna, elegante e anódina como a de qualquer outra pessoa, o que acontecerá com a peculiar psicodinâmica que rege o esporte britânico?²³⁹

O Guardian de 06 de dezembro de 2002 deu destaque para o início dos planos para a demolição das torres e faz uma genealogia das ideias pensadas para sua sobrevivência nesse período de criação do projeto e até a definição pela sua destruição. O jornal relata a tímida participação da English Heritage na campanha para salvar as torres, tendo suas objeções suspensas no momento em que o novo estádio apresentou oficialmente seu projeto, em julho de 1999.

A matéria também demonstra como personalidades do futebol, incluindo o herói da Copa do Mundo de 1966, Geoff Hurst, ainda manifestaram a esperança de que eles pudessem ser incluídos nos projetos do novo estádio. Mas a arquitetura do novo Wembley é um pouco diferente da do antigo, e o marco teria ficado num ângulo deslocado em relação à sua posição original. Além disso, como já fora dito anteriormente, os responsáveis alegaram que teria sido muito caro e difícil fazer a remoção total ou então reconstruí-las – então foi decidido que elas seriam quebradas em pedaços. A matéria finaliza com as falas do Ministro do Esporte, Tony Banks, que classificou as torres como “não-funcionais”, enquanto o diretor-executivo da FA, Graham Kelly, revelou que não “ficaria empolgado” com elas, já que o país está preparado para ter um dos melhores estádios do mundo²⁴⁰. Meses depois, no entanto, o projeto original de Lord Foster foi

239 The Telegraph, 30. nov. 2002. **Making the grade: Wembley Stadium**. Trecho original: *Norman Foster's new "shopping-basket" design seems nice enough, and of course will be much more flexible than the old structure, if they ever manage to build it. But it could be anywhere from Taipei to Tanzania [...]. But when our national sporting arena is as modern, elegant and anodyne as anybody else's, what will happen to the peculiar psychodynamic governing British sport?* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/finance/property/3309525/Making-the-grade-Wembley-Stadium.html> Acesso em 15 de junho de 2018

240 The Guardian, 06. dez. 2002. **Wembley towers demolition begins**. Trecho original: *“not get excited” about them as the nation was set to possess one of the best stadiums in the world*”. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2002/dec/06/wembleystadium.football> Acesso em 15 de junho de 2018

modificado e o plano para quatro mastros foi abandonado em favor de um gigantesco "arco triunfante" - que é visto como o substituto simbólico das velhas torres gêmeas do estádio.

Como as torres são feitas de concreto pré-moldado, não poderiam ser desmontadas e reconstruídas em outro ponto. Com isso, a partir dos escombros algumas das peças serão vendidas como lembranças, outras serão transformadas em uma estátua. No entanto, a maior parte da estrutura histórica foi desmembrada e usada como base para o novo estádio de 757 milhões de libras.

Enquanto as obras de demolição estavam em progresso, um ponto de debate no projeto do novo Wembley foi a desconfiança com relação à perda da atmosfera do estádio com sua elitização. Havia um receio de que os assentos mais caros do mundo poderiam interferir na forma de torcer e se comportar do torcedor tradicional.

Com isso, conforme argumenta o jornalista esportivo Vivek Chaudhary, um quinto do novo estádio de Wembley (cerca de 18.000 assentos) deveria ser ocupado por torcedores corporativos, com camarotes executivos que custariam entre 60 e 200 mil libras e com assentos *premium* que iriam de 1.300 a 6.100 libras por ano. Isso trouxe preocupações de um possível impacto negativo na atmosfera dentro do campo, com espaços vazios em partidas de pouca atratividade. Como contraponto à lógica dos assentos corporativos, o Guardian traz a fala de um porta-voz da Federação Torcedores e seu receio de que esta nova condição socioeconômica traria efeitos perversos sobre o torcedor comum:

Wembley deveria ser um estádio nacional para o fã comum de futebol. É uma vergonha que um número tão grande de assentos seja para o uso exclusivo de hóspedes corporativos. Você pode imaginar um amistoso sem significado da seleção da Inglaterra, quantos desses tipos corporativos estariam presentes? Os preços são ridículos, não há nenhuma maneira de os fãs de futebol comuns poderem pagar-lhes. Wembley poderia encontrar-se totalmente vazio em determinados jogos e isso seria trágico. Os torcedores comuns estão mais uma vez sendo expulsos do jogo, e é muito triste que o novo estádio nacional de futebol esteja fora do alcance para tantas pessoas.²⁴¹

241 The Guardian, 07. dez. 2002. **As the towers come down, the full price of new Wembley is revealed.**

Trecho original: *"Wembley was supposed to be a national stadium for the ordinary football fan. It is disgraceful that such a large number of seats are for the exclusive use of corporate guests. You can just imagine a meaningless England friendly; how many of these corporate types would attend? The prices are ridiculous, there is no way that ordinary football fans could afford them. A whole tier within Wembley could be empty for certain games and that would be tragic. Ordinary football fans are once again being driven out of the game, and it is very sad that the new national football stadium will be off limits to so many people."* Disponível em:

<https://www.theguardian.com/football/2002/dec/07/sport.comment4> Acesso em 15 de junho de 2018

A tentativa de vender tantos assentos corporativos e a preços elevados, o jornalista finaliza a reportagem alegando, ironicamente, que “muitos temem que seu símbolo mais potente seja um sanduíche de camarão”²⁴².

Já a edição do Independent traz uma coluna da escritora Catherine Pepinster – Das torres aos pepinos²⁴³ – em que traça um panorama da evolução arquitetônica das grandes construções e sua relação com em seus contextos sociais, afirmando que os edifícios são mais do que apenas visões de arquitetos e seus clientes: “Eles são o produto de nossa sociedade – sua riqueza, sua tecnologia, suas tradições. É por isso que eles são tão importantes: eles nos dizem quem somos, ou ao menos, quem gostaríamos que os outros pensassem que somos”. Nessa relação dialética entre uma construção de si para si e para os outros, Pepinster argumenta que

no século XIX, as grandes prefeituras sugeriram as virtudes vitorianas do orgulho cívico e da responsabilidade cívica. Nos anos 20, quando JW Simpson projetou o estádio de Wembley, completo com suas cúpulas gêmeas inspiradas em Lutyens, para a Exposição do Império Britânico, os grandes edifícios transmitiram o clima da época. Um amor crescente de lazer, velocidade e poder foi encapsulado pela arquitetura de estruturas para recreação, transporte e trabalho²⁴⁴

Para a autora, os melhores edifícios são aqueles que carregam alma e transmitem o espírito do seu tempo, caso do Estádio Imperial de Wembley. As construções, em sua visão, devem ser como pessoas, pois, à medida que envelhecem, adquirem caráter e o carinho por eles cresce. Ela admite que a nostalgia é uma razão poderosa para a valorização dos edifícios, como quando lembra dos tempos de estudante ver as torres pela janela do trem quando voltava de Manchester, ainda que se declare pouco entendida de futebol. No entanto, entende que as exigências contemporâneas mudam de figura e esperam novos arranjos arquitetônicos, fazendo com que novos planejamentos e experimentações

242 Ibidem. Trecho original: *many fear its most potent symbol will instead be a prawn sandwich*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2002/dec/07/sport.comment4> Acesso em 15 de junho de 2018

243 A escritora faz uma alusão às mudanças arquitetônicas entre as tradicionais Torres Gêmeas, que desapareciam em definitivo em poucos dias, e o novo edifício projetado por Norman Foster no centro de Londres que tem o formato de uma pepino (ghenkins).

244 The Independent, 08. dez. 2002. **From towers to ghenkins**. Trecho original: *In the 19th century, the great town halls suggested the Victorian virtues of civic pride and civic responsibility. In the Twenties, when JW Simpson designed Wembley Stadium, complete with its Lutyens-inspired twin domes, for the British Empire Exhibition, the great buildings of the day conveyed the mood of the age. A growing love of leisure, speed and power was encapsulated by the architecture of structures for recreation, transport and work*. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/voices/commentators/catherine-pepinster-from-towers-to-gherkins-135149.html> Acesso em 17 de junho de 2018.

arquitetônicas ganhem vida, algo que a entusiasma em alguns projetos modernos. Com esse sentimento misto entre valorização da tradição e otimismo com as novas possibilidades arquitetônicas, a autora, entusiasta do trabalho de Norman Foster, atesta que “é por isso que estou de luto pela passagem das torres gêmeas de Wembley. Mas estou muito feliz com a chegada do Gherkin de Foster: o garoto mais novo e brilhante do bloco”²⁴⁵.

No dia 07 de fevereiro, os trabalhos de demolição das Torres Gêmeas foram iniciados. Com isso, colocava-se em ato o fim da era de um marco de 80 anos que se tornou sinônimo de futebol inglês. Suas sólidas estruturas de concreto e aço agora seriam reduzidas a entulho. Os topos das torres serão mantidos em armazenamento até que o novo estádio seja concluído e acabará por aparecer em um museu do Hall da Fama de Wembley no novo local.

O Guardian dessa data apresentou como título de reportagem que “Escavador alemão ataca torres gêmeas”, numa clara alusão aos confrontos dentro de campo entre as seleções rivais, além de reafirmar o incômodo relatado anteriormente, no caso do empréstimo do banco alemão para destravar financeira e burocraticamente o início das obras de demolição. Para atestar a ironia ácida que fomenta a rivalidade com os alemães, o Telegraph também traz a informação acerca das escavadeiras alemãs e diz que “uma pequena cerimônia celebrando o passado e o futuro do estádio aconteceu pouco antes de uma escavadeira especial, apelidada de Golias, se mudar para demolir as torres”²⁴⁶

Para essa ocasião, o treinador de goleiros e o ex-capitão da seleção inglesa Ray Clemence e o arquiteto Norman Foster participaram de uma cerimônia para marcar o fim das famosas torres. O primeiro afirmou que “havia algo único no estádio” e que “como técnico da Inglaterra, sei como é empolgante para a equipe saber que daqui a alguns anos eles estarão jogando aqui novamente.”²⁴⁷ Já o segundo, um dos principais arquitetos do

245 Ibidem. Trecho original: *That's why I'm mourning the passing of Wembley's twin towers. But I'm thrilled by the arrival of Foster's Gherkin: the brightest new kid on the block.* Disponível em: <https://www.independent.co.uk/voices/commentators/catherine-pepinster-from-towers-to-gherkins-135149.html> Acesso em 17 de junho de 2018.

246 The Telegraph, 07.fev.2003. **Wembley twin towers to be demolished.** Trecho original: *A short ceremony celebrating the past and future of the stadium took place just before a special excavator, nicknamed Goliath, moved in to demolish the towers.* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/1421355/Wembley-twin-towers-to-be-demolished.html> Acesso em 17 de junho de 2018.

247 The Guardian, 07.fev.2003. **German digger attacks twin towers.** Trecho original: *"There was something unique about the stadium itself," e "As an England coach, I know how exciting it is for the team to know that in a few years' time, they will be playing here again."* Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2003/feb/07/newsstory.sport4> Acesso em 17 de junho de 2018.

projeto, também lançou sua sentença: "Hoje representa o fim de uma era, mas também o começo de um futuro brilhante para o estádio de esportes mais famoso do mundo. Aguardo ansiosamente o surgimento do novo arco que simbolizará o renascimento de Wembley".²⁴⁸

Uma peculiaridade destacada pela matéria foi a presença, entre alguns torcedores curiosos que vieram assistir ao ritual de início das obras de demolição, de George Cohen, ex-lateral da seleção inglesa campeã do mundo, em Wembley, em 1966. Segundo o Cohen, a derrubada das Torres Gêmeas “é um pouco triste, mas, francamente, precisávamos de um novo estádio para acompanhar o resto do mundo”²⁴⁹.

O Guardian ainda traz uma outra matéria com o professor Charles Brooking, homem que resgata fragmentos de locais de demolição desde os dez anos de idade. Enquanto as escavadeiras trituram o caminho de Wembley terraços, Brooking procurava salvar os últimos elementos esquecidos nas ruínas. Na semana passada, ele resgatou dois dos troféus mais preciosos, as coroas no topo das Torres Gêmeas, cada uma pesando duas toneladas e finamente fundidas em concreto. Eles foram salvos com os mastros de bandeira que os apoiavam. De acordo com o professor, falando do cenário em que se encontravam as Torres Gêmeas,

É uma cena estranha. As duas torres estão em um mar de lama. É como uma execução, eles estão trabalhando na cúpula pela parte de trás, mas as torres estão lutando bastante, eles estão lá por conta própria – é bem dramático, e triste, teria custado cerca de 4 milhões de libras para preservá-las, é um dia e tanto. No domingo, essas torres estarão caídas²⁵⁰.

A Coleção Brooking de Detalhes Arquitetônicos, fundada pelo professor Charles Brooking, será abrigada no Old Royal Naval College, em Greenwich. Portanto, no lugar das icônicas e tradicionais torres, que a priori seriam salvaguardadas integralmente junto

248 Ibidem. Trecho original: *"Today represents the end of an era but also the beginning of a bright future for the world's most famous sports stadium. I look forward to the rise of the new arch that will symbolise Wembley's rebirth"*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2003/feb/07/newsstory.sport4> Acesso em 17 de junho de 2018.

249 Ibidem. Trecho original: *"It's a little sad, but, quite frankly, we needed a new stadium to keep up with the rest of the world."*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2003/feb/07/newsstory.sport4> Acesso em 17 de junho de 2018.

250 The Guardian, 07.fev.2002. **Greenwich to display Wembley memorabilia**. Trecho original: *"It's a strange scene. The two towers are in a sea of mud. It's like an execution, they are working into the dome from the back, but the towers are putting up quite a fight. They are standing there on their own – it's quite dramatic. And sad. It would have cost about £4m to preserve them though. It's quite a day. By Sunday, these towers will be well on the way down."*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/education/2003/feb/07/highereducation.museums> Acesso em 17 de junho de 2018.

ao novo estádio, passando pela ideia de serem realocadas para outra cidade e, por fim, completamente destruídas pelas escavadeiras alemãs entre 2002 e 2003, surgiu um arco feito de aço gigante (de 133 metros), inspirado pelo arquiteto Norman Foster.

3.1.3. A Reinauguração de Wembley

Um terceiro momento de concentração de reportagens e acionamentos de memórias sobre o antigo e o novo Wembley, como não poderia deixar de ser, foi sua reinauguração (ou reinaugurações gradativas). As narrativas jornalísticas parecem ter acolhido com entusiasmo o resultado final do novo equipamento da cidade. Na edição de 09 de março de 2007, alguns dias antes do primeiro evento-teste, o jornalista Jonathan Glancey fez uma visita ao quase encerrado novo estádio, acreditando que “a final da FA Cup deste ano acontecerá no estádio mais ambicioso, caro e possivelmente o mais fino do mundo”.

Por toda parte, segundo o jornalista, o estádio exala uma confiança robusta e grandeza serena. O novo Wembley é duas vezes maior do que o antigo Wembley. E atesta que “a arena em si é realmente de tirar o fôlego”²⁵¹. Se o antigo monumento do esporte nacional britânico foi concluído um ano antes da abertura da Exposição do Império Britânico, a enorme feira destinada a reavivar as fortunas econômicas após a recessão que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, no caso do novo Wembley a esperança inicial de receber a Copa do Mundo de 2006 já havia sido adiado.

O jornalista celebra o fato de o novo Wembley ter o dobro do tamanho do rival Stade de France, uma frequente referência que guiou as análises jornalísticas ao longo de sua construção. O jornalista aponta que os interiores amplos e altos do estádio se parecem mais com o de um aeroporto do que com o de um estádio esportivo, e cita aeroporto Chep Lak Kok, em Hong Kong, também projetado por Foster.

Uma vasta onda de concreto esculpido, com cerca de 90.000 assentos de plástico vermelho, cada um com bastante espaço para as pernas e vistas ininterruptas, abriga sob um teto gigantesco e discreto, todos os 11 acres e 7.000 toneladas suportados pelos 133 metros de altura e 315 metros de comprimento da longa “tiara” de aço de Foster. Se a chuva for prevista antes de um evento, o teto, em três seções, pode ser fechado sobre as

251 The Guardian, 09.mar.2007. **We think it's all over...** Trecho original: *This year's FA Cup final will take place at the world's most ambitious, expensive and very possibly finest stadium.* Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2007/mar/09/wembleystadium.football> Acesso em 18 de junho de 2018.

bancadas, deixando apenas o gramado cuidadosamente cuidado exposto²⁵².

Erguido em maio 2004 e visível em várias partes distantes da cidade, o arco mede quatro vezes a altura das Torres Gêmeas. No entanto, o arco foi uma reflexão tardia dos arquitetos responsáveis. O plano original era de quatro mastros que ficariam na frente do estádio para transportar os cabos do telhado. Ademais, as facilidades e modernidades do novo estádio são ressaltadas e reforçam os ares de comparação com espaços de luxo e conforto.

Vergonhosamente, o Wembley velho teve menos de 400 lavatórios; o novo Wembley, embora decididamente mais quente e, portanto, mais gentil com a bexiga, ostenta nada menos que 2.618. Um recorde mundial. Eles são decentemente projetados, também – pelo menos tão bom quanto você esperaria encontrar em um aeroporto bem administrado²⁵³

Começando as obras em 2000, a estimativa inicial era de que o novo Wembley seria entregue em 2003. No entanto, a demolição do antigo estádio começou apenas em setembro de 2002, fazendo com que a finalização da obra passasse pelos anos 2004, pela chance de hospedar a final da FA Cup de 2006 e finalmente sendo reinaugurado em 2007. Quando o original Wembley abriu em abril de 1923, foi comparado favoravelmente ao Coliseu de Roma. De maneira semelhante, a despeito da longa espera, o atual Wembley

Wembley é verdadeiramente um Coliseu para hoje. Já valeu a pena a espera e a despesa? Acho que sim. O público responsável pela venda de ingressos será bem tratado por esse prédio e, embora possa ser difícil se apaixonar por tal colosso, o novo estádio certamente virá a ser visto como um digno sucessor de seu antecessor extremamente familiar, com cúpula dupla²⁵⁴

252 Ibidem. Trecho original: *A vast undulating wave of sculpted concrete, set about with 90,000 red plastic seats, each with plenty of leg room and uninterrupted views, it shelters beneath a gigantic yet unobtrusive roof, all 11 acres and 7,000 tonnes of it supported by Foster's 133-metre high, 315-metre long "tiara" of steel. If rain is predicted before an event, the roof, in three sections, can be closed over the banks of seats, leaving just the lovingly tended grass pitch exposed.* Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2007/mar/09/wembleystadium.football> Acesso em 18 de junho de 2018.

253 Ibidem. Trecho original: *Infamously, the old Wembley had fewer than 400 lavatories; the new Wembley, although decidedly warmer and thus kinder to the bladder, sports no fewer than 2,618. A world record. They are decently designed, too - as least as good as you'd expect to find in a well-managed airport.* Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2007/mar/09/wembleystadium.football> Acesso em 18 de junho de 2018.

254 Ibidem. Trecho original: *Wembley is truly a Colosseum for today. Has it been worth the wait, and the expense? I think so. The ticket-holding public will be treated well by this building, and although it might be hard to fall in love with such a colossus, the new stadium will surely come to be seen as a worthy successor to its hugely familiar, twin-domed predecessor.*

No Telegraph, Jim White escreve uma matéria cujo título dá o tom entusiasmado com o produto que se tornou o novo Wembley: “Parem de choramingos, Wembley é uma joia”. E inicia fazendo uma descrição de sua primeira experiência no antigo estádio, em 1976, vista como negativa, pois

tive que abrir caminho por uma torrente de urina que descia pela escada principal. Como introdução a um lugar mitificado como o lugar mais grandioso, mais chique e mais romântico para assistir a uma partida de futebol na Terra de Deus, isso não era propício. Particularmente quando o jeans escovado de minhas tochas de 36 polegadas começou a agir como uma esponja, absorvendo eficientemente grande parte da cascata²⁵⁵.

Após realizar a descrição dos elementos que compõem o novo equipamentos esportivo da capital inglesa, como os banheiros, salões, as linhas de visão, o espaço para as pernas dos torcedores, a escadaria mais ampla que levará os jogadores até a Royal Box para receber a taça, White assevera que

Todos os que tiveram uma prévia do novo Wembley estão de acordo: o que antes era uma casca embaraçosa e constrangedora de um lugar, uma lenda há muito desacreditada, tratando seus clientes pagantes como se fossem gado a caminho do matadouro, foi transformado no melhor local do mundo, uma maravilha do esporte moderno. E o mais surpreendente é que é aqui na Inglaterra²⁵⁶.

O jornalista compara a duração de tempo para a construção do Estádio Imperial, projetado por Owen Williams e que precisou de 300 dias para chegar ao fim, com a nova estrutura de Norman Foster, que, entre disputas legais, levou seis anos. Além disso, também compara os valores do antigo estádio, que custou 750.000 libras em 1923, com o

Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2007/mar/09/wembleystadium.football> Acesso em 18 de junho de 2018.

255 The Telegraph, 12.mar.2007. **Stop whingeing, Wembley is a gem.** Trecho original: *The first time I stepped inside Wembley Stadium, in May 1976, I had to pick my way through a floodtide of urine pouring down the main staircase. As an introduction to a place mythologised as the grandest, swankiest, most romantic place to watch a football match on God's Earth, it was not propitious. Particularly when the brushed denim of my 36-inch flares began to act as a sponge, efficiently soaking up much of the cascade.*

Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/comment/personal-view/3638406/Stop-whingeing-Wembley-is-a-gem.html> Acesso em 18 de junho de 2018.

256 Ibidem. Trecho original: *Everyone who has had a sneak preview of the new Wembley is agreed: what was once a shabby, embarrassing husk of a place, trading on long-since discredited legend, treating its paying customers as if they were cattle en route to the slaughterhouse, has been transformed into the finest venue in the world, a wonder of modern sport. And the most surprising thing is, it is here in England.* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/comment/personal-view/3638406/Stop-whingeing-Wembley-is-a-gem.html> Acesso em 18 de junho de 2018.

exorbitante total de 798 milhões de libras do novo edifício. O jornalista admite que algumas questões ao longo do processo de construção não foram bem recebidas por todos, como a localização em Wembley, o valor total, a elitização de parte do estádio em assentos corporativos, porém, fazendo a defesa de cada um dos pontos, conclui que

não importa tudo isso. A incompetência, o custo excessivo, o atraso, a dívida, tudo será esquecido quando os fãs começarem a ver o que foi entregue. Por fim, temos um estádio nacional de futebol adequado para o país que inventou o jogo, uma joia, algo de que podemos nos orgulhar [...] Não há como voltar para os dias de bonés de pano, chocalhos e jogadores indo para o jogo no ônibus. Ou, na verdade, fontes de urina contaminando os pátios. Este é um estádio para o mundo moderno. Eu, por exemplo, não posso esperar pelo pontapé inicial²⁵⁷.

O Telegraph recebeu com entusiasmo a chegada do novo Wembley e, seguindo os argumentos centrais de que a memória é feita pelos personagens e acontecimentos, produziu uma matéria, assinada por Robert Philip, interrogando-se sobre as memórias que esperam ser construídas no novo estádio para as próximas gerações. A reportagem se concentra em reavivar os grandes momentos do antigo estádio e traz algumas falas de figuras importantes que passaram por Wembley ao longo do século XX, uma em especial merece destaque: Eileen Breakley, uma senhora de 80 anos que chefiou a cozinha do estádio por 36 anos, servindo diversas estrelas famosas. Breakley lembrou da última vez que fechou a cozinha do estádio, em outubro de 2000, e disse que “chorei baldes na noite em que tranquei [a cozinha] pela última vez”²⁵⁸. Com efeito, dentre tantos momentos históricos que vivenciou no estádio, lembra da emoção da final da copa de 1966.

A final da Copa do Mundo, em 30 de julho de 1966, foi esmagadora em sua emoção. Lembro-me de ouvir essa explosão de barulho, o estádio inteiro parecia tremer e eu tive que ver o que estava acontecendo. Fechei o bar e corri para fora o stand a tempo de ver Bobby Moore correndo em

257 Ibidem: Trecho original: *But never mind all that. The incompetence, the cost over-runs, the delay, the debt, all will be forgotten as the fans start to see what has been delivered. At last, we have a national football stadium fit for the country that invented the game, a gem, something of which we can be proud [...] There is no turning back to the days of cloth caps, rattles and players going to the match on the bus. Or indeed, fountains of urine fouling the forecourts. This is a stadium for the modern world. I, for one, can't wait for kick off.* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/comment/personal-view/3638406/Stop-whingeing-Wembley-is-a-gem.html> Acesso em 18 de junho de 2018.

258 The Telegraph, 15.mar.2002. **New Wembley has a lot to live up to.** Trecho original: *I wept buckets the night I locked up for the last time.* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/2309239/New-Wembley-has-a-lot-to-live-up-to.html> Acesso em 20 de junho de 2018.

volta do campo segurando o troféu. Nunca vou esquecer o olhar de pura felicidade em seu rosto²⁵⁹.

O Guardian do dia da abertura pra o primeiro teste oficial do novo estádio traz o seguinte título: “Impressionante: veredicto enquanto o novo Wembley abre”²⁶⁰ O jornal aponta como, no entender dos torcedores, apesar do orçamento elevado e do atraso na entrega, valeu a pena esperar. Ademais, como apareceu de modo insistente em várias reportagens, descreve e exalta as principais características do novo espaço dedicado ao esporte nacional inglês, em comparação com o antigo: o gigante arco concebido por Norman Foster, os assentos com mais espaço para as pernas do que antes, os sanitários, passando de 361 para 2.618, e o salto de 152 para 688 das lojas de alimentação. Algumas falas de torcedores são exploradas na matéria, como a de Barry Clements: “É fantástico, incrível, absolutamente magnífico – um lugar inspirador que elevará os torcedores e os jogadores”²⁶¹.

Na mesma linha, o Telegraph fez uma reportagem, de Simon Hart, cobrindo o primeiro evento-teste do estádio, uma partida com a comunidade local que contou com aproximadamente 20 mil pessoas. Ao longo da matéria, algumas pessoas com funções e ligações diferentes com o antigo e o novo Wembley foram ouvidas. Na fila para entrar, Joyce Manser, uma senhora de 79 anos que vendeu programas no antigo Wembley por mais de 20 anos, que, de acordo com a matéria, exibia seu entusiasmo com a reinauguração do local. Segundo ela, “eu não perderia isso por nada nesse mundo. É lindo, muito melhor que o antigo, que era todo de concreto feio”²⁶²

259 Ibidem. Trecho original: *"The World Cup final on July 30, 1966, was overwhelming in its emotion. I remember hearing this explosion of noise, the whole stadium seemed to be shaking and I had to see what was going on. I closed the bar and ran out into the stand in time to see Bobby Moore running round the pitch holding aloft the trophy. I'll never forget the look of sheer happiness on his face."*. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/2309239/New-Wembley-has-a-lot-to-live-up-to.html> Acesso em 20 de junho de 2018

260 The Guardian, 18.mar.2007. **Stunning: verdict as new Wembley opens**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2007/mar/18/football.wembleystadium> Acesso em 20 de junho de 2018

261 Ibidem. Trecho original: *'It's fantastic, incredible, absolutely magnificent - an awe-inspiring place that will lift the fans and the players'*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2007/mar/18/football.wembleystadium> Acesso em 20 de junho de 2018

262 The Telegraph, 18.mar.2007. **The goal that means Wembley is back at last**. Trecho original: *"I wouldn't have missed this for the world. It's beautiful, much nicer than the old one, which was all ugly concrete."*. Disponível: <https://www.telegraph.co.uk/news/uknews/1545908/The-goal-that-means-Wembley-is-back-at-last.html> Acesso em 20 de junho de 2018

Outro ouvido foi Michael Jeffries, presidente do estádio de Wembley, que atestou ser "sem dúvida o maior estádio do mundo"²⁶³. Seguindo o mesmo pensamento, Brian Barwick, diretor-executivo da Federação de Futebol do país, que fazia a propaganda do estádio ao afirmar que “é um estádio maravilhoso. Muitas pessoas nos disseram que estão impressionadas com a escala e o conforto. Terá uma atmosfera fantástica quando houver 90 mil pessoas”²⁶⁴.

Destoando um pouco das narrativas anteriores, Graeme Le Saux, ex-jogador da Inglaterra e do Chelsea e que jogou no antigo Wembley, fazia questão de lembrar com carinho do estádio que havia sido derrubado. Para ele, o novo estádio estava irreconhecível em relação à sua configuração anterior, mas acreditava que o novo poderia contar sua própria história.

Os espectadores estão muito mais perto do campo. Vou sentir falta da longa caminhada até ao relvado por detrás da baliza e do crescendo do barulho à medida que saía no antigo estádio. Poderia sentir o rugido de Wembley. Mas este estádio terá o seu próprio apelo²⁶⁵.

O segundo evento no novo estádio de Wembley aconteceria uma semana depois, contando com um público de mais de 55.000 torcedores. Este seria o primeiro jogo entre dois times de futebol profissional, porém não era ainda a seleção principal. Foi um empate de 3-3 entre as seleções sub-21 de Inglaterra e Itália. O Telegraph, cujo título para esse evento é “O feliz batismo de Wembley”, traz um histórico de acontecimentos de relevância esportiva e histórica no antigo Wembley, mas como elementos de adorno que devem abrir espaço para as exigências da modernidade para os equipamentos do futuro. Desse modo, o jornalista James Mossop entende que

263 Ibidem. Trecho original: *"Undoubtedly the greatest stadium in the world"*. Disponível: <https://www.telegraph.co.uk/news/uknews/1545908/The-goal-that-means-Wembley-is-back-at-last.html> Acesso em 20 de junho de 2018

264 Ibidem. Trecho original: *"It's a wonderful stadium. So many people have told us they are impressed by the scale of it and the comfort. It will have a fantastic atmosphere when there are 90,000 people in it."* Disponível: <https://www.telegraph.co.uk/news/uknews/1545908/The-goal-that-means-Wembley-is-back-at-last.html> Acesso em 20 de junho de 2018

265 Ibidem. Trecho original: *"The spectators are much closer to the pitch. I will miss the long walk on to the pitch from behind the goal and the crescendo of noise as you came out in the old stadium. You could really feel the Wembley roar. But this stadium will have its own appeal."* Disponível: <https://www.telegraph.co.uk/news/uknews/1545908/The-goal-that-means-Wembley-is-back-at-last.html> Acesso em 20 de junho de 2018.

olhando para a modernidade esmagadora deste Wembley daria a qualquer um uma onda de orgulho e inevitavelmente trouxe de volta memórias de alguns momentos maravilhosos no antigo estádio, nenhum dos quais contou com a odiosa onda mexicana que começou ontem²⁶⁶.

A ironia está no fato de que, se no encerramento do antigo Wembley o último gol fora marcado pela Alemanha, na vitória de 1-0 sobre os ingleses, em sua reabertura o gol ficou a cargo dos italianos. As mudanças não parecem ter levado os discursos jornalísticos em direção à lamentação pelo desaparecimento do antigo Wembley. Por mais que o estádio das Torres Gêmeas seja recorrentemente lembrado como “a igreja do futebol”, imputado por Pelé, e “a meca dos estádios”, conforme indicou Bobby Moore, sua trajetória existencial de 77 anos de atividade não deixam margem para atitudes melancólicas. Em oposição a isso, sua lembrança aparece como uma ponte entre um passado de fatos marcantes que deve ser guardado e exposto como adorno de um longo período e um futuro que deve ser enaltecido com o novo equipamento. As palavras da jornalista Amy Lawrence sintetizam esse sentimento, ao registrar suas impressões de Wembley para a partida das seleções sub-21:

Agora temos um palco moderno para novos dramas e 55.700 chegaram cheios de curiosidade para experimentar uma primeira impressão. É cavernosamente grande, inteligente e arejado, e sem a antiga trilha do galgo faz parecer mais compacto, mesmo que a escala deste estádio pareça maior que a do seu antecessor [...]. As Torres Gêmeas podem ser substituídas pelo Arco, os assentos podem estar livres da temida visão restrita, os banheiros podem ser consideravelmente mais frescos e a hospitalidade corporativa pode ser primordial para a viabilidade financeira do estádio mais caro do mundo, mas o cheiro das tradições passadas perdura²⁶⁷.

266 The Telegraph, 25.mar.2007. **Wembley's joyous baptism.** Trecho original: *Looking at the overwhelming modernity of this Wembley would give anyone a surge of pride and inevitably brought back memories of some wonderful times at the old stadium, none of which featured the hideous Mexican wave that started yesterday.* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/2309747/Wembleys-joyous-baptism.html> Acesso em 20 de junho de 2018

267 The Guardian, 26.mar.2007. **Wembley wows once more.** Trecho original: *Now we have a modern stage for new dramas and 55,700 arrived full of curiosity to sample a first impression. It is cavernously large, smart and airy, and without the old greyhound track feels more compact, even though this stadium's footprint seems bigger than its predecessor's [...]. The Twin Towers may be replaced by the Arch, the seats may be free of the dreaded restricted view, the toilets may be considerably fresher and the corporate hospitality may be paramount to the financial viability of the most expensive stadium in the world, but the smell of past traditions lingers.* Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2007/mar/25/newsstory.sport9> Acesso em 20 de junho de 2018

O tom utilizado pelos jornais encontra convergência quanto ao papel do estádio integralmente reformulado, isto é, ser um espaço capaz de promover novas memórias para as novas gerações. O Telegraph destaca em sua reportagem “Tudo o que Wembley precisa é de alguma paixão” a experiência de três jovens, todos com 11 anos, no local. De acordo com a matéria de Clive Tyldesley,

Antes de sábado, eles não tinham memória do lugar entre eles. Eles todos têm 11 anos. Muito jovem para lembrar Kevin Keegan como treinador da Inglaterra, e muito menos Sir Alf Ramsey. E, no entanto, cada um deles pensa em Wembley – o remake é fraco. Não importa o nome e a tradição por trás dele, a próxima geração tem um estádio nacional para se orgulhar. Agora que finalmente está de pé, o novo Wembley vai caminhar por conta própria²⁶⁸.

O hiato entre o antigo e o novo estádio é tão dilatado que os jovens rapazes acreditam que as finais da FA CUP sempre foram em Wembley e não entendem o ritual de subir as escadas reais para receber o troféu de campeão. De acordo com o jornalista, impressiona o arco triunfante do novo estádio, porém admite que “o exterior de vidro de Foster dá-lhe a aparência de um terminal de aeroporto. Me chame de antiquado, mas gosto de uma fachada de pedra”²⁶⁹. Dessa forma, esse ambiente tão higienizado, salubre e de festa carnavalesca atestado pelo jornalista encontrará outro perfil quando os times e suas torcidas passarem a frequentar o estádio para jogos importantes. Enquanto esse momento não chega,

o que Wembley precisa agora é de alguma paixão. Sábado foi tudo sobre o sorriso para o celular com câmera e ondas mexicanas [hola]. A abertura do estádio foi uma ocasião muito maior do que a partida em si. Acredite ou não, mais pessoas tinham vindo ver o arco do que Kieran Richardson. Wembley estava com menos de dois terços e os ingressos eram baratos e acessíveis²⁷⁰.

268 The Telegraph, 26.mar.2007. **All Wembley needs is some passion.** Trecho original: *Before Saturday, they did not have a memory of the place between them. They are all 11. Too young to remember Kevin Keegan as England manager, let alone Sir Alf Ramsey. And yet each of them thinks Wembley – the remake is wicked. Never mind the name and the tradition behind it, the next generation has a national stadium to be proud of. Now that it is finally standing, the new Wembley stands on its own.*

Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/2309818/All-Wembley-needs-is-some-passion.html> Acesso em 21 de junho de 2018.

269 Ibidem. Trecho original: *Foster's glass exterior does give it the look of an airport terminal. Call me old-fashioned, but I like a stone facade. But it's clean enough to pick your hot dog up off the floor.* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/2309818/All-Wembley-needs-is-some-passion.html> Acesso em 21 de junho de 2018.

A primeira partida da seleção inglesa principal em Wembley foi marcada para o 01 de junho contra a seleção brasileira. Para esta ocasião, Brian Barwick, chefe-executivo da Federação de Futebol do país, acreditava, seguindo a tendência das falas anteriores, que “o novo estádio é uma fantástica arena de futebol e estou confiante de que haverá muitas novas memórias criadas para os torcedores ingleses nos próximos anos”²⁷¹.

Antes desse jogo, aconteceria uma partida muito aguardada por todos na Inglaterra, a final da FA Cup, tradicionalmente jogada no estádio, e que havia sido jogada em outros locais enquanto Wembley encontrava-se em reformas. A final colocou frente a frente Chelsea e Manchester United. O futebol está na vanguarda dos momentos marcantes do estádio, e a final da Copa da Inglaterra é historicamente um momento especial da temporada no futebol do país. Pode não ser com o novo, já que a importância das copas no futebol inglês diminuiu ao longo dos anos, mas por décadas após a construção de Wembley, vencer a Copa foi tão importante para os principais clubes quanto ganhar o título da liga inglesa. Vale lembrar que a abertura de Wembley em 1923 foi uma final de FA Cup entre Bolton e West Ham, a celebrada *White Horse Final*, quando uma multidão que convergiu ao estádio foi controlada pelo cavalo branco dos policiais.

O jornal Independent fez uma reportagem relatando o andamento do evento, começando pelo título “Finalmente em casa: Novo Wembley é um triunfo”. Para o Cole Moreton, quem assina a matéria, apenas uma coisa estragou o espetáculo: o futebol praticado pelas duas equipes. De resto, tudo parecia caminhar bem. A fala de Geoff Hurst, ídolo do futebol inglês, indica a satisfação pelo momento especial do estádio: “Todos nós esquecemos todas as provações e tribulações que tivemos nos últimos seis ou sete anos [...]. Nós inventamos o jogo de futebol. Merecemos ter o melhor estádio do mundo e conseguimos de longe.”²⁷². Ter o melhor estádio do mundo era uma questão de honra para

270 Ibidem. Trecho original: *What Wembley needs now is some passion. Saturday was all about smiling for the camera phone and Mexican waves. The stadium opening was a much bigger occasion than the match itself. Believe it or not, more people had come to see the arch than Kieran Richardson. Wembley was less than two-thirds full and tickets were cheap and accessible.* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/england/2309818/All-Wembley-needs-is-some-passion.html> Acesso em 21 de junho de 2018.

271 The Telegraph, 11.abr.2007. **Brazil first to play England at new Wembley.** Trecho original: *The new stadium is a fantastic football arena and I'm confident there will be many new memories created there for England fans over the coming years.* Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sport/football/2310820/Brazil-first-to-play-England-at-new-Wembley.html> Acesso em 21 de junho de 2018.

272 The Independent, 19.mai.2007. **Home at last: New Wembley is a triumph.** Trecho original: *"We have all forgotten all the trials and tribulations we have had over the last six or seven years [...]. We invented the game of football. We deserve to have the best stadium in the world and we have got it by far."*

os ingleses, reforçada pela longa espera e os gastos vultosos. O jornal sabe disso e, entre algumas críticas, parece acolher com boas impressões as instalações

A linguagem e os preços dos ingressos sugeriam que era teatro. Talvez tenha sido assim nas suítes de hospitalidade da FA, mas na estação do metrô havia um gargalo antiquado. E em Wembley Way as visões, sons e cheiros eram tradicionais: bêbados cambaleantes em direção a um jogo do qual não se lembrariam; jovens garotos (e garotas agora) segurando a mão dos pais para a sua vida e experimentando algo que nunca esqueceriam; e gritos altos, rudes e engraçados sobre a aparência de Wayne Rooney ou o cachorro de José Mourinho²⁷³

Nesse ponto, algumas considerações merecem ser feitas. A primeira é a de que o estádio é tratado pelo termo “teatro”. Se anteriormente vimos que, definindo as características estéticas da construção, Wembley fora comparado ao espaço de um “aeroporto”, no seu interior, pelos novos códigos que ali eram forjados pelo alto nível de segurança e ordem e pela expectativa do conforto contemplador, o jornalista o compara a um “teatro”, ao contrário das manifestações fora do estádio, o que demonstra o alargamento comportamental dos torcedores entre o estar dentro e fora do moderno equipamento. Um segundo ponto está em seu parêntese. Se em épocas anteriores as arquibancadas dos estádios era um espaço quase que exclusivamente ocupado por torcedores do sexo masculino, sua repaginação traz como corolário uma atmosfera menos hostil a outros grupos sociais, como mulheres e estrangeiros. O estádio contemporâneo, tanto quanto um lugar de expressão de identidades, torna-se um produto que deve ser rentável e, portanto, aberto à heterogeneidade daqueles que por ele se interessam enquanto espaço de lazer e entretenimento.

No dia do jogo da seleção inglesa contra o Brasil, o jornal The Times, na figura de Russell Kempson, fez uma entrevista com Sidney Hurley, um senhor de 97 anos que esteve presente na primeira e na última partida do antigo Wembley. Evocando muitas memórias do estádio desaparecido, o senhor Hurley afirma que o estádio era magnífico e que

Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/home-at-last-new-wembley-is-a-triumph-5333099.html> Acesso em 21 de junho de 2018.

273 Ibidem. Trecho original: *The language and the ticket prices suggested this was theatre. Perhaps it felt like that in the FA's hospitality suites, but at the Tube station there was an old-fashioned bottleneck. And on Wembley Way the sights, sounds and smells were traditional: drunks staggering blindly towards a game they would not remember; young boys (and girls now) holding a parent's hand for dear life and experiencing something they would never forget; and loud, rude, funny chants about Wayne Rooney's looks or Jose Mourinho's dog.* Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/home-at-last-new-wembley-is-a-triumph-5333099.html> Acesso em 21 de junho de 2018.

“gostaria que eles tivessem mantido as Torres Gêmeas[...]. Eu vi o estádio na TV, mas quero ver o seu interior. . . se eu fizer isso.”²⁷⁴. A matéria informa que Hurley chegou a ser convidado para estar presente, mas não teve essa oportunidade em decorrência de uma insuficiência cardíaca que o levou a óbito exatamente no dia da final da FA Cup relatada acima.

A maioria dos 96 torcedores que faleceram esmagados era formada por jovens, pois estes encontravam-se nos setores mais baratos, o que na lógica do consumo significa estar nos piores lugares, sobretudo em termos de segurança. O relatório Taylor, como apresentado acima, sugeriu mudanças drásticas nos estádios do país, recomendando que todos os estádios tivessem assentos. Embora Taylor pregasse atenção para os torcedores da base socioeconômica, os clubes não seguiram exatamente essa recomendação, fazendo os valores subirem gradativamente ao longo das temporadas desde que a Premier League foi fundada, em 1992, com um acordo de TV de 305 milhões de libras com Rupert Murdoch. Se antes o grosso dos torcedores era de jovens ocupando as arquibancadas, a transformação nos estádios produziu uma elevação na idade média dos torcedores da primeira divisão para 42 anos, isto é, as pessoas de classe média que podem pagar pelos ingressos da liga²⁷⁵.

A partir destas metamorfoses nas mais variadas esferas da existência, portanto, nota-se a emergência de uma lógica de estádio guiada pela oferta de serviços que recebam consumidores dispostos a desembolsarem altos soldos para assistir aos jogos e adquirirem produtos que sustentem a marca do clube. Pelas mãos da primeira-ministra Margaret Thatcher, estes equipamentos sofreriam alterações em sua estrutura arquitetônica que deixariam marcas nas relações sociais estabelecidas coletivamente no interior destes espaços socioculturais ao longo de décadas.

3.1.4. A crença no progresso do futebol inglês

Uma das maiores concepções propagandeadas pelo mundo moderno foi a ideia de progresso, um mito vendido aos povos que serviu como referencial histórico para que o

274 The Times, 01.jun.2007. ‘**The stadium was magnificent. I wish they’d kept the Wembley Twin Towers**’. Trecho original: “*I wish they’d kept the Twin Towers,*” he said. “*I’ve seen the stadium on TV but I want to see inside... if I make it*” Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/the-stadium-was-magnificent-i-wish-theyd-kept-the-wembley-twin-towers-h69vm8vpctd> Acesso em 21 de junho de 2018.

275 WORLD SOCCER, mai.2007.

ocidente, sobretudo a Europa Ocidental, conseguisse estabelecer diferenças entre as épocas passadas e as que surgiriam, num movimento de aperfeiçoamento linear. Com variações de grau, cada geração acreditou progredir em relação àquela que a precedeu. A construção do novo Wembley, numa cidade global como Londres, parece corresponder a esse diagnóstico, após análise das narrativas jornalísticas sobre esse acontecimento.

O primeiro aspecto a ser evidenciado sobre as análises em torno da construção do novo Wembley é a de que tais narrativas, em raros momentos, trazem como componente discursivo a nostalgia pela perda de um equipamento tão tradicional, erguido nos anos 1920 sob o signo do Império Britânico. Apesar dos valores exorbitantes e dos sucessivos atrasos para o iniciar e entregar a obra completa, as matérias em geral destacaram que o estádio se apresentava agora um cenário digno de momentos especiais, sobretudo se comparado com outros locais (principalmente o Stade de France). Contudo, é possível observar que grande parte das representações do antigo Wembley está dotada de atributos negativos, apresentando problemas referentes ao antigo equipamento, como uma estratégia para contrastar com as projeções do novo e, assim, cancelar o andamento das obras.

Em alguns casos, o asceticismo do novo local incomoda pela ausência de traços do antigo Wembley; no entanto, estava clara o aspecto idealmente narrado de que esse fenômeno seria preenchido pelos acontecimentos e personagens futuros, a despeito da materialidade que os comporte. O novo estádio, estava claro, trazia novos valores e a consequente prefiguração das representações acerca de um novo modo de sentir e realizar novas experimentações existenciais.

Além disso, em outro ponto chamativo, houve certa congruência em atestar que as Torres Gêmeas foram parte da experiência quintessencial de ir a Wembley para milhões de pessoas que assistiram aos vários acontecimentos que ali se desenrolaram. O primeiro estádio era famoso por suas torres gêmeas, que acabaram derrubadas. Seu entulho foi usado nas fundações para o novo terreno. O arco de aço de 133 metros de altura que sustenta o teto em Wembley estava destinado, para os jornais, a se tornar a imagem icônica do futebol inglês.

Em geral, os agentes envolvidos nesse empreendimento admitiam a renovação do estádio nacional, um modelo de referência que não podia ficar atrás em relação às transformações nos estádios ingleses após as tragédias nos estádios dos anos 1980 e com a introdução da Premier League, em 1992, que mudou a liga inglesa de patamar em termos

financeiros e esportivos. A utopia construída após as tragédias dos anos precedentes, durante os anos do governo Thatcher, assumia um conteúdo de renovação que trazia em seu bojo uma concepção evolucionista de uma marcha inexorável a um suposto progresso, seja no futebol como na sociedade inglesa. E isso viria pela pesada intervenção do estado nos agrupamentos juvenis e da base trabalhadores, permitindo que um universo de serviços se espraiasse pelas várias esferas do social, incluindo o futebol. Em alguns anos, o futebol inglês passaria a ser o mais prestigiado e assistido em todo o mundo, desbancando as ligas italiana e espanhola e encontrando sua era de ouro, embora o mesmo não possa ser dito da seleção nacional, uma colecionadora de vexames.

Quando havia algum ar de lamentação ou crítica mais contundente, era sobretudo por duas questões: 1) os atrasos burocráticos para o início das obras e as intervenções de agentes internacionais no financiamento do estádio, criando uma rachadura no sentimento de orgulho inglês a respeito de sua capacidade para edificar um monumento tão eloquente, recorrentemente comparado ao Stade de France, erguido pelos franceses por ocasião da Copa do Mundo de 1998; 2) o destino das Torres Gêmeas, símbolo icônico do futebol britânico nos tempos do Império. Em decorrência do ponto 1, houve muitas especulações e ideias frustradas acerca do que seria feito com as tradicionais torres. Não havia uma comoção com o destino do estádio em sua materialidade, mas sim com estes elementos que representavam a trajetória do equipamento desde seu nascimento até a virada para o século XXI. No final das contas, elas foram completamente demolidas e ajudaram como materiais na reconstrução do novo Wembley.

Portanto, as narrativas encontradas nos jornais raramente apresentavam uma crítica social em decorrência da metamorfose espacial de Wembley. As mudanças do estádio, estava claro para um país que desejava se tornar a mais influente liga de futebol do mundo, acompanhavam as demandas contemporâneas do futebol moderno em termos econômicos, políticos e midiáticos.

Apesar do mal-estar com os atrasos e a indefinição com as tradicionais Torres Gêmeas, por fim derrubadas e utilizadas para o assentamento do novo estádio, a reinauguração do novo Wembley foi festejada e bem acolhida nas narrativas jornalísticas que cobriram o equipamento reformulado de Londres. Como afirma Peter Hall, Londres foi uma das precursoras daquilo que ele chamou de “A Cidade do Empreendimento”, momento em que, no decorrer da década de 1970, um movimento urbanístico começou a

ser implementado visando transformar a cidade em mercadoria, refutando o planejamento convencional.

Cidades, a nova mensagem soou em alto e bom som, eram máquinas de produzir riqueza; o primeiro e principal objetivo do planejamento devia ser o de azeitar a máquina. O planejador foi-se confundindo cada vez mais com seu tradicional adversário, o empreendedor; o guarda-caça transformava-se em caçador furtivo²⁷⁶

Hall argumenta que recessão econômica que atingiu a Inglaterra nos anos 1970 e 1980 promoveu a configuração de uma nova geografia, fazendo desaparecer grande parte da base manufatureira do país. Com isso, emergiu um pensamento neoconservador, capitaneado por Margareth Thatcher e Ronald Reagan, de conteúdo crítico à política econômica keynesiana e à política social do *welfare state*. Essa nova operação epistemológica colocava ênfase nas forças do mercado, desmantelando o sistema de planejamento estratégico dos anos anteriores e incentivando a emergência sobre as ruínas das fábricas de uma economia baseada em serviços. Esse fenômeno de fins do século XX e início do XXI é marcado pelo desenvolvimento informacional que faz florescer a “cidade global-informacional”.

Nas cidades globais, ao redor dos grandes bancos e dos escritórios centrais, aglomera-se um enorme aparato de indústrias de serviços: publicidade, contabilidade, assistência jurídica, serviços para negócios, certos tipos de serviços bancários, de engenharia e arquitetura, que cada vez mais trabalham para firmas empenhadas em transações internacionais [...]. Nova York, Londres e Tóquio emergiram como os centros líderes dessa nova indústria, funcionando efetivamente como um único mercado transnacional²⁷⁷.

Segundo David Harvey, o neoliberalismo se apresentou nesse período como um movimento que impacta o mundo com suas “reformas institucionais e ajustamentos discursivos”, impondo mudanças nas estruturas e poderes institucionais que atingem violentamente “força de trabalho, relações sociais, políticas de bem-estar social, arranjos tecnológicos, modos de vida, pertencimento à terra, hábitos afetivos, modos de pensar e outros mais²⁷⁸”.

276 HALL, 2013: 407.

277 Ibidem: 477.

278 HARVEY, 2007, p.1.

O contexto das sociedades pós-industriais, com seu fim abreviado da era industrial e mudança para uma nova economia baseada nos serviços, é o do mundo da imagem e daquilo que McLuhan denominou como “aldeia global”. Com o novo sistema de transmissão de informação, as experiências podem ser promovidas tanto em metrópoles muito diferentes quanto em focos considerados periféricos. Nesse sentido, o arquiteto Josep Montaner argumenta que “essas novas condições refletem-se em formas arquitetônicas onde o mundo da tecnologia já não deve obediência aos padrões clássicos da época industrial. Da consistência, força e eficácia, passou-se à leveza, à transparência, à inteligência e à densidade de informação”²⁷⁹.

Essa nova concepção de cidade como mercadoria direcionada para os negócios e o turismo encontra concordância com o que Peter Hall enfatiza como a “competição entre cidades, da comercialização delas tratando-as como carros ou cozinhas, o que constituiu parte e parcela da globalização, numa era em que as velhas vantagens locais haviam ido pelos ares”²⁸⁰. O crítico arquitetônico Hal Foster, ainda que sem citar Wembley mas dialogando com suas considerações, argumenta que, na contemporaneidade, o mais característico do estilo global é seu ‘cosmopolitismo banal’, isto é “mesmo quando seus edifícios mais representativos respondem simultaneamente às condições locais e às demandas globais, com frequência o fazem de uma maneira que produz uma imagem do local para ser circulada no sentido do global”²⁸¹.

Nesse ponto, a figura de Foster ganhou proeminência nos relatos jornalísticos, o que converge com a análise de Hall de que esse período marcou “uma forte reentrada da profissão arquitetural dentro da arena do planejamento, evocando uma tendência muito semelhante ocorrida nos anos 1930”.²⁸² A festejada arquitetura de Foster desempenha um papel estético e funcional, apresentando uma construção tecnológica e com elementos de grandiosidade que, a despeito dos atrasos e dos valores, foi percebida como uma força da renovação do futebol e da sociedade inglesa, contra os aspectos degradantes que faziam de Wembley uma espécie de ruína ativa no meio de um futebol espetacularizado e mais rico do mundo.

279 MONTANER, 2013: 115.

280 HALL, 2013: 488.

281 FOSTER, 2017, p.11.

282 Ibidem.

Esse processo de reestruturação material e simbólica parece ser entendido sob esquemas evolucionistas idealizados em que a mudança pontua alguma marcha inelutável para o “progresso” social e dos esportes no país, especialmente quando colocado em par de competição com outros equipamentos erguidos contemporaneamente. Esse idealismo não é algo mecânico, fixo, mas uma construção operada por diversos agentes que colocam em conflito os trabalhos de memória e, como consequência, as representações resultantes desse processo, num campo de tensões entre o velho e o novo, o passado herdado e o futuro projetado.

3.2. A TRANSIÇÃO CONFLITIVA ENTRE PASSADO E FUTURO DO MARACANÃ

Pouco antes de completar meio século, na virada do século XX para o XXI, o estádio do Maracanã começa a passar por sucessivas remodelações estruturais que, em pouco menos de 15 anos, culminariam em um equipamento estranhamente distante de seus propósitos inaugurais. Equipamento receptor de grandes eventos esportivos – Mundial de Clubes da FIFA (2000), Pan-Americano (2007), Copa do Mundo (2014) e Olimpíadas (2016) –, a exploração de sua histórica marca para fins que contemplam prioritariamente o consumo.

No final do século XX, o estádio encontrava-se em situação precária, negando suas premissas utópicas de quando havia sido concebido enquanto um edifício monumental que deveria emblematizar o novo *ethos* da modernidade nacional. Edificado para ser simbolicamente moderno e pragmaticamente funcional, o estádio perdia sua vivacidade e novidade não apenas pelo seu desgaste material, mas também pelas transformações do *ethos* nacional para o qual foi concebido.

O Maracanã foi construído para transmitir um sentido do novo e o das representações da nação moderna que se buscava construir. Sendo assim, essa edificação foi erguida sob o signo do futuro nacional. No entanto, seu ocaso material nos anos 1990 entrava em conflito com as transformações culturais da cidade e suas exigências mercadológicas. Desse modo, o estádio Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã, fundado em 1950 como significante da almejada expressividade material e simbólica do Estado moderno brasileiro no cenário mundial, sua arquitetura passa por

intensas mudanças estruturais, dialogando com as mudanças conjunturais de uma economia global em que as elites do Estado convertem-se à ideologia do mercado.

Após seus desgastes físicos e simbólicos nos anos 1990, sobretudo com a queda da marquise na final do Campeonato Brasileiro de 1992, o estádio entra numa era de transformações arquitetônicas e encontra a justificativa para colocar em marcha sua primeira grande reforma no primeiro Campeonato Mundial de Clubes da FIFA, realizado em 2000. Nessa primeira obra, a intervenção mais marcante foi a colocação de cadeiras individuais nas arquibancadas de cimento, representando as cores nacionais, o que levou a uma redução de sua capacidade. No ano 2006, para ser o palco de abertura e encerramento do Pan-Americano do ano seguinte, o estádio passa por outra grande intervenção, desta vez destacando-se a supressão do espaço da antiga geral e, em seu lugar, serem colocados assentos azuis que formavam um único bloco entre as antigas cadeiras e a geral. Contudo, tais intervenções ainda eram reversíveis, embora o caráter autêntico das condições originais jamais encontrasse seu marco zero.

Contudo, ainda assim o estádio não ficou dentro dos padrões estabelecidos pela Fifa, o que obrigou o Maracanã a um novo fechamento, em setembro de 2010, para que pudesse ser preparado para a Copa de 2014. Dessa vez, o estádio foi praticamente posto abaixo e reconstruído a partir da estrutura tombada pelo patrimônio histórico. Essa obra implicaria na modificação completa da cobertura e das rampas; o desaparecimento do traçado azul; a remodelação da fisionomia interna com a junção num único bloco das arquibancadas, retirando as cadeiras azuis postas em 2007. Com efeito, esta foi a intervenção de maior radicalidade. A completa descaracterização de sua marquise, até então protegida por lei patrimonial (art. 17 do Decreto-Lei 25/1937), foi o símbolo desse movimento desmantelador do antigo edifício monumental. Enfim, esta intervenção seria uma reforma ou uma destruição sem demolição? O propósito deste capítulo é o de se debruçar sobre as narrativas jornalísticas relativas à última reforma, analisando suas representações entre o passado e o futuro do outrora maior estádio do mundo.

3.2.1. A dura despedida do velho Maracanã

A partida final que marcou o fechamento do Maracanã para as reformas da Copa do Mundo de 2014 aconteceu em 05 de setembro de 2010, entre Flamengo e Santos, pela 19ª

rodada do Campeonato Brasileiro. Os times não saíram de um empate em 0 a 0. Essa seção procura analisar o que fora apresentado pela imprensa nos dias precedentes e sucessivos ao fechamento oficial do estádio.

O consórcio vencedor da concorrência, formado pelas construtoras Andrade Gutierrez, Delta e Odebrecht, estimava inicialmente gastar até R\$ 705,6 milhões nas obras de reforma do Maracanã. Entre as principais modificações estavam a construção de uma cobertura, preservando a tradicional marquise, que fosse capaz de proteger todos os assentos, o prolongamento do anel superior até o nível do gramado e a redução das dimensões do campo, atendendo às exigências dos padrões internacionais para grandes eventos.

Dias antes da partida oficial de encerramento, o Fluminense despediu-se do estádio, em confronto contra o Palmeiras. Nesse caso, enquanto líder da tabela do Campeonato Brasileiro daquele ano, jogadores e técnico lamentavam deixar de jogar no estádio àquela altura do torneio nacional. Na ocasião, o jornal Estado de São Paulo de 01 de setembro trouxe as falas de Washington, atacante do time, e do técnico Muricy Ramalho sobre o fechamento do Maracanã. Para o primeiro, "a falta do Maracanã vai pesar muito. Infelizmente, não vamos ter esse trunfo para o restante do campeonato, não tem jeito. Vamos ter que achar uma nova casa e encontrar uma forma de vencer nela também"; ao passo que para o técnico "o fechamento do Maracanã é triste. Vai prejudicar muito os times do Rio"²⁸³.

É importante ressaltar alguns pontos. O fato da partida de despedida do velho estádio ter sido realizada por clubes, e não seleção, já merece uma observação inicial: ao contrário de Wembley, estádio usado ocasionalmente pelos clubes locais, desde sua aparição na paisagem carioca, o Maracanã foi, em maior e menor grau, a casa dos clubes locais. Em Londres, tradicionalmente cada clube possui seu próprio estádio, sendo Wembley utilizado apenas nas fases finais das copas nacionais e nos jogos da seleção. No caso do Rio de Janeiro, por outro lado, o Maracanã é historicamente um palco utilizado por todos os clubes em diversas ocasiões, ainda que o Vasco possua seu estádio próprio desde 1927 e que o Botafogo tenha recebido a concessão do estádio Nilton Santos a partir de 2007. Variando apenas em grau, Fluminense e Flamengo, por não terem um estádio próprio

283 Estado de São Paulo, 01 set. 2010. Esportes. **Fluminense se despede do Maracanã contra o Palmeiras.** Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,fluminense-se-despede-do-maracana-contra-o-palmeiras.603517> Acesso em 05 de agosto de 2018.

capaz de corresponder às exigências do futebol contemporâneo, costumam mandar mais jogos do que seus rivais locais. É por isso que o atacante Washington fala em buscar uma “nova casa” e que o técnico lamenta a ausência do estádio no cotidiano dos clubes da cidade²⁸⁴.

O Maracanã, desde sua fundação, foi uma estrutura presente na vida dos clubes e de seus torcedores, formando uma representação quase totalizante no imaginário dos cariocas, concentrando num único ponto os principais embates do futebol local. Por isso, essa importância do estádio na sociedade carioca refletiu-se na indecisão acerca do fechamento do estádio para as obras, que a priori seria em janeiro de 2010, mas concretizada somente em setembro, dada a maneira frequente pela qual os clubes dependem desse equipamento.

Ademais, 2010 foi o ano do sexagésimo aniversário do estádio, evento que mereceu destaque tímido nos jornais. No Globo de 17 de junho de 2010, data exata da inauguração oficial, uma nota mostrava o estádio iluminado em verde e amarelo para demonstrar apoio à seleção brasileira, naquele período envolvida com a Copa do Mundo da África do Sul. Já o Jornal do Brasil daquele dia trazia uma matéria comemorativa cujo título era “O maior de todos os cariocas”, elencando momentos marcantes do equipamento carioca, desde a traumática derrota na final da Copa de 1950 até fatos que ajudaram a construir o imaginário do torcedor carioca em sua relação com esse espaço social e cultural, entre conquistas e derrotas de clubes e seleção.

Um ponto merecedor de atenção ao longo da reportagem, assinada por Flávio Dilascio, é o elogio da estrutura da construção, com ênfase para as marquises do anel superior, uma das características que fizeram do estádio um marco na construção civil. De acordo com a reportagem, “as marquises suspensas do estádio até hoje são elogiadas por arquitetos”²⁸⁵. De fato, pelo seu valor histórico, etnográfico e arquitetônico, as características essenciais do estádio, incluindo suas marquises, eram protegidas pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 2000, quando o estádio foi inscrito no

284 No começo de agosto, um mês antes do fechamento oficial, Vasco e Flamengo realizaram o último “clássico dos milhões” no antigo estádio, partida que terminou em 0-0. No Jornal do Brasil de 03 de agosto, o colunista Carlos Eduardo Novaes faz críticas ao baixo nível técnico do jogo e afirma que dali alguns dias “o estádio agora vai se internar e sofrer profundas cirurgias plásticas para esconder seus 64 anos de vida na abertura da Copa de 2014”.. No entanto, o Maracanã, ainda que já iniciada a obra de demolição na parte inferior, receberia mais algumas partidas até seu fechamento total.

285 Jornal do Brasil, 17 jun. 2010. Esportes, p. A2-A3.

Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do IPHAN. Conforme aponta Claudia Girão, umas das pareceristas do tombamento realizada à época:

O tombamento e a preservação geral do Maracanã são regulados por esse decreto [decreto-lei 25, de 1937], que “organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional” e institui o tombamento federal de bens móveis e imóveis. O bem cultural só é considerado, definitivamente, parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional depois de inscrito num dos quatro Livros do Tombo: — Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico — Livro Histórico — Livro das Belas Artes — Livro das Artes Aplicadas²⁸⁶.

Para o jogo final, em 05 de setembro de 2010, o estádio já se encontrava sem as cadeiras azuis inferiores, sendo aberto ao público apenas a parte superior. Nesse dia, a capa da edição de esportes de O Globo traz como título “Maracanã, adeus”²⁸⁷. A matéria relata como os times que se enfrentaram para o último ato possuíam passagens significativas de suas histórias vinculadas ao estádio, inclusive uma decisão de campeonato nacional entre ambos, com o clube carioca sagrando-se campeão. Por ser um clube da cidade, o Flamengo conta com inúmeros acontecimentos inesquecíveis, de boas e más lembranças, para seus torcedores. Por outro lado, o Santos, embora de outro estado da federação, escreveu ricas páginas de sua trajetória no Maracanã, como na conquista dos títulos mundiais de 1962 e 1963, contra Benfica e Milan respectivamente, e o milésimo gol de Pelé, diante do Vasco, em 1969²⁸⁸. Ao longo do seu texto, Carlos Eduardo Mansur afirma que

o Maracanã, ao menos o Maracanã com o jeitão que o Rio e o Brasil se habituaram a ver, deixará de existir. Já mexeram em sua cara algumas vezes nos últimos 60 anos, é verdade. Mas, desta vez, por quase longos 28 meses, suas portas ficarão fechadas para o que, prometem, será a mais profunda transformação do maior palco do futebol do país, visando à Copa do Mundo de 2014²⁸⁹

286 GIRÃO, Claudia. Maracanã: destruir ou preservar. *Projetos*, São Paulo, ano 12, n. 133.08, Vitruvius, fev. 2012 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4225>>.

287 Título que faz referência ao livro *Maracanã, adeus: onze histórias de futebol* (1980), de Edilberto Coutinho, que traz contos que ligam o futebol ao cotidiano da sociedade.

288 A edição da Folha de São Paulo de 05 de setembro de 2010 trouxe uma matéria, de título “Casa”, contendo dados que apontavam que o aproveitamento do Santos no Maracanã, até aquele momento, era melhor do que em outros estádios, até mesmo que no Morumbi, em São Paulo. Portanto, a matéria conclui que o estádio era uma das casas mais próximas ao clube.

289 O Globo, 05 set. 2010. Esportes, p. 5

Dentre os jogadores que dão seus depoimentos na reportagem, o jogador Deivid, à época atuando pelo Flamengo, disse que “enfrentei o Flamengo numa final (Copa do Brasil de 2003, pelo Cruzeiro). Vi aquela torcida toda. Lembrei dos tempos de garoto, de torcedor fanático do Flamengo, quando saía de Marechal Hermes e ir pra geral. Tomara que fique guardado na minha memória e dos meus filhos”²⁹⁰. Sua fala indica a importância dos elementos memoriais descritos por Pollak na constituição de nossas lembranças mais notáveis: os lugares (a geral), os personagens (os jogadores que formavam o time de sua infância e, depois, ele próprio um deles) e acontecimentos (os momentos inesquecíveis das partidas nas quais estava presente) como referências que constituem nossas identidades sociais.

Outra matéria d’O Globo que não se limita a apenas descrever a despedida oficial do estádio, procurando oferecer uma narrativa contendo explicações, sensações, experiências dos personagens diante de um acontecimento impactante, é a edição de 06 de setembro de 2010. Nela, Pedro Motta Gueiros usa o espaço para explorar os sentimentos ambíguos provocados pelo fechamento do antigo Maracanã, com o título “Maracanã fecha com dor da despedida e esperança de reencontro”. Ao longo da reportagem, o jornalista fala de Enéas de Andrade, célebre maqueiro do Maracanã, que demonstra receio com o futuro do estádio diante do processo de modernização. Aos 70 anos, Enéas não sabe se será o ou não reaproveitado quando o novo estádio for inaugurado. Mais adiante, com ar de lamentação pela irreversibilidade das reformas, suprimindo assim seu aspecto monumental em detrimento das exigências da Fifa, a matéria afirma que

no ritmo da escavadeira, que já havia soterrado a festa mais popular da geral, o progresso é irreversível. Tombado pelo patrimônio histórico, o Maracanã terá a fachada preservada. Internamente, no entanto, o projeto original é página virada pelas exigências de segurança e conforto [...]. Quando o estádio for reaberto, com corredores largos e escadas rolantes no lugar do hall dos elevadores, certos lugares só poderão ser visitados pela memória coletiva²⁹¹.

No movimento das lembranças daqueles que participaram da vida do velho Maracanã, a reportagem trouxe ainda as afirmações de Oliveira Alves de Souza, funcionário mais antigo do estádio e que esteve presente na construção do gigante de

290 Ibidem.

291 O Globo, 06 set. 2010, p.6.

concreto para a Copa de 1950. Traçando a biografia do senhor que veio de Alagoas em busca de melhores condições de vida no Rio de Janeiro, foi destacada a relação do senhor com o estádio, cujas palavras indicam o significado do estádio em sua vida: “gosto da minha casa conforme gosto do Maracanã [...]. Amo isso aqui de coração”²⁹².

Com isso, o jornalista estabelece uma chave de leitura acerca da ideia da modernização – e elitização – do Maracanã como um acontecimento regular na cidade, cujos projetos de modernização estética não cessam de aparecer de tempos em tempos, e que aparece traiçoeiramente na própria biografia de Oliveira Alves, porquanto se viu obrigado a deixar sua residência na favela do esqueleto, em 1965, no período das remoções empreendidas pelo governo de Carlos Lacerda. Diante da ameaça de abandono dos conteúdos populares que fizeram do Maracanã um espaço social tão importante para a vida das pessoas, o jornalista atesta que “com sua capacidade reduzida a menos da metade do projeto original, o estádio terá mais qualidade do que quantidade para atender turistas e parâmetros internacionais antes dos torcedores e da tradição local”²⁹³ e prossegue seu raciocínio comparando o estádio a um local sagrado onde multidões vivenciaram experiências inesquecíveis. Por outro lado, intui que

a modernização trará uma nova leitura do Maracanã, com seus camarotes climatizados e tribunas vips. Seis décadas depois de Mario Filho contar como a negritude tinha que ser escondida e passou a ser exaltada pelo talento dos craques, o estádio encerrou ontem a era das massas. Daqui a três anos, será reaberto junto com a discussão sobre o papel do futebol na realidade social brasileira. Para quem acredita na elevação dos espíritos, depois da dor da despedida haverá sempre a alegria do reencontro²⁹⁴

Na mesma edição, na página seguinte, o jornal traz as ponderações de um agente fundamental em todo o processo de transformação do estádio, o presidente da Emop (Empresa Municipal de Obras Públicas), Ícaro Moreno. Segundo o engenheiro responsável pela obra de remodelação, em sua tentativa de unir a segurança e o conforto com a tradição, “o estádio vai conciliar o moderno com o antigo para se tornar eterno. Sou torcedor do Botafogo, frequentei muito o estádio e a história vai continuar, vai ficar um espetáculo, um ícone do Brasil”²⁹⁵. Dentre tantas mudanças planejadas para o novo estádio

292 Ibidem.

293 Ibidem.

294 Ibidem.

295 O Globo, idem, p.7.

nesse primeiro momento, como a redução e rebaixamento do gramado, os locais da entrada dos jogadores do vestiário para o campo (das laterais para uma entrada única central) e a estrutura física das arquibancadas, o engenheiro entende que a simples manutenção da escadinha que levava os jogadores ao campo, mesmo sem uso funcional, é uma vitória da tradição.

Também no dia 06 de setembro, a edição da Folha de São Paulo recorreu ao acionamento de memórias e sensações dos que participaram do jogo final, ainda que de maneira mais discreta do que em o Globo, jornal carioca e, conseqüentemente, mais próximo às vicissitudes do estádio. Sob o título de “Separação”, a Folha apresentou os depoimentos de torcedores, tais como Vitor Pacheco – que decidiu levar o filho de 8 anos para conhecer o estádio antes de seu fechamento – e Marcio Coelho Peixoto – que conheceu o estádio desde os anos 80 e acredita que as obras podem melhorar o estádio.

Além disso, traz a demonstração de lamento de Petkovic, jogador do Flamengo à época, por não poder atuar no novo estádio após sua reinauguração, devido à idade avançada, e pontua os dizeres de Dorival Júnior, técnico do Santos, rival do clube carioca na última partida, que revelou um misto de melancolia pelo fechamento do antigo Maracanã e esperança com o novo: Uma pena [ver o Maracanã fechado]. Quem viu viu. Vamos aguardar pelas reformas e melhorias”²⁹⁶. Em suma, na contramão do que acontecera em Wembley, nesse primeiro momento não havia um consenso otimista acerca das projeções sobre o novo Maracanã.

E essa postura é confirmada por uma voz especializada. O andamento das reformas no estádio trouxe alterações polêmicas que não deixaram de ser expostas e criticadas. Na edição de 18 de setembro de 2010, o Globo trazia em seu segmento “Opinião” o texto de Alfredo Britto, arquiteto, urbanista e professor da PUC-RJ, que lamenta a ausência da apresentação do projeto final do que seria o novo Maracanã, ao mesmo tempo em que tece elogios à arquitetura do antigo estádio que, segundo aponta, se apresentava como um “patrimônio cultural da nação, um ícone da cidade”, até aquele momento tombado em duas instâncias: federal (pelo livro de tombamento do IPHAN, desde 2000) e municipal (através do Decreto 21.677, de 3 de julho de 2002). Sem posicionar-se radicalmente contra a reforma do estádio, seu artigo era alerta para que a obra fosse elaborada com responsabilidade e participação da sociedade civil em comissões populares, Britto espantou-se com o

296 Folha de São Paulo, 06 set. 2010. Esportes, p.D2.

andamento da configuração arquitetônica do interior do estádio, ao argumentar de maneira crítica que

o interior do estádio será (já está sendo) demolido e as arquibancadas unidas numa declividade única! A justificativa: por exigência da Fifa. Quer dizer: atende-se às exigências da Fifa sem qualquer questionamento ou discussão, e omite-se com relação à qualidade marcante e às exigências dos órgãos de preservação do patrimônio cultural! Tudo sem qualquer apresentação e discussão com a sociedade e seus órgãos de defesa da qualidade cultural de nossa cidade²⁹⁷.

Com efeito, nesse momento inicial, a demolição pela qual passou a antiga arquibancada foi uma das mais profundas modificações da reforma, uma vez que o novo Maracanã deveria apresentar apenas um nível de arquibancada, numa posição diagonal do alto do estádio até a altura do gramado, seguindo uma exigência da Fifa. Ademais, a redução do gramado – de 110m x 75m para 105m x 68m – foi outro aspecto que retirou o conteúdo de monumentalidade do estádio. Em dezembro daquele ano, orçada em 702 milhões de reais, a reforma entrou em uma nova etapa, com o início da demolição do anel superior da arquibancada. Até aquele ponto, já haviam sido demolidos todo o anel inferior e a maior parte das rampas de acesso ao setor. No ano seguinte, em 2011, uma polêmica intensificaria os ânimos nas discussões acerca da obra: a derrubada da tombada marquise original do estádio, elogiada na supracitada matéria do Jornal do Brasil.

3.2.2. A tombada marquise vai ao chão

O ano de 2011 teve ampla cobertura da imprensa e mídia, pois difundiu-se a notícia de ter sido autorizada, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio de Janeiro/IPHAN-RJ, a demolição completa da marquise de concreto original do Estádio Mário Filho, o Estádio Maracanã. Em março daquele ano, o então governador Sérgio Cabral anunciava a alteração total da cobertura do estádio, outrora elogiada por arquitetos e tombada pelo IPHAN desde o ano 2000, marco da arquitetura nacional nos anos 1950, agora condenada ao desabamento por supostos problemas estruturais irreversíveis.

Com essa nova operação, o orçamento total da obra saltaria de aproximadamente 700 para mais de 1 bilhão de reais. Em abril de 2011, Ricardo Teixeira, presidente da CBF

297 O Globo, 18 set. 2010. Opinião, p. 7.

no período, ratificava a ideia da troca da cobertura do estádio, sob a alegação de que sua estrutura era muito antiga e não tinha como servir de apoio ao novo teto, e admitia o atraso na finalização do projeto, saltando de dezembro de 2012 para março de 2013. Dessa forma, tal como em Wembley e suas Torres Gêmeas, um elemento de forte simbolismo para o conjunto arquitetônico seria integralmente descartado, para assim acomodar um cenário todo permeado pela estética modernizante.

A coluna Paineis da Folha de São Paulo de 14 de abril trazia a notícia de que o Iphan-RJ, na figura do superintendente Carlos Fernando Andrade, havia aprovado a nova cobertura, após conversa entre seus técnicos. O jornal trouxe as explicações do responsável pela liberação: “neste momento histórico, achei melhor reforçar o Maracanã como patrimônio imaterial. E decidi aprovar a substituição da cobertura. Acho que o fato de o estádio receber a Copa é mais importante”²⁹⁸.

Na mesma linha de raciocínio, o presidente do CREA-RJ, Agostinho Guerreiro, entendia que “ficará estranho, mas temos de nos acostumar. O que está em jogo é a Copa do Mundo e a modernização do estádio. Esses aspectos arquitetônicos e culturais passaram para um patamar mais baixo”²⁹⁹. No entanto, esse argumento seria rebatido por Claudia Girão, ao afirmar que “o sofisma de um suposto, e paradoxal, tombamento ‘imaterial’ do Maracanã induz a interpretações equivocadas, assim como o entendimento de que está tombada apenas a fachada do estádio é inconciliável com a categoria arquitetônica em que se insere”³⁰⁰.

Ou seja, os técnicos diretamente responsáveis pela obra advogavam favoravelmente pela destruição da marquise, ainda que parecesse, em suas próprias palavras, “estranho”. Estava claro que, sob o argumento das exigências dos burocratas da Federação Internacional de Futebol, nenhum obstáculo deveria se impor ao encaminhamento do projeto agora bilionário.

Não obstante, essa medida não passaria incólume, provocando reações enfáticas na imprensa. A edição de 20 de abril, por exemplo, trouxe, numa única página, sob o título de “O Maraca não é mais nosso”, textos do jornalista Pedro Motta Gueiros e do colunista Arnaldo Bloch. A começar por este último, suas críticas contundentes expressavam o discurso da perda de um monumento em ruínas, um espaço aos poucos arruinado à revelia

298 Folha de São Paulo, 14 abr. 2011, p. D6.

299 Ibidem.

300 GIRÃO, idem.

do diálogo com seu corpo social, entregue às demandas de uma instituição privada que rege o futebol, a Fifa. Embora um pouco extensa, as palavras de Bloch merecem ser reproduzidas em sua completude para melhor compreensão do seu tom duramente crítico:

‘Calma que o Brasil é nosso!’”. A expressão, mais antiga que o Maracanã ou a euforia do Petróleo, não pode ser mais aplicada ao Estádio Mário Filho. Ok, ele continua a ser nosso do ponto de vista estatutário. Mas deixou de sê-lo no seu caráter, seu modo de ser e receber o torcedor. Desde as estapafúrdias reformas e, mais recentemente, sua demolição (sim, demolição), o Maracanã deixou de ser do Rio, do Brasil, e passou a ser da Fifa, dos patrocinadores, dos padrões exigidos por uma competição internacional. Nunca mais o torcedor sentirá o cheiro do cimento quente das arquibancadas. Jamais percorrerá, aos saltos, correndo em todos os sentidos, ao sabor da alegria ou do desespero, o arco de suas escadarias monumentais. Não se verá novamente o Vasco desfilar dando a volta completa no anel cantando “Vascão, Fogão, Torcida de Irmão”. Agora que está tudo estabelecido, agora que o Iphan abençoou a “solução final” para o patrimônio (sua extinção), cabe ouvir, com distância, o jornalista Pedro Motta Gueiros no belo texto que segue, quando diz que teria sido melhor construir um estádio só para a Copa e fazer uma reforma efetiva, inteligente, no Maracanã, que o transformasse naquilo que ele era: o nosso palco, com maior segurança. O conjunto da obra talvez saísse mais barato... um estádio Fifa construído do zero consome R\$650 milhões (o gigante Soccer City, por exemplo). As obras do Maracanã ultrapassarão o bilhão. Se contabilizarmos os prejuízos anteriores e a perda de identidade, terá sido o pior negócio da década. Independentemente do desejado sucesso da Copa.³⁰¹

Para Bloch, assim, ficava claro que a mutilação dos componentes essenciais que construíram a representação mítica do Maracanã no imaginário coletivo se colocavam como a face negativa do processo de reformulação do estádio, que para ele deveria ser considerado de fato uma “demolição”, haja vista que o descaracterizava de maneira irreversível.

Em linha de argumentação semelhante, o jornalista Pedro Motta Gueiros escreve que “entre desastres naturais e dramas humanos, o Maracanã em escombros se confunde com mais uma tragédia”³⁰². E prossegue, em tom de lamentação, que “seja pela questão financeira ou pela transformação do espaço público, não há mais retorno possível desta atmosfera”³⁰³. Suas observações deixam transparecer que o alto índice de absorção de valores estranhos à cultura local seriam danosos a uma pedagogia do torcer tão peculiar da

301 O Globo, 20 abr. 2011. Esporte, p.6.

302 Ibidem.

303 Ibidem.

sociedade brasileira em geral e carioca em particular, que possuía uma relação de afeto e intimidade com o Maracanã, espaço de sociabilidades de vários segmentos. Para isso, relembra a tragédia de Heysel nos anos 1980 como um ponto de inflexão para as transformações dos estádios europeus, atravessando o Atlântico anos depois e culminando nas intervenções do Maracanã. Sendo assim, “o efeito dominó derrubou não só alambrados, mas a maior parte das outras formas de se ver futebol [...] Julgar uma cultura pelos valores da outra é um atentado à singularidade e até à soberania de cada região”³⁰⁴. Assim, em sua narrativa, a importação de valores estrangeiros que atingem o processo de homogeneização dos estádios e suas dinâmicas semelhantes nas formas de torcer carregam como produto mais imediato a perda identidade cultural do Maracanã, afetando aqueles torcedores sobretudo das camadas populares. Para finalizar seu artigo, o jornalista alça o estádio Mario Filho ao patamar de um monumento sagrado, tal como a Capela Sistina, cuja aura estaria sendo fraturada pelas escavadeiras que operam a mando dos responsáveis pelo mercado do futebol. Com efeito, em seus dizeres,

não se mexe no teto da Capela Sistina. Se restaura, quando necessário. Estar no Maracanã tem, ou tinha, a dimensão do sagrado. Das primeiras experiências pelas mãos do pai ao gosto de nostalgia do mate espumante, a vida passa num outro slideshow, este de imagens sublimes. Hoje, o que se vê é uma boca banguela. Junto com a queda das arquibancadas, implode também parte da alma carioca. Que o velho gigante, para sempre adormecido, descanse em paz. Depois de uma destruição, é uma defesa natural do homem tentar transformar o horror em alento. Além dos escombros e das ilusões perdidas, só nos resta a esperança de que a vida e o Maracanã possam ser melhores daqui para frente.³⁰⁵

Nessa perspectiva, interessa observar como esse equipamento cultural, elevado à sacralidade em mais de uma ocasião, foi apropriado como essencialmente representativo da identidade nacional e a forma como esteve integrado à vida diária de indivíduos e coletividades, que por sua parte atribuem ao estádio valores únicos e particulares. Os sentidos da sacralização associadas ao estádio demonstram que estar no Maracanã não significava apenas fazer parte de um aglomerado humano num espaço esportivo, mas de um conjunto englobante que envolve seus próprios mitos e figuras alçadas a deuses, conectando o passado com o presente.

304 Ibidem.

305 Ibidem.

Certamente, as representações e valores simbólicos construídos em torno do Maracanã exprimem as sociabilidades e sensibilidades que fazem dele parte significativa da experiência coletiva. E sua demolição, com efeito, fora percebida por muitos como a perda de algo substancial da memória coletiva, um passado singular que não deveria ser adulterado pela desfiguração do seu aspecto monumental.

O início da demolição da marquise, pela Empresa de Obras Públicas/EMOP e pelo consórcio Maracanã, formado pelas empreiteiras Odebrecht, Andrade Gutierrez e Delta, aconteceu em maio de 2011. A edição de 15 de maio de 2011 da Folha de São Paulo apresentava uma matéria com os jornalistas e escritores João Máximo e Marcos de Castro, especialistas e profundos conhecedores do futebol brasileiro e do Maracanã, que à época lançavam a atualização do livro “Gigantes do Futebol Brasileiro”, uma coletânea que narrava a trajetória dos principais jogadores do futebol brasileiro, um registro de parte da memória esportiva no país. Em certa altura, quando o assunto tocava ao Maracanã, o jornalista Álvaro Costa e Silva, que assina a matéria, aponta que

o que nem João Máximo, nem Marcos de Castro entendem (e, certamente, tampouco entenderiam os vice-campeões de 1950) é a manobra silenciosa que, disfarçada de reforma para Copa do Mundo de 2014 e com custos que ultrapassarão R\$ 1 bilhão, resultou na demolição do Maracanã, palco da maioria dos jogadores retratados nos livros “Gigantes do Futebol Brasileiro e “Retratos da Bola”³⁰⁶.

Nesse caso, a palavra “demolição” é igualmente utilizada, reforçando a ideia de que o estádio não passava por um simples reforma ou retoques, mas uma demolição velada, incorporando exigências da FIFA e também anseios do governo estadual, de olho em atrativos para a iniciativa privada.

Portanto, ao contrário dos discursos encontrados durante a reconstrução em Wembley, em que a materialidade fora secundarizada em detrimento dos processos imateriais da construção de novas memórias (as relações das pessoas com o novo estádio), no caso do Maracanã há uma ênfase na dimensão física enquanto elemento promotor da memória. A completa renovação de sua estrutura interna, aos olhos de muitos analistas, resultaria na perda de sua monumentalidade e, como consequência, no bloqueio de novas experiências e descolamento de memórias. Os aspectos mais visíveis desse processo seriam

306 Folha de São Paulo, 15 mai. 2011. Ilustríssima, p. 3

o esvaziamento de sua função social, em decorrência da elevação do valor de seus ingressos e sua redução drástica de capacidade em relação ao projeto original, e sua nova configuração espacial em cadeiras individuais que transforma a dinâmica do torcer.

Marco da cultura brasileira, expressão de cidadania e ponto de intersecção das mais diversas camadas sociais, sua transformação integral pelas exigências do padrão da Fifa é mal acolhida por grande parte das narrativas da imprensa, a não ser daqueles que envolvidos diretamente com as obras. No dia 16 de maio, a Folha de São Paulo dedicou uma página de seu jornal para trazer uma série de editoriais do The New York Times, sendo uma voltada para o Maracanã e seus impactos, ao olho de Nate Berg. Apesar de certas imagens romanceadas e caricaturadas apresentadas, o conteúdo socioeconômico aparece explicitamente em seu texto, pois indica que a geral era “um dos poucos lugares do Rio onde a população pobre podia ter diversão de primeira classe”³⁰⁷. O artigo segue fazendo críticas à elitização do estádio e, para chancelar sua posição, ouve um professor de estudos brasileiros em Princeton, o carioca Bruno Carvalho, para quem a reforma do estádio coloca em risco o caráter igualitário do estádio enquanto espaço público numa cidade desigual, o que isso impactaria “na natureza da experiência do estádio como algo que elimina a segregação de classes na cidade em geral”³⁰⁸.

A observação que merece relevo, como fora feito no capítulo anterior, é a de que o Maracanã, apesar de seu caráter acolhedor de todas as camadas sociais, encontrava em sua estrutura espacial uma configuração hierárquica, dispondo pontos de acesso correlacionados com os perfis socioeconômicos. Outro a ser ouvido foi Christopher Gaffney, geógrafo da Universidade Federal Fluminense (UFF) e membro da Associação Nacional de Torcedores (ANT), que, em tom de lamentação, entende que “é uma parte tão grande da memória pública e da própria textura da cidade que é difícil imaginar algo diferente [...]. Mas agora é. E as pessoas terão de aceitar o fato de que não será mais o que era”³⁰⁹. Christopher Gaffney acredita que esse novo modelo de estádio esvazia seu caráter de espaço público de convivência e confraternização. Em suma, as mudanças arquitetônicas também modificam o comportamento do torcedor, que passa a ser visto como um consumidor

307 Folha de São Paulo, 16 mai. 2011, p.3

308 Ibidem.

309 Ibidem.

Até então protegido pelo patrimônio histórico, o estádio preservaria apenas, e de modo bastante duvidoso, seu formato externo, o de uma circunferência, enquanto todo o interior, junto com a tradicional marquise, seria inteiramente alterado. No lugar da antiga marquise, foi colocada uma estrutura em lona tensionada, aprovada pelo Iphan sob a premissa de não descaracterização, contradizendo o discurso de especialistas e do ideia inicial do projeto, para proteger os torcedores das intempéries climáticas. Acreditava-se que a estrutura teria durabilidade de 50 anos e garantia de 15 anos, além de transformar o estádio num ambiente ecologicamente correto, pelo uso de lâmpadas LED. O Jornal do Brasil de 17 de maio apresenta os números do novo estádio. Segundo o jornal,

para oferecer mais conforto aos torcedores, serão construídos 110 camarotes, entre as arquibancadas superior e inferior, e quatro conjuntos de rampas; instalados mais onze elevadores, totalizando 16, e seis escadas rolantes, aumentando para 12; aumentado a distância entre as cadeiras de 48cm para 50cm; e colocados assentos rebatíveis nas novas cadeiras. O estádio contará com 3.860 altofalantes, 314 câmeras de segurança, 360 monitores de TV, quatro telões e 36 mil metros quadrados de área refrigerada³¹⁰

No entanto, de acordo com a edição de 18 de maio da Folha de São Paulo, o Ministério Público Federal do Rio de Janeiro abriria dois inquéritos civis públicos para apurar irregularidades no destombamento efetivado pelo Iphan para a substituição da marquise e também pela descaracterização do interior do estádio a partir da demolição do anel inferior³¹¹. No mesmo dia, o Globo trazia uma reportagem sobre o aumento no valor das obras e as projeções dos responsáveis pela demolição, dentre eles o então vice-governador Luiz Fernando Pezão, otimista de que

o Maracanã será mais moderno que o estádio de Wembley, considerado o melhor do mundo e que custou R\$ 3 bilhões. Teremos uma arena moderna. É um estádio para a Copa e para as Olimpíadas (2016). O Maracanã terá uma taxa de ocupação de 120 eventos por ano. Nenhuma cidade do mundo terá a programação do Maracanã nos próximos 30 anos³¹².

310 Jornal do Brasil, 17 mai. 2011. Mais caro, novo Maracanã será entregue em dezembro de 2012, diz governo. Disponível em: <http://www.jb.com.br/esportes/noticias/2011/05/17/mais-carro-novo-maracana-sera-entregue-em-dezembro-de-2012-diz-governo/>. Acesso em 11 de agosto de 2018.

311 Folha de São Paulo, 18 mai. 2011.

312 O Globo, 18 mai. 2011, p. 6.

Poucos dias depois, o mesmo Arnaldo Bloch, em um de suas colunas semanais, reafirmara sua posição crítica com a reforma do estádio, utilizando mais uma vez a forte expressão “solução final” dada para o Maracanã. Em tom de ironia, o colunista brinca que “a simples operação de levantar o corpo para pular, torcer e comemorar gols tornar-se-á, uma vez instaladas as aristocráticas cadeiras, uma ginástica quase impossível”. Mais adiante, explica a repercussão de sua coluna ao lado de Pedro Motta Gueiros de semanas anteriores e se diz motivado pelo projeto de criar uma cadeira de concreto a partir dos escombros do estádio como forma de sentir os resquícios do antigo Maracanã, mas somente “para as bundas saudosas do velho calor das *arquibas*”³¹³.

Segundo Bloch, o padrão Fifa que permeia o novo ideário de estádios no Brasil acaba “passando o rodo no nosso jeitão, nas nossas formas, nos nossos modos de torcer” e reedita a representação do Maracanã como algo sagrado, uma vez que “estádio de verdade é como um templo, uma catedral: não se muda; se restaura. Ou como um circo urbano: alguém na França vai falar em demolir o Cirque d’Hiver, com sua fachada delicadamente majestosa?”³¹⁴. E finaliza sua coluna colocando uma questão importante, já repisada neste trabalho, acerca da importância da materialidade original do equipamento como selo de autenticidade da sua marca histórico, pois, segundo Bloch,

o Maraca podia ter sido perfeitamente reformado sem perder a sua cara. Agora não tem mais volta: ainda que, no dia da inauguração, eu e Pedro, com nossas pedras a tiracolo, nos sintamos maravilhados e queimemos nossas línguas (além de nossas bundas), nada mudará o fato de que o Maracanã, digno desse nome, morreu, já está sepultado³¹⁵.

Como definição hegemônica no que tange à reconstrução do Maracanã, prevalece uma ideia de que sua fisicalidade monumental era a expressão de uma herança nacional comum, carregando valores de uma sociedade que se imaginou moderna e equipamento portador de um passado singular que não deveria jamais ser adulterado da forma que foi. Nesse sentido, o engajamento com essa edificação é revelador do modo com as pessoas construíram a noção de sua própria identidade com o estádio.

Na edição de O Globo de 23 de junho de 2011, o segmento dedicado às opiniões trouxe um artigo do então vereador Eliomar Coelho, do partido PSOL, cujo título remonta

313 O Globo, 21 mai. 2011, p. 12. Segundo caderno.

314 Ibidem.

315 Ibidem.

ao livro de Edilberto Coutinho, “Maracanã, adeus”. Nele, o político realiza uma arqueologia de alguns processos que, em nome de preceitos civilizatórios, promoveram alterações na paisagem carioca ao longo dos anos na cidade do Rio de Janeiro, desde as obras de embelezamento de Pereira Passos, passando pelas remoções das favelas em áreas nobres nos 1960 e da derrubada do Palácio Monroe, até o Maracanã. Em sua visão, “a memória e a preservação da cultura sempre são derrotadas por intervenções que tem como mote o argumento de que a cidade deveria ‘progredir’”³¹⁶. Considerando o que acontece no estádio uma “criminosa reforma”, pelos gastos excessivos e o desrespeito com sua arquitetura, o político entende que “o velho e bom Maracanã ao fim destas obras será outro estádio. A clássica foto aérea de um cartão-postal do Rio, exemplo de excelência da arquitetura moderna brasileira com sua cobertura em vão livre, morreu”³¹⁷.

A maneira pela qual os discursos da perda do “antigo Maracanã” são elaborados nos informam o jogo de memória e identidade no interior da sociedade considerada, em particular quando se trata das heranças do passado. Em muitos casos, não aceitando as evidências do presente, consideradas pesadas e injustas, os homens mitificam o passado como o lugar perfeito. Essa idealização de um tempo idílico é o resultado de uma aversão em relação ao agora, ao tempo presente. Com efeito, a representação do novo Maracanã enquanto “morte” e “destruição” do antigo refúgio caracteriza o passado idealizado não apenas do estádio, mas dos tempos dourados do futebol nacional que encontrava no Maracanã o seu ponto mais alto das grandes manifestações do esporte nacional.

Em alguma medida, as representações negativas ao novo equipamento são uma forma de recusa do modo pelo qual o futebol e a sociedade estão dados no tempo presente. O desaparecimento gradual dos vestígios do antigo Maracanã, após sucessivas obras em curto período de tempo, é análogo ao esmaecimento da narrativa do “futebol-arte”, construída ao longo das décadas, e cujo ápice era seu desfile num Maracanã lotado de povo. Diante das exigências dos Cadernos de Encargos da Fifa em relação ao estádio, que foi quase descaracterizado por inteiro, o sintoma nostálgico, municiado pelas lembranças do passado, aparece como crítica do presente e também como desejo de expressar o retorno a um mundo ao qual se gostaria de voltar a experimentar.

316 O Globo, 23 jun. 2011. Opinião, p.7.

317 Ibidem.

A questão da obra relativa à marquise é produto desse movimento de queda de braços entre as entidades comprometidas com a reforma do estádio e a sociedade civil carioca. Em agosto de 2011, depois de tentativas para que a marquise fosse impedida de ser derrubada, o Jornal do Brasil relata que a juíza do processo, Cleyde Muniz da Silva Carvalho, “entendeu que não há risco de descaracterização permanente porque, se no futuro a Justiça decidir que houve descaracterização, os responsáveis serão condenados a restaurar as características originais do Maracanã”³¹⁸. O Ministério Público, à época, baseou sua ação no fato de que o Maracanã fora tombado pelo Iphan em 2000, o que impediria modificações radicais. Já o governo do estado responde, chancelado pelo Iphan, respondeu que o tombamento compreendia apenas seu valor etnográfico, e não sua arquitetura.

No entanto, os próprios integrantes pareciam estar em discordância quanto ao que deveria ser feito. De acordo com a coluna de Ancelmo Gois, “o relator do processo, arquiteto Nestor Goulart Reis Filho, acha que a marquise do estádio, por exemplo, não deveria ser derrubada, só adaptada. Mas o superintendente do Iphan, Carlos Fernando de Andrade, autorizou a obra”³¹⁹. Após polêmicas e imbrólios judiciais, as marquises seriam de fato derrubadas até o mês de dezembro de 2011. O Globo de 16 de setembro traz um apanhado do andamento das obras em cada estádio nas cidades-sede e, no que tange ao Rio de Janeiro, o jornal aponta que

com exceção do aspecto externo, o Maracanã como o carioca se acostumou não existirá mais a partir de dezembro de 2012 [...]. Os tradicionais dois anéis serão substituídos por um anel único de cadeiras, com o público mais perto do campo, e a antiga marquise, alvo de uma discussão que prossegue na Justiça, está indo abaixo³²⁰

No cerne da questão, encontra-se uma angústia de vivenciar os acontecimentos do presente. Desse modo, em muitas situações a nostalgia aparece como uma resposta diametralmente oposta à cega crença no progresso. As atitudes diante desse cenário parecem corroborar com as observações de Joel Candau de que “a sensibilidade

318 Jornal do Brasil, 05 ago. 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/08/05/justica-garante-continuidade-das-obras-do-maracana/> Acesso em 13 de agosto de 2018.

319 O Globo, 01 set. 2011. Rio, p.18.

320 O Globo, 16 set. 2011. Esportes, p. 4.

patrimonial se exacerbou ao mesmo tempo em que as sociedades conheceram uma mutação acelerada e temiam, portanto, pela perda e pelo esquecimento”³²¹.

A partir de outubro, começou a ser montada a estrutura para a construção da nova cobertura, totalmente retirada depois de litígios judiciais que perduraram por alguns meses. Com isso, a obra seria entregue com atraso, saltando de dezembro de 2012 para o primeiro semestre de 2013. Além disso, o Globo noticiava em 21 de outubro que tabela montada pela Fifa colocava um fato inusitado: a seleção brasileira só jogaria no estádio caso chegasse à final da Copa do Mundo de 2014 (o que, depois dos 7-1 contra a Alemanha nas semifinais, não aconteceu). Na mesma edição, o colunista Fernando Calazans escreve em O Globo de 21 de outubro de 2011 que a paralisação para as obras do Maracanã prejudicaram os clubes do Rio de Janeiro e mostra-se surpreso com a tabela da Fifa. Em suas palavras críticas, argumenta que “quando ele [o Maracanã] estiver pronto, será um novo estádio, não será o Maracanã”³²².

Desde o início das obras, a proposta dos idealizadores e construtores do novo estádio era o de transformá-lo em um espaço ecologicamente correto, com um projeto de dispositivos economizadores de água, implantação de um sistema de captação de água de chuva e um moderno sistema de iluminação que reduziria o consumo de energia em 6%, a coluna do jornalista André Trigueiro, n’O Globo de 27 de outubro de 2011, traz como título “O novo Maracanã já nasce velho” e desconstrói a ideia da sustentabilidade ao apontar que

o projeto do novo Maracanã confirma a exclusão de um item absolutamente importante para que qualquer projeto de engenharia do gênero possa ser chamado de “moderno e sustentável”. Apesar do cardápio variado de estádios de futebol espalhados pelo mundo com aproveitamento energético do sol, a caríssima obra de reconstrução do Maracanã – quase 1 bilhão de reais – ignorou essa possibilidade³²³.

As conclusões de Trigueiro logo foram rebatidas por Rodrigo Vieira, sub-secretário adjunto de projetos especiais da Casa Civil do governo do Estado do Rio, para quem, após explicações técnicas, argumenta que “o novo Maracanã vai combinar as conquistas tecnológicas com a preservação da história e da alma cariocas”³²⁴. No final do ano de 2011, a demolição da marquise já estava concluída, enquanto o Ministério Público ouvia os

321 CANDAU, op. cit: 162.

322 O Globo, 21 out. 2011. Esportes, p. 2.

323 O Globo, 27 out. 2011. Opinião, p.7.

324 O Globo, 01 nov. 2011. Opinião, p.7.

responsáveis diretos pela concessão de sua derrubada, sobretudo aqueles vinculados ao Iphan. Portanto, a condenação da marquise, com sua imprescindível derrubada, foi uma das tentas narrativas que se delinearão ao longo de meses neste caso da demolição de um bem tombado.

3.2.3. A reinauguração do novo Maracanã

Da mesma forma como ocorrera em Wembley, o novo Maracanã foi sendo reaberto aos poucos, desde o evento-teste (em 27 de abril de 2013), passando pelo amistoso contra a Inglaterra (03 de junho) e a final da Copa das Confederações (01 de julho), até o primeiro clássico entre clubes locais, em 22 de julho de 2013. Este capítulo, desse modo, aborda todos os eventos que consolidaram a reabertura do novo estádio.

A reabertura do Maracanã deu-se no dia 27 de abril de 2013, numa partida-teste para cerca de 8 mil operários, entre os amigos dos ex-jogadores Bebeto e Ronaldo, ambos campeões do mundo com a seleção brasileiro. Dias antes, no entanto, figuras da política carioca fizeram considerações acerca do novo estádio. No editorial de O Globo de 19 de abril de 2013, Regis Fichtner, secretário de estado da Casa Civil, aponta que o antigo estádio não apresentava os requisitos necessários para receber os eventos internacionais e que, por isso, foi preciso fazer esse tipo de intervenção. De acordo com suas palavras, com as obras, “o novo Maracanã impressiona pela sua beleza, o seu conforto, a sua funcionalidade e o seu padrão tecnológico. O estado o transformou em um estádio moderno, sem que ele perdesse as características que o fizeram um dos principais ícones do esporte mundial”. Após elogiar o empreendimento presente, faz críticas sobre aqueles que se posicionam contrários à forma como o estádio fora alterado:

sempre que grandes transformações são realizadas, há resistência por parte de pessoas que têm resistência ao novo. Tem gente que nunca quer mudar nada, que sente nostalgia da geral, onde os mais pobres quase não conseguiam assistir ao espetáculo. Que tem saudade do acesso precário, dos banheiros fétidos, do sistema de som inaudível, da falta de segurança. O governo do estado quer um novo Maracanã, acessível a toda a família, onde as torcidas possam fazer a festa com segurança e conforto³²⁵

325 O Globo, 19 abr. 2013. Opinião, p. 23.

Os apontamentos oficiais prosseguiram poucos dias depois, com o então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes acreditando que aquela obra significava “uma mudança fantástica. Eu já conheci vários estádios pelo mundo e é impressionante no que se transformou o Maracanã. É mudança de estágio civilizatório mesmo. Pela primeira vez eu acho que o torcedor vai ser tratado com respeito”. Paes reforça sua crença na melhora do estádio recorrendo à tática de negação do antigo Maracanã, argumentando que no velho estádio “você não sabia onde sentaria, muita gente acabava fazendo xixi nas colunas do Maracanã. Hoje não, você tem uma sinalização, com espaços qualificados, é um ganho enorme para a cidade. Esse é um legado importante para a cidade do Rio de Janeiro”. Para finalizar, rebate uma corrente nostálgica em torno do antigo estádio ao apontar, com ironia, que “eu também tenho nostalgia do cheiro de urina, da bagunça, da desordem do Maracanã, de tudo isso. Nostalgia existe, mas é uma mudança grande”³²⁶.

Portanto, “a mudança de estágio civilizatório” citada por Paes é o corolário intangível desejado da radicalidade nas transformações do Maracanã, uma vez que o discurso do progresso arquitetônico associa-se a uma ideia de evolução nos valores morais e comportamentais dos torcedores. Recorrendo à estratégia de condenação o passado para idealizar o futuro, estava colocada a tentativa de introjetar uma ideia de que os lugares social, econômica e morfologicamente renovados, por meio do aumento no valor dos ingressos e da nova dinâmica espacial, trariam uma imagem positivamente civilizatória.

A edição do Jornal do Brasil o dia da partida-teste traz um conjunto de reportagens sobre o evento. Numa das matérias, traz as palavras do pintor da fachada do estádio Ezequiel Soares, que argumenta que “independente da partida, vir ao Maracanã sempre foi um programa para qualquer carioca. O problema agora vai ser pagar um ingresso [...]. O Maracanã por dentro lembra um shopping. O ingresso certamente será muito mais caro do que era antes”³²⁷.

Noutra, o jornal ainda mostrava que, durante esse evento, um grupo de manifestantes estendeu uma faixa com os dizeres “Não à privatização e às demolições” para protestar contra a privatização do Maracanã³²⁸. Quanto aos jogadores que participaram

326 Jornal do Brasil, 22 abr. 2013. Rio. Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/04/22/novo-maracana-e-mudanca-de-processo-civilizatorio-diz-paes/> Acesso em 15 de agosto de 2018.

327 Jornal do Brasil, 27 abr. 2013. Esportes.

Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/04/27/operarios-que-trabalharam-no-maracana-apontam-falhas-da-reforma-do-estadio/> Acesso em 15 de agosto de 2018.

328 Jornal do Brasil, 27 abr. 2013. Esportes.

do evento dentro de campo, Bebeto, então deputado estadual, afirmava que "foi muito lindo. Tenho certeza de que estaremos aqui na final da Copa. A reforma foi um marco para a história do esporte no Brasil"³²⁹.

Em sua capa do caderno de esportes, o Globo traz matéria de Carolina Oliveira Castro com o título "A bola vai voltar a rolar", que adota uma posição otimista em relação ao novo estádio e realiza uma crítica irônica àqueles que discordam do empreendimento reconstruído, pois "apesar do chororô dos saudosistas pelo estádio que foi ao chão, o novo está mais confortável e luxuoso"³³⁰. Após discorrer sobre os aspectos de modernização do estádio, conclui sua matéria afirmando que "a bola vai rolar ainda sob a desconfiança dos torcedores, que, é bom que se diga, terão encantos de sobra para se apaixonar pelo Maracanã repaginado"³³¹.

Na edição do dia seguinte ao jogo teste, o Globo exibia em sua capa de esportes algumas falas dos partícipes do jogo. Com o título de "O Maraca voltou", e elogiando sua beleza e modernidade, a matéria destaca as considerações de Ronaldo, Bebeto, Zagallo, Renato Gaúcho e de um dos operários da obra. Em todos os registros sobre o evento, o denominador comum estava em ressaltar os aspectos positivos do novo equipamento. No entanto, cabe destacar o depoimento do operário, para quem "o melhor de tudo é saber que a gente vai entrar nesta maravilha, que a gente construiu, antes dos ricos"³³².

Na mesma edição, o jornal traz na segunda página do caderno de Esportes o depoimento de algumas personalidades sobre suas experiências mais marcantes com o Maracanã, em seus 63 anos. Dentre as figuras ouvidas, sendo a maioria composta de jornalistas, o depoimento de Nelson Rodrigues Filho chama atenção por ter sido o único a não prender-se exclusivamente em narrar acontecimentos marcantes do passado. Filho de Nelson Rodrigues e, conseqüentemente, sobrinho de Mario Filho, o jornalista, após contar um caso relacionado ao estádio, encerra seu depoimento com um julgamento da

Disponível em: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/04/27/dentro-do-estadio-manifestantes-protostam-contra-privatizacao-do-maracana/> Acesso em 16 de agosto de 2018.

329 Jornal do Brasil, 28 abr. 2013. Esportes.

Disponível em: <http://www.jb.com.br/esportes/noticias/2013/04/28/na-reabertura-do-maracana-time-de-ronaldo-goleia-amigos-de-bebeto-por-8-a-5/> Acesso em 16 de agosto de 2018.

330 O Globo, 27 abr. 2013. Esportes, p. 1.

331 Ibidem.

332 O Globo, 28 abr. 2013. Esportes, p. 1.

transformação do equipamento: “O Maracanã é o espírito carioca, e a geral era a encarnação disso. Hoje, o estádio está mais para Fifa do que para Mario Filho”³³³

Em tom semelhante ao de Nelson Rodrigues Filho, Fernando Calazans retoma em sua coluna do dia seguinte o depoimento do operário entrevistado para ponderar sobre os usos e os propósitos do novo estádio. Segundo o colunista,

depois dos ricos, é que os operários não vão mesmo entrar no Maracanã, por causa da elitização e da privatização do estádio, que aliás provocaram manifestações contrárias na mesma festa. O Maracanã, que ficou bonito mesmo, já perdeu seu espírito popular, como outros estádios que estão sendo preparados para a Copa da Madame Fifa. Vão ficar para trás os tempos dos milhares de torcedores que enchiam nosso estádios, agora chamado assim – de “arenas” –, por causa do modismo e por causa da nossa colonizada mania de copiar tudo o que vem de fora, como se fôssemos macaquinhos de imitação³³⁴.

A postura menos otimista em relação ao estádio não parava por aí. No mesmo jornal, em 30 de abril, Aydano André Motta escreve uma matéria, cujo título era “A solenidade que se foi”, em que, não deixando também de valorizar a beleza do estádio, comparável aos mais badalados estádios europeus, pontua suas críticas para o alto preço social a ser pago por esse empreendimento, uma vez que, em sua visão, traz também um estilo europeizado de torcer. Para o jornalista, em tom de pesar,

a nova arena (o termo modernoso vai em homenagem aos estetas da tal “evolução” que a tudo pasteuriza) não desperta a salada de emoções que o gigante sessentão impunha a seus visitantes. Acabou o emergir na arquibancada imensa, cheia ou vazia, assustadora – mas ao mesmo tempo a casa hospitaleira dos apaixonados por futebol, onde cada um tinha seu canto, por conveniência ou superstição. Morreu o ato de varrer com os olhos o espaço quase infinito, guardado pelo Cristo Redentor visível além da marquise nas tardes de sol. A precisão mercantil do espaço redesenhado por assentos individuais também tornará impossível a explosão do gol, que desembocava no abraço com os desconhecidos fieis da mesma paixão³³⁵.

Sua impressão é a de que “o bota abaixo” do estádio, com sua redução e aproximação do campo entre torcedores e jogadores, retira a dimensão monumental do estádio e a aura transcendental que circundava os grandes jogadores. Com isso, atesta que

333 O Globo, idem. Esportes, p.2.

334 O Globo, 29.abr.2013. Esportes, p.2.

335 O Globo, 30 abr. 2013. Esportes, p.4.

“lindo o estádio carioca. Só não é – no significado indizível do que vai pelo coração – o Maracanã que era nosso”³³⁶.

As posições contrárias continuariam a permear o jornal, haja vista que, no dia 01 de maio de 2013, emitia um posicionamento na sua seção “Opinião”, enaltecendo a obra de rejuvenescimento e modernização do estádio. Se para Aydano as reformas retiravam a grandeza material (aspecto físico reduzido) e imaterial (esvaziamento da experiência coletiva) do estádio, na opinião emitida pelo jornal esse fato exprimiria o inverso, pois “a reforma moderniza o velho estádio, e lhe restitui a grandeza de uma era de ouro em que o futebol brasileiro se tornou o melhor do mundo”. Ou seja, para o jornal o antigo estádio não conseguia mais cumprir seu papel diante das exigências do presente, devendo os velhos vícios e problemas, como a falta de organização dentro e fora de campo, ficarem no passado. Para o jornal o novo Maracanã seria uma reinvenção do Rio de Janeiro e, a partir de então, “cria um padrão de qualidade para obras de uma cidade que pretende entrar, para ficar, na agenda internacional de grandes eventos”³³⁷.

O Globo de 29 maio lançou um caderno especial para apresentar o novo estádio aos , às vésperas do amistoso contra a Inglaterra. Nesse caderno, o colunista Fernando Calazans escreveu um artigo para narrar suas experiências, desde a infância, no velho Maracanã, destacando todos os craques que viu desfilarem pelo estádio e que construíram a imagem do estádio, desde Zizinho até Pelé, e registra, em tom mais ameno do que costumeiramente apresenta, que “hoje, vejo um Maracanã novinho em folha. Ainda não decifrei suas faces, seus meandros, mas já me pergunto que craques ele vai me oferecer, se é que poderá fazê-lo. Quem sabe enfim eu possa conhecer um novo Zizinho?”³³⁸.

Em outra matéria, cujo título era “Com cara de europeu e jeitinho bem brasileiro”, o caderno especial utilizava o termo “evolução” para destacar como o estádio, em termos materiais, vai seguir os padrões dos modernos estádios europeus, mas preservando o ambiente particularmente brasileiro.

Nesse clima, o estádio receberia o primeiro grande evento no estádio, realizado no dia 02 de junho de 2013, num amistoso entre a seleção brasileira e a seleção inglesa, tal como ocorrera na inauguração do novo Wembley. Apesar de sua completa repaginação, o

336 Ibidem.

337 O Globo, 01 mai. 2013. Opinião, p. 18.

338 O Globo, 29 mai, 2013. Novo Maracanã, p. 8.

mito em torno do signo Maracanã pesava sobre os atletas, sobretudo para aqueles que nunca haviam jogado no estádio (8 dos 23 convocados)³³⁹.

Nos dias seguintes ao jogo amistoso, diversas considerações sobre o novo estádio foram proferidas nos jornais. A matéria de Tatiana Furtado, d'O Globo de 03 de junho, mostra que, no geral, o estádio foi aprovado por torcedores e autoridades, apesar da necessidade de ajustes, como a conexão da internet, a qualidade do som e a reposição de papel toalha e sabonete nos banheiros³⁴⁰. No mesmo jornal, algumas matérias foram publicadas com as impressões e opiniões de jornalistas, dentre eles João Máximo, que esteve presente na inauguração da Copa de 1950. O Jornalista escreveu um artigo destacando os pontos altos e baixos da reinauguração, além de realizar comparações com 1950.

Para o jornalista, se a primeira inauguração, feita com portões abertos, “foi um abraço da cidade em todos os torcedores, a outra começou a ensinar ao brasileiro que o espetáculo do futebol – caro e para poucos – precisa de teatros como o novo Maracanã. O qual, a partir de agora, muda por completo a maneira de vibrar, sofrer, torcer”³⁴¹. Quanto ao ponto positivo, pensa que, apesar de menos surpreendente que o antigo estádio, “quanto à beleza e à classe do novo estádio, é indiscutível. Colorido, harmonioso, moderno e – por que não? - bem-vindo, por mais que tenha sido construído à brasileira, ou seja, num país onde a grana jorra e os fins justificam os erros”³⁴². No tocante aos pontos baixos, faz referência às artificialidades da organização, tais como os “animadores de torcida”. João Máximo conclui suas impressões acreditando que “um renitente frequentador do Maracanã, que entrou ontem no estádio carregando a sensação de ter perdido, com o fim do Colosso do Derby, um velho amigo, pode ter saído de lá com a certeza de que ele próprio, o futebol, a cidade, o país, é que ganharam um amigo novo”³⁴³.

Na mesma edição, em sua coluna diária, Ancelmo Gois asseverava que “o Maracanã está lindo, apesar dos retoques que ainda faltam”³⁴⁴. Numa outro bloco de impressões, revelava, impressionado, “parem as máquinas! Os banheiros do Maracanã tinham papel higiênico, água, sabonete e toalhas de papel”, mas suas impressões não

339 Cf. Folha de São Paulo, 02 jun. 2013. Esporte, p.3.

340 O Globo, 03 jun. 2013. Esportes, p.6.

341 O Globo, 03 jun. 2013. Esportes, p.3.

342 Ibidem.

343 Ibidem.

344 O Globo, 03 jun. 2013. Rio, p.8.

estariam livre de crítica, ao apontar que “num jogo com poucos, digamos, desdentados na plateia por causa do preço dos ingressos, muitas filas se formaram nas lanchonetes do Maracanã”³⁴⁵.

Nessas palavras, aparecia um componente de romantização do antigo estádio por meio da figura do “desdentado”, tão explorado pelas imagens de TV, sobretudo no Canal 100, que edificaram a representação do Maracanã como lugar do povo e de uma democracia social.

As impressões de Arnaldo Bloch merecem destaque, uma vez que suas considerações de 2 anos antes atestavam que o antigo Maracanã havia desaparecido e que o novo não seria do povo. O título do artigo parece apresentar um tom mais moderado em relação às suas palavras anteriores – “Tá bonito, mas precisa amaciar”. Suas impressões dividem-se em duas partes, com a primeira se debruçando sobre os pontos negativos e a parte final do texto apresentando os positivos do novo espaço.

Dos pontos que mais o incomodaram, destacam-se a diferença de códigos sociais dos torcedores no estádio e fora dele e o perfil mais elitista dos torcedores. No caso das mudanças comportamentais em relação ao antigo Maracanã, o colunista destacou, na parte de fora, a presença de “stwerdesses” na entrada do estádio com suas palavras de incentivo nos megafones e a proibição de tomar cerveja no Bellini antes partida; na parte de dentro, Bloch critica o uso de “insuportáveis balõezinhos de NBA (ou de vôlei japonês)”, que segundo ele “inibiram, durante todo o jogo, as palmas, os assovios, os gritos, os palavrões, a molecagem”. Além disso, afirma que “os bastonetes com ruído ensurdecador e marcial deveriam ser proibidos junto com as vuvuzelas e outras armas perigosas de destruição mental e moral em massa” e que a utilização de animadores e trilhas sonoras de DJ colocam em risco a “civilização futebolística do Rio”³⁴⁶. Outro ponto de incômodo foi a evidente alteração no perfil de classe e raça dos torcedores presentes para o jogo, isto é, “estava mais para ariano que para mistura”³⁴⁷.

Quanto aos pontos positivos, Bloch destaca a beleza do estádio, sua iluminação e o aspecto sci-fi da elipse da cobertura e conclui que, do ponto de vista arquitetônico, ainda havia do antigo Maracanã ali. Nos seus dizeres,

345 Ibidem.

346 O Globo, 03 jun. 2013. Esportes, p. 5.

347 Ibidem.

apesar da mutilação violenta e desnecessária que sofreram suas linhas, parece que sobrou, não apenas na fachada, mas também no desenho final das arquibancadas, uma espécie de esboço à posteriori do antigo espectro, principalmente por causa da divisão, por uma faixa de concreto, entre o setor central e o superior, criando a ilusão³⁴⁸

Sua coluna, num tom mais ameno do que as visões catastróficas de uma perda irreparável de dois anos antes, coloca seus holofotes críticos menos sobre a materialidade do estádio, inclusive merecedora de elogios, do que para as condutas e comportamentos impostas à comunidade de torcedores, que para ele deveria se atentar para os perigo da elitização. Desse modo, para o Bloch

só vai ser “nosso” de novo quando os usos e costumes locais forem liberados; quando os preços tornarem-se éticos e decentes; quando entrarem os bandeirões; quando desfilarem os bumbos e caixas, as canções de guerra, a pirraça, o livre pensar e xingar, sem racismo, claro, e sem saco de urina. Em outras palavras, o Maraca, como os carros zero de antigamente, precisa ser amaciado pelo jeitão da galera, pelo balanço dos corpos ao som da bateria³⁴⁹.

Ponderações semelhantes às de Bloch foram feitas por dois colunistas da Folha de São Paulo: Xico Sá e André Barcinski. Para o primeiro, que traz como título da sua coluna “Futebol como a nova exclusão social da hora”, o jogo de reabertura do Maracanã chamou atenção não pelo que acontecera dentro de campo, mas nos fenômenos que o circundam, recurso analítico inspirado no modo de ver o jogo de Nelson Rodrigues e que animam sua leitura de Brasil 2x2 Inglaterra. O autor começa com uma frase de efeito, nos moldes rodriguianos, para dar o tom da crítica de seu artigo a respeito do jogo e do público ali presente: “Não há um só desdentado, só gente com saúde dentária de artista de cinema”³⁵⁰. Xico Sá acredita que essa política da exclusão percebida nessa partida

não é um pecado exclusivo da praça esportiva carioca. É e será a lógica excludente não só do MaracanaX – o “x” fica por conta da administração do Eike Batista. É o esquema Fifa que vale para todas as novas arenas [...]. Do velho estádio Mário Filho, homenagem ao irmão e guru do supracitado e amado Nelson Rodrigues, o Maracanax não tem nada³⁵¹.

348 Ibidem.

349 Ibidem.

350 Folha de São Paulo, 03 jun. 2013.

351 Ibidem.

Xico Sá, que afirma sua inspiração em Nelson para proferir tais palavras, é crítico com a forma pela qual os novos estádios são imitações dos projetos de centros europeus, desconsiderando as singularidades do futebol e da cultura popular brasileiros. De acordo com seus apontamentos, permeados pela acidez e ironia, “o estádio, digo, a arena, é uma beleza, claro que uma beleza na nossa visão colonizada do que convencionamos a imitar os europeus em matéria de futebol e arquitetura etc. Coisa de primeiro mundo, como o Brasil aprendeu a dizer na Era Collor”³⁵². Sua conclusão é a de que os estádios, a partir dos padrões exigidos pela Fifa, se não expulsa totalmente, ao menos impõe uma forma de torcer descolada da realidade dos seus antigos frequentadores.

Na edição da Folha de São Paulo do dia seguinte, embora este não estivesse presente *in loco*. Como ponto inicial da coluna intitulada “Tchau, Maracanã, foi bom ter te conhecido...”, Barcinski analisa, assistindo pela TV, as questões comportamentais do torcedor, atestando que “vi uma torcida calada e comportadinha. Parecia que os torcedores estavam assistindo a um concerto no Municipal, todos constrangidos em falar alto ou parecer deselegantes”³⁵³. No cenário de arena, várias condutas que antes eram comuns estariam impedidas tanto pela nova estrutura física quanto organizacional do estádio. Para ele,

Podem me chamar de saudosista, de apologista da pobreza, não me importo. Mas eu realmente gostava da arquibancada de cimento, gostava de trocar de lado para ver meu time atacando no segundo tempo, gostava de andar pela arquibancada e encontrar os amigos, gostava de entrar naquele túnel estreito e ver, aos poucos, o verde do gramado aparecendo. Principalmente, gostava do eco da marquise do Maracanã. Será que o eco estaria no “padrão FIFA”?³⁵⁴

Quanto ao perfil social e racial, argumenta que “quando as câmeras mostravam o público, procurei um negro. Não achei. Também não vi sinal dos torcedores folclóricos que sempre habitaram o estádio”³⁵⁵. O colunista, a certa altura do seu artigo, afirma que não pretendia estar ali fazendo um elogio da pobreza e nem a defesa de estádios obsoletos, algo para ele o Maracanã não estava, devido às duas reformas anteriores, mas seus pontos

352 Ibidem.

353 Folha de São Paulo, 04 jun. 2013. Ilustrada.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/06/1289401-andre-barcinski-tchau-maracana-foi-bom-ter-te-conhecido.shtml> Acesso em 19 de agosto de 2018.

354 Ibidem.

355 Ibidem.

críticos serviam como um alerta para a possibilidade “conciliar conforto e segurança com um certo respeito às tradições, o que, infelizmente, não aconteceu com o Maracanã”³⁵⁶. Em resumo, ele entende que o estádio deixou de ser algo único para se tornar “uma ‘arena’ banal”, um elemento particular que responde a um processo social mais amplo daquilo que denomina como “‘vipização de nossas cidades’”, que no seu entender levou à extinção de outros espaços públicos como “cinemas de rua, transformou botequins em ‘espaços gourmet’ e embranqueceu os desfiles das escolas de samba. O passo lógico era acabar com o futebol também”³⁵⁷.

Sua percepção do esvaziamento da singularidade monumental do estádio, narrativa assídua ao longo das análises, encontra coro nas declarações do jornalista britânico Philip McNulty, da BBC Sports, sobre a semelhança do novo Maracanã com o estádio Olímpico de Kiev, na Ucrânia, palco da Eurocopa-2012. Nos dizeres do jornalista,

A primeira impressão que tive aqui dentro do Maracanã é que ele se parece muito com o estádio de Kiev, por causa das cores das cadeiras. A cobertura lembra um pouco também. A principal diferença é que lá são dois níveis de arquibancada, e aqui é apenas um. O estádio está muito bonito, mas é bem diferente daquele velho Maracanã que eu via pela televisão³⁵⁸

De modo semelhante a outras interpretações, o Maracanã, em seu testemunho, deixou de ser monumento inspirador e de características que o tornavam único para um espaço destituído de traços marcantes, aparentemente inspirado por outros e vinculado ao mercado do entretenimento cada vez mais presente no futebol enquanto espetáculo.

O campo de embates simbólicos entre o tradicional e moderno não se esgotaria com a inauguração do estádio. Assim como a última partida oficial do velho estádio, em 06 de setembro de 2010, envolveu um clube local, nosso procedimento de análise encerra-se na reabertura do novo Maracanã aos clubes locais, por um acaso num clássico entre Vasco e Fluminense, em 21 de julho de 2013, que não deixou de ser marcada por tensionamentos entre as diretorias das duas instituições que resumem os ruídos das transformações radicais entre o antigo e o novo.

356 Ibidem.

357 Ibidem.

358 ESPN, 02 jun. 2013. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/333676_semelhante-ao-estadio-de-kiev-estilo-do-maracana-chamaatencao-de-midia-inglesa Acesso em 20 de agosto de 2018.

Na ocasião, a torcida do Fluminense ocupou o lado direito da arquibancada do novo estádio, cumprindo uma cláusula do contrato estabelecido pelo clube mandante e o consórcio que passava a administrar o estádio. Por outro lado, baseado num argumento da tradição, a diretoria do Vasco acreditava exercer a preferência de ocupar o lado direito da arquibancada do Maracanã, uma vez que o clube conquistou o direito de escolher o lado direito após ter se sagrado o primeiro campeão do Maracanã, em 1950. Antes do jogo, do lado de fora do estádio, dezenas de participantes da Frente Nacional dos Torcedores realizaram um protesto contra a privatização do novo estádio. De acordo com o Globo, “vestidos de preto, eles deram uma volta completa no entorno do estádio, simbolizando um enterro. No caminho, a maioria dos torcedores apoiou o movimento, enquanto a minoria era contra e argumentava que devolver o espaço à SUDERJ seria um retrocesso”³⁵⁹.



Figura 9: Devolvam meu Maraca. Panfleto distribuído pela Frente Nacional dos Torcedores no dia da partida entre Vasco e Fluminense. Fonte: Site UOL.

Outro caso empírico do choque de tensão entre tradição e modernidade na batalha pelas representações do Maracanã ocorreu na alteração empreendida na canção “Domingo”, de Neguinho da Beija-Flor, e muito popular entre os torcedores do Maracanã há décadas. N’o Globo de 21 de julho de 2013, dia do clássico, a matéria de Pedro Motta

359 O Globo, 22. jul. 2013. Esportes, p. 4.

Gueiros destaca que a letra do cântico, diante das exigências do padrão Fifa para os estádios contemporâneos, também sofreu transformações no final da Copa das Confederações, passando a chamar-se “Sorrindo”.

Versão modificada:	Versão original:
<p>Sorrindo Vou na paz, sem confusão Torcer pro time do meu coração Vou levar minha família inteira Não vai ser de brincadeira Ele vai ser campeão Eu vou de cadeira numerada Que fica na arquibancada Pra sentir mais emoção Porque meu time Bota pra ferver E o nome dele são vocês que vão dizer Ô, ô, ô, ô, ô...</p>	<p>Domingo Eu vou ao Maracanã Vou torcer pro time que sou fã Vou levar foguetes e bandeiras Não vai ser de brincadeira Ele vai ser campeão Não quero cadeira numerada Vou sentar na arquibancada Pra sentir mais emoção Porque meu time Bota pra ferver E o nome dele são vocês que vão dizer Ô, ô, ô, ô, ô...</p>

As mudanças são visíveis e expressam os contextos diferentes só velho e novo Maracanã. A diferença fundamental encontra na retirada do trecho “vou levar foguetes e bandeiras”, elementos que valorizavam a festa das torcidas numa explosão de cores, fogos e fumaça, para entrar o conteúdo familiar, ressaltando uma percepção que chamou atenção de muitos ao longo das obras: a intenção dos gestores do estádio em aproximá-lo de espaços mais íntimos, privados, com códigos que lembram o teatro, cinema. Ou seja, a busca pela “paz” deve extirpar, acima de tudo, os signos que faziam do estádio um ambiente menos familiar e sereno. Durante a reportagem, Neguinho entende que a mudança do estádio responde a uma “evolução”, mas não deixa de revelar seu estranhamento com as alterações no perfil do torcedor: “o Maracanã está se transformando num espetáculo para quem tem boa situação. Não vi ninguém com aparência de pobre. Geraldino: Adeus, viola”. No fim da matéria, problematizando a naturalização da ideia de “evolução” como algo sempre se aprimorando, o jornalista atesta que

a evolução não significa necessariamente que o melhor estar por vir. Assim como as “Touradas de Madri”, muitos domingos de caos e êxtase ficaram pra trás. Movido pelas mudanças e contradições da sociedade, o Maracanã se transforma sem sair do lugar das grandes manifestações

[...]. Entre o entusiasmo e a nostalgia, restou uma lacuna a ser preenchida pelas massas. Se o melhor é o original ou a versão, “o nome dele são vocês que vão dizer...”³⁶⁰.

A mudança feita na canção coaduna-se com as propostas feitas à época pelo presidente do Consórcio Maracanã S.A., João Borba, que pretendia fazer do novo Maracanã um centro esportivo e cultural em que vigorasse uma nova maneira de torcer, sem mastros de bandeiras, com lugares reservados e sem destruir o estádio, quebrando cadeiras por exemplo, até porque todo o complexo é monitorado por câmeras, desde as entradas até todo e qualquer assento. De acordo com Borba “a ideia é instalar , já no Brasileiro, grades com cerca de 1,70 m de altura, nos “cantos” do estádio, atrás de cada gol, para separar as torcidas e isolar torcedores baderneiros”³⁶¹.

Os diagnósticos feitos por boa parte dos que escreveram sobre a reforma do estádio têm como denominador comum de que o estádio, apesar de bonito, preocupa em suas consequências sociais e raciais, haja vista que seus altos valores e estratégias de controle alteram o perfil do torcedor e do torcer. De alguma forma, é preciso reconhecer que suas considerações, a despeito das armadilhas das essencializações de um passado idílico, encontram correspondência quando alguém tão influente na gestão do novo estádio afirma que

Temos de trabalhar com os clubes nesta mudança de hábitos. Bandeirões gigantes, mastros de bambu, torcedores, sem camisa, não assistir aos jogos em pé...[...]. Fui no último fim de semana às finais do tênis em Wimbledon, e no convite, estava escrito que não é recomendável ir com uma determinada roupa... Quando um inglês lê “não recomendável”, entende que não deve usar aquele tipo de roupa³⁶².

Com tudo isso, Borba ressaltava o desejo de entregar à sociedade um novo Complexo Maracanã, acompanhado de novos códigos sociais do torcedor. Nesse sentido, o responsável pelas obras, Ícaro Moreno, presidente da EMPO (Empresa de Obras Públicas do Rio de Janeiro), manifestava, ao fim da empreitada, que “é um estádio de muita história,

360 O Globo, 21 jul. 2013. Esportes, p.1.

361 O Globo, 11 jul. 2013. Esportes. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/ambiente-exige-respeito-no-novo-maracana-9000186> Acesso em 21 de agosto de 2018.

362 Ibidem.

agora moderno. Com o tempo, os saudosistas perceberão isso. Ele indo ao estádio vai ver que está bem mais próximo do time e do ídolo. Certamente, a emoção é maior³⁶³.

Em sua observação, estava colocada uma postura de positividade com a radicalidade do novo em detrimento daquilo que estaria degradado e, portanto, inapto a continuar existindo na sua forma original. Ao comparar o novo momento do Maracanã com o torneio de tênis em Wimbledon, o administrador deixa entrever que uma das premissas de acesso ao novo espaço topográfico é o de fazer o torcedor internalizar um modo de comportamento docilizado, ofuscando os traços de subjetividade nas práticas torcedoras, e ao mesmo tempo demarcar uma ideia polarizada entre o que se pretende “civilizado” como antítese às atitudes de “barbárie”, aquelas associadas às tradicionais formas de torcer. Esse argumento fundamenta-se no discurso da higienização e assepsia social nos espaços públicos da cidade, tão em voga no Rio de Janeiro desde pelo menos as intervenções de Pereira Passos.

No entanto, a toda narrativa e ação de imposição encontra como resposta o florescimento de contranarrativas e contrapoderes que em certa medida reinventam novas formas de sociabilidades e modos de fazer (e torcer) que criam outras experiências históricas, preservando, ainda que em termos fractais, os laços com o passado. Resistência das práticas que insistem na particularidade sensível da experiência no presente e de conflito ante as estratégias de atrofiamento das sensibilidades e subjetividades torcedoras nos cenários espetacularizados dos estádios contemporâneos.

3.2.4. Um futuro incerto

Fundado em 1950 para estabelecer uma aliança entre, nação, massa e equipamento cultural, o Maracanã foi por décadas um espaço de expressão de identidades individuais e coletivas capaz de mobilizar grandes contingentes e vocalizar narrativas nacionais. Parte indissociável do cotidiano da cidade e utilizado pelos clubes locais recorrentemente desde sua inauguração, o estádio consolidou-se como um território da memória, atuando no sentido de promover experiências e sensações. Desse modo, o Maracanã é um objeto portador de afeição, no sentido de mobilizar coletividades, estreitar laços de sociabilidade e

363 O Globo, 20 ago. 2013. **Responsável pela obra do Maracanã desabafa: “Chorei muitas vezes”**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2013/08/> Acesso em 21 de agosto de 2018.

produzir intensos significados para indivíduos e grupos. Contudo, no momento em que as obras de remodelação do estádio são colocadas em ato, alterando radicalmente sua materialidade e, como consequência, as formas de contemplação e participação nos eventos do estádio, saltam nos materiais jornalísticos narrativas que colocam em xeque as características históricas que construíram a imagem mítica do estádio.

Nas maneiras de relatar esse acontecimento nos jornais, conforme aqui analisado, percebe-se uma tendência a apontar que o novo Maracanã, transformado radicalmente em sua arquitetura, assumiria uma condição distante dos propósitos de expressão de uma coletividade no espaço público, seguindo uma lógica mercadológica de uma sociedade de serviços e consumo de produtos e estabelecendo uma forma de contemplação mais individualizante. Com isso, o novo estádio seria uma quebra no tempo sagrado do futebol brasileiro, cujo epicentro dos grandes acontecimentos se desenrolavam no Maracanã.

Descaracterizado, sobretudo após a destruição das marquises, o Maracanã perderia suas particularidades essenciais e distintivas e ingressaria na era de sua homogeneidade arquitetônica e comportamental: seu modelo de uso e sua pedagogia do torcer tornam-se uma ideologia ampla e indiscriminadamente difusa por vários recantos do planeta, sem levar em consideração o relevo histórico e social de cada localidade. Alguns que se debruçaram sobre as metamorfoses do Maracanã entenderam que sua reformulação física pressupõe que o mesmo deixa de ser um espaço do templo pleno, espaço de culto e magia partilhado coletivamente de um tempo histórico vinculado aos tempos dourados do futebol.

Agora considerado mais um elemento do mercado cultural e de serviços entre tantos outros, com sua fisionomia espacial tão semelhante com a de outros estádios, o Maracanã destitui-se, em muitas interpretações, de suas particularidades, há uma perda de seus traços fundamentais. É o fim da tradição, aos olhos daqueles que possuíam uma relação de afeto com o estádio.

Desse modo, as transformações que aconteceram no Maracanã, resultante dos processos de globalização no futebol, alteram a maneira de se relacionar com o espaço. Nesse sentido, os relatos acerca das alterações assistidas no Maracanã, em muitos casos, correspondem à dicotomia expressa por Marc Augé (2005) entre os “lugares antropológicos” e “não-lugares”, isto é, como se o antigo Maracanã refletisse o primeiro conceito, o de um espaço identitário, relacional e histórico, representativo de uma tradição

do passado e vinculado à “sociedade de produtores”, e o novo Maracanã fosse o seu oposto, direcionado para um futuro incerto de uma “sociedade de consumidores”³⁶⁴.

Ao ser comparado a construções como aeroportos e shopping centers, destacando sua arquitetura padronizada e semelhante à de outros estádios pelo mundo, a percepção é a de que o novo equipamento expressaria uma mudança na organização social, econômica, simbólica na vida dos grupos que frequentavam o antigo estádio. Nesse sentido, as tentativas de mudar os códigos do torcer no estádio indicavam que a alteração do espaço material implicaria, no entendimento de boa parte daqueles que abordaram o assunto nos jornais, também uma alteração numa nova linguagem e hábitos dos torcedores.

Ademais, na cidade contemporânea os espaços de convivência privilegiam o consumo cultural, tornando as fronteiras entre lazer e consumo cada vez mais tênues. Desse modo, os espaços públicos, como equipamentos esportivos e outros locais das cidades, estão cada vez mais privatizados ou segmentados socialmente, prevalecendo o “individualismo”. Nessa perspectiva, as narrativas que descreveram e analisaram a mudança do Maracanã indicam um receio pela perda do caráter coletivo, de formas associativas e do destino da sociedade carioca. O Maracanã, um dos mais populares monumentos do Brasil, não poderia contar uma história de exclusão.

É como se as projeções e percepções do novo Maracanã, enquanto “não-lugares”, indicassem que sua reformulação resultaria num espaço artificial do qual ninguém de fato parece pertencer, cuja relação se dá por intermédio de produções imagéticas que formam um espetáculo meramente estético, plástico, mas sem “alma”, palavra frequentemente acionada para descrever o velho Maracanã. Em suma, a sociedade contemporânea seria regida pelo signo da comodificação, processo pelo qual as instituições sociais passam a ser definidas e organizadas, apesar de não produzir mercadorias no sentido estrito, em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias. O efeito adjacente seria o esvaziamento da experiência, definida como uma forma de o sujeito experimentar algo em sua intensidade limite. O velho Maracanã enquanto espaço de experiência, para muitos, era algo que transformava aquele que o adentrava. Mais precisamente, a experiência do antigo Maracanã era uma metamorfose na relação com os objetos, com os outros, consigo mesmo, com a própria existência.

364 Essa passagem da “sociedade de produtores” para a “sociedade de consumidores” foi explorada por Zygmunt Bauman em diversos estudos, com ênfase para seu livro “Vida para consumo” (2008).

Por tudo isso, ao contrário do que ocorrera nos relatos de Wembley, um aspecto a ser evidenciado é a da ênfase numa “retórica da perda”, na expressão de Gonçalves (2002), modalidade a qual procura valorizar o passado, em níveis diversos de idealismo, em detrimento das possibilidades e incertezas do futuro. Para Gonçalves, há uma histórica invenção discursiva do Brasil, tomando como referência o patrimônio cultural, que associa as representações da identidade nacional a partir de monumentos significativos. As práticas de preservação histórica nas modernas sociedades nacionais estão associadas a narrativas que se configuram como respostas a uma situação social e histórica na qual valores culturais são apresentados sob um risco iminente de desaparecimento.

Pensando a representação do Maracanã e suas transformações mais recentes, realizando uma leitura dos jornais, chama atenção o tensionamento entre os atores sociais sobre o que não é mais (perda da tradição e da monumentalidade) e o que não é ainda (busca da civilização), colocando em xeque o papel do monumento enquanto um signo nacional. De acordo com Gonçalves,

a perda não é algo exterior, mas parte das próprias estratégias discursivas de apropriação de uma cultura nacional. É tão somente na medida em que existe um patrimônio cultural objetificado e apropriado em nome da nação, ou de qualquer outra categoria sociopolítica que se pode experimentar o medo de que ele possa ser perdido para sempre. A apropriação de uma cultura traz, assim, como consequência, ao mesmo tempo que pressupõe, a possibilidade mesma de sua perda³⁶⁵.

O modo de percepção sobre as obras do novo Maracanã, a despeito das críticas construtivas, revelam igualmente um profundo mal-estar com o presenteísmo dos acontecimentos, fazendo valorizar um imaginário de autenticidade do passado. Enquanto objetos que manifestam boas recordações do passado, é como se a perda dos traços e vestígios do antigo estádio soassem como a perda de si próprio, de uma fatia representativa de sua formação identitária.

Com isso, o ar de lamentação que ocupou os debates e considerações na imprensa dá primazia para a outrora vocação popular do estádio, expressando a preocupação com as dimensões imateriais resultantes da reformulação física. Os discursos modernizantes, que englobavam uma preocupação com a segurança, conforto e o serviço aos torcedores, soavam como uma recusa à integração popular e uma ameaça à democracia social. Com

365 GONÇALVES, 2002: 88.

efeito, os torcedores das camadas mais baixas estariam fora dos eventos, mais ajustados para consumidores aptos a pagar pelas ofertas promovidas pelo novo espaço. Por outro, de modo mais moderado, havia aqueles que acreditavam que, apesar das mudanças, o estádio continuaria a ser dos torcedores, sem distinção social.

É preciso destacar que o novo equipamento, algo manifestado mesmo por aqueles reticentes com a reforma, impressionou pela sua beleza, o seu conforto e o seu padrão tecnológico. Contudo, havia de modo mais evidente uma arena de batalhas narrativas. De um lado, os representantes do estado e os técnicos envolvidos com a obra acreditavam que o estádio fora transformado em algo moderno, sem que perdesse as características que o fizeram um dos principais ícones do esporte mundial. Para justificar as alterações no estádio, muitos dos agentes sociais e políticos envolvidos lançaram mão do discurso da modernidade. Nesse sentido, argumentam os partícipes desse grupo, a resistência com o novo por parte de pessoas seria uma ingênua nostalgia de uma condição precária, de um tempo onde os mais pobres, na geral, quase não conseguiam assistir ao espetáculo e não havia conforto algum para o torcedor, com banheiros fétidos, do sistema de som inaudível, da falta de segurança. Os partidários do novo estádio defendiam que sua existência tornava finalmente possível a acessibilidade a toda as famílias, onde as torcidas poderiam fazer a sua festa com segurança e conforto. A postura pejorativa em relação ao sentimento nostálgico dos torcedores mais céticos é um recurso discursivo comum entre os adeptos da ideia do progresso e seu uso sistemático busca corromper a imagem daquilo que está associado ao antigo, tornando mais nítida sua positividade das benesses da modernidade. Pode-se definir esta atitude estratégica como a construção de uma memória negativa do passado.

Por outro lado, estão aqueles que percebem nessas alterações o esvaziamento do seu significado social e da experiência histórica. Com efeito, em pouco menos de 15 anos, a imagem arquitetônica do Maracanã transformou-se radicalmente, deixando de ser um estádio portador de uma monumentalidade capaz de abrigar vários estratos sociais num único espaço, para resultar num produto semelhante a tantos outros cuja finalidade passa a ser a uma espécie de circuito da contemplação passiva e do consumo, tal qual um teatro, um shopping center, isto é, algum novo equipamento do mercado cultural, tornando mais visível as múltiplas dimensões de um modelo excludente que permeia o histórico de alianças entre a elite política e o capital financeiro, desta vez atuando na intervenção física

de um espaço que outrora, embora reprodutor em sua arquitetura da hierarquia social, fora reconhecidamente mais democrático e polissêmico. Apesar de reproduzir em sua arquitetura as distinções de classe (partindo da base, com a geral, até o topo, onde estão as tribunas e camarotes), o Maracanã, nas visões partilhadas pelos que comentaram as transformações no estádio, era um local de acolhimento de todas as camadas sociais.

Portanto, a transformação do futebol numa questão empresarial, numa arena de negócios, confirma sua dissociação com instâncias totalizantes que haviam sido construídas ao longo das décadas. A reestruturação do Maracanã, no bojo desse processo da expansão do entretenimento e do consumo, seria o produto mais bem acabado da dissolução da era de ouro do futebol brasileiro, uma etapa irreversível que assiste ao triunfo do mercado sobre os elementos identitários fundadores da particularidade daquilo que se convencionou chamar de “futebol-arte”, um dos pilares que autorizaram a construção do futebol enquanto signo da identidade nacional. No entanto, para outros agentes, aqueles que se envolvem com a parte mais técnica na sua relação com o Maracanã, acreditam que é exatamente esse caminho da arenização dos grandes estádios que pode fazer ressurgir o futebol enquanto esporte nacional admirado pelas massas.

No caso do Maracanã, fica mais evidente o modo como a emoção desempenha papel central nas análises das transformações desse aparelho cultural, valorizado em sua existência histórica por se apresentar como territórios investido de memórias, atuando como promotor de experiências e sensações. Essa expressão da emoção colabora na construção de memórias coletivas, o que pode ser abordado em reflexões sobre processos identitários depositados em objetos portadores de afeição, aqueles que permitem experiências de mobilizações coletivas. Por tudo isso, entende-se a predominância de uma crítica aguda ao modo pelo qual este signo icônico da cidade carioca fora afetado, nas análises expostas, pela superficialidade consumista e pela serialidade arquitetônica, fazendo o estádio perder sua especificidade monumental e experiência histórica.

Outrora considerado templo do futebol brasileiro, palco de incontáveis jogos dos clubes locais, o novo Maracanã tornou-se um espaço pouco utilizado. Se historicamente, como fora mostrado, era o local preferido dos times grandes do Rio de Janeiro, agora a arena, sob a gestão do Consórcio Maracanã, se limita a receber confrontos esporádicos, devido aos altos valores do aluguel e de manutenção do estádio.

Apresentando prejuízos milionários para operar o estádio desde 2013, quando foi reaberto oficialmente, o Consórcio Maracanã alega problemas para lucrar com o estádio e tenta devolver sua concessão ao Estado do Rio de Janeiro, antigo gestor, que por seu lado se recusa a recebê-lo de volta. Flamengo e Fluminense já demonstraram interesse em gerir o novo Maracanã, rompendo uma tradição histórica do estádio de servir a todos os clubes, mas as despesas operacionais do novo equipamento também são problemáticas, trazendo sucessivos prejuízos aos jogos dos clubes. A situação incerta faz o estádio distanciar-se do público carioca. O ar de lamentação encontra sua justificativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço deste trabalho foi tentar demonstrar, comparativamente, como as representações do passado e do futuro participaram ativamente nos relatos encontrados nos jornais e mídias acerca das transformações dos estádios de Wembley e Maracanã, equipamentos paradigmáticos que expressam significados sociais para além do universo esportivo, atravessando boa parte do século XX e os primeiros anos do século XXI.

Nesse sentido, discutiu-se o modo pelo qual a cultura material tornou-se um elemento essencial para a compreensão das sociedades, na medida em que faculta a indagação sobre as formas de organização material da sociedade, sobre o processo de apropriação do universo material pelos grupos, sobre as relações sociais colocadas em prática pela interação entre homem e os objetos físicos, ou ainda sobre as representações coletivas que acompanham as práticas materiais.

As metamorfoses de Wembley e Maracanã, com efeito, não encontraram seu destino numa decorrência de leis naturais. É um fato sociológico que não apresenta um fim dado e que posiciona num campo de conflitos discursivos aqueles que defendem a tradição, com mais ou menos ortodoxia, e aqueles que desejam reescrever as regras do jogo, em muitos casos desprezando seus impactos sociais. Os locais aqui tratados e suas transformações atestam projetos que coadunam-se a um cenário de economia pós-industrial de cultura, no qual os elementos do entretenimento e do serviço inserem-se no universo do esporte e seus estádios. O cultural e o econômico, no capitalismo contemporâneo, combinam-se, promovendo as remodelações dos espaços sociais sob a justificativa da promoção da intensidade da experiência.

A memória, nesse tocante, desempenha papel crucial na reconstrução do passado e projeção do futuro, uma vez que movida pelas emoções e vivências, trazendo assim elasticidade nas negociações diante das necessidades do presente. Indivíduos e grupos interagiram (e continuam a interagir) com esses monumentos, criando significados e representações para si e veiculando-os para os outros, numa disputa de imagens que pendularam, de acordo com interesses e experiências, entre valorização e condenação do passado e do futuro. Há, nesse sentido, uma disputa pela hegemonia discursiva (visões de mundo) e das ações transformadoras ou conservadoras sobre o mundo em determinados contextos. Assim sendo, reverberam-se aspirações individuais e institucionais que passam

por estratégias discursivas em um espaço estruturado por diferentes agentes que ocupam, de maneira assimétrica, posições diversas³⁶⁶. Por isso, estes estádios constituem-se relevantes documentos a serem mobilizados no estudo e ensino dos fenômenos sociais.

Outrossim, o sentido da emoção associada à lembrança é uma manifestação comum detectada nos relatos dos jornais e das mídias: a designação dos antigos estádios com os elementos associados ao universo do sagrado, aspecto que, enquanto manifestação cultural, irrompe em determinados lugares onde o domínio da emoção e o sentimento de pertencimento interferem na vida pessoal e coletiva, fazendo destes lugares uma construção social que se distingue de outros por seus atributos qualitativos, na medida em que é vivenciado e percebido de um modo diferente por aqueles se filiam a ele³⁶⁷. Esta característica encontra-se marcadamente nos relatos acerca dos antigos Wembley e Maracanã, considerados “igreja”, “templo” do futebol, por exemplo. Por outro lado, suas versões remoladas, com conotações diversas, são associados a outros equipamentos, ligados ao mundo profano, como “aeroporto”, “teatro”, “shopping center”.

Estabelecidas algumas considerações em comum, destacam-se agora pontos dissonantes em relação às formas de lidar com as transformações dos estádios.

Em Wembley, o recurso ao passado aparece mais como um adorno descritivo de um tempo que já se sabia superado, na medida que os principais estádios do país já haviam se submetido às novas regras de segurança e conforto exigidas pela liga de futebol do país. Portanto, para dar prosseguimento à visibilidade ao campeonato organizado no país, não deveria haver lamentações de um passado imutável. Por outro lado, o que se percebera com o Maracanã, na maioria dos casos, é que suas narrativas estavam permeadas por memórias sensoriais, de afeto, sensibilidades, estabelecendo uma arena de debates e argumentos com os defensores da alteração arquitetônica do estádio. Para muitos atores sociais desse embate, ao expressar o ocaso de monumentalidade do futebol brasileiro, em muitos casos criou-se uma representação nostálgica conservadora, de pouco flexibilidade com a realidade concreta que se impunha.

Nas narrativas da reformulação do Maracanã, é comum a utilização da imagem da perda como estratégia discursiva por meio da qual a cultura nacional e seus valores associados ao futebol brasileiro são representados como um processo em desaparecimento.

366 Cf. Pierre Bourdieu, op. cit.

367 C.f. Zeny Rosendahl, O sagrado e sua dimensão espacial, In: *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*, Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

Nesse sentido, ao contrário da retórica sobre Wembley, em que a intervenção material não fora percebida como um golpe nos valores, experiências e tradições do futebol e da sociedade inglesa, os discursos que formulados sobre a intervenção do Maracanã pressupunham uma destruição das memórias e experiências, uma mudança irreversível em termos valorativos que alteram sua essência. No caso do Maracanã, estava claro, mudar significava rebaixar-se, significava perder sua aura monumental, uma força capaz de representar a comunidade nacional encontrava-se em declínio.

Enquanto as narrativas hegemônicas que se referem a Wembley descartam o papel da materialidade na formulação de experiências, isto é, seja no antigo ou novo formato as sociabilidades e sensibilidades permaneceriam a partir das práticas sociais, no Maracanã assiste-se ao oposto: a transformação do antigo estádio é percebido como um duro golpe nos laços sociais, na experiência do torcer, nas vivências coletivas, ou seja, sua nova configuração correlaciona-se com uma ideia de perda da época de ouro do estádio e do futebol brasileiro. Nas representações elaboradas acerca do que seria o novo, destaca-se a ideia de uma nova dinâmica de torcer e um novo perfil de torcedor, superando a função popular do projeto original.

Diante disso, algumas considerações devem ser tecidas.

1) Em posição central no contexto do desenvolvimento contemporâneo, Londres é uma capital que se desenvolve de acordo com as funções complexas da cidade como centro do poder político e dos negócios. Com isso, a capital precisa ser constantemente adaptada, considerando a internacionalização de sua economia e o papel do Estado britânico no mundo. Em relação ao futebol, sobretudo a partir dos anos 1990, o campeonato inglês passa a atrair grandes investimentos, alavancando sua posição de um dos mais assistidos do mundo. Os estádios do país, diante dessas mudanças, passariam a preocupar-se com o binômio “segurança e conforto” para os abastados torcedores, nacionais e estrangeiros, dispostos a adquirir carnês anuais e/ou ingressos com valores elevados. O milionário futebol inglês conforma-se como um produto atraente no competitivo mercado de consumo global. Wembley, sendo o grande símbolo material do futebol inglês, deveria ter sua total remodelação encarada como um natural acompanhamento do sucesso da liga de futebol do país, atraindo os melhores jogadores do mundo para clubes que mais se parecem a organizações empresariais voltadas para o mercado interno e externo. Daí as constantes

comparações, durante a construção do novo Wembley, com outros estádios que àquela altura eram considerados referências globais, como o Stade de France, em Paris.

Em contrapartida, o Rio de Janeiro é uma cidade que desempenha participação coadjuvante no capitalismo contemporâneo, a despeito de sua “capitalidade” em termos nacionais. Desempenhando papel de caixa de ressonância da nação brasileira, atributo que independe do fato de ser ou não capital política do país, não se apresenta como uma das grandes referências globais em termos de desenvolvimento econômico e político, mais atento em cumprir as regras do jogo e colher recursos residuais de investimentos. Sendo assim, um dos componentes de maior visibilidade internacional para a cidade (e o país) é o futebol praticado pela seleção nacional, maior vencedora de Copas do Mundo e admirada por onde pass. O idealizado “futebol-arte”, uma construção social e cultural cujo ápice foi o período entre as décadas de 1960-1970, encontrou seu aspecto tangível em sua vinculação à monumentalidade do Maracanã, palco dos grandes eventos, jogadores e clubes, tornando-se um dos pontos mais conhecidos e visitados do país.

Contudo, em processo inverso àquele percebido em Londres, o futebol brasileiro (e o carioca, como consequência) sofreu, a partir dos anos 1990, um esvaziamento técnico de seus clubes, à medida que os principais jogadores brasileiros, com a ampliação da permissão de estrangeiros no futebol europeu, transferiam-se para os centros mais ricos – que tradicionalmente se revezam entre Inglaterra, Alemanha, Itália e Espanha, presenciando contemporaneamente o surgimento de polos como a China, EUA e alguns países do Oriente Médio. Nesse sentido, as transformações do Maracanã não se seguiram à ascensão do futebol do país e seu reconhecimento internacional; pelo contrário, as mudanças no estádio, com sua redução quantitativa (capacidade de público) e qualitativa (perda de sua característica de monumentalidade) ao longo dos anos, sintetizariam as transformações na sociedade nacional e global, com o futebol brasileiro sendo impactado e vivenciando sua crise mais geral e a perda simbólica da credibilidade da seleção, isto é, a passagem do antigo para o novo Maracanã corresponderia, em parcela majoritária dos relatos analisados, ao desbotamento das ideias até então consolidadas de que aqui ainda seria a “pátria de chuteiras” onde praticar-se-ia o “futebol-arte”³⁶⁸.

2) A cidade de Londres se configura como um mosaico de territorialidades cujos clubes e seus estádios historicamente espalham-se por diversos quadrantes de seus espaços

368 C.f. Ronaldo Helal, “As Novas Fronteiras do País do Futebol”, In: *Pesquisa Rio/Faperj*, volume. 1, 2010.

geográficos, estruturando assim um ordenamento sociocultural que revela a proeminência do localismo enquanto ponto de referência identitária dos indivíduos e grupos. Por esta idiosincrasia cartográfica, consolidou-se uma relação de rivalidades cuja dinâmica dos confrontos entre os clubes *mandantes* e *visitantes* possui fortes significados sociais e culturais num território fragmentado em termos esportivos. Nesse cenário, Wembley tem sua trajetória marcada por uma utilização direcionada, no universo do futebol, para eventos de maior prestígio nacional e internacional, como as finais das copas inglesas e dos jogos da seleção local. Sendo assim, seu uso é pontual.

Por outro lado, desde seu surgimento, o Maracanã passou a ser utilizado rotineiramente para os jogos dos principais clubes da cidade, tanto para os confrontos entre si, como contra clubes de fora da cidade. À exceção do Vasco, que permaneceu jogando em São Januário (mas sem deixar de usar o Maracanã para as partidas de maior demanda), os principais clubes do Rio de Janeiro fizeram do Maracanã seu principal campo de jogo, reescrevendo suas histórias em novo território a partir da segunda metade do século XX. Com isso, pelo uso contínuo do estádio, os vínculos de pertença dos torcedores cariocas convergiram para um único ponto, o gigante de concreto capaz de acolher uma nação. Desse modo, as mudanças que atingiram este equipamento desde a virada do século foram sentidas pelos torcedores como um golpe nas formas de vivenciar o futebol na cidade e nos laços de sociabilidade construídos e reafirmados no velho Maracanã. A cada obra que o estádio sofria, o torcedor lamentava como se fosse um pedaço de sua história desaparecendo, pois fora naquele estádio que passara os momentos mais marcantes no futebol.

3) Como último fator, cabe ressaltar a tutela jurídico-administrativa dos equipamentos. Wembley, embora tenha sido forjado como um símbolo icônico da nacionalidade inglesa, pertenceu sempre à esfera privada. Sua reconstrução foi financiada sobretudo pela Federação Inglesa de Futebol, recebendo menos aporte de investimentos públicos (como o incentivo dado pela loteria nacional). Foi uma obra de elevados custos, pela adição do arco e os sucessivos atrasos para o início e a finalização do empreendimento, mas também porque os responsáveis tiveram de comprar o estádio antigo, demolir o velho Wembley e deixar limpo o terreno – que não pertencia nem a

federação e nem ao poder público – para a nova construção. E os terrenos na cidade têm preços elevados, muitas vezes sofrendo com a especulação imobiliária³⁶⁹.

O caso do Maracanã está na contramão de Wembley, na medida em que foi tutelado pelas esferas públicas (primeiro municipal e depois estadual), com terreno e equipamento pertencendo ao estado. Isto posto, tradicionalmente o estádio possui uma razão pública que o faz ser percebido como uma instituição acessível à população, desvinculado de interesses privados e mercadológicos. Assim, se os custos da obra de Wembley foram em sua maior parte financiadas pela iniciativa privada, visando retorno financeiro para se sustentar, uma característica que acompanha sua história, no Maracanã estes custos ficaram a cargo dos investimentos públicos, mesmo que depois de pronto passasse a ser gerido por consórcio privado, algo inédito em sua trajetória, o que não deixou de provocar estranhamentos e controvérsias nas narrativas analisadas.

Em suma, se por um lado deslinda-se um otimismo exacerbado com o novo, sob o rótulo do moderno e funcional, por outro há um sentimento de nostalgia com um passado que não deveria sofrer um corte radical. A imagem da “perda”, no caso particular do Maracanã, expressaria o esmaecimento de uma experiência histórica de um passado e uma cultural popular autênticos, algo somente possível no antigo estádio. Nesse sentido, o desaparecimento da materialidade do velho Maracanã, de acordo com as análises realizadas e a interpretação aqui empreendida, tem como efeito o esvaziamento da autenticidade. Descortina-se então um dilema: é difícil resistir aos desígnios do “progresso”, mas não é possível entregar-se a ele sem qualquer tipo de postura crítica. Por sua vez, esta postura não deve levar a uma nostalgia imobilizante, sem qualquer negociação com a realidade social que se apresenta.

Cada presente, com seus contextos, estabelece uma relação particular entre passado (representação retrospectiva) e futuro (representação prospectiva), isto é, atribui um sentido ao desdobramento dos fatos e faz uma representação de si em relação às suas alteridades. Cada representação presente, portanto, é ao mesmo tempo original e inclui como interlocutoras as representações do passado e as projeções do futuro, criando uma verdade multifacetada.

369 C.f. Peter Hall, op. cit.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AGAMBEN, Giorgio. *Che cos'è um dispositivo?* Roma: Nottetempo, 2006.
- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2014.
- ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, 2002.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Perry. “Balanço do neoliberalismo”. In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en La Argentina*. Buenos Aires: Antropogafía, 2003.
- ARENDT, Hannah. *As Origens do Totalitarismo: imperialismo, a expansão do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.
- BALE, John. “The changing face of football: stadiums and communities”, in: *Soccer & Society*, v.1, 1, p.91-101.
- BALE, John. *Sports geography*. London: Routledge, 2003.
- BARBUY, Heloisa. *O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.4 p.211-61 jan./dez.1996
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

BARROS, José D'Assunção. História comparada: um novo modo de ver e fazer a História. História comparada: olhares plurais. In. *Revista de História Comparada*, 1 (1), p.1-30, 2007.

BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. 6a ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERGSON, HENRI. Cartas, conferências e outros escritos. Trad. Franklin Leopoldo e Silva, Nathanael Caxeiro. 2ª. ed. São Paulo: Abril, 1984. (Coleção Os Pensadores).

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo”: In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p 136-153.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOYM, Svetlana. *The Future of Nostalgia*. Basic Books, New York, 2001.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 23, abr. 2017. p. 153-165.

BRUIT, Hector. *Imperialismo*. São Paulo: Atual, 1986.

CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2013.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, Ruy. *O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: BERTRAND, 1990.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora da Unesp: Estação Liberdade, 2010.

CLENDINNING, Anne. “On The British Empire Exhibition, 1924-25.” *BRANCH: Britain, Representation and Nineteenth-Century History*. Ed. Dino Franco Felluga. Extension of Romanticism and Victorianism on the Net, aug. 2012.

COUTINHO, Renato. Aos esportes do Brasil, o colosso da cidade: no maior estádio do mundo cabe uma Nação. In: O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1946-1964)/Jorge Ferreira (org). Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 55-67.

CRITCHER, Charles. Football Since The War. In: CLARKE, J.; CRITCHER, C.; JOHNSON, R. (orgs). *Working Class Culture: Studies in history and theory*. Londres: Hutchinson, 1979, p.161-184.

DAMATTA, Roberto et alii. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DE JEAN, Joan. Antigos contra Modernos. As Guerras Culturais e a construção de fin de siècle. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”. *Conversações 1972-1990*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010, p. 223-230.

DETIENNE, Marcel. Comparar o Incomparável. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DIJK, Teun A. van. Discurso e Contexto: Uma abordagem sociocognitiva. SP: Editora Contexto, 2012.

DRUMMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Sport: História. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008

DUMAZIDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DUNNIG, Eric; ELIAS, Norbert. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992.

DUNNING, Eric. “Civilização, formação do estado e desenvolvimento do esporte moderno”. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard (orgs). *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 91-102.

DURKHEIM, Émile. *Émile Durkheim: Sociologia*. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 01). José Alberto Rodrigues (org). São Paulo: Ed. Ática, 2010.

ELIAS, Norbert. *Escritos & Ensaio: I: Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.
- FOSTER, Hal. *O complexo arte-arquitetura*. São Paulo: Ubu Editora, 2017
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. 20a. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FREYRE, Gilberto. “Prefácio à 1ª ed”. In: FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FRYDENBERG, Julio. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo veintiuno editores, 2013.
- GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. *O estádio de futebol como espaço disciplinar*. Seminário internacional Michel Foucault – Perspectivas. UFSC, 2004.
- GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni, Lahud. *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- GEERTZ, Clifford. Um Jogo Absorvente: “Notas sobre a Briga de Galos Balinesa”. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2013, p. 185-213.
- GELLNER, Ernest. *Naciones y nacionalismo*. Madrid, Alianza Editorial, 2001.
- GELLNER, Ernest. Nacionalismo e democracia. *Cadernos da UNB*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- GEPPERT, Alexander. *Fleeting Cities Imperial Expositions in Fin-de-Siècle Europe*. New York: Palgrave Macmillan. 2010.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1990.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GIRÃO, Cláudia. Maracanã: destruir ou preservar. *Projetos*, São Paulo, ano 12, n. 133.08, Vitruvius, fev. 2012 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4225>>
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- GLISSANT, Edouard. “O mesmo e o diverso”. Tradução: Normélia Parise. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981. p.190-201.

GONCALVES, José Reginaldo. Em Busca da Autenticidade: ideologias culturais e concepções de nação no Brasil. In: Marco Antonio Gincalves; Glaucia Villas Boas. (Org.). *O Brasil na Virada do Século: o debate dos Cientistas Sociais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, v. 1, p. 235-256.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 2002.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “*Perdido numa intensidade focada*”: esportes e estratégias de reencantamento”. *Aletria*, Belo Horizonte, v.15, jan-jun. 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Peter. *Cidades Do Amanhã: Uma História Intelectual Do Planejamento e Do Projeto Urbanos No Século XX*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Imperio*. Traducción: Eduardo Sadier. De la edición de Harvard University Press, Cambridge, Massachussets, 2000. Difusión gratuita por internet: <http://www.chilevive.cl>

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 12^a ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2003.

HARVEY, David. *Neoliberalismo como destruição criativa*. *Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*, v.2, n.4, ago 2007.

HELAL, Ronaldo. *O que é a Sociologia do Esporte*. São Paulo: Editora Bahiense, 1990.

HELAL, Ronaldo; CATALDO, Graziella. A morte e o mito: as narrativas da imprensa na cobertura jornalística da morte de Ayrton Senna. In: *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Ricardo Freitas e Rafael Nacif (orgs). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

HELAL, Ronaldo & GORDON JUNIOR, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 13, nº 23, 1999, pp. 147-165.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. *Revista Superior de Propaganda e Marketing*. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, ano 8, v.8, n.21, p. 11-37, mar. 2011.

HELAL, Ronaldo. “As Novas Fronteiras do País do Futebol”. In: *Pesquisa Rio/Faperj*, volume. 1, 2010.

HILL, Jeff; VARRASI, Francesco. *Creating Wembley: The Construction of a National Monument*. *The Sports Historian*,17(2), 1997.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *La invención de la tradición*. Barcelona: Crítica, 2002.

HOBBSAWM, Eric. *Naciones y nacionalismo desde 1780*. Barcelona: CRÍTICA Grijalbo Mondadori, 2ª ed, 1992.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HUIZINGA, Johann. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Perspectiva: São Paulo, 1999.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

JEDLOWSKI, Paolo. *Memória: temas e problemas da sociologia da memória no século XX*. Pro-Posições - v. 14, n. 1, 2003. p. 1-18.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madri: Siglo XXI de España editores, 2002.

KOCKA, Jurgen. Para além de comparação. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, ago. 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ; Contraponto, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-RJ, 2006.

LANFRANCHI, Pierre. “Estadio y Política”. In. FRYDENBERG, Julio; DASKAL, Rodrigo (orgs). *Fútbol, historia y política*. Buenos Aires: Aurelia Rivera Libros, 2010. p. 13-22.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: _____. *História e memória*. 5ª ed. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 1990, p. 535-549.

LIFSCHITZ y GRISALES. *Memoria política y artefactos culturales*. Estudios Políticos, 40, Instituto de Estudios Políticos, Universidad de Antioquia, 2012, pp. 98-119.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

LOPES, José Sérgio Leite. *A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro*. Revista USP, São Paulo, n. 22, 1994.

LUCENA, Ricardo. *O Esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 14a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 – São Paulo, junho de 2002.

MARICATO, Ermínia. “A Copa do Mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana”. In: *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2014.

MASSEY, Doreen. “O sentido global do lugar”. In: ARANTES, Antonio (org). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MELO, Victor Andrade de (org.). *História Comparada do Esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

MONTANER, Josep Maria. *A modernidade superada: ensaios sobre a arquitetura contemporânea*. Barcelona: Gustavo Gili, 2013

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

MOTTA, Marly. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MOURA, Gisele de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

MURAD, Muarício. *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

- MURAD, Maurício. *A violência no futebol*. São Paulo: Saraiva, 2012.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *Seleção Brasileira (1914-2006)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- NEGRI, Antonio. *Quando e comi li Foucault*. São Paulo: N-1 edições, 2016.
- NEVES, Luis Felipe Baêta. “Memórias migrantes e temporalidade”. In: Revista Tempo Brasileiro, Nº 153, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, abr-jun. 2003. p. 45-54.
- NISBET, Robert. *The idea of progress*. New York: Routledge, 1994.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. Nº 10, p. 12. 1993.
- PERALTA, Elsa, “Abordagens Teóricas ao Estudo da Memória Social: Uma Resenha Crítica”. in: *Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória*. N.º 2, 2007.
- PARKER, Stanley. *A sociologia do Lazer*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- PELBART, Peter Pal. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- PEREIRA, Leonardo. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. v. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.
- POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- POWELL, Kenneth. *Wembley: myth or monument?* München, ICOMOS Germany, 2002. p.66-68, 2002.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor: III crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- ROSSI, Paolo. Náufrago sem espectador: a ideia de progresso. São Paulo: UNESP, 2000.
- ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Trad. Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SANTOS, Ricardo. *Entre "rivais": futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume, 2004.
- SENNETT, Richard. "A cultura do novo capitalismo e a democracia". In: MORAES, Dênis de. (org). *Combates e utopias: os intelectuais num mundo em crise*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 147-164.
- SÉRGIO, Renato. *Maracanã, 50 anos de glória*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. *Futebol, metrópoles e desatinos*. Revista USP, n. 22, São Paulo, 1994, p. 30-37.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A corrida para o século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SMITH, Laurajane. *The Uses of Heritage*. London and New York: Routledge, 2006.
- SOARES, Antonio J.G. História e Invenção de Tradições no campo do futebol. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 13, nº 23, 1999, pp. 119-146.
- SOUZA, Marcos Alves de. *Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro*. cadernos pagu (6-7), 1996, pp.109-152.
- TAYLOR, Ian. "Football mad": a speculative sociology of football hooliganism. In: DUNNING, E (org.). *The Sociology of sport: a selection of readings*. Londres: Frank Cass, 1971a, p.32-377.
- TAYLOR, Lord Justice. *Hillsborough Stadium Disaster Inquiry*. London: HSMO, 1990.
- THEML, N. & BUSTAMANTE, R. História comparada: olhares plurais. In. *Revista de História Comparada*, 1 (1), p.1-23, 2007.
- THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. *Anos 90*, Porto Alegre: UFRGS, n. 15, 2001/2002.

THRIFT, Nigel. *Eu simplesmente não sei o que há em mim: onde está o sujeito?* University of Warwick, UK. *Subjectivity*, 22, 2008, p. 82-89.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2000.

TUAN, Yi Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

VIEIRA, José Jairo. *As relações étnico-raciais e o futebol do Rio de Janeiro: mitos, discriminação e mobilidade social*. Rio de Janeiro, Mauad X: FAPERJ, 2017.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico: e as perspectivas do tempo real*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

JORNAIS, REVISTAS E MÍDIAS

BBC

Estado de São Paulo

Folha de São Paulo

Jornal do Brasil

Jornal dos Sports

O Globo

O Paiz

The Guardian

The Illustrated London News

The Independent

The Telegraph

The Times

World Soccer

ANEXO I

Materiais utilizados para análise das narrativas das transformações dos estádios, em sequência da confecção do trabalho

Jornal/Mídia	Autor da matéria
Wembley	
BBC	Equipe e agências
The Independent	Darius Sanai
The Guardian	Equipe e agências
The Guardian	Denis Campbell
The Guardian	Tom Watt
The Telegraph	Russell Newmark
The Guardian	Jon Brodtkin
The Independent	Nick Harris
The Telegraph	Henry Winter
The Telegraph	Alistair MacGowan
The Telegraph	Giles Smith
The Guardian	David Lacey
The Independent	Paul Lashman e Robert Mendick
The Telegraph	Bryon Butler
The Guardian	Richard Williams
The Independent	James Lawton
The Telegraph	Equipe e agências
The Independent	James Lawton
The Guardian	Equipe e agências
The Telegraph	Equipe e agências
The Independent	Ian Gordon
The Independent	Alan Rubbard
The Telegraph	Equipe e agências
The Guardian	Vivek Chaudhary
The Telegraph	Giles Smith
The Telegraph	Keith Miller
The Guardian	Equipe e agências

The Guardian	Vivek Chaudhary
The Independent	Catherine Pepinster
The Telegraph	Equipe e agências
The Guardian	Equipe e agências
The Guardian	Polly Curtis
The Guardian	Jonathan Glancey
The Telegraph	Jim White
The Telegraph	Robert Philip
The Guardian	Denis Campbell
The Telegraph	Simon Heart
The Telegraph	James Mossop
The Guardian	Amy Lawrence
The Telegraph	Clive Tyldesley
The Telegraph	Equipe e agências
The Independent	Cole Moreton
The Times	Russell Kempson
World Soccer	David Conn
Maracanã	
Estado de São Paulo	Leonardo Maia
Jornal do Brasil	Flavio Dilascio
O Globo	Carlos Eduardo Mansur
O Globo	Pedro Motta Gueiros
Folha de São Paulo	Ítalo Nogueira
O Globo	Alfredo Britto
Folha de São Paulo	Eduardo Ohata e Bernardo Itri
O Globo	Pedro Motta Gueiros
Folha de São Paulo	Álvaro Costa e Silva
Folha de São Paulo	Nate Berg
Jornal do Brasil	Equipe
Folha de São Paulo	Eduardo Ohata e Bernardo Itri
O Globo	Evandro Éboli
O Globo	Arnaldo Bloch
O Globo	Eliomar Coelho

Jornal do Brasil	Equipe
O Globo	Ancelmo Gois
O Globo	Carlos Eduardo Mansur
O Globo	Fernando Calazans
O Globo	André Trigueiro
O Globo	Rodrigo Vieira
O Globo	Regis Fichtner
Jornal do Brasil	Henrique de Almeida
Jornal do Brasil	Maria Luisa de Melo
Jornal do Brasil	Igor Mello
Jornal do Brasil	Igor Mello e Maria Luisa de Melo
O Globo	Carolina Oliveira Castro
O Globo	Allan Caldas e Gia Amato
O Globo	Flávio Tabak
O Globo	Fernando Calazans
O Globo	Aydano André Motta
O Globo	Equipe
O Globo	Fernando Calazans
O Globo	Tatiana Furtado
O Globo	João Máximo
O Globo	Ancelmo Gois
O Globo	Arnaldo Bloch
Folha de São Paulo	Xico Sá
Folha de São Paulo	André Barcinski
ESPN Brasil	Paulo Cobos, Pedro Henrique Torre e Tiago Leme
O Globo	Victor Costa
O Globo	Pedro Motta Gueiros
O Globo	Cláudio Nogueira
O Globo	Felippe Costa e Marcelo Baltar